

Julia Quinn

*Assim Como
o Céu*





Sumário



[Argumento](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Epílogo](#)

[A Série - Quarteto Smythe-Smith](#)

[A Autora](#)

Argumento



Honorina Smythe-Smith é parte do famoso quarteto musical Smythe-Smith, embora não se engane e saiba que o dito quarteto carece sequer do menor sentido musical e tem esperanças postas que esta seja a última vez que se submeta a semelhante humilhação. Esta será sua temporada e com um pouco de sorte conseguirá um marido.

Durante um jantar, põe seus olhos em Gregory Bridgerton, um dos mais jovens da família Bridgerton. Sabe que não está apaixonada, mas ele parece uma opção mais que válida.

Marcus Holroyd é o melhor amigo do irmão de Honorina, Daniel, que vive exilado na Itália. Ele prometeu olhar por ela e leva suas responsabilidades muito seriamente. Odeia Londres e durante toda a temporada, permaneceu vigilante e intermediou quando acreditava que o pretendente não era o adequado.

Honorina e Marcus compartilham uma amizade, pouco atípica, fruto dos anos que se conhecem e que o torna parte da família. Entretanto, um desafortunado acidente faz que ambos repensem sua relação e encontrem a maneira de confrontar o que surge entre eles, se tiverem coragem suficiente.

HONORINA SMYTHE-SMITH

- a) É verdadeiramente uma má violinista.
- b) Ainda se incomoda de que a chamassem de Percevejo quando era uma menina.
- c) NÃO está apaixonada pelo melhor amigo de seu irmão mais velho.
- d) Todas as alternativas anteriores.

MARCUS HOLROYD

- a) É o Conde de Chatteris.
- b) É infelizmente propenso a torcer um tornozelo.

c) NÃO está apaixonado pela irmã mais nova de seu melhor amigo.

d) Todas as alternativas anteriores.

JUNTOS ELES:

a) Comem enormes porções de bolo de chocolate.

b) Sobrevivem a uma febre mortal e a pior noite musical do mundo.

c) Apaixonam-se desesperadamente.

Prólogo



Marcus Holroyd sempre estava sozinho.

A mãe dele morreu quando ele tinha quatro anos, mas isto, surpreendentemente, teve pouco efeito em sua vida.

A Condessa de Chatteris cuidava de seu filho da mesma forma que sua mãe cuidara dos seus... À distância. Não era irresponsável, deu grande importância e orgulho encontrar a melhor babá para o novo herdeiro de seu marido. A Senhorita Pimm já estava com cinquenta anos e já cuidara de dois herdeiros ducais e de um Visconde.

Lady Chatteris pôs seu bebê nos braços de Pimm, recordou à enfermeira que o Conde era intolerante a morangos e que, por conseguinte, era provável que o bebê também fosse, e depois foi desfrutar a temporada em Londres.

Quando morreu, Marcus vira sua mãe nada mais do que em sete ocasiões.

Lorde Chatteris era mais amante da vida rural que sua esposa e era mais frequente na residência Fensmore, a enorme e sinuosa casa Tudor ao norte de Cambridgeshire, que fora lar dos Holroys por gerações. Mas ele cuidava de seu filho da mesma forma que seu pai cuidara dele.

O que era dizer que além de assegurar-se de que o menino fosse colocado sobre um cavalo na idade de três anos, não viu mais necessidade para se incomodar com ele, até que o menino fosse suficientemente crescido, para ter uma conversa razoavelmente inteligente.

O Conde não desejava casar novamente, inclusive foi advertido que deveria passar mais tempo com seu herdeiro. Ele olhava Marcus e via um menino de boa inteligência, excelente atleta e aparência passável. E o mais importante, era tão saudável como um cavalo.

Com nenhum motivo para supor que Marcus pudesse adoecer e morrer, o Conde não viu razão para se submeter a outra ronda de caça a esposa, ou inclusive pior, a outra

esposa. Em seu lugar, escolheu investir em seu filho.

Marcus teve os melhores tutores. Foi instruído em cada ponto possível da educação de um cavalheiro. Podia nomear toda a flora e fauna local. Podia montar como se tivesse nascido em cima dos cavalos, e se sua esgrima e caça não ganhasse nenhuma competição, ainda ficava muito acima da média. Podia fazer longas multiplicações e somas sem gastar sequer uma gota de tinta.

Podia ler Latim e Grego na idade de doze anos, idade essa que, talvez por acaso, seu pai decidiu manter uma conversa decente.

Também foi a idade que seu pai decidiu que Marcus deveria dar o passo seguinte na sua educação, que era deixar Fensmore para estudar em Eton College, aonde todos os meninos Holroyd começavam sua educação formal. Esta acabou por ser a circunstância fortuita e mais feliz da vida do garoto. Porque o que Marcus Holroyd, herdeiro do Condado de Chatteris, não tinha, eram amigos.

Nenhum.

Não havia meninos apropriados ao norte de Cambridgeshire com quem Marcus pudesse brincar. A família nobre mais próxima eram os Crowland, e eles só tiveram meninas. A seguinte melhor família era de latifundiários, o que seria aceitável sob as circunstâncias, mas seus filhos eram de idade inteiramente inapropriada.

Lorde Chatteris não ia permitir que seu filho confraternizasse com camponeses e então simplesmente contratou mais tutores. Um menino ocupado não podia ser um menino solitário, além disso, seu filho não poderia possivelmente querer correr grosseiramente através dos campos, com a escandalosa prole do padeiro.

Se o Conde tivesse perguntado a opinião de Marcus, talvez recebesse uma resposta diferente. Mas o Conde via seu filho uma vez ao dia, justamente antes do jantar. Sua conversa durava cerca de dez minutos, depois Marcus ia para a ala infantil e o Conde para sua sala de jantar formal, isso era tudo.

Em retrospectiva, não era nada menos que notável que Marcus não fosse completamente infeliz em Eton. Certamente não tinha ideia de como interagir com seus pares.

Em seu primeiro dia, quando todos os outros meninos estavam correndo ao redor, (palavras do valete de seu pai, que o deixara ali, como uma manada de selvagens,) Marcus permaneceu de lado, tentando não olhar fixamente, tentando pensar no que fazer para não ficar apenas olhando.

Não sabia como agir. Não sabia o que dizer. Mas, Daniel Smythe-Smith sabia.

Daniel Smythe-Smith, além de ser o herdeiro do Condado de Winstead, tinha cinco irmãs e vinte e dois primos. Se alguma vez houve um menino que sabia como agir com outros meninos, era ele.

De momento ele era indiscutivelmente o rei entre os meninos mais jovens de Eton. Tinha alguma coisa nele... Um sorriso singelo, uma feliz confiança, uma completa falta de acanhamento. Nascera um líder, capaz de tomar decisões tão rapidamente, como fazia as brincadeiras.

E ele foi designado para a cama ao lado de Marcus.

Tornaram-se os melhores amigos e quando Daniel convidou Marcus para sua casa no primeiro feriado, ele foi. A família de Daniel vivia em Whipple Hill, que não ficava muito longe de Windsor, então era fácil que ele fizesse viagens frequentes para casa.

Marcus, por outro lado...

Bem, não era como se vivesse na Escócia, mas levava mais de um dia para retornar aos limites nortistas de Cambridgeshire. Além disso, seu pai, que nunca ia para casa nos feriados quando criança, não via razão para que seu filho fizesse tampouco.

Assim quando o feriado chegou e Daniel convidou Marcus de novo, ele foi.

E depois outra vez. E uma vez mais. E de novo até que Marcus estava passando mais tempo com os Smythe-Smith do que com a própria família.

É claro, sua família consistia em exatamente uma pessoa, mas mesmo assim, se Marcus pensasse nisso e o fizesse com bastante frequência, passava mais tempo com cada membro individual da família Smythe-Smith do que passava com seu pai.

Inclusive com Honoria.

Honoria era a irmã caçula de Daniel. A diferença do resto dos Smythe-Smith, ela não tinha irmãos próximos a sua idade. Ela estava isolada do restante da família, por uns bons cinco anos, um feliz acidente presumível, para encerrar a maravilhosa carreira procriadora de Lady Winstead.

Mas cinco anos era um grande abismo, especialmente para as pessoas de seis anos, a idade de Honoria quando Marcus a conheceu. Suas três irmãs mais velhas já estavam casadas ou comprometidas e Charlotte, que tinha onze anos, não queria ter nada a ver com ela.

Tampouco Daniel, mas a carência provavelmente tornou o coração de Honoria

carinhoso, porque quando ele estava em casa, ela o seguia como um cachorrinho.

— Não faça contato visual — disse Daniel a Marcus uma vez, enquanto tentavam escapulir para uma caminhada ao lago — Se ela nos vir, tudo terá terminado.

Iam pescar e caminhavam de propósito com as cabeças baixas, e a última vez que Honoria os tinha seguido, ela jogou fora todas as iscas.

— Daniel! — chamou ela.

— Ignore-a — murmurou Daniel.

— Daniel!!!!!! — continuou ela chamando, próxima a gritar. Daniel estremeceu.

— Mais rápido — disse — Se conseguimos chegar ao bosque não nos encontrará.

— Ela sabe onde está o lago — Marcus foi forçado a assinalar.

— Sim, mas...

— Daniel!!!!!!

— Sabe que Mamãe terá sua cabeça se for sozinha ao bosque. Inclusive ela não é tão tonta para irritar mamãe com isso.

— Dan... — Mas ela se deteve.

E logo, em uma voz tão patética que ninguém poderia evitar de olhar para trás, disse.

— Marcus? Ele se voltou.

— Nãoooooooooooooo! — gemeu Daniel.

— Marcus! — chamou Honoria feliz.

Saltitou, ricocheteando e detendo-se em frente deles.

— O que estão fazendo?

— Vamos pescar — grunhiu Daniel — e você não virá junto.

— Mas eu gosto de pescar.

— Eu também. Sem você. O rosto dela ficou franzido.

— Não chore. — disse Marcus rapidamente. Daniel não estava muito convencido.

— Ela está fingindo.

— Não estou fingindo!

— Só não chore. — repetiu Marcus, porque de verdade, isso era o mais importante.

— Não chorarei — disse ela, batendo os cílios— se me deixarem ir com vocês. Como é que uma menina de seis anos sabia como bater seus cílios? Ou possivelmente não soubesse porque um momento depois, ela estava esfregando o olho.

— Agora o que foi? — perguntou Daniel.

— Tenho algo em meu olho.

— Possivelmente uma mosca — disse Daniel com astúcia. Honoria gritou.

— Essa não foi a melhor coisa a dizer. — falou Marcus.

—Tire-a! Tire-a! — Ela se retorceu.

— Oh, se acalme. — disse Daniel — Está perfeitamente bem. Mas ela continuava gritando, bateando em sua face com as mãos.

Finalmente, Marcus agarrou as mãos dela e manteve sua cabeça totalmente quieta, pôs as mãos de Honoria contra as têmporas e as dele sobre as dela.

— Honoria. — disse firmemente — Honoria! Ela piscou, ofegou, e finalmente ficou quieta.

— Não há nenhuma mosca. — disse ele.

— Mas...

— Provavelmente foi um cílio.

Sua boca formou um pequeno “o”.

— Posso soltá-la agora? Ela assentiu.

— Não começará a gritar? Sacudiu a cabeça.

Lentamente, Marcus a libertou e deu um passo atrás.

— Posso ir com vocês? — perguntou ela.

— Não! — Daniel praticamente uivou.

E a verdade era que Marcus não queria tampouco a companhia dela. Ela tinha seis anos. E era uma garota.

— Estaremos muito ocupados. — disse, mas faltava à indignação de Daniel.

— Por favor?

Marcus grunhiu. Ela parecia tão triste, de pé ali com a face molhada de lágrimas. Seu cabelo castanho claro, dividido de um lado e recolhido com uma espécie de laço frouxo,

terminando em um nó sobre seus ombros. E seus olhos, quase do mesmo tom dos de Daniel, um tom deslumbrante e único de azul purpúreo brilhante, eram enormes, estavam úmidos e...

— Falei para não olhar! — disse Daniel. Marcus grunhiu.

— Possivelmente só desta vez.

— Oh, fantástico! — Ela saltou no ar, trazendo a mente um gato surpreso, logo deu em Marcus um impulsivo, mas felizmente rápido abraço. — Oh, obrigada, Marcus! É o melhor! O melhor dos melhores!

Ela entrecerrou os olhos e lançou um olhar a Daniel que era terrivelmente adulto.

— Diferente de você.

A expressão dele era igualmente malevolente.

— Tenho orgulho de ser o pior.

— Não me importa. — anunciou pegando a mão de Marcus — Vamos?

Ele abaixou o olhar para a mão dela na sua. Era uma sensação completamente estranha e um sentimento estranho e de alguma forma desagradável começou a revoar em seu peito, que tardiamente notou que era pânico. Não podia recordar a última vez que alguém pegara em sua mão. Sua babá, possivelmente? Não, ele gostou de pegar na mão da babá. Consequia uma melhor segurança dessa forma, escutara a governanta dizer uma vez.

Seu pai fizera? Sua mãe, alguma vez antes de morrer?

Seu coração tamborilou, e sentiu a pequena mão de Honoria escorregando da sua. Devia estar suando, ou ela estava, embora estivesse de longe certo que fosse ele. Olhou-a. Estava sorrindo amplamente.

Ele deixou cair a mão.

— Er..., temos que ir agora — disse incomodado — enquanto ainda há luz. Ambos os Smythe-Smith olharam curiosos para ele.

— É quase meio dia. — disse Daniel — Quanto tempo resta para pescar?

— Não sei — disse Marcus na defensiva — Pode ser que leve um tempo. Daniel sacudiu a cabeça.

— Papai abasteceu o lago. Provavelmente poderia colocar uma bota na água e apanhar um peixe.

Honoria ofegou com alegria.

Daniel se voltou para ela em um instante.

— Nem sequer pense nisso.

— Mas...

— Se minhas botas terminarem em algum lugar perto da água, juro que farei com que se afogue.

Ela ficou boquiaberta e abaixou o olhar, murmurando.

— Estava pensando em colocar as minhas.

Marcus sentiu uma risadinha borbulhar sobre seus lábios. Honoria imediatamente levantou o olhar, observando-o com uma expressão de total traição.

— Teria que ser um peixe muito pequeno. — disse ele rapidamente.

Isto não pareceu satisfazê-la.

— Não pode comer quando estão tão pequenos. — tentou — são, em sua maioria, somente ossos.

— Vamos — murmurou Daniel.

E o fizeram, caminhando pelo bosque, as pequenas pernas de Honoria movendo-se com o dobro de velocidade, só para lhes seguir o ritmo.

— Eu não gosto muito dos peixes, de fato. — disse ela, mantendo uma conversa— Cheiram mal. E tem o sabor de peixe...

E logo, na volta...

— Ainda acredito que esse rosado parece suficientemente grande para comer se você gostar de peixes, coisa que eu não gosto. Mas se eu gostasse dos peixes...

— Jamais volte a convidá-la para vir conosco. — disse Daniel a Marcus.

— Eu não gosto. Mas acredito que mamãe gosta de peixes. E estou segura que gostaria de um peixe rosado...

— Não o farei. — assegurou Marcus.

Parecia muito grosseiro criticar uma menina, mas ela era exaustiva.

— Embora Charlotte não goste. Charlotte odeia rosado. Jamais o usaria. Diz que a faz parecer abatida. Não sei o que significa abatida, mas soa desagradável. Eu gosto da cor lavanda.

Os dois meninos deixaram sair suspiros idênticos e teriam continuado caminhando,

exceto que Honoria saltou a frente deles e sorriu.

— Combina com meus olhos. — disse.

— O peixe? — perguntou Marcus, olhando o balde em sua mão.

Havia três trutas de bom tamanho subindo pelos lados. Teria mais, exceto que Honoria acidentalmente chutou o balde, enviando os primeiros dois prêmios de Marcus de volta ao lago.

— Não. Não está me escutando?

Marcus sempre recordaria esse momento.

Era a primeira vez que estaria de frente com a mais irritante das peculiaridades femininas, pergunta essa que não tinha nada mais que respostas equivocadas.

— É lavanda que combina com meus olhos. — disse Honoria com uma grande autoridade — Papai me disse isso.

— Então deve ser verdade. — disse Marcus com alívio.

Ela enrolou o cabelo ao redor de seu dedo, mas o cacho imediatamente caiu quando ela o soltou.

— O marrom combina com meu cabelo, mas prefiro lavanda.

Marcus finalmente deixou o balde no piso. Estava ficando pesado, e a alça estava cravando em sua palma.

— Oh, não. — disse Daniel, agarrando o balde de Marcus com sua mão livre e o devolvendo — Vamos para casa. — Lançou um olhar sério a Honoria — Fora do nosso caminho.

— Por que é amável com todos menos comigo? — perguntou ela.

— Porque é uma peste! — gritou ele.

Era certo, mas Marcus sentia pena dela. Algumas vezes.

Era praticamente filha única, e ele sabia precisamente como Honoria se sentia. Tudo o que ela queria era poder fazer parte das coisas, ser incluída em jogos e festas e todas essas atividades, mas a família dela dizia constantemente, que era muito jovem para assistir.

Honoria aceitou o insulto sem estremecer. Ficou quieta, olhando com crueldade para seu irmão. Logo, inalou em um longo e audível suspiro através de seu nariz.

Marcus desejou ter um lenço.

— Marcus. — disse ela.

Voltando para enfrentá-lo, embora não era tanto assim, mas estava dando as costas para seu irmão.

— Você gostaria de ir a uma festa de chá comigo? Daniel riu baixo.

— Trarei minhas melhores bonecas. — disse ela gravemente.

Querido Deus, tudo menos isto.

— E haverá pasteizinhos. — acrescentou ela, com uma voz tão afetada que o assustou mortalmente.

Marcus lançou um olhar de pânico para Daniel, mas ele não ofereceu nenhum tipo de ajuda.

— E bem? — demandou Honoria.

— Não. — soltou Marcus.

— Não? — lançou um sério olhar.

— Não posso. Estou ocupado.

— Fazendo o quê?

Marcus esclareceu garganta. Duas vezes.

— Coisas.

— Que tipo de coisas?

— *Coisas.* — E logo se sentiu horrível, porque não quis ser tão categórico — Daniel e eu temos planos.

Ela pareceu aflita. Seu lábio inferior começou a tremer e, por uma vez, Marcus não pensou que estivesse fingindo.

— Lamento. — acrescentou, porque não quis ferir seus sentimentos.

Mas pelo amor de Deus, era *uma festa de chá!* Não havia um só menino de doze anos que quisesse assistir uma festa de chá, com bonecas.

Marcus estremeceu.

O rosto de Honoria ficou vermelho de raiva e deu a volta para enfrentar seu irmão.

— Você o fez dizer isso.

— Não disse uma palavra. — respondeu Daniel.

— Odeio você. — disse em uma voz baixa — Odeio a ambos. — E logo gritou — Os odeio! Especialmente a você, Marcus! De verdade odeio você!

E depois correu para casa tão rápido como suas magras pernas puderam carregá-la, o que não era muito rápido absolutamente.

Marcus e Daniel simplesmente ficaram ali, silenciosamente observando-a ir. Quando ela estava perto da casa, Daniel deu uma volta e disse.

— Ela odeia você. É oficialmente um membro da família.

E era. Desde esse momento, era.

Até a primavera de 1821, quando Daniel foi embora e arruinou tudo.

Capítulo 1



Março de 1824

Cambridge, Inglaterra

Honorina Smythe-Smith estava desesperada.

Desesperada por um dia ensolarado, desesperada por um marido, desesperada pensou, com um suspiro exausto, enquanto olhava suas sapatilhas arruinadas, por um novo par de sapatos.

Sentou pesadamente no banco de pedra fora da Loja de Tabaco para cavalheiros exigentes do Senhor Hilleford e se recostou contra a parede atrás dela, desesperadamente. Aí estava essa horrível palavra de novo, tentando apertar seu corpo inteiro sob a marquise.

Estava chovendo a cântaros. Não estava garoando, não somente chovia, mas sim chovia gatos, cães, ovelhas e cavalos.

Nesse ritmo, não ficaria surpresa se um elefante caísse do céu.

E fedia. Honorina pensara que os porcos produziam o aroma que menos gostava, mas não, o mofo era pior, e a Loja de Tabaco para Cavalheiros do Senhor Hilleford, a quem não importava se seus dentes se tornassem amarelos, tinha uma substância branca suspeita se arrastando por sua parede exterior que cheirava como a morte.

Realmente, ela podia estar em pior situação? Bem, sim. Sim, sim podia.

Porque estava é claro sozinha, a chuva levou trinta segundos para ir de um ligeiro gotejar a um aguaceiro. O resto de sua companhia de compras havia cruzado a rua, felizmente observando o quente e acolhedor Império Extravagante de Fitas e Bagatelas da Senhorita Pilaster, que além de ter todo tipo de diversão e mercadoria com folhetos, cheirava muitíssimo melhor que o estabelecimento do Senhor Hilleford.

A Senhorita Pilaster vendia perfumes. A Senhorita Pilaster vendia pétalas de rosa

secas e pequenas velas que cheiravam a baunilha.

O Senhor Hilleford colhia mofo. Honoria suspirou. Assim era sua vida.

Permanecera muito tempo na janela de uma livraria, assegurando para suas amigas que as encontraria na loja da Senhorita Pilaster em um ou dois minutos. Dois minutos que se converteram em cinco e, depois, justamente quando estava se preparando para atravessar a rua, o céu se abriu e Honoria não teve mais opção, que buscar refugio sob a única marquise aberta no lado sul da Cambridge High Street.

Observou aflita a chuva, vendo-a golpear a rua. As gotas estavam golpeando os paralelepípedos com uma força tremenda, salpicando e orvalhando de volta ao ar como pequenas explosões.

O céu estava mais escuro a cada segundo, e se Honoria fosse qualquer juiz do clima Inglês, o vento iria virar a qualquer momento, dando completa inutilidade ao seu patético lugar sob a marquise do Senhor Hilleford.

Sua boca deslizou em um franzido abatido, e entrecerrou os olhos para o céu. Seus pés estavam úmidos.

Sentia frio.

E nunca antes, em sua vida inteira, deixara os limites da Inglaterra, o que significava que era mais que boa julgando o clima Inglês, e em aproximadamente três minutos ia ser inclusive mais infeliz do que estava agora.

O que realmente não acreditara ser possível.

— Honoria?

Piscou, levando o olhar do céu para a carruagem que estacionou na frente dela.

— Honoria?

Ela conhecia essa voz.

— *Marcus?*

Oh, santo céu, sua miséria só parecia aumentar.

Marcus Holroyd, o Conde de Chatteris, feliz e seco em sua luxuosa carruagem. Honoria sentiu sua mandíbula afrouxar, embora realmente, não soubesse por que deveria estar surpresa. Marcus vivia em Cambridgeshire, não muito longe da cidade. Além disso, se alguém iria vê-la enquanto parecia como uma desalinhada e molhada criatura da variedade roedora, seria ele.

— Deus Santo, Honoria — disse, franzindo o cenho para ela naquela maneira desdenhosa dele — você deve estar congelando.

Aprumou-se para escolher os ombros.

— Sim está um pouco fresco.

— O que está fazendo aqui?

— Arruinando sapatos.

— O quê?

— Compras —disse ela, apontando para outro lado da rua— com amigas. E primas. Não que suas primas não fossem também amigas. Mas tinha tantas primas que quase pareciam uma categoria em si mesma. A porta se abriu mais.

— Entre — disse ele.

Não “*Por favor, entre*” ou “*Por favor, precisa secar-se*”. Só, *entre*.

Outra garota teria feito um movimento com seu cabelo e dito, “*Não pode me dar ordens!*” Outra um pouco orgulhosa poderia pensar inclusive se faltasse coragem para dizer em voz alta. Mas Honoria sentia frio, e valorizava sua comodidade mais que seu orgulho e, mais ao ponto, este era Marcus Holroyd, e o conhecia desde que usava jumpers^[1]. Desde os seis anos, para ser precisa. Essa era provavelmente a última vez a que conseguiu mostrar-se em vantagem, pensou com uma careta.

Aos sete fora uma peste, tanto que ele e seu irmão Daniel haviam decidido chamá-la de Mosquito.

Quando ela tomou como um elogio, que ela amava o quão exótico e perigoso que soava, eles tinham sorrido e o trocaram para Percevejo.

Percevejo ela foi desde então.

Ele já a vira mais úmida que isto, também. Tinha-a visto completamente encharcada, quando tinha oito anos e pensava que estaria completamente escondida nos ramos do velho carvalho em Whipple Hill. Marcus e Daniel construíram um forte na base da árvore, e não permitiam meninas. Tinham jogado pedras até que ela perdera o ânimo e cansara.

Em retrospectiva, realmente não deveria ter escolhido o ramo que pendurava sobre o lago. Marcus, entretanto a puxara, que era mais do que podia dizer de seu próprio irmão.

Marcus Holroyd pensou com pesar. Ele estivera em sua vida quase tanto tempo como podia recordar. Desde antes de ser Lorde Chatteris, desde antes que Daniel fosse Lorde

Winstead. Desde antes que Charlotte, sua irmã mais próxima em idade, casar e deixar o lar. Desde antes que Daniel, também, se fosse.

— Honoria.

Ela levantou o olhar. A voz de Marcus era impaciente, mas seu rosto tinha uma ponta de preocupação.

— Entre — repetiu ele.

Ela assentiu e fez o que ele dizia, tomando sua grande mão e aceitando ajuda para subir na carruagem.

— Marcus — ela disse tentando sentar em seu lugar, com toda a graça e despreocupação que pudesse exibir em um fino salão de visita, sem importar os atoleiros em seus pés — Que agradável surpresa vê-lo.

Ele só a olhou fixamente, com suas escuras sobrancelhas unindo-se ligeiramente como sempre.

Estava segura de que estava tentado decidir a maneira mais efetiva de repreendê-la.

— Estou aqui na cidade. Com os Royle — disse ela, embora ele não tivesse perguntado ainda — Ficaremos aqui por cinco dias... Cecily Royle, minhas primas Sarah, Íris, e eu — Esperou um momento, por algum tipo de brilho de reconhecimento em seus olhos, depois disse — Não sabe quem são não é?

— Tem muitas primas — ele assinalou.

— Sarah é aquela com cabelos e olhos grossos.

— Olhos grossos? — murmurou ele, esboçando um pequeno sorriso.

— *Marcus*.

Ele sorriu.

— Muito bem. Cabelo grosso. Olhos escuros.

— Íris é muito pálida. Com cabelo loiro, lembra? — disse — Ainda não se recorda.

— Vem da família das flores.

Honoria fez uma careta. Era certo que seu tio William e a tia Mary tinham escolhido nomear as suas filhas Rose, Marigold, Lavender, Íris e Daisy^[2], mas mesmo assim...

— Sei quem é a Senhorita Royle — disse Marcus.

— É sua vizinha. Tem que saber quem é. Ele só encolheu os ombros.

— De qualquer forma, estamos aqui em Cambridge porque a mãe de Cecily pensou que poderíamos necessitar um pouco de melhorias.

A boca de Marcos se curvou em um sorriso vagamente zombeteiro.

— Melhorias?

Honorina se perguntou por que as mulheres precisavam melhorar, enquanto os homens iam à escola.

— Ela subornou dois professores para que nos permitissem ouvir suas palestras.

— Verdade? — Ele soava curioso. E duvidoso.

— A vida e época da Rainha Elizabeth — recitou Honorina diligentemente. E depois disse — alguma coisa em Grego.

— Fala Grego?

— Nenhuma de nós — admitiu — Mas o professor era o único disposto a falar com as mulheres — Ela revirou os olhos — Pretende dar duas palestras seguidas. É preciso esperar em um escritório até os alunos sair da sala de aula, e não deixar que nos vejam e percam a razão.

Marcos assentiu pensativamente.

— É quase impossível para os Cavalheiros manter a mente em seus estudos, na presença de tão irresistível encanto feminino.

Honorina pensou que ele falava a sério por cerca de dois segundos. Virou-se para olhar de esguelha em sua direção antes de romper em gargalhadas.

— Oh, por favor — disse ela, dando um ligeiro golpe no braço.

Tais familiaridades eram insólitas em Londres, mas aqui, com Marcos...

Ele era praticamente seu irmão, depois de tudo.

— Como está sua mãe? — perguntou ele.

— Está bem — respondeu Honorina, embora não estivesse.

Não realmente. Lady Winstead nunca se recuperou totalmente do escândalo de Daniel ao ser forçado a deixar o país. Ela alternava entre queixar-se sobre supostas ofensas e fingir que seu único filho nunca existiu. Era... Difícil.

— Espera se retirar para Bath — acrescentou Honorina — Sua irmã vive ali, e acredito que as duas se dariam bem juntas. Ela na verdade não gosta de Londres.

— A sua mãe? — perguntou Marcus, com surpresa.

— Não como estava acostumada a gostar — esclareceu Honoria — Não desde que Daniel... Bem. Você sabe.

Os lábios de Marcus se apertaram nos cantos. Ele sabia.

— Acredita que as pessoas ainda falam disso — disse Honoria.

— Fazem-no?

Honoria encolheu os ombros inutilmente.

— Não tenho ideia. Não acredito. Ninguém me disse diretamente. Além disso, foi há quase três anos. Não acredita que todos tenham algo mais do que falar?

— Pensaria que todos teriam algo mais de que falar quando aconteceu — disse ele sombriamente.

Honoria arqueou uma sobrancelha enquanto observava seu cenho franzido. Havia uma razão para que ele afugentasse tantas debutantes. Suas amigas ficavam aterrorizadas com ele.

Bem, não, isso não era inteiramente certo. Só tinham medo enquanto estavam em sua presença. O resto do tempo elas sentavam em suas escrivaninhas, escrevendo seus nomes enlaçados com o dele... Todos em uma letra ridiculamente descabelada, adornada com corações e querubins.

Ele era de verdade um bom partido, Marcus Holroyd.

Não que fosse bonito, porque não era exatamente. Seu cabelo era de uma bonita cor escura, seus olhos, também, mas havia algo em seu rosto que Honoria achava severo. Seu cenho era muito pesado, muito reto, seus olhos um pouco profundos.

Mas mesmo assim, havia algo nele que prendia os olhos. Uma atitude, um desdém, como se simplesmente não tivesse paciência para tolices, fazia com que as garotas enlouquecessem por ele, embora a maioria fosse a tolice personificada.

Elas sussurravam a respeito dele como se fosse algum tipo de herói sombrio de um livro, ou se não fosse isso, então o vilão, todo gótico e misterioso, necessitando simplesmente ser resgatado.

Enquanto que para Honoria, simplesmente era Marcus, o que não era nada simples absolutamente. Odiava a forma como ele a tratava, com condescendência, observando-a com um olhar desaprovador. A fazia sentir como fazia anos, como uma menina incômoda, ou uma adolescente desajeitada.

E ao mesmo tempo, entretanto, havia algo tão reconfortante em tê-lo perto. Seus caminhos não se cruzavam tão frequentemente como estavam acostumados, tudo era diferente agora que Daniel partiu, mas quando ela entrava em um salão, e ele estava ali...

Ela sabia que por incrível que pareça, isso era uma coisa boa.

— Planeja ir a Londres para a temporada? — perguntou ela cortesmente.

— Por pouco tempo — Respondeu ele com seu rosto inescrutável — Tenho assuntos a tratar lá.

— É claro.

— E você? — perguntou ele.

Ela piscou.

— Planeja ir a Londres para a temporada?

Seus lábios se abriram. Certamente ele não podia estar falando a sério. Aonde mais poderia ela possivelmente ir, dado seu estado de solteira? Não era como se...

— Está rindo? — perguntou ela com suspeita

— É claro que não — Mas ele estava sorrindo.

— Não é engraçado — disse — Não é como se tivesse opção. Tenho que ir à temporada. Estou desesperada.

— Desesperada — repetiu ele, e pareceu duvidoso.

Era uma expressão frequente em seu rosto.

— Tenho que encontrar um marido este ano.

Sentiu sua cabeça ir para trás e para frente, inclusive embora não estivesse segura, que poderia estar objetando. Sua situação não era tão diferente da maioria de suas amigas. Não era a única juvenzinha esperando para casar.

Mas não estava procurando um marido para poder admirar o anel em seu dedo ou desfrutar da glória de seu estado, como uma elegante matrona jovem. Queria uma coisa dela. Uma família, uma grande e barulhenta, que não se importasse sempre com suas maneiras.

Simplesmente estava doente pelo silêncio que tomara o controle de sua casa. Odiava o som de seus passos sapateando através do piso, odiava que fosse tão frequentemente o único som que ouvia durante toda a tarde. Necessitava de um marido. Era a única maneira.

— Oh, vamos, Honoria. — disse Marcus e ela não teve necessidade de ver seu rosto para saber sua expressão precisa, condescendente e cética, com um toque de aborrecimento. — Sua vida não pode ser tão terrível.

Ela apertou os dentes. Desprezava esse tom.

— Esqueça que disse isto — murmurou ela, porque realmente, não valia a pena tentar explicar a ele.

Ele deixou escapar um suspiro e até conseguiu ser condescendente.

— Não é provável que encontre um marido aqui? — disse.

Ela apertou os lábios, lamentando ter trazido o assunto para a conversa.

— Os estudantes daqui são muito jovens? — ele comentou.

— São da mesma idade que eu — disse, caindo facilmente na armadilha. Mas Marcus não se aproveitou, não era desse tipo.

— É por isso que está aqui em Cambridge, não é? Para visitar os estudantes que ainda não foram para Londres?

Ela olhou com determinação para frente e disse:

— Disse isso, estamos aqui para escutar as palestras. Ele assentiu com a cabeça.

— Em Grego?

— *Marcus*.

Ele sorriu. Exceto que na realidade não era um sorriso. Marcus era sempre tão sério, tão rígido, que um sorriso para ele era um meio sorriso para outros.

Honoria se perguntou com que frequência sorria sem que ninguém percebesse. Ele tinha sorte que ela o conhecesse tão bem. A qualquer outra pessoa pareceria que carecia totalmente de senso de humor.

— O que foi isso? — perguntou ele. Sobressaltou-se e olhou para ele.

— O que foi o quê?

— Você rolou os olhos.

— Ah sim?

Honestamente, não tinha nem ideia se o fizera ou não. Entretanto, por que a olhava tão de perto? Esse era *Marcus*, pelo amor de Deus. Ela olhou pela janela.

— Acredita que a chuva parou?

—Não. — respondeu, sem mover a cabeça nem um centímetro. Honoria supôs que não era necessário.

Fora uma pergunta estúpida, destinada mais que nada a mudar o assunto. A chuva continuava caindo sobre a carruagem sem piedade.

—Quer que comunique aos Royle? — perguntou cortesmente.

— Não, obrigada.

Honoria estirou o pescoço um pouco, tentando ver através do vidro e da tormenta. Não via nada, mas era uma boa desculpa para não olhá-lo, assim fez uma boa amostra disso.

— Vou me reunir com minhas amigas em um momento.

— Tem fome? — perguntou — Parei no Flindles antes e comprei alguns bolos para levar para casa.

Os olhos dela ficaram iluminados.

— Bolos? — Disse a palavra quase como um suspiro.

Ou talvez fosse um gemido. Mas não importava.

Ele sabia que os doces eram a fraqueza dela, como era para ele da mesma maneira. Daniel nunca fora particularmente aficionado às sobremesas e mais de uma vez, ela e Marcus se encontraram juntos quando crianças, apinhados sobre um prato de bolo e bolachas.

Daniel disse que parecia uma manada de selvagens, o que fizera Marcus rir as gargalhadas. Honoria não entendia por que.

Ele se agachou e tirou algo de uma caixa aos seus pés.

— Ainda é aficionada a chocolate?

— Sempre — Sorriu pela afinidade. E talvez se antecipando, também. Ele riu.

— Lembra-se daquele bolo que a cozinheira fez...?

— Aquele que o cão comeu?

— Quase chorei.

Ela fez uma careta.

— Acredito que eu sim chorei.

— Comi só um pedaço.

— Eu não comi nenhum — disse com nostalgia — Entretanto, cheirava divinamente.

— Oh, sim — Parecia como se a lembrança disso o mergulhasse em um estado de êxtase. — Cheirava.

— Sabe, sempre pensei que Daniel teve algo a ver com o fato de Buttercup entrar em casa.

— Estou seguro de que ele teve — concordou Marcus — A expressão de seu rosto...

— Espero tenha batido nele.

— Quase até a morte — assegurou.

Ela sorriu e logo perguntou.

— Mas não o fez realmente? Devolveu o sorriso.

— Realmente não.

Riu entre dentes recordando e estendeu um pequeno retângulo de bolo de chocolate, encantador e marrom sobre um pedaço de papel branco rangente.

Cheirava como o céu.

Honorina tomou uma profunda e feliz pausa e sorriu. Logo olhou para Marcus e sorriu de novo. Porque por um momento havia se sentido como ela mesma outra vez, como a menina que fora uns poucos anos atrás, quando o mundo se estendesse diante dela, uma bola brilhante que resplandecia de promessas. Não percebeu sequer de que desaparecera essa sensação de certeza, de lugar, de estar com alguém que a conhecesse total e completamente e que seguisse pensando que valia a pena rir com você.

Era estranho que fosse Marcus quem a fizesse sentir-se dessa maneira. E de algum jeito, não era absolutamente estranho.

Pegou o bolo de sua mão e o olhou interrogante.

— Temo que não tenha nenhum tipo de talher — disse em tom de desculpa.

— Isso poderia causar um terrível desastre — disse ela, com a esperança de que entendesse de que o que estava dizendo na realidade era: —Por favor, diga-me que não se importa se cair farelos por toda sua carruagem.

— Vou comer um, também — disse — Para que não se sinta sozinha.

Ela tentou não sorrir.

— Isso é muito generoso de sua parte.

— Estou seguro de que é meu dever de cavalheiro.

— Comer bolo?

— É um dos atrativos de meus deveres de cavalheiro — admitiu. Honoria riu e logo começou a comer.

— Oh, meu Deus.

— Bom?

— Celestial — comeu outro bocado — E com isso quero dizer mais que celestial. Ele sorriu e comeu um pouco do dele, devorando meia metade do pedaço. Logo, enquanto Honoria olhava com surpresa, ele colocou a outra metade na boca e o terminou. O pedaço não era muito grande, mas mesmo assim. Ela deu uma dentada no dela, tentando fazê-lo durar mais tempo.

— Sempre fazia isso — disse ele. Ela levantou a cabeça.

— O quê?

— Comer a sobremesa pouco a pouco, só para nos torturar.

— Eu gosto de fazer com que dure — lançou um olhar malicioso, acompanhado de um encolhimento de um só ombro — Se isso causa tortura em você, é problema seu.

— Cruel — murmurou.

— Com você, sempre.

Ele riu de novo e Honoria ficou surpresa de que diferente era em particular. Era quase como se estivesse com o antigo Marcus, que viveu praticamente em Whipple Hill. Converteu-se realmente em um membro da família, inclusive se unindo as suas terríveis paródias. Ele sempre a jogava de uma árvore, que por alguma razão sempre a divertiu.

Gostava desse Marcus. Havia adorado esse Marcus.

Mas se fora nesses últimos anos, substituindo-o pelo homem silencioso e com o cenho franzido conhecido pelo resto do mundo como Lorde Chatteris. Era triste, na verdade para ela, mas provavelmente, sobretudo, para ele.

Terminou seu bolo, tentando ignorar a expressão divertida dele, logo aceitou seu lenço para limpar as migalhas das mãos.

— Obrigada — disse e devolveu-o.

Ele assentiu com aprovação e logo disse:

— Quando está...

Mas foi interrompido por um forte golpe na janela. Honoria olhou além dele para ver quem estava batendo.

— Perdão, Senhor? — disse um laçao de libré familiar — Essa é Lady Honoria?

— Sim é.

Honoria se inclinou para frente.

— Esse é... er... — Muito bem, ela não tinha nem ideia de seu nome, mas tinha acompanhado ao grupo de garotas em sua expedição de compras — Ele é dos Royle — disse a Marcus com um torpe e incômodo sorriso antes de ficar de pé, logo se agachando para poder sair da carruagem — Tenho que ir. Minhas amigas estarão me esperando.

— Vou visitá-la amanhã.

— O que? — ficou quieta, encurvada como uma anciã.

Uma das sobancelhas dele se levantou em sinal de saudação zombeteira.

— Certamente a sua anfitriã não se importará.

A Senhora Royle se importaria que um Conde solteiro abaixo dos trinta anos planejasse fazer uma visita a sua casa?

— Estou segura de que seria fabuloso — acertou dizer.

— Bem — pigarreou — passou muito tempo.

Olhou-o com surpresa. Certamente ele não lhe dirigiu nenhum pensamento quando ambos estavam em Londres, passeando durante a temporada.

— Me alegro de que esteja bem — disse ele de repente.

Por que tal afirmação era tão surpreendente? Honoria não poderia saber a resposta. Mas era. Realmente era.

Marcus viu como o laçao dos Royle escoltava Honoria à loja em frente.

Logo, uma vez que Marcus esteve seguro de que ela estava a salvo, golpeou três vezes na parede, para indicar ao cocheiro que continuasse.

Surpreendeu-se ao vê-la em Cambridge. Não seguia Honoria quando não estava em Londres, mas mesmo assim, de algum jeito pensava que saberia se ela fosse passar tanto tempo tão perto de sua casa.

Julgou que devia começar a fazer planos para ir à cidade para a temporada. Não estava

mentindo quando disse que tinha negócios a tratar ali, apesar de que seria mais exato dizer que, simplesmente, preferia permanecer no campo. Não havia nada que requeresse sua presença em Cambridgeshire, simplesmente era muito mais fácil assim.

Para não falar que odiava a temporada. Odiava-a. Mas se Honoria estava empenhada em adquirir um marido, então iria a Londres para se assegurar de que não cometesse nenhum desastroso erro.

Fez uma promessa, depois de tudo. Daniel Smythe-Smith fora seu amigo mais próximo. Não, seu único amigo, seu único verdadeiro amigo. Um milhão de conhecidos e um verdadeiro amigo. Assim era sua vida.

Entretanto, Daniel foi embora, para algum lugar da Itália se a última carta ainda continuasse atual. E era pouco provável que retornasse, não enquanto o Marquês de Ramsgate ainda vivesse empenhado em vingar-se.

O que causara uma maldita confusão. Marcus disse a Daniel que não jogasse cartas com Hugh Prentice. Mas não, Daniel só riu decidido a testar sua sorte. Prentice sempre ganhava. Sempre. Tinha uma sorte brilhante, todos sabiam. Matemática, física, história, terminara o ensino dos catedráticos na universidade. Hugh Prentice não fazia trapaça no jogo, simplesmente ganhava sempre porque tinha uma memória monstruosa, de esmagar uma mente que via o mundo em forma de padrões e equações.

Ou ao menos isso disse a Marcus quando estiveram juntos como alunos em Eton. A verdade era que Marcus ainda não entendia muito bem o que estavam falando. E isso que fora o melhor estudante do segundo ano em matemática. Mas ao lado de Hugh...

Bem, não havia comparação.

Ninguém em seu juízo perfeito jogaria cartas com Hugh Prentice, mas Daniel não estava em seu juízo perfeito. Estava um pouco bêbado e um pouco aborrecido por uma garota com quem acabou na cama, por isso sentara ao lado de Hugh e jogou.

E ganhou.

Inclusive Marcus não fora capaz de acreditar.

Não que ele tivesse pensado que Daniel fosse um trapaceiro. Ninguém pensava que Daniel era um trapaceiro. Todos gostavam dele. Todos confiavam nele. Mas até então, ninguém vencera Hugh Prentice.

Mas Hugh estava bebendo. E Daniel estava bebendo. E todos eles estavam bebendo e quando Hugh golpeou sobre a mesa e acusou Daniel de fazer trapaça, a sala se foi ao inferno.

Até o dia de hoje Marcus não estava seguro do que disse exatamente, mas em questão de minutos resolveu-se que Daniel Smythe-Smith se reuniria com Hugh Prentice ao amanhecer.

Com pistolas.

E com um pouco de sorte, estariam o suficientemente sóbrios para então dar-se conta de sua própria estupidez.

Hugh disparou primeiro, sua bala roçou o ombro esquerdo de Daniel. Enquanto todo mundo estava gritando por isso, o cortês seria disparar ao ar, mas Daniel levantou o braço e disparou de novo.

E Daniel, maldito seja, Daniel que sempre tivera má pontaria, alcançou a parte superior da coxa de Hugh. Houve tanto sangue que Marcus ainda sentia náuseas só de pensar. O cirurgião gritara. A bala alcançara uma artéria, nada mais poderia ter produzido tal corrente de sangue.

Durante três dias todas as preocupações eram se Hugh viveria ou morreria e ninguém deu muita importância à perna, com seu fêmur destruído.

Hugh pode viver, mas não caminhar, não sem sua bengala. E seu pai, o extremamente poderoso e extremamente zangado Marquês de Ramsgate, jurou que Daniel seria levado diante da justiça.

Daí a viagem de Daniel à Itália.

Daí que sem fôlego, Daniel, no último minuto, quando estavam de pé no cais e o navio estava a ponto de sair, o fez prometer.

— Cuidará de Honoria, verdade? Cuide para que não se case com um idiota.

É claro que Marcus disse que sim. O que outra coisa poderia dizer? Mas nunca disse a Honoria a promessa que fizera a seu irmão. Meu Deus, isso seria um desastre. Era bastante difícil manter-se em dia com ela sem seu conhecimento. Se ela soubesse que ele estava ocupando o lugar dos seus pais, teria ficado furiosa. A última coisa que precisava era dela tentando impedi-lo. O que ela faria, estava seguro disso.

Não que fosse deliberadamente caprichosa. Era, em sua maior parte, uma moça perfeitamente razoável. Mas inclusive a mais razoável das mulheres se ofendia, quando pensavam que estavam sendo manipuladas.

Assim observaria de longe e silenciosamente afugentaria a um pretendente ou dois. Ou três. Ou talvez quatro. Havia prometido a Daniel.

E Marcus Holroyd não quebrava suas promessas.

Capítulo 2



— Quando ele chegará?

— Não sei — respondeu Honoria, provavelmente pela sétima vez.

Ela sorriu educadamente às demais senhoritas na sala de estar verde e cinza dos Royle. A aparição de Marcus no dia anterior fora discutida, dissecada, analisada, e interpretada em poesia por Lady Sarah Pleinsworth, a prima de Honoria e uma de suas amigas mais próximas.

— Ele chegou durante a chuva — entoou Sarah — O dia fora normal — Honoria quase cuspiu seu chá.

— Estava lamacento, este atalho...

Cecily Royle sorriu com malandragem sobre sua xícara de chá.

— Consideraram-no verso livre?

— Nossa heroína, com dor...

— Estava gelada — inseriu Honoria.

Íris Smythe-Smith, outra prima de Honoria, elevou a vista com sua típica expressão seca.

— Eu tenho dor — disse — Especificamente em meus ouvidos.

Honoria disparou a Íris um olhar que dizia claramente: *Seja amável*. Íris deu de ombros.

— Sua angústia, ela fingia...

— Não é verdade! — protestou Honoria.

— Suas ideias, não eram em vão...

— Este poema está passando rapidamente — afirmou Honoria.

— Estou começando a apreciá-lo — disse Cecily.

— Sua existência uma perdição...

Honorina deixou escapar um bufo.

— Oh, não é para tanto!

— Acredito que ela está fazendo um trabalho admirável — disse Íris — Dada as limitações na estrutura da rima.

Ela olhou para Sarah, que estivera repentinamente silenciosa. Íris inclinou sua cabeça a um lado, também Honorina e Sarah.

Os lábios de Sarah estavam separados e sua mão esquerda seguia estendida em grande drama, mas parecia ter ficado sem palavras.

— Bengala? — sugeriu Cecily — Principal?

— Louca¹³¹? — ofereceu Íris.

— Em qualquer momento — disse Honorina com aspereza — Se continuo presa aqui por muito mais tempo com vocês.

Sarah riu e sentou-se no sofá.

— O Conde de Chatteris — disse com um suspiro — Nunca a perdoarei por não tê-lo nos apresentado o ano passado — disse a Honorina.

— Sim, apresentei!

— Bem, então o deve fazer duas vezes — adicionou Sarah com malandragem — Para me fazer notar. Acredito que não me disse mais que duas palavras em toda a temporada.

— Apenas me disse duas palavras — respondeu Honorina.

Sarah inclinou sua cabeça, com as sobrancelhas arqueando-se como se dissesse,

Oh, sério?

— Ele não é muito sociável — disse Honorina.

— Eu o acho bonito — disse Cecily.

— Acha? — perguntou Sarah — Parece-me bastante melancólico.

— Melancolicamente bonito — disse Cecily firmemente, antes que Honorina pudesse oferecer uma opinião.

— Estou presa em uma má novela — anunciou Íris a ninguém em particular.

— Não respondeu a minha pergunta — disse Sarah a Honoria — Quando virá?

— Não sei — respondeu Honoria pelo que certamente foi a oitava vez — Não disse.

— Descortês — disse Cecily, alcançando uma bolacha.

— É sua forma de ser — disse Honoria com um ligeiro encolhimento.

— É isso o que me parece tão interessante — murmurou Cecily — Que você conheça “sua forma de ser”.

— Eles se conhecem por décadas — disse Sarah — Séculos.

— Sarah... — Honoria adorava sua prima. A maior parte do tempo.

Sarah sorriu com malandragem, seus olhos escuros ardendo travessamente.

— Ele costumava chamá-la de Percevejo.

— Sarah! — Honoria a fulminou com o olhar.

Ela não necessitava que corresse de boca em boca que uma vez fora comparada com um inseto por um Conde do reino.

— Isso foi há muito tempo — disse com toda a dignidade que pôde reunir — Tinha sete anos.

— Quantos anos ele tinha? — perguntou Íris. Honoria pensou por um momento.

— Treze provavelmente.

— Bem, isso explica — disse Cecily ondeando sua mão — Os meninos são bestas. Honoria assentiu educadamente. Cecily tinha sete irmãos menores. Ela devia saber disso.

— Mesmo assim — disse Cecily, muito dramática — Que coincidência que viesse no outro lado de sua rua.

— Fortuita — concordou Sarah.

— Quase como se a estivesse seguindo — adicionou Cecily, inclinando-se para frente com os olhos arregalados.

— Agora, isso simplesmente é uma tolice — disse Honoria.

— Bem, é claro — respondeu Cecily, seu tom passando diretamente de eficiente a empresarial — Isso nunca poderia acontecer. Simplesmente estava dizendo o que parecia.

— Vive perto — disse Honoria, agitando a mão na direção de ninguém em particular.

Ela tinha um terrível senso de orientação, não podia dizer qual era o Norte, se sua vida

dependesse disso. E, de todos os modos, não tinha ideia de que caminho devia tomar para sair de Cambridge e chegar a Fensmore em primeiro lugar.

— Seu imóvel faz divisa com o nosso — disse Cecily.

— Faz? — disse Sarah, com grande interesse.

— Ou possivelmente devo dizer que nos rodeia — disse Cecily com uma pequena risada — O homem possui a metade do Norte de Cambridgeshire. Acredito que suas propriedades tocam Bricstan no Norte, Sul e Oeste.

— E no Leste? — perguntou Íris. Para Honoria adicionou. — É a seguinte pergunta lógica.

Cecily piscou, considerando isto.

— Isso provavelmente envia a sua terra, também. Pode fazer seu caminho através de uma pequena seção ao sudeste. Mas então acabaria na paróquia assim, qual seria o ponto?

— É longe? — perguntou Sarah.

— Bricstan?

— Não — replicou Sarah, com uma não tão pequena medida de impaciência — Fensmore.

— Ah. Não, não realmente. Estamos a trinta e dois quilômetros. Por isso ele estaria somente um pouco mais longe — Cecily se deteve um momento, pensando — Ele poderia manter uma casa geminada^[4] também, não estou segura.

Os Royle eram Anglo Saxão do Leste, mantendo uma casa geminada em Cambridge e uma casa de campo um pouco ao norte. Quando iam a Londres, arrendavam-na.

— Devemos ir — disse Sarah de repente — Este fim de semana.

— Ir? — perguntou Íris — aonde?

— Ao campo — respondeu Cecily.

— Sim — disse Sarah, sua voz subindo com emoção — Isso estenderia nossa visita só por uns poucos dias, por isso certamente nossas famílias não poderiam fazer nenhuma objeção — voltou-se ligeiramente, enviando suas palavras diretamente para Cecily — Sua mãe pode oferecer uma pequena festa. Podemos convidar alguns dos estudantes universitários. Certamente estarão agradecidos por uma pausa da vida escolar.

— Ouvi que a comida ali é muito ruim — disse Íris.

— É uma ideia interessante — refletiu Cecily.

— É uma ideia espetacular — disse Sarah firmemente — vá perguntar a sua mãe. Agora, antes que chegue Lorde Chatteris.

Honorina deu um grito abafado.

— Certamente não quer convidá-lo? — Fora bom vê-lo no dia anterior, mas a última coisa que queria era passar uma festa por completo em sua companhia. Se ele viesse, ela podia renunciar a qualquer esperança de atrair a atenção de um jovem cavalheiro.

Marcus tinha uma maneira de franzir o cenho quando desaprovava seu comportamento. E seus cenhos tinham uma maneira de afugentar a cada ser humano nas imediações.

Que ele não aprovasse seu comportamento jamais passou por sua mente.

— É claro que não — respondeu Sarah, voltando-se para Honorina com a mais impaciente expressão — por que apareceria quando pode dormir em sua própria cama só descendo o caminho? Mas desejaria visitá-lo, não? Talvez para jantar ou para caçar.

Era a opinião de Honorina que se Marcus ficasse retido por uma tarde com este montão de fêmeas, provavelmente começaria a lhes disparar.

— É perfeito — insistiu Sarah — Seria mais provável que os cavalheiros mais jovens aceitassem o convite se souberem que Lorde Chatteris estará presente. Eles querem obter uma boa impressão. Ele é muito influente, sabe.

— Pensei que não fosse convidá-lo — disse Honorina.

— Não estou. Quero dizer... — Sarah se moveu para Cecily, que era, depois de tudo, filha daquele que podia fazer o convite — Não estamos. Mas podemos fazer circular que é provável que aconteça.

— Ele vai apreciar, estou segura — disse Honorina brevemente, não que alguém escutasse.

— A quem convidamos? — perguntou Sarah, ignorando totalmente a declaração de Honorina — Deverão ser quatro cavalheiros.

— Nossos números serão desiguais quando Lorde Chatteris estiver ao redor — assinalou Cecily.

— Melhor para nós — disse Sarah firmemente — E não podemos convidar só três e logo ter muitas senhoritas quando ele não estiver aqui.

Honorina suspirou. Sua prima era a definição de tenacidade. Não tinha como discutir com Sarah quando ela tinha algo em mente.

— Melhor falar com minha mãe — disse Cecily, ficando de pé — Precisaremos começar a trabalhar imediatamente — Ela deixou a sala com um dramático sussurro de musselina rosa.

Honorina olhou Íris, que certamente reconheceria a loucura que estava por vir. Mas Íris só encolheu os ombros e disse:

— É uma boa ideia, na realidade.

— É pelo que viemos a Cambridge — recordou Sarah — Para conhecer cavalheiros. Era verdade.

A Senhora Royle gostava de falar sobre expor às senhoritas a cultura e educação, mas todos sabiam a verdade, elas vieram a Cambridge por razões puramente sociais. Quando a Senhora Royle abordara a ideia para a mãe de Honorina, ela lamentou que tantos cavalheiros jovens ainda estivessem em Oxford ou Cambridge no começo da temporada e, portanto, não em Londres, onde deveriam estar cortejando senhoritas. A Senhora Royle tinha um jantar previsto para a noite seguinte, mas uma festa fora da cidade seria ainda mais eficaz. Nada como apanhar os cavalheiros de onde não poderiam escapar.

Honorina imaginou que ia precisar escrever uma carta a sua mãe, informando que estaria em Cambridge por uns dias extras. Ela tinha uma má sensação a respeito de usar Marcus como um chamariz para obrigar os outros cavalheiros a aceitar, mas sabia que não podia permitir-se perder esta oportunidade. Os estudantes universitários eram jovens, quase da mesma idade das quatro senhoritas, mas a Honorina não importava. Inclusive se não estavam preparados para o matrimônio, certamente alguns teriam irmãos mais velhos, ou primos. Ou amigos.

Ela suspirou. Odiava quanto calculista soava tudo, mas que mais poderia fazer?

— Gregory Bridgerton — anunciou Sarah, seus olhos radiando positivamente com triunfo — Ele seria perfeito. Brilhantemente bem conectado. Uma de suas irmãs se casou com um Duque e a outra com um Conde. E está em seu último ano, assim possivelmente estará preparado para se casar logo.

Honorina levantou a vista. Ela vira o Senhor Bridgerton várias vezes, geralmente quando foi arrastado por sua mãe a um dos infames musicais das Smythe-Smith.

Honorina tratou de não estremecer. O musical anual da família nunca era um bom momento para fazer amizade com um cavalheiro, a menos que ele fosse surdo. Houve algum argumento dentro da família a respeito de quem, precisamente, tinha começado a tradição, mas em 1807, as quatro primas Smythe-Smith tinham subido ao palco e

massacrado uma peça musical perfeitamente inocente. Por que elas, ou melhor, suas mães pensaram que seria uma boa ideia repetir o massacre nos anos seguintes, Honoria nunca saberia, mas o fez no ano depois desse, e ano após.

Ficou entendido que todas as filhas Smythe-Smith deviam ter um instrumento musical e, quando chegasse sua vez, uniria-se ao quarteto. Uma vez dentro, estaria presa até que encontrasse um marido. E Honoria mais de uma vez tinha meditado que era tão bom argumento como qualquer outro para um matrimônio precoce.

O estranho era que a maior parte de sua família não parecia dar-se conta do horrível que era.

Sua prima Viola se apresentou no quarteto por seis anos e ainda falava com nostalgia de seus dias como membro. Honoria meio que esperava que deixasse seu noivo no altar, quando contraiu matrimônio seis meses antes, só para poder continuar em sua posição como violinista principal.

Alucinante.

Honoria e Sarah tinham sido forçadas a assumir seus lugares no ano anterior, Honoria no violino e Sarah no piano. A pobre Sarah ainda estava traumatizada pela experiência. Ela realmente tinha algo musical e desempenhara seu papel com precisão. Ou assim disseram a Honoria, era difícil escutar algo por cima dos violinos.

Ou os ofegos da audiência.

Sarah jurara que nunca tocara outra vez com suas primas. Honoria só encolheu os ombros, a ela realmente não importava o musical... Não muito, ao menos. Realmente pensava que tudo era um pouco divertido. E, além disso, não havia nada que pudesse fazer a respeito. Era tradição familiar, e não havia nada que importasse a Honoria mais que a família, nada.

Mas agora, tinha que aplicar-se seriamente na caça de um marido, o que significava que ia ter que encontrar um cavalheiro com um insensível ouvido musical. Ou um senso de humor muito bom.

Gregory Bridgerton parecia ser um excelente candidato.

Honoria não tinha ideia se ele poderia acompanhar uma melodia, mas tinham cruzado os caminhos dois dias antes, quando as quatro senhoritas saíram para tomar chá na cidade, e fora golpeada imediatamente pelo bonito sorriso que tinha. Gostava.

Era incrivelmente amável e extrovertido, e algo sobre ele recordou a sua própria família, a forma como costumavam estar, reunidos em Whipple Hill, ruidosos, barulhentos

e sempre sorrindo. Provavelmente porque ele também era de uma família numerosa, o segundo mais jovem de oito. Honoria era a mais jovem de seis, por isso certamente teriam muito em comum.

Gregory Bridgerton, hmmm.

Ela não sabia por que não pensara antes nele. Honoria Bridgerton, Winifred Bridgerton. Ela sempre quis batizar uma menina de Winifred, por isso parecia prudente testar este nome em sua língua também.

Senhor Gregory e Lady Hono...

— Honoria? Honoria!

Ela piscou. Sarah estava olhando-a fixamente com visível irritação.

— Gregory Bridgerton? — disse — Sua opinião?

— Er... Acredito que seria uma muito boa escolha — respondeu Honoria, da maneira mais modesta possível.

— Quem mais? — disse Sarah, ficando de pé — Possivelmente devo fazer uma lista.

— Para quatro nomes? — Honoria não pôde evitar perguntar.

— Está muito determinada — murmurou Íris.

— Tenho que estar — replicou Sarah.

Seus olhos escuros cintilaram.

— Realmente pensa que vai encontrar um homem e logo se casar com ele nas próximas duas semanas? — perguntou Honoria.

— Não sei do que está falando — respondeu Sarah em uma voz cortante. Honoria olhou para a porta aberta para se assegurar que ninguém se aproximava.

— Somos somente três de nós agora, Sarah.

— Teremos que tocar no musical, caso estivermos comprometidas? — perguntou Íris.

— Sim. — respondeu Honoria.

— Não. — disse Sarah firmemente.

— Oh sim, você tocará — disse Honoria. Íris suspirou.

— Não se queixe — disse Sarah, girando sobre ela com os olhos entrecerrados — Não teve que tocar no ano passado.

— Por isso estou eternamente agradecida — disse Íris.

Ela devia unir-se ao quarteto com o violoncelo este ano.

— Quer encontrar um marido tanto como eu quero — disse Sarah a Honoria.

— Não nas próximas duas semanas! E não — Adicionou com um pouco mais de decoro — simplesmente para deixar de tocar nos musicais.

— Não estou dizendo que me casaria com alguém terrível — disse Sarah com um soluço — Mas se Lorde Chatteris terminar por cair desesperadamente apaixonado por mim...

— Ele não o fará. — disse Honoria, sem rodeios. Então se dando conta de quão cruel soava, acrescentou: — Não vai se apaixonar por ninguém. Confie em mim.

— O amor trabalha de maneiras misteriosas — disse Sarah.

Mas ela soava mais esperançosa que convicta.

— Inclusive se Marcus se apaixonasse por você, o que não vai acontecer, não que tenha algo a ver com você, ele não é o tipo que se apaixona rapidamente por alguém.

Honoria fez uma pausa, tentando recordar onde tinha começado sua oração porque estava bastante segura que não a completou.

Sarah cruzou os braços.

— Houve algo aí, oculto em meio dos insultos? Honoria girou os olhos.

— Só que inclusive se Marcus caísse apaixonado por alguém, o faria da maneira mais habitual e regular.

— E o amor por acaso é normal? — perguntou Íris.

A declaração foi o suficientemente filosófica para silenciar a sala. Mas só por um momento.

— Nunca se apressaria a um casamento — continuou Honoria, voltando-se para Sarah — Odeia chamar a atenção sobre si mesmo. Odeia — repetia, porque, francamente, cansava repeti-lo — Ele não a tirará do recital, isso é uma certeza.

Durante uns segundos, Sarah ficou imóvel e rígida, e logo suspirou, seus ombros caindo tristes.

— Talvez Gregory Bridgerton — disse com desânimo — Parece que poderia ser um romântico.

— O suficiente para fugir? — perguntou Íris.

— Ninguém está fugindo! — exclamou Honoria — E todas vocês estarão tocando no musical no próximo mês.

Sarah e Íris a olharam com idênticas expressões, duas partes de surpresa e uma parte de indignação. Com um pingo saudável de temor.

— Bem, você estará — murmurou Honoria — Todas estaremos. É nosso dever.

— Nosso dever — repetiu Sarah — Tocar música horrível?

Honoria a olhou fixamente.

— Sim.

Íris se pôs a rir.

— Não é divertido — disse Sarah. Íris limpou os olhos.

— Mas é.

— Não será — advertiu Sarah — uma vez que tenha que tocar.

— Razão pela qual vou rir agora — replicou Íris.

— Continuo pensando que deveríamos ter uma festa em casa — disse Sarah. Honoria respondeu:

— Estou de acordo.

Sarah a olhou com suspeita.

— Só que acredito que seria ambicioso pensar nisso como um meio para evitar tocar no musical.

Mais tolo que ambicioso, mas Honoria não ia dizer isso.

Sarah aproximou-se de uma escrivaninha próxima, sentou-se e tomou uma pena.

— Estamos de acordo sobre o Senhor Bridgerton, então?

Honoria olhou para Íris. Ambas assentiram.

— Quem mais? — perguntou Sarah.

— Não acredita que deveríamos esperar Cecily? — perguntou Íris.

— Neville Berbrooke! — disse Sarah com firmeza — Ele e o Senhor Bridgerton são parentes.

— São? — perguntou Honoria.

Ela sabia muito a respeito da família Bridgerton, todo mundo sabia, mas não acreditava que eles alguma vez se casaram com algum Berbrooke.

— A irmã da esposa do irmão do Senhor Bridgerton está casada com o irmão do Senhor Berbrooke.

Era justo o tipo de declaração que pedia um comentário sarcástico, mas Honoria estava muito estupefata pela velocidade a qual Sarah tinha disparado isto, para fazer outra coisa que piscar.

Íris, entretanto, não estava tão impressionada.

— E isto os faz... Familiares casuais?

— Primos — disse Sarah, disparando a Íris um olhar displicente— Irmãos, Cunhados.

— Três diferentes? — murmurou Íris.

Sarah olhou para Honoria.

— Faça com que pare.

Honoria se pôs a rir. Íris também, e logo Sarah finalmente sucumbiu às suas próprias risadas. Honoria se levantou e deu a Sarah um abraço impulsivo.

— Tudo vai ficar bem, você verá.

Sarah sorriu timidamente em troca. Ela começou a dizer algo, mas nesse momento Cecily entrou na sala, com sua mãe em seus calcanhares.

— Encantou-se com a ideia! — anunciou Cecily.

— Sim, eu gostei — afirmou a Senhora Royle.

Cruzou a sala até a mesa de escrever, caindo na cadeira, enquanto Sarah saltava rapidamente.

Honoria a observou com interesse. A Senhora Royle era uma mulher mediana, média altura, textura média, cabelo marrom médio e olhos marrons médios. Inclusive seu vestido era de um tom médio de púrpura, com um babado de tamanho médio rodeando a parte inferior.

Mas não havia nada médio a respeito de sua expressão nesse momento. Ela parecia estar pronta para comandar um exército, e estava claro que não tomaria prisioneiros.

— É brilhante — disse a Senhora Royle, franzindo o cenho ligeiramente, enquanto procurava algo em sua escrivaninha — Não sei por que não pensei nisso antes. Teremos que trabalhar com rapidez, é claro. Vamos enviar alguém a Londres esta tarde para

notificar seus pais que vocês ficarão — Ela se voltou para Honoria — Cecily diz que pode assegurar que Lorde Chatteris faça uma aparição?

— Não — respondeu Honoria com alarme — Posso tentar, é claro, mas...

— Esforce-se — disse a Senhora Royle rapidamente — Esse será seu trabalho, enquanto o resto de nós organizamos a festa. Quando virá por certo?

— Não tenho ideia — respondeu Honoria, por que tinha que ser, Oh, tão aborrecido, sem importar quantas vezes tivesse respondido essa pergunta — Ele não disse.

— Não acredita que esqueceu?

— Ele não é do tipo de esquecer — disse Honoria.

— Não, ele não parece como se o fizesse — murmurou à Senhora Royle — Entretanto, nunca podemos acreditar que um homem seja tão dedicado à mecânica do noivado como uma mulher.

O alarme que se infiltrou no interior de Honoria explodiu em forma completa de pânico.

Querido céu, se a Senhora Royle estava pensando casá-la com Marcus...

— Ele não está me cortejando — disse ela rapidamente. A Senhora Royle deu um olhar calculador.

— Não está, dou minha palavra.

A Senhora Royle voltou seu olhar para Sarah, que imediatamente ficou ereta em seu assento.

— Parece pouco provável — disse Sarah, já que estava claro que a Senhora Royle desejava que ela confirmasse — São mais como irmão e irmã.

— É verdade — confirmou Honoria — Ele e meu irmão foram amigos muito próximos.

A sala ficou em silêncio diante da menção de Daniel. Honoria não estava segura se isto era por respeito, estupidez, ou pesar de que um cavalheiro perfeitamente elegível estivesse ausente da colheita atual de debutantes.

— Bem — disse a Senhora Royle rapidamente — Faça seu melhor esforço. É tudo o que podemos pedir.

— Oh! — gritou Cecily, dando um passo atrás da janela — Acredito que já esteja aqui!

Sarah ficou de pé e começou a suavizar sua saia perfeitamente sem rugas.

— Tem certeza?

— Oh, sim — Cecily quase suspirou de prazer — Oh, meu Deus, mas essa é uma carruagem magnífica.

Todas ficaram imóveis, a espera de seu convidado. Honoria pensou que a Senhora Royle na realidade poderia estar contendo o fôlego.

— Não nos sentiremos tolas — sussurrou ao ouvido Íris — se nem sequer for ele? Honoria reprimiu uma risada, empurrando sua prima com o pé. Íris começou a sorrir. No silêncio foi fácil ouvir o golpe na porta, seguido pelo leve rangido, quando o mordomo abriu.

— Para a direita — sussurrou a Senhora Royle a Cecily. E então, como uma ideia de último momento — O resto de vocês, também.

Entretanto, quando o mordomo apareceu na porta, estava sozinho.

— Lorde Chatteris enviou suas desculpas — anunciou.

Todo mundo desabou. Até a Senhora Royle. Era como se cada uma delas tivesse sido cravada por um alfinete, o ar sendo espremido diretamente delas.

— Enviou uma carta — disse o mordomo.

A Senhora Royle estendeu a mão, mas o mordomo disse:

— Está dirigida lady Honoria.

Honoria se endireitou e, consciente de que todos os olhos estavam colocados sobre ela agora, esforçou-se um pouco mais em suprimir o alívio do qual estava certa de ter mostrado em seu rosto.

— Er, obrigada — disse ela, tomando a folha de pergaminho dobrada do mordomo.

— O que diz? — perguntou Sarah, antes que Honoria, inclusive pudesse romper o selo.

— Um momento — murmurou Honoria, dando uns passos para a janela para poder ler a carta de Marcus em relativa privacidade — Não é nada, de verdade — disse, uma vez que terminou de ler as três curtas frases — Houve uma emergência em sua casa, e é incapaz de nos visitar esta tarde.

— Isso é tudo o que disse? — exigiu a Senhora Royle.

— Ele não é de dar longas explicações — disse Honoria.

— Os homens poderosos não explicam suas ações — anunciou Cecily dramaticamente.

Houve um momento de silêncio enquanto todo mundo digeriu isso, e logo com uma voz deliberadamente alegre, disse Honoria:

— Ele deseja que tudo esteja bem.

— Não o suficiente para nos honrar com sua presença — murmurou a Senhora Royle.

A pergunta óbvia da festa no campo flutuava no ar, com as Senhoritas olhando para trás e adiante entre elas, em silêncio, perguntando-se quem daria um passo à frente para perguntar. Por último, todas os olhares pousaram em Cecily. Teria que ser ela.

Seria descortês que viesse de qualquer outra pessoa.

— O que vamos fazer sobre a festa em Bricstan? — perguntou Cecily.

Mas sua mãe estava perdida em seus pensamentos, os olhos entreabertos e os lábios franzidos.

Cecily pigarreou e logo disse um pouco mais forte:

— Mãe?

— Ainda é uma boa ideia — disse a Senhora Royle repentinamente.

Sua voz soava alta e com determinação, e Honoria quase sentiu as sílabas ecoarem em suas orelhas.

— Então ainda deveríamos convidar os estudantes? — disse Cecily.

— Eu pensei em Gregory Bridgerton — mencionou Sarah amavelmente — E Neville Berbrooke.

— Boas escolhas — disse a Senhora Royle, dirigindo-se através do quarto até sua escrivaninha — Boa família, a de ambos — Ela tirou várias folhas de papel de cor creme, e logo dobrou os cantos, contando — Escreverei os convites imediatamente — disse, uma vez que teve o número correto de folhas. Voltou-se para a Honoria, com o braço estendido — Exceto este.

— Perdoe? — disse Honoria, embora soubesse exatamente o que a Senhora Royle queria dizer.

Só não queria aceitá-lo.

— Convide Lorde Chatteris. Assim como planejamos. Não para toda a festa, só para uma tarde. Sábado ou domingo, o que ele preferir.

— Está segura de que o convite não deveria vir de você? — Cecily perguntou para sua mãe.

— Não, é melhor de Lady Honoria — disse a Senhora Royle — Ele achará mais difícil de recusar, vindo de uma amiga próxima — Deu outro passo para frente, até que não houve maneira de que Honoria pudesse evitar tomar o papel de sua mão — Somos bons vizinhos, é claro — adicionou a Senhora Royle — Não pense que não somos.

— É claro — murmurou Honoria.

Não havia nada mais que pudesse ter dito. E, pensou enquanto olhava para baixo ao papel em sua mão, nada mais que pudesse fazer.

Mas então sua sorte mudou.

A Senhora Royle apropriou-se da escrivania, o que significava que Honoria não tinha mais solução que retirar-se para seu quarto e escrever o convite.

O que significava que ninguém, além de Honoria e Marcus, é claro, saberia o que realmente esta dizia.

“Marcus”...

A Senhora Royle me pediu que estendesse a você um convite a Bricstan neste fim de semana. Ela planeja uma pequena festa no campo, com as quatro damas que mencionei, junto com quatro jovens estudantes da universidade. Imploro que não aceite!

Você ficará deprimido, e eu ficarei infeliz, me preocupando com sua miséria. Com afeto, etecetera e etecetera,

“Honoria”

Um tipo diferente de Cavalheiro tomaria tal “convite”, como uma provocação e aceitaria imediatamente. Mas não Marcus. Honoria estava segura disso. Ele podia ser arrogante, ser desaprovador, mas não era rancoroso. E não ia ficar deprimido só para fazê-la desgraçada.

Ele era de vez em quando a ruína de sua existência, mas era de coração, uma boa pessoa. Razoável, também. Perceberia que a reunião da Senhora Royle era exatamente o tipo de evento que o fazia desejar ficar longe. Ela sempre se perguntou por que ele ia a Londres durante a temporada, sempre parecia tão aborrecido.

Honoria selou a carta ela mesma e a levou escada abaixo, entregando a um laçao para entregar a Marcus. Quando a resposta de Marcus chegou várias horas mais tarde, foi dirigida à Senhora Royle.

— O que diz? — perguntou Cecily sem fôlego, correndo ao lado de sua mãe enquanto ela a abria.

Íris também se aglomerou, tentando olhar por cima do ombro do Cecily. Honoria ficou atrás e esperou. Sabia o que esta diria.

A Senhora Royle rompeu o selo e desdobrou a missiva, com os olhos movendo-se rapidamente através da escrita enquanto lia.

— Ele envia suas desculpas — disse ela categoricamente.

Cecily e Sarah deixaram escapar gritos de desespero. A Senhora Royle olhou para cima a Honoria, que esperava que estivesse fazendo um bom trabalho com cara de surpresa quando disse.

— Eu perguntei. Mas não é seu tipo de entretenimento, acredito eu. Na realidade ele não é muito sociável.

— Bem, isso é muito certo — queixou-se a Senhora Royle — Não posso recordar mais de três bailes da temporada passada em que o vi dançando. E com tantas mulheres jovens sem par. Era francamente grosseiro.

— Embora seja um bom bailarino — disse Cecily.

Todos os olhares se voltaram para ela.

— É — insistiu, vendo-se um pouco surpresa de que sua declaração tivesse obtido tanta atenção — Ele dançou comigo no Baile Mottram — Ela se voltou para as outras garotas, para oferecer uma explicação — Somos vizinhos, depois de tudo. Foi só cortês.

Honoria assentiu com a cabeça. Marcus era um bom bailarino. Melhor do que ela era, com certeza. Ela nunca pôde entender as complexidades do ritmo. Sarah tentara um sem fim de vezes explicar a diferença entre uma valsa e um 4 por 4/5^[5], mas Honoria nunca fora capaz de entender.

— Vamos insistir — disse a Senhora Royle em voz alta, pondo uma mão sobre seu coração — Dois dos outros quatro Cavalheiros já aceitaram, e estou segura de que vamos saber dos outros amanhã.

Mas, mais tarde essa noite, enquanto Honoria aproximava-se do quarto para deitar, a Senhora Royle a levou à parte e em voz baixa perguntou:

— Acredita que haja alguma oportunidade de que Lorde Chatteris mude de opinião? Honoria engoliu incômoda.

— Temo que não, Senhora.

A Senhora Royle sacudiu a cabeça e emitiu um pequeno som de cacarejo.

— É uma lástima. Realmente seria a pluma no chapéu. Bem, boa noite, querida. Felizes sonhos.

Á um pouco mais de dezoito quilômetros de distância, Marcus estava sentado sozinho em seu escritório com uma xícara quente de cidra, refletindo sobre a recente missiva de Honoria. Pôs-se a rir quando a leu, o que imaginava que fosse sua intenção. Talvez não sua principal intenção, já que sem dúvida queria impedi-lo de assistir à festa da Senhora Royle, mas ela teria que saber que suas palavras o divertiram infinitamente.

Abaixou o olhar para o papel de novo, sorrindo ao ler a carta novamente. Só Honoria escreveria uma nota, pedindo que recusasse o convite que tinha apresentado, nas duas frases anteriores.

Fora bastante agradável, voltar a vê-la. Passara um tempo. Não contou as numerosas vezes que seus caminhos se cruzaram em Londres. Estas reuniões nunca poderiam ser como os tempos despreocupados, que ele passou com a família dela em Whipple Hill. Em Londres esteve esquivando-se das mães ambiciosas, que estavam absolutamente seguras de que suas filhas tinham nascido para ser a próxima Lady Chatteris, ou tentando vigiar Honoria. Ou as duas coisas.

Em retrospectiva, era notável que ninguém pensasse que estava interessado nela para si mesmo. Sem dúvida passou tempo suficiente se envolvendo discretamente em seu negócio. Afugentara quatro cavalheiros no ano anterior, dois deles caçadores de fortuna, um com uma veia cruel, e o último um pomposo e velho imbecil. Estava bastante seguro que Honoria teria o bom senso de recusar o último, mas o da veia cruel escondeu bem, e os caçadores de fortuna eram, disse, encantadores.

O que supunha que era um requisito prévio para o posto.

Provavelmente estava interessada em um dos Cavalheiros que estariam assistindo à festa da Senhora Royle e não o queria ali para arruinar as coisas para ela.

Ele particularmente não queria estar ali, tampouco, por isso nisso estavam de acordo.

Mas precisava saber sobre quem tinha posto seus olhos. Se não era alguém a quem conhecesse, as investigações teriam que ser feitas. Não seria muito difícil obter a lista de convidados, os criados sempre sabiam como conseguir coisas desse estilo.

E talvez se o tempo estivesse bom, daria um passeio. Ou uma caminhada. Havia um atalho no bosque que ia e vinha através da linha de propriedade entre os Fensmore e os Bricstan. Ele não podia recordar a última vez que o percorreu. Era irresponsável de sua

parte, de verdade. Um proprietário deve conhecer sua propriedade com íntimo detalhe.

Faria então um passeio. E se durante o percurso se encontrasse com Honoria e suas amigas, poderia falar com elas o tempo suficiente para obter a informação que necessitava. Poderia evitar a festa e averiguar a quem ela planejava conquistar.

Marcus terminou sua cidra e sorriu. Não podia imaginar um resultado mais satisfatório.

Capítulo 3



Na tarde de domingo, Honoria estava convencida de que tomara à decisão correta. Gregory Bridgerton seria um marido ideal.

Eles estiveram sentados juntos no jantar na casa da cidade dos Royle uns poucos dias antes e ele fora absolutamente encantador. É certo que não mostrara sinais de estar particularmente apaixonado por ela, mas tampouco parecia estar por ninguém mais. Ele era amável, cortês e tinha um senso de humor que coincidia com o dela.

Mais um ponto, Honoria pensava que se fizesse o esforço, tinha mais de uma oportunidade de passar a capturar seu interesse. Era um jovem, não, o filho mais jovem, o que significava que as damas com a esperança de enganchar um título o considerariam abaixo de sua atenção. E provavelmente necessitaria dinheiro. Sua família era provavelmente rica e seria provável que proporcionassem um ingresso, mas os filhos menores estavam notoriamente na necessidade de dote.

O que Honoria possuía. Nada surpreendente, mas Daniel revelara o montante antes de deixar o país, e era mais que respeitável. Não ia contrair matrimônio com as mãos vazias.

Tudo isso faria o Senhor Bridgerton ver que estavam perfeitamente destinados. E Honoria tinha um plano.

Chegou a ela na igreja essa manhã. —As damas foram e os cavalheiros de algum jeito conseguiram evitar de ir. Não era terrivelmente complicado, necessitava somente de um dia ensolarado, um intermediário e aceitável senso de direção, e uma pá.

O primeiro foi fácil, e de fato agradável. O sol estivera brilhando intensamente quando ela entrou na pequena igreja paroquial, que provavelmente dera a ideia, em primeiro lugar. Mais ao ponto seguia brilhando quando saiu da igreja, o que, tendo em conta os caprichos do clima inglês, não era algo com o que sempre se podia contar.

O segundo seria mais complicado. Mas deram um passeio pelo bosque no dia anterior,

e Honoria estava bastante segura que poderia encontrar o caminho de novo. Não poderia ser capaz de discernir o norte do sul, mas poderia seguir um bem cuidado caminho.

Quanto à pá, ia ter que conseguir uma mais tarde.

Quando as damas retornaram a Bricstan depois da igreja, foram informadas que os Cavalheiros tinham ido caçar e que retornariam para um almoço tardio.

— Eles estarão extremamente famintos — anunciou a Senhora Royle — Temos que ajustar nossos preparativos para atender isso.

Honoria era aparentemente a única que não notou o que isto significava que necessitava uma assistente. Cecily e Sarah imediatamente correram escada acima para escolher os seus vestidos de tarde, e Íris expressou alguma tolice sobre uma dor de estômago e fugiu.

Honoria foi imediatamente obrigada a servir no comitê de duas da Senhora Royle.

—Planejei servir bolos de carne — disse a Senhora Royle — São tão fáceis de digerir ao ar livre, mas acredito que iremos necessitar de outra carne. Acredita que os Cavalheiros desfrutarão de carne assada apimentada?

— É claro — respondeu Honoria, seguindo-a à cozinha.

Não o fariam todos?

— Com mostarda?

Honoria abriu a boca para responder, mas a Senhora Royle não devia esperar uma resposta, porque não parava de falar.

— Serviremos de três tipos. E uma compota.

Honoria esperou um momento e logo, quando se fez evidente que nesta ocasião a Senhora Royle esperava que comentasse, disse:

— Estou segura de que será adorável.

Não foi o exemplo mais vibrante de suas habilidades de conversa, mas dado o assunto, era o melhor que podia fazer.

— Oh! — A Senhora Royle parou e girou o corpo tão de repente que Honoria quase trombou contra ela — Esqueci-me de dizer a Cecily!

— Dizer o que? — perguntou Honoria, mas a Senhora Royle já estava a seis passos dela pelo corredor, chamando uma empregada. Quando voltou, disse — É muito importante que se vista de azul esta tarde. Ouvi dizer que é a cor favorita de dois de nossos

hóspedes.

Como tinha determinado isso, Honoria não podia imaginar.

— E combina com seus olhos — adicionou a Senhora Royle.

— Cecily tem uns olhos lindos — concordou Honoria.

A Senhora Royle a olhou com uma expressão estranha, então, disse:

— Deve considerar o uso da cor azul com mais frequência, também. Fará que seus olhos brilhem menos estranhos.

— Eu gosto dos meus olhos — disse Honoria com um sorriso.

Os lábios da Senhora Royle se apertaram.

— A cor é muito incomum.

— É um traço da família. Meu irmão tem iguais.

— Ah, sim, seu irmão — suspirou a Senhora Royle — É uma lástima.

Honoria assentiu. Há três anos sentiria-se ofendida pelo comentário, mas era menos impetuosa agora, mais pragmática.

E, além disso, era verdade. Era uma lástima.

— Esperamos que possa voltar algum dia. A Senhora Royle soprou.

— Não até que Ramsgate morra. Conheço-o desde que estava nas correias principais¹⁶, e é tão teimoso como uma mula.

Honoria piscou com isso. Tanta franqueza da Senhora Royle foi inesperada.

— Bem — disse a Senhora Royle com um suspiro — não há nada que possa fazer a respeito, e é uma lástima. Agora bem, a cozinheira está fazendo pequenas taças de sobremesa com morangos e creme de baunilha.

— Essa é uma ideia maravilhosa — disse Honoria, tendo em conta que por agora seu trabalho era chegar a um acordo com a Senhora Royle sempre que fosse possível.

— Talvez eu diga para a cozinheira assar bolachas, também — disse a Senhora Royle com o cenho franzido — Ela faz um bom trabalho com elas, e os senhores estarão famintos. Caçar é bastante exaustivo.

Honoria pensara sempre que o esporte de tiro era muito mais intenso para as aves que para os seres humanos, mas isto manteve para si mesma. Mesmo assim, não pode evitar dizer:

— Não é interessante que fossem caçar esta manhã em vez de ir à igreja?

— Não é meu trabalho dizer aos jovens cavalheiros como conduzir suas vidas — disse a Senhora Royle humildemente — A menos que sejam meus filhos, em cujo caso, devem fazer o que eu digo todo o tempo.

Honorina tentou detectar a ironia na declaração, mas não encontrou nada, assim que somente assentiu. Tinha a sensação de que o futuro marido de Cecily seria incluído no grupo “deve fazer o que eu digo”.

Esperava que o pobre homem, quem pudesse chegar a ser, soubesse no que estava se colocando.

Daniel uma vez disse que o melhor conselho que jamais havia recebido sobre o assunto do casamento chegou, não solicitado é claro, de Lady Danbury, uma terrível velha viúva que parecia desfrutar dando conselhos a quem quisesse escutar. E os muito poucos que não escutavam, também. Mas parece, Daniel tomara suas palavras a sério, ou ao menos gravara em sua memória. E isso era que um homem deve entender que quando se casava, ele se casava com sua sogra, tanto quanto ia se casar com sua noiva. Bem, quase o mesmo.

Daniel rira dissimuladamente por como tinha acrescentado seu próprio epílogo. Honorina o olhara fixamente, e isso o fizera rir mais ainda. Ele realmente era um miserável às vezes. Entretanto, sentia sua falta.

Mas, na verdade, a Senhora Royle não era tão má. Estava determinada, simplesmente, e Honorina sabia por experiência que as mães determinadas eram muito terríveis.

Sua própria mãe fora uma vez determinada. Suas irmãs ainda contavam histórias de seus dias como senhoritas solteiras, quando sua mãe fora tão ambiciosa como a sociedade jamais havia sido. Margaret, Henrietta, Lydia e Charlotte Smythe-Smith foram equipadas com as melhores roupas, sempre eram vistas nos lugares corretos no momento adequado, e se casaram bem. Não brilhantemente, mas bem. E elas conseguiram fazê-lo em duas temporadas ou menos.

Honorina, por outro lado, viu sua terceira temporada, e o interesse de sua mãe de vê-la bem estabelecida era pouco entusiasta no melhor dos casos. Não que ela não quisesse casar Honorina, mas sim ela não se atrevia a cuidar muito dela.

A condessa não cuidou muito de nada depois que Daniel saiu do país.

Assim se a senhora Royle corria para cozinhar doces extras e obrigava sua filha a trocar os vestidos, sobre a base de algo que poderia ter escutado sobre a cor favorita de

alguém, o fazia por amor, e Honoria não podia culpá-la por isso.

— É um encanto, querida, por me ajudar com os preparativos — disse a Senhora Royle, dando uma batidinha no braço de Honoria — Todas as tarefas ficam mais fáceis com um par de mãos extra, que é o que minha mãe sempre me disse.

Honoria pensou que estava dando um par de orelhas extra, não mãos, mas murmurou seu agradecimento, entretanto, e seguiu a Senhora Royle ao jardim, onde queria fiscalizar o controle do piquenique.

— Acredito que o Senhor Bridgerton esteve olhando mais profundamente a minha Cecily — disse a Senhora Royle, saindo absolutamente ao sol — Não acha?

— Não percebi — disse Honoria.

Não notou, mas maldição, ele fez isso?

— Oh, sim — disse a Senhora Royle, de maneira definitiva — no jantar de ontem à noite. Estava sorrindo mais amplamente.

Honoria pigarreou.

— Ele é bem o tipo de Cavalheiro sorridente.

— Sim, mas estava sorrindo de maneira diferente.

— Suponho — Honoria olhou para o céu.

As nuvens estavam movendo-se mas não parecia que fosse chover, entretanto.

— Sim, sei — disse a Senhora Royle, seguindo o olhar de Honoria e mal interpretando a razão disso — Não está tão ensolarado como estava esta manhã. Espero que o tempo se mantenha para o piquenique.

E pelo menos duas horas depois, Honoria também esperava. Tinha planos. Planos que, olhou ao seu redor, estavam no jardim, depois de tudo e requeriam uma pá.

— Será uma tragédia se tivermos que nos mover para o interior — continuou a Senhora Royle — Dificilmente se pode chamar piquenique neste caso.

Honoria assentiu ausente, até analisando as nuvens. Havia uma que estava um pouco mais cinza que o resto, mas estava à deriva ou longe?

— Bem, suponho que não há nada que possa fazer, exceto esperar e ver — disse a Senhora Royle — E na verdade fazê-lo não prejudica a ninguém. É provável que um cavalheiro se apaixone tanto no interior como no exterior, e se o Senhor Bridgerton tem o olho jogado em Cecily, pelo menos ela será capaz de impressioná-lo no piano.

— Sarah também é uma perita — comentou Honoria.

A Senhora Royle se deteve e virou.

— É?

Honoria não estava surpresa que a Senhora Royle ficasse surpresa. Ela sabia com certeza que tinha assistido a seus musicais os últimos anos.

— Provavelmente não estaremos no interior, de todos os modos — prosseguiu a Senhora Royle antes que Honoria pudesse fazer mais comentários — O céu não está terrivelmente ameaçador. Uhm. Admito que esteja esperando que o Senhor Bridgerton possa ter interesse em Cecily. Oh, espero que a empregada a contenha no momento de sair com o vestido azul! Elas devem encontrar-se quando forem se trocar, mas é claro Lorde Chatteris seria ainda mais emocionante.

Alarmada, Honoria se girou de novo para ela.

— Mas ele não virá.

— Não, é claro que não, mas é nosso vizinho. E como Cecily disse outro dia, isto significa que dançará com ela em Londres, e deve aproveitar essas únicas oportunidades quando puder.

— Sim, é claro, mas...

— Ele não devota seu favor a muitas damas jovens — disse a Senhora Royle, com orgulho — Você, suponho, devido a sua prévia conexão, e talvez uma ou duas mais. Isso fará que seja mais fácil para ela captar sua atenção. Desta maneira, Lady Honoria — disse ela assinalando para uma fila de arranjos florais em uma mesa próxima — além disso — Acrescentou — nossa propriedade é como uma pequena mordida da sua. Sem dúvida, ele a quererá.

Honoria limpou a garganta, não de todo segura de como responder.

— Não que pudéssemos dar tudo a ele — continuou a Senhora Royle — Nada disso imagino, mas não posso deixar Georgie possivelmente sem nada dessa maneira.

— Georgie?

— Meu filho mais velho — voltou-se para Honoria com um olho avaliador, então, agitou a mão no ar — Não, você é muito mais velha que ele. Uma lástima.

Honoria decidiu que não poderia ter uma resposta adequada a isso.

— Podemos acrescentar uns poucos hectares ao dote de Cecily, entretanto — disse a

Senhora Royle — Valeria a pena, para ter uma condessa na família.

— Não estou segura de que ele esteja procurando uma esposa ainda — aventurou Honoria.

— Tolices. Cada homem solteiro está procurando uma esposa. Só que nem sempre o sabem.

Honoria esboçou um pequeno sorriso.

— Me assegurarei de recordar isso.

A Senhora Royle se voltou e deu a Honoria uma olhada de perto.

— Deveria — disse finalmente, aparentemente depois de ter decidido que Honoria não estava zombando dela — Ah, aqui estamos! O que pensa destes arranjos florais? São um pouco muito pesados sobre os açafrões?

— Acredito que estão lindos — disse Honoria, admirando os de lavanda, em particular — além disso, é muito depois da primavera. Açafrões é o que está em alta.

A Senhora Royle deixou escapar um profundo suspiro.

— Suponho. Mas eu os acho bastante comum por mim mesma.

Honoria sorriu sonhadora e perdeu seus dedos através das pétalas. Algo a respeito dos açafrões a fazia sentir-se muito bem.

— Eu prefiro pensar neles como pastorais.

A Senhora Royle inclinou a cabeça para um lado, considerando o comentário de Honoria, então, deve ter decidido que não requeria resposta, porque disse:

— Acredito que vou pedir à cozinheira que faça bolachas.

— Eu poderia ficar aqui? — perguntou rapidamente Honoria — Prefiro arrumar as flores.

A Senhora Royle olhou as flores, que já estavam espertamente dispostas, e logo depois de volta a Honoria.

— Só para afofá-las. — explicou Honoria.

A Senhora Royle agitou a mão no ar.

— Se quer assim. Mas não se esqueça de trocar-se antes da volta dos Senhores. Nada azul, entretanto. Quero que Cecily fique destacada.

— Não acredito inclusive que tenha trazido um vestido azul — disse Honoria

diplomaticamente.

— Bem, isso fará que seja mais fácil — disse a Senhora Royle rapidamente — Que se divirta... hã... afofando.

Honoria sorriu e esperou que sua anfitriã voltasse a desaparecer na casa. Logo esperou um pouco mais, porque havia várias criadas correndo, agitando garfos, colheres e similares. Honoria rebuscou nas flores, olhando uma e outra, até que viu o brilho um pouco prateado, sobre uma roseira. Jogando uma olhada para assegurar-se de que as criadas estavam ocupadas, caminhou através da grama para investigar.

Era uma pá pequena, aparentemente esquecida pelos jardineiros.

— Obrigada — articulou.

Não era uma pá, mas serviria. Além disso, não tinha calculado com exatidão como poderia utilizar as palavras “pá” e “discreta” na mesma frase. A pá ainda ia levar um pouco de planejamento. Nenhum de seus vestidos possuía bolsos, e inclusive se os tivessem de algum jeito, não acreditava que seria capaz de ocultar uma peça de metal, da metade do tamanho de seu antebraço. Mas ela poderia escondê-la em algum lugar e recolhê-la mais tarde, quando fosse o momento adequado. De fato, decidiu que era exatamente o que faria.

Capítulo 4



— O que ela estava fazendo?

Marcus não estivera tentando manter-se oculto, mas quando encontrou com Honoria cavando o chão, não pode evitar. Teve que retroceder e observar.

Ela trabalhava com uma pequena pá, e qualquer que fosse o tipo de buraco que estivesse cavando, não poderia ser muito grande, porque depois de apenas um minuto ficou de pé, inspecionou sua obra com os olhos, logo com o pé e depois, nesse momento foi quando Marcus se agachou mais cuidadosamente atrás da árvore, olhou ao redor até que encontrou uma pilha de folhas mortas debaixo da qual podia esconder a pequena pá.

Nesse momento esteve a ponto de revelar sua presença. Mas então ela retornou ao buraco, olhou-o fixamente com o cenho franzido, e retornou à pilha de folhas para voltar a recuperar sua pá.

Com a pequena pá em mão, ficou de cócoras e fez ajustes em sua obra. Entretanto, bloqueava a visão, assim não foi até que retornou às folhas mortas, para desfazer-se do que era agora claramente uma peça de evidência, que ele percebeu de que tinha empilhado terra solta em um círculo ao redor do buraco que havia cavado.

Tinha cavado um buraco.

Ele perguntou para si mesmo se ela havia notado de que a maioria dos buracos não existiam isolados. Se havia um, normalmente havia outro, visivelmente próximo. Mas possivelmente isto não importava. Sua intenção a julgar pelo número de vezes que examinou o buraco com seu pé era fingir uma queda. Ou talvez fizer com que alguém mais tropeçasse e caísse.

De qualquer maneira, era duvidoso que alguém procurasse por um buraco vizinho depois de ter torcido um tornozelo.

Ele observou por vários minutos. Alguém teria considerado uma coisa aborrecida,

observar uma senhorita que não estava fazendo nada, exceto ficar de pé sobre um buraco, mas ficou surpreendentemente entretido.

Provavelmente porque Honoria estava trabalhando tão duro para evitar se aborrecer.

Primeiro parecia que estava recitando algo em voz baixa, exceto a julgar como enrugava o nariz, não parecia recordar como terminava. Depois fez uma pequena dança.

Depois dançou uma valsa, braços estendidos para um companheiro invisível.

Estava surpreendentemente elegante, ali nos bosques. Dançava a valsa muito melhor sem música do que alguma vez o fizera com ela. Em seu vestido cor verde pálida parecia um pouco como uma fada. Quase podia vê-la em um vestido feito de folhas, saltando pelo bosque.

Sempre fora uma garota do campo. Fora selvagem em Whipple Hill, subindo árvores e rodando pelas colinas. Usualmente tentava seguir Daniel e a ele, mesmo que rechasassem sua companhia, ela sempre encontrara maneiras de se divertir, usualmente no exterior. Uma vez, recordou, ela caminhou ao redor da casa cinquenta vezes em uma tarde, só para ver se isso podia ser feito.

Era uma casa grande, também. Ficara dolorida no dia seguinte. Inclusive Daniel acreditara em suas queixas.

Imaginou Fensmore, sua própria casa. Era monstruosamente grande. Ninguém em seu juízo perfeito caminharia ao redor dela dez vezes em um dia, muito menos cinquenta.

Pensou por um momento, Honoria a visitara alguma vez? Ele não podia imaginar quando ela poderia tê-lo feito, certamente ele nunca convidava ninguém quando era menino. Seu pai nunca fora conhecido pela hospitalidade, e a última coisa que Marcus gostaria de fazer era convidar seus amigos ao silencioso mausoléu de sua infância.

Depois de dez minutos, entretanto, Honoria se aborreceu. E logo Marcus também ficou *entediado*, porque tudo o que ela fazia era ficar sentada na base de uma árvore, os cotovelos apoiados nos joelhos, o queixo apoiado nas mãos.

Mas então ele ouviu alguém se aproximar. Ela também ouviu, porque ficou de pé com um salto, correu para o buraco, e colocou o pé nele. Depois, com uma incômoda postura de cócoras, desceu até o chão, onde se acomodou na posição mais elegante possível ficando com um pé no buraco.

Ela esperou por um momento, claramente em alerta, e então, quando quem fosse que estivesse no bosque, esteve tão perto como provavelmente fosse estar, deixou escapar um grito bastante convincente.

Todas essas pantomimas familiares teriam sido úteis. Se Marcus não a tivesse visto orquestrar sua própria perdição, estaria convencido de que ela estivesse ferida.

Esperou para ver quem aparecia. E esperou.

E esperou.

Ela também esperou, mas aparentemente por muito tempo, antes de deixar sair seu segundo grito de “dor” porque ninguém se apresentou para resgatá-la.

Deixou sair um último grito, mas seu coração claramente não estava nele.

— Maldição! — exclamou, tirando seu pé do buraco de um puxão. Marcus começou a rir.

Ela ofegou.

— Quem está aí?

Maldição, não queria ser tão ruidoso. Adiantou-se. Não queria assustá-la.

— Marcus?

Ele elevou uma mão a modo de saudação. Deveria dizer algo, mas ela ainda estava no chão, e sua sapatilha estava coberta de terra. E seu rosto...

Oh, ele nunca vira nada tão divertido.

Estava indignada e mortificada e não parecia poder decidir-se qual era a emoção mais forte.

— Deixe de rir!

— Lamento — disse ele, sem lamentar em absoluto.

Suas sobrancelhas se uniram em um cenho franzido divertidamente feroz.

— O que está fazendo aqui?

— Vivo aqui — adiantou-se e ofereceu a mão. Parecia a coisa cavalheiresca a fazer.

Os olhos dela se entrecerraram. Não acreditou nem por um segundo, isso era claro.

— Bem, vivo perto – modificou — Este caminho passa pela propriedade.

Ela tomou sua mão e permitiu que a ajudasse a levantar, escovando a terra de sua saia enquanto o fazia. Mas a terra estava úmida, e partículas de terra grudaram no tecido, provocando suspiros e grunhidos por parte de Honoria. Finalmente, rendeu-se, logo elevou o olhar, perguntando:

— Há quanto tempo estava aí? Ele sorriu.

— Mais do que imagina.

Ela deixou escapar um esgotado gemido, depois disse:

— Não suponho que me poupasse isto.

— Não direi uma só palavra — prometeu — Mas a quem, exatamente, estava tentando atrair?

Ela zombou.

— Oh, por favor. É a última pessoa a quem diria. Ele elevou uma sobrancelha.

— Sério. A última.

Deu um olhar impaciente.

— Além da Rainha, do Primeiro Ministro...

— Pare — Mas ela escondia um sorriso enquanto o dizia. E então se desanimou de novo — Você se aborreceria caso me sentasse de novo?

— Para que?

— Meu vestido já está sujo — disse, encontrando um lugar na base da árvore — Uns poucos minutos mais na terra não farão diferença — sentou-se e o olhou com uma expressão irônica — Aqui é onde se supõe que me diga que pareço tão fresca como uma margarida.

— Depende da margarida, acredito.

Diante disso, dirigiu um olhar de extrema incredulidade, a expressão era tão familiar que era quase cômica. Por quantos anos estivera ela girando os olhos? Quatorze? Quinze? Realmente não tinha ocorrido até esse momento, mas ela era quase sem dúvida a única mulher que conhecia que falava com franqueza, e saudáveis doses de sarcasmo incluídas.

Por isso ele odiava ir a Londres na temporada. As mulheres sorriam com afetação, pavoneavam-se e diziam o que acreditavam que ele queria ouvir. Os homens também.

A ironia era que quase sempre estavam enganados. Nunca quisera estar rodeado de adutores. Odiava ter gente que se aferrasse a cada uma de suas palavras. Não queria que seu colete perfeitamente normal e comum idêntico ao de todo o mundo fosse adulado por sua extraordinária forma e extraordinário corte.

Com Daniel longe, não ficava ninguém que realmente o conhecesse. Sem família a menos que alguém estivesse disposto a voltar quatro gerações, para encontrar um ancestral

em comum. Era o filho único de um filho único. Os Holroyd não eram conhecidos por sua habilidade para procriar. Recostou-se contra uma árvore próxima e observou Honoria, que parecia cansada e infeliz no chão.

— A festa não foi o êxito que imaginou, então? Ela levantou o olhar, seus olhos questionadores.

— A fez soar tão atraente em sua carta — observou ele.

— Bem, sabia que você a odiaria.

— Poderia ter achado divertida — disse, mesmo quando ambos sabiam que não era verdade.

Deu outra dessas olhadas.

— Seria para quatro jovens damas solteiras, quatro jovens cavalheiros da universidade, o senhor e a senhora Royle e você — E enquanto esperava que isso tivesse sentido, acrescentou — E possivelmente um cão.

Dirigiu um sorriso seco.

— Eu gosto dos cães.

Aquilo a fez rir. Ela recolheu um ramo que estava perto de seu quadril e começou a desenhar círculos no barro. Parecia completamente desolada, fios de seu cabelo caindo macios de seu coque. Seus olhos também pareciam cansados.

Cansados e... Algo mais. Algo que não gostava. Parecia derrotada.

Isso era ruim. Honoria Smythe-Smith nunca deveria parecer assim.

— Honoria... — começou a dizer.

Mas ela levantou o olhar bruscamente diante do som de sua voz.

— Tenho vinte e um anos, Marcus. Ele fez uma pausa, tentando calcular.

— Isso não pode ser possível.

Os lábios dela se pressionaram mal humorados.

— Asseguro que é sim. Houve uns poucos cavalheiros o ano passado que pensei que podiam estar interessados, mas nenhum cumpriu com o protocolo — encolheu os ombros — Não sei por que.

Marcus pigarreou, logo achou que precisava ajustar sua gravata.

— Suponho que foi para melhor — continuou ela — Não adorava a nenhum deles. E

um deles era... Bem, uma vez o vi chutar a um cão — Franziu o cenho — Assim não podia possivelmente considerar... Bem, já sabe.

Ele assentiu.

Ela se endireitou e sorriu, parecendo resolutamente alegre. Talvez muito resolutamente alegre.

— Mas este ano estou determinada a fazê-lo melhor.

— Estou seguro de que o fará — disse ele.

Ela o olhou com desconfiança.

— Que planeja?

— Nada.

— Mas não precisa ser tão condescendente. De que demônio estava falando?

— Não o estava sendo.

— Oh, por favor, Marcus. Sempre é condescendente.

— Se explique! — disse ele bruscamente.

Ela o olhou como se não pudesse acreditar que ele não visse.

— Oh, sabe a que me refiro.

— Não, não sei a que se refere.

Ela deixou sair um bufo enquanto ficava de pé uma vez mais.

— Sempre olha às pessoas assim — E logo fez uma cara, uma que ele não podia começar a descrever.

— Se alguma vez me vir assim — disse ele secamente — Precisamente assim, para ser mais exato, autorizo a me corrigir.

— Ali está — disse ela, triunfante — Isso.

Ele começou a perguntar se estavam falando o mesmo idioma.

— Assim como?

— Isso! O que acaba de dizer.

Ele cruzou os braços. Parecia a única resposta aceitável. Se ela não podia falar com orações completas, ele não via razão por que falar em absoluto.

— Passou toda a temporada passada me olhando assim. Cada vez que o via, parecia

tão desaprovador.

— Asseguro que não foi minha intenção — Ao menos não com ela.

Ele desaprovava os homens que a cortejavam, mas nunca a Honoria.

Ela cruzou os braços e o olhou com uma expressão contrariada. Ele teve a clara impressão de que ela estava tentando decidir se tomava suas palavras como uma desculpa. Não importava que não houvesse sido uma verdadeira desculpa.

— Há algo que possa fazer para ajudar? — perguntou ele, escolhendo suas palavras, e seu tom, com enorme cuidado.

— Não. — disse ela sucintamente. E logo — Obrigada.

Ele suspirou cansadamente, pensando que podia ser o momento de trocar de enfoque.

— Honoria, não tem pai, seu irmão está em alguma parte da Itália, acreditam, e sua mãe quer retirar-se para Bath.

— O que quer dizer? — ela espetou.

— Está sozinha neste mundo — respondeu, quase bruscamente. Não podia recordar a última vez que alguém tinha falado em tal tom — Ou poderia estar.

—Tenho irmãs — protestou ela.

— Alguma delas se ofereceu para acolhê-la?

— É claro que não. Elas sabem que vivo com minha mãe.

— Que quer se retirar para Bath — ele recordou.

— Não estou sozinha — disse ela calorosamente, e ele ficou horrorizado de ouvir um estrangulamento em sua voz.

Mas se estava perto de derramar lágrimas, reteve-as, porque era toda fúria e indignação quando disse:

— Tenho montões de primos. Montões. E quatro irmãs que me acolheriam em seus lares em um momento, se pensassem que fosse necessário.

— Honoria...

— E também tenho um irmão, inclusive se não sabemos onde está. Não necessito... — deteve-se, e piscou como estivesse surpresa pelas palavras em sua língua. Mas as disse de todos os modos — Não preciso de você.

Houve um terrível silêncio.

Marcus não pensou em todas as vezes que ele havia sentado em sua mesa. Ou nas paródias familiares onde sempre tinha representado uma árvore. Fora espantosa, cada uma delas, mas ele amou cada momento de ramos e folhas. Nunca quis os papéis principais, emocionava-o não ter que falar absolutamente, mas amou sempre que teve que fazer parte disso.

Amou estar ali. Com eles. Como uma família.

Mas não pensou em nada disso. Estava bastante seguro de que não estava pensando em nada disso enquanto estava de pé ali, olhando fixamente à garota que estava dizendo que não precisava dele.

E possivelmente não o necessitava.

E possivelmente já não era uma garota, tampouco. Maldição.

Deixou sair um suspiro que estava reprimindo e se recordou que não importava o que ela pensasse que sentia por ele. Daniel pedira que cuidasse dela, e isso faria.

— Necessita...

Ele suspirou, tentando pensar em uma forma de dizer isso que não a deixasse enfurecida. Não havia nenhuma, concluiu, assim somente o disse.

— Necessita de ajuda. Ela retrocedeu.

— Está se oferecendo como meu guardião?

— Não — disse veemente — Não, acredite, isso é a última coisa que quero. Ela cruzou os braços.

— Porque sou um autêntico problema.

— Não — Bom Deus, como essa conversa tornou-se deteriorada tão rapidamente?

— Só estou tentando ajudar.

— Não necessito de outro irmão — disse ela bruscamente.

— Não quero ser seu irmão — respondeu ele.

E logo a olhou de novo, entretanto, olhou-a de forma diferente. Possivelmente fossem seus olhos, ou sua pele, ruborizada. Ou a forma que estava respirando. Ou a curva de sua face. Ou o pequeno lugar aonde seu...

— Tem terra na face — disse ele, entregando um lenço.

Ela não tinha nada, mas necessitava algo com que mudar de assunto. Agora. Ela

limpou o rosto com pequenos golpezinhos do lenço, depois abaixou o olhar ao ainda níveo tecido branco, franziu o cenho, e se limpou de novo.

— Já não tem mais — disse ele.

Devolveu o lenço, e só ficou ali, dando um olhar áspero e duro. Parecia como se tivesse doze anos uma vez mais, ou ao menos tinha a expressão de uma menina de doze anos, o que não o incomodava.

— Honoria — disse cuidadosamente — Como amigo de Daniel...

— Não — Nada mais.

Ele inalou, fazendo uso do tempo para escolher suas palavras.

— Por que é tão difícil aceitar ajuda?

— E você? — contra-atacou ela. Ele a olhou — Você gosta de aceitar ajuda? — perguntou.

— Depende de quem a ofereça.

— Eu.

Ela cruzou de braços, parecendo um tanto satisfeita com sua resposta, embora por mais que o tentasse, não tinha ideia do por quê.

— Só imagine. Imagine se as coisas fossem o contrário.

— Assumindo que fosse um assunto sobre o qual tivesse um pouco de experiência, então sim, estaria encantado em aceitar sua ajuda.

Cruzou os braços também, bastante satisfeito consigo mesmo. Era uma oração perfeita, apaziguadora e agradável, e que não dizia nada. Ele esperou a resposta, mas depois de uns poucos minutos, ela só sacudiu a cabeça um pouco e disse:

— Tenho que retornar.

— Sentirão sua falta?

— Já devem ter notado minha ausência — murmurou ela.

— O tornozelo torcido — murmurou.

Com um assentimento pormenorizado.

Ela deu a volta com o cenho franzido e partiu. Na direção incorreta.

— Honoria!

Ela se voltou. Marcus esforçou-se para não sorrir enquanto assinalava a direção correta.

— Bricstan está para lá.

A mandíbula dela se esticou, mas só disse:

— Obrigada — E deu a volta de novo.

Mas girou muito rápido e perdeu o equilíbrio. Deixou escapar um grito enquanto tentava recuperar-se, e Marcus fez o que um cavalheiro faria instintivamente. Apressou-se para ajudá-la. Exceto que colocou o pé no maldito buraco.

A seguinte exclamação de surpresa foi a sua, e algo profano, envergonhava admitir. Ambos caíram quando ele perdeu o equilíbrio, e aterrissaram na terra úmida com um golpe surdo, Honoria sobre suas costas, e Marcus sobre Honoria.

Ele imediatamente se apoiou nos cotovelos, tentando afastar algo de seu peso dela, enquanto abaixava o olhar. Disse a si mesmo que era para ver se ela estava bem. Iria perguntar, uma vez que recuperasse a respiração. Mas quando a olhou, ela estava tentando recuperar a própria respiração.

Seus lábios estavam separados, e seus olhos aturdidos e, ele fez o que qualquer homem faria instintivamente. Abaixou a cabeça para beijá-la.

Capítulo 5



Num momento Honoria estava de pé, Oh, bem, não estava de pé, não completamente. Queria se afastar tão desesperadamente de Marcus que se virou rapidamente, deslizando-se sobre a terra, e perdera o equilíbrio.

Mas já estava quase em pé, ou ficaria erguida em poucos momentos se Marcus não se precipitasse, literalmente, a toda velocidade pelo ar para ela.

Isto a desorientou o suficiente, exceto seu ombro a golpeou diretamente no meio. O fôlego voou de seus pulmões, e ambos caíram no chão, Marcus aterrissando totalmente sobre ela.

Esse foi o momento que Honoria muito possivelmente deixou de pensar por completo.

Alguma vez sentiu um corpo masculino contra o seu, céus, quando o teria feito? Tinha dançado valsa, ocasionalmente mais perto do que era apropriado, mas não fora nada como isto. Seu peso, seu calor. Sentia-se estranhamente primitiva, e o que era ainda mais estranho, havia algo quase agradável nisso.

Moveu os lábios para falar, mas enquanto estava estendida ali, olhando-o, não parecia poder encontrar as palavras. Ele parecia diferente para ela. Conhecia este homem por quase tanto tempo como podia recordar, como era possível que alguma vez não tivesse notado a forma de sua boca? Ou seus olhos.

Sabia que eram marrons, mas era surpreendentes e tão ricamente coloridos que estavam com manchas de cor âmbar perto do bordo da íris. E até agora, pareciam mudar à medida que se aproximava mais... Aproximava-se mais?

Oh, por Deus. Ia beijá-la? Marcus?

A respiração ficou presa em sua garganta. E seus lábios se entreabriram. E algo dentro dela se apertou com antecipação, e tudo no que pode pensar foi...

Nada. Ou ao menos isso era no que ela deveria estar pensando, porque Marcus

definitivamente não estava planejando beijá-la. Ele soltou uma série de maldições de um tipo que ela não tinha ouvido desde que Daniel deixara o país, e logo ficou de pé com um salto, dando um passo para trás, e logo...

— Demônios!

Houve uma frenética rajada de movimento, seguido de um ruído surdo e um grunhido, e outra fileira de blasfêmias pelas quais Honoria era muito sensata para se ofender.

Com um horrível ofego, apoiou-se nos cotovelos. Marcus estava de novo no chão, e pela expressão de seu rosto, desta vez realmente estava ferido.

— Está bem? — perguntou ela desesperada, mesmo estando claro que não estava.

— Foi o buraco — ele espetou, apertando os dentes contra a dor. E logo, como se possivelmente requeresse uma elucidação, acrescentou — De novo.

— Lamento — disse ela rapidamente, ficando de pé torpemente.

E logo, porque a situação claramente pedia uma desculpa mais substancial, disse de novo.

— Lamento, lamento muito. Ele não falou.

— Deve saber que não foi minha intenção... — não terminou.

Uma corrente de falatório não ia ajudar a sua causa, e com efeito, não parecia querer ouvir o som de sua voz.

Engoliu nervosamente, dando o menor passo em direção a ele. Ainda estava no chão, não completamente sobre suas costas e não completamente de lado. Havia lodo em suas botas e em suas calças. E em sua jaqueta.

Honoria fez uma careta. Ele não ia gostar disso. Marcus nunca fora muito tedioso, mas era uma jaqueta muito linda.

— Marcus? — perguntou com reticência.

Ele franziu o cenho. Não para ela, especificamente, mas mesmo assim, foi suficiente para confirmar sua decisão de não contar sobre as folhas mortas em seu cabelo.

Ele rodou ligeiramente para um lado até que esteve mais apoiado sobre as costas, logo fechou os olhos.

Os lábios dela se entreabriram, e quase falou, mas então esperou. Ele inalou, logo o fez outra vez, logo uma terceira, e quando ele abriu os olhos, sua expressão havia mudado.

Agora estava mais calmo. Graças a Deus.

Honorina se inclinou um pouco para frente. Ainda achava prudente andar cuidadosamente ao redor dele, mas sim pensava que ele poderia ter-se acalmado o suficiente para aventurar-se.

— Posso ajudá-lo a ficar de pé?

— Em um momento — grunhiu ele.

Acomodou-se até ficar em uma posição quase sentada, logo tomou sua panturrilha com as mãos, tirando a perna ferida da toca.

Que notou Honorina, estava significativamente maior agora que ele meteu o pé ali em duas ocasiões.

Ela observou enquanto ele cautelosamente rodava seu tornozelo. Flexionou seu pé para frente e para trás, logo depois de lado a lado. Foi o último o que pareceu causar mais dor.

— Acredita que está quebrado? — perguntou ela.

— Não.

— Torcido?

Ele grunhiu seu assentimento.

— Você...?

Atravessou-a com um olhar tão feroz que ela fechou a boca imediatamente. Mas depois de quinze segundos de fazer caretas de dor, ela não pode conter-se.

— Marcus?

Não estava olhando quando ela disse seu nome, e não se voltou quando o ouviu. Sim, entretanto, deixou de se mover.

— Pensa que eu deveria tirar a bota? — Ele não respondeu — No caso de que seu tornozelo esteja inchado.

— Sei — deteve-se, deixando sair o fôlego, logo continuou com uma voz ligeiramente mais controlada — nesse caso. Só estava pensando.

Ela assentiu mesmo que ele ainda lhe desse as costas.

— É claro. Só me faça saber, ehm...

Ele deixou de mover-se uma vez mais. Ela deu um passo atrás.

— Não importa.

Ele estendeu a mão para tocar o tornozelo ferido através da bota, presumivelmente para comprovar o inchaço.

Honorina deslizou em torno dele para poder ver seu rosto. Tentou discernir a extensão de sua dor através de sua expressão, mas foi difícil. Via-se tão a beira de seu temperamento, que realmente não podia dizer muito, além disso.

Os homens eram tão ridículos nesses casos. Dava-se conta de que fora sua culpa que ele torceu o tornozelo, e entendeu que ele ia estar ao menos um pouco irritado com ela, mas mesmo assim, estava claro que ia necessitar de sua ajuda. Não parecia capaz de ficar de pé sozinho, muito menos de fazer a pé, todo o caminho de volta para Fensmore. Se ele estivesse pensando sensatamente, perceberia isto e a permitiria ajudá-lo mais cedo que tarde.

Mas não, precisava comportar-se como um tigre ferido, como se isso pudesse fazê-lo sentir a carga da situação.

— Ehm... — Ela limpou sua garganta — Só para me assegurar de que estou fazendo o correto... Há alguma maneira que possa ajudá-lo, ou seria melhor eu não fazer nenhum som?

Houve uma pausa agonizantemente larga, e ele logo disse:

— Poderia, por favor, me ajudar a tirar a bota?

— É claro! — correu para perto dele — Aqui, me permita — Ela fizera isto muito tempo atrás, quando era uma menina pequena ajudando seu pai, mas não depois, e certamente não com um homem que estivera deitado em cima dela dois minutos atrás.

Sentiu seu rosto arder. De onde veio esse pensamento? Foi um acidente. E este era Marcus. Precisava recordar isso.

Marcus. Só Marcus.

Sentou-se em frente a ele, no outro extremo de sua perna estendida, e tomou a bota com uma mão atrás do tornozelo e a outra na sola.

— Está preparado?

Ele assentiu sombriamente.

Ela puxou a mão que tinha no tornozelo e empurrou com a outra, mas Marcus deixou escapar um grito de dor tal que ela deixou cair seu pé imediatamente.

— Está bem?

Quase não reconheceu sua própria voz. Soava aterrorizada.

— Só tente de novo — disse asperamente.

— Está seguro? Por que...

— Só faça — disse com esforço.

— Muito bem.

Ela tomou seu pé uma vez mais, apertou os dentes, e puxou. Forte. Marcus não gritou desta vez, mas estava fazendo um horrível som, do tipo que um animal fazia antes de ser sacrificado. Finalmente, quando foi mais do que Honoria podia suportar, ela se levantou.

— Não acredito que isto esteja funcionando — Olhou-o sobre o ombro — E com isto quero dizer que nunca a tirarei.

— Tente de novo — disse ele — Estas botas sempre são difíceis de tirar.

— Ah, sim? — perguntou ela, em completa incredulidade — E todos diziam que as vestimentas das damas eram poucas práticas.

— Honoria.

— Está bem — Tentou de novo, com os mesmos resultados — Lamento, mas acredito que vai ter que cortá-la quando chegar a sua casa.

Um brilho de dor cruzou o rosto de Marcus.

— É só uma bota — murmurou ela compassivamente.

— Não é isso — replicou ele — Dói como o demônio.

— Oh — Ela limpou sua garganta — Sinto muito.

Ele deixou escapar uma longa e trêmula exalação.

— Vai ter que me ajudar a ficar de pé. Ela assentiu e se levantou.

— Aqui, permita-me tomar sua mão — Tomou a mão dele e puxou para cima, mas ele não pôde manter o equilíbrio.

Depois de um momento se soltou.

Honoria olhou sua mão. Parecia vazia. E a sentia fria.

— Vai ter que pegar debaixo dos braços — disse ele.

Isto poderia tê-la surpreendido antes, mas depois de tentar tirar a bota, não podia ver como isto poderia ser possivelmente mais impróprio.

Assentiu uma vez mais e abaixou-se, deslizando seus braços ao redor dele.

— Aqui vamos — disse, deixando escapar um pequeno grunhido de esforço enquanto tentava colocá-lo de pé.

Sustentá-lo em seus braços era estranho, e terrivelmente incômodo. Irônico, também. Se não fosse porque metera o pé no buraco e caído sobre ela, isto seria o mais perto que eles jamais estiveram. É claro, se ele não metesse o pé no buraco mais de uma vez, não estariam nesta posição. Com um pouco de manobra e outra maldição de Marcus pronunciada pela metade, conseguiram colocá-lo de pé.

Honorina retrocedeu, pondo uma distância mais apropriada entre eles, embora pusesse a mão no seu ombro para estabilizá-lo.

— Pode pôr algum peso sobre ele? — perguntou.

— Não sei — disse ele, testando-o.

Deu um passo completo, mas seu rosto se retorceu de dor enquanto o fazia.

— Marcus? — perguntou ela vacilante.

— Ficarei bem.

Ele parecia horrível para ela.

— Está seguro? — perguntou — Porque de verdade acredito...

— Claro que estou bem... ouch! — Ele tropeçou, segurando o ombro dela para evitar cair.

Honorina esperou pacientemente enquanto ele se recompunha, oferecendo a mão para um pouco mais de equilíbrio. Ele a tomou em seu firme aperto, e uma vez mais a surpreendeu quão agradável era sua mão, grande e morna. E segura, também, embora não estava segura de que tivesse nenhum sentido.

— Pode ser que necessite ajuda — disse ele, claramente odiando ter que admitir.

— É claro. Eu só... ah... — moveu-se para ele, logo se afastou um pouco, depois voltou a se acomodar.

— Ponha-se junto a mim — disse ele — vou ter que me apoiar em você.

Ela assentiu e o permitiu envolver seus ombros com um braço. Sentia-o pesado. E agradável.

— Aqui estamos — disse ela, deslizando seu braço ao redor da cintura dele — Agora, qual é o caminho a Fensmore?

Ele assinalou com a cabeça.

— Por lá.

Ela fez girar a ambos para que olhassem na direção correta, logo disse:

— De fato, acredito que a pergunta mais pertinente seria, quanto longe está Fensmore?

— Cinco quilômetros.

— Cin... — conteve-se, abaixando o volume de sua voz a um tom quase normal — Lamento, disse cinco quilômetros?

— Aproximadamente.

Estava louco?

— Marcus, não há forma de que possa segurá-lo por cinco quilômetros. Vamos ter que ir à casa dos Royle.

— Oh, não — disse ele, mortalmente sério — Não me apresentarei em sua soleira nesta condição.

Intimamente, Honoria concordou com ele. Um Conde ferido, solteiro, dependendo completamente de sua misericórdia? A Senhora Royle o veria como um presente do céu.

Provavelmente encontraria a si mesmo sendo conduzido a uma sala para doentes antes que pudesse protestar. Com Cecily Royle como sua enfermeira.

— Não terá que me ajudar todo o caminho, de toda forma — disse ele — Melhorará à medida que caminhar.

Ela olhou para ele.

— Isso não tem sentido.

— Só me ajude a chegar a casa, por favor?

Soava exausto. Possivelmente exasperado. Provavelmente ambos.

— Tentarei — concordou, mas só porque sabia que não ia funcionar. Dava cinco minutos como máximo antes que ele admitisse a derrota. Caminharam por uns poucos metros, então Marcus disse:

— Um buraco seria muito menor.

— Sei. Mas precisava ser capaz de por meu pé nele.

Ele deu outro passo, logo meio que saltou para dar o seguinte.

— O que achava que aconteceria?

Ela deixou escapar um suspiro. Fazia tempo que passou o ponto de se envergonhar. Não parecia ter sentido pretender que tinha um pouco de orgulho restante.

— Não sei — disse com preocupação — Suponho que pensei que meu príncipe encantado viria e me salvaria. Possivelmente me ajudaria a voltar para casa precisamente na maneira em que estou ajudando você.

Ele a olhou fixamente.

— E o Príncipe Encantado é...

Olhou-o como se tivesse ficado louco. Sem dúvida não pensava que ela ia dar um nome.

— Honoria... — urgiu.

— Não é da sua conta. Ele riu entre dentes.

— O que acredita que farei com a informação?

— Simplesmente não quero...

— Lesou-me, Honoria.

Era um golpe baixo, mas efetivo.

— Oh, muito bem — disse ela, rendendo-se — Se quer saber, era Gregory Bridgerton.

Marcus deixou de caminhar e a olhou com um toque de surpresa.

— Greg...

— O mais novo — interrompeu-o — O filho mais novo, quero dizer, que não está casado.

— Sei quem é.

— Muito bem, então. O que tem de ruim? — Ela inclinou a cabeça e esperou ansiosamente.

Ele pensou por um momento.

— Nada.

— Você... Espere — Pestanejou — Nada?

Ele sacudiu a cabeça, logo moveu seu peso um pouco, seu pé sadio estava começando a ter câibras.

— Nada vem a minha mente.

Era verdade. Ela podia escolher algo muito pior que Gregory Bridgerton.

— Sério? — perguntou ela com desconfiança — Não encontra nada questionável nele?

Marcus fingiu pensar um pouco mais. Claramente imaginava que estava bancando um papel nesse momento, provavelmente o de vilão. Ou caso não fosse esse, o de velho resmungão.

— Suponho que é um pouco jovem — disse.

Assinalou uma árvore velha a aproximadamente quatro metros de distância.

— Me ajude a chegar ali, por favor? Preciso me sentar.

Juntos caminharam com dificuldade para o grosso e comprido tronco. Com cuidado Honoria retirou o braço dele do seu ombro e o ajudou a sentar.

— Não é tão jovem — disse.

Marcus olhou seu pé. Parecia tão normal dentro da bota, entretanto sentia como se alguém tivesse envolvido grilhões ao redor dele. E logo tivesse metido tudo dentro da bota.

— Ainda está na universidade — disse.

— É mais velho que eu.

Ele a olhou uma vez mais.

— Chutou cães ultimamente?

— Não que eu saiba.

— Bem, ai tem — Ele fez um gesto com a mão livre em um movimento expansivo pouco característico dele — Tem minha bênção.

Os olhos dela se entrecerraram.

— Por que necessito sua bênção?

Meu Deus, ela era difícil.

— Não a necessita. Mas seria tão doloroso recebê-la, verdade?

— Não — disse ela lentamente — Mas...

Ele esperou. E logo finalmente.

— Mas o que?

— Não sei — Ela pronunciou cada palavra com notável entonação, seus olhos nunca abandonando os dele.

Ele sufocou uma risada.

— Por que desconfia tanto de meus motivos?

— Oh, não sei — replicou ela, sarcasticamente — Possivelmente porque você passou toda a temporada passada me fulminando com o olhar.

— Não fiz isso.

Ela soprou.

— Oh, sim fez.

— Posso ter fulminado com o olhar a um ou dois de seus pretendentes — maldição, não quisera dizer isso — Mas não a você.

— Então estava me espiando — disse ela triunfalmente.

— Claro que não — mentiu ele — Mas tampouco poderia não notar.

Ela ficou boquiaberta de horror.

— O que significa isso? Maldição, ia ter problemas agora.

— Não significa nada. Você estava em Londres. Eu estava em Londres — Quando ela não respondeu, adicionou — Também todas as outras damas — E então, antes de se dar conta que era quão pior poderia ter dito, acrescentou — Você só é uma única lembrança.

Ela ficou completamente imóvel, olhando-o fixamente com esse inquietante olhar solene dela. Odiava quando ela fazia isso. Significava que estava pensando muito, ou vendo muito, e se sentia exposto. Inclusive quando era pequena, parecia vê-lo mais profundamente que o resto da família.

Não tinha sentido, a maior parte do tempo era a alegre e jovial Honoria, mas então o olhava dessa maneira, com esses impressionantes olhos cor lavanda, e ele se dava conta do que sua família nunca vira que ela entendia às pessoas. Compreendia-o.

Sacudiu a cabeça, tentando afastar as lembranças. Não queria pensar na família dela, em como se sentiu ao sentar-se a sua mesa, sendo uma parte de seu mundo. E tampouco queria pensar nela. Não queria olhar seu rosto e pensar que seus olhos eram da exata cor dos jacintos, que acabavam de aparecer por toda a paisagem.

Brotavam cada ano nesta data, e ele sempre pensara, só por um momento antes de

afastar que essas eram suas flores. Mas não pelas pétalas, eram muito escuras.

Os olhos de Honoria faziam jogo com a parte mais nova na base da flor, onde a cor ainda não se tornou totalmente azul.

Seu peito se apertou, tentou respirar. Realmente não queria pensar no fato de que sabia isso, em que podia olhar uma flor e localizar o ponto exato da pétala que fazia jogo com os olhos dela.

Desejou que ela dissesse algo, mas é claro não o fez. Não agora, não quando teria dado a boas vindas ao seu falatório.

E então, brandamente, ela disse:

— Poderia apresentá-lo.

— O que? — Ele não tinha ideia do que estava falando.

— Poderia apresentá-lo — disse ela de novo — A algumas jovens. As que você disse não conhecer.

Oh, pelo amor de Deus, ela acreditava que esse era o problema? Ele fora apresentado a todas as damas de Londres, simplesmente não conhecia a nenhuma delas.

— Ficaria feliz de fazê-lo — disse ela amavelmente.

Amavelmente? Compassivamente?

— Desnecessário — disse ele com voz brusca.

— Não, é claro, já foi apresentado...

— Só não quero...

— Deve nos acreditar tolas...

— Elas não falam de nada...

— Inclusive eu me aborreceria...

— A verdade é — anunciou ele, desejoso de terminar com essa conversa — que odeio Londres.

Sua voz saiu com muita mais força do que queria, e se sentia como um tolo. Um tolo que provavelmente teria que tomar uma faca e romper seu segundo melhor par de botas.

— Isto não vai funcionar — disse. Ela pareceu confusa.

— Nunca chegaremos a Fensmore assim — Ele pode vê-la contendo o choro e decidiu poupar a humilhação dizendo — Precisaré voltar para Bricstan. Está mais perto, e sabe o

caminho — Nesse momento recordou com quem estava falando — Sim conhece o caminho, não é verdade?

Para seu crédito, ela não se ofendeu.

— Só tenho que seguir o caminho até chegar ao pequeno lago. Então subo a colina, e já estarei perto.

Ele assentiu.

— Terá que enviar alguém para me buscar. Não de Bricstan. Envie instruções a Fensmore. A Jimmy.

— Jimmy?

— Meu cavaliço de quadra principal. Só diga que estou no caminho de Bricstan, a cinco quilômetros de casa. Ele saberá o que fazer.

— Estará bem aqui sozinho?

— Enquanto não chover — brincou.

Ambos levantaram o olhar. Uma grossa manta cinza se estendia ameaçadora pelo céu.

— Maldição — disse.

— Correrei — disse ela.

— Não faça isso — Seria capaz de colocar o pé em uma verdadeira toca e então, o que seria de ambos? — Não necessitamos que você também tropece e caia.

Ela se voltou para partir, depois parou e disse:

— Enviará uma mensagem quando estiver a salvo em casa?

— É claro.

Não poderia recordar a última vez que tivera que enviar uma mensagem a respeito de seu bem estar a ninguém. Havia algo bastante desconcertante nisso.

Mas também agradável.

Ele a observou afastar-se, escutando até que o som de seus passos desapareceu.

Quanto tempo tomaria antes que chegasse ajuda? Ela precisava retornar a Bricstan, que estava um pouco mais de um quilômetro, assumindo que não se perdesse.

Logo tinha que escrever uma carta e enviar alguém que a entregasse em Fensmore. Então Jimmy tinha que selar dois cavalos e cavalgar pelo bosque, em um caminho que era muito mais adequado para caminhar. Uma hora? Não, noventa minutos. Provavelmente

mais.

Deslizou para o chão para poder apoiar-se no velho tronco. Deus estava cansado. Seu tornozelo doía muito, para que dormisse, mas fechou os olhos de qualquer maneira.

Foi nesse momento que sentiu a primeira gota de chuva.

Capítulo 6



Quando Honoria chegou a Bricstan, estava empapada até os ossos. A chuva tinha começado apenas cinco minutos depois que deixou Marcus na velha árvore. Fora ligeira no começo, só umas poucas gotas gordas por ali e por aqui. Suficientes para incomodar, mas não para fazer mal. Mas logo que alcançou o final do caminho tinha começado a cair com fúria.

Andara pela grama o mais rápido que podia, mas não fez diferença. Dez segundos no aguaceiro e estava empapada. Não queria sequer pensar em Marcus, estando parado no bosque por ao menos outra hora.

Tentou recordar a topografia do lugar onde o deixara. Os galhos o protegeria da chuva? Ainda era primavera, e os ramos não estavam povoados de folhas.

Primeiro tentou entrar em Bricstan através de uma porta lateral, mas estava fechada e tratou de rodear o edifício para frente. A porta se abriu antes que pudesse golpear, e ela entrou aos tropeções.

— Honoria! — exclamou Sarah, correndo para frente para sustentá-la — Estava observando-a pela janela. Onde esteve? Estive frenética. Estávamos a ponto de enviar um grupo para buscá-la. Disse que ia para procurar flores, mas depois demorou para retornar.

Honoria tentou interromper em meio de cada oração de Sarah, mas só as arrumou para reunir o fôlego suficiente para dizer:

— Pare.

Abaixou o olhar, atoleiros de água se formaram aos seus pés. Um regato se libertou do círculo e rodava lentamente para a parede.

— Precisamos secá-la — disse Sarah. Tomou as mãos de Honoria — Está congelada.

— Sarah, pare — Honoria libertou suas mãos e tomou o ombro de sua prima — Por favor. Preciso um pouco de papel. Devo escrever uma carta.

Sarah a olhou como se tivesse tornado louca.

— Agora. Tenho que...

— Lady Honoria! — A Senhora Royle se apressou para o salão — Estavam todos preocupados! Aonde você foi?

— Só estava procurando flores — mentiu Honoria — Mas, por favor, preciso escrever uma carta.

A Senhora Royle tocou a frente.

— Não está com febre.

— Está tremendo — disse Sarah. Olhou a Senhora Royle — Deve ter se perdido. É terrível nesse sentido.

— Sim, sim — disse Honoria, disposta a coincidir com qualquer insulto se isso significava o final dessa conversa — Mas, por favor, me escutem só um momento. Devo agir rapidamente. Lorde Chatteris está preso no bosque, e disse que...

— O que? — gritou a Senhora Royle — Do que está falando?

Brevemente, Honoria relatou a história que inventara enquanto corria para casa. Extraviou-se do grupo e se perdeu. Lorde Chatteris estava caminhando no bosque. Disse que o caminho unia ambas as propriedades. Depois torcera o tornozelo.

Principalmente era verdade.

— O traremos aqui — disse a Senhora Royle — Enviarei a alguém em seguida.

— Não — disse Honoria, ainda um pouco sem fôlego — Ele quer ir para sua casa. Pediu-me que envie uma mensagem ao chefe de seus estábulos. Disse exatamente o que dizer.

— Não — disse a Senhora Royle firmemente — Acredito que ele deve vir aqui.

— Senhora Royle, por favor, cada minuto que discutimos, ele está lá fora parado na chuva.

A Senhora Royle estava claramente em conflito, mas finalmente assentiu e disse.

— Siga-me.

Havia uma escrivaninha em um espaço no final do corredor. Tirou papel, pluma, tinta e deu um passo ao lado para que Honoria pudesse sentar. Mas os dedos de Honoria estavam adormecidos, logo que pode sustentar a pluma, seu cabelo certamente gotejaria sobre o papel.

Sarah deu um passo adiante.

— Quer que faça por você?

Honorina assentiu agradecida e disse a Sarah exatamente o que escrever, todo tempo tentando ignorar a Senhora Royle, que se abatia sobre ela, interrompendo frequentemente, com o que acreditava eram comentários que ajudassem.

Sarah terminou a carta, assinou com o nome de Honorina, e logo, diante do assentimento de Honorina, entregou a Senhora Royle.

— Por favor, envie-o com seu cavaleiro mais veloz — rogou Honorina.

A Senhora Royle pegou e saiu apressadamente. Sarah imediatamente ficou de pé e tomou a sua prima pela mão.

— Precisa se esquentar — disse esta em uma voz que não admitia protesto — Virá comigo agora mesmo. Já disse a uma criada que esquite água para o banho.

Honorina assentiu. Já fizera o que precisava fazer. Agora só podia esperar.



A manhã seguinte amanheceu clara. Honorina dormira doze horas, agasalhada sob os edredons, com um tijolo quente em seus pés. Sarah deslizou em seu quarto em algum momento, para dizer que receberam notícias de Fensmore, Marcus chegara a salvo a sua casa e provavelmente estava em sua própria cama, com seu próprio tijolo quente nos pés.

Mas enquanto Honorina se vestia, continuava preocupada. Estava completamente congelada quando chegou a Bricstan, e ele estivera na chuva muito mais tempo que ela. Também estivera ventando, ouvira as árvores rangendo e chiando através de sua janela, enquanto tomava um banho. Marcus quase definitivamente pegara um resfriado. E se por acaso seu tornozelo não estivesse só torcido e sim quebrado? Já teriam ido procurar um médico para arrumá-lo? Teriam sabido fazê-lo?

E quem eram “eles”, de todos os modos? Marcus não tinha família que ela conhecesse.

Quem cuidaria dele se adoecesse? Havia alguém mais em Fensmore além dos criados? Iria ter que comprovar seu bem estar. De outro modo, não seria capaz de viver consigo mesma.

No café da manhã, os outros hóspedes se surpreenderam de vê-la. Todos os Cavalheiros tinham retornado a Cambridge, mas as jovens damas estavam reunidas ao

redor da mesa, comendo seus ovos cozidos e torradas.

— Honoria! — exclamou Sarah — O que faz fora da cama?

— Estou perfeitamente bem — assegurou Honoria — Não tenho nem um espirro.

— Ontem à noite seus dedos estavam como cubos de gelo — disse Sarah a Cecily e Íris — Não podia sequer sustentar uma pluma.

— Nada que um banho quente e uma boa noite de sonho não pudessem curar — disse Honoria — Mas eu gostaria de ir a Fensmore esta manhã. Foi minha culpa que Lorde Chatteris torcesse o tornozelo, e de verdade sinto que devo visitá-lo.

— Como foi sua culpa? — perguntou Íris.

Honoria quase remoeu o lábio. Tinha esquecido que esse era um dos elementos faltantes em sua história.

— Não foi nada, realmente — improvisou — Tropecei com a raiz de uma árvore e ele se adiantou para me estabilizar. Deve ter pisado em uma toca de toupeira.

— Oh, odeio as toupeiras — disse Íris.

— Eu os acho bem doces — interpôs Cecily.

— Devo encontrar sua mãe — disse Honoria — Devo pedir uma carruagem. Ou suponho que poderia cavalgar até lá. Já não chove.

— Deveria tomar o café da manhã primeiro — disse Sarah.

— Ela nunca permitirá ir sozinha — respondeu Cecily — Fensmore é a casa de um solteiro.

— Dificilmente estará sozinho — disse Íris — Deve ter muitos criados.

— Ao menos cem, penso — disse Cecily — Viram a casa? É enorme. Mas isso não indica nada — voltou-se para a Honoria — Ele ainda vive sozinho. Não há ninguém para agir como acompanhante apropriada.

— Levarei alguém comigo — disse Honoria impaciente — Realmente não me importa. Só quero ir.

— Levar alguém com você aonde? — perguntou a Senhora Royle, entrando na sala do café da manhã.

Honoria repetiu o requerimento à Senhora Royle, que imediatamente esteve de acordo.

— Absolutamente, temos que velar pelo bem estar do Conde. Seria positivamente anticristão de nossa parte não fazê-lo.

Honorina piscou. Não tinha esperado que fosse tão fácil.

— Irei com você — disse a Senhora Royle.

Uma xícara de chá golpeou contra seu pires. Quando Honorina olhou a mesa, Cecily parecia ter um sorriso apertado, mas seus dedos praticamente mordiam a xícara.

— Mãe — disse Cecily — Se você for então eu também deveria ir.

A Senhora Royle fez uma pausa para considerar, mas antes que pudesse responder, Sarah disse,

— Se Cecily for, eu também quero ir.

— Por quê? — perguntou Cecily.

— Estou bastante segura — disse Íris secamente — De que não deveriam ir sob nenhuma circunstância.

— Realmente não me importa quem me acompanhe — disse Honorina, tentando não soar tão irritada como estava — Só gostaria de partir o quanto antes possível.

— Cecily irá com você — anunciou a Senhora Royle — Ficarei aqui com Íris e Sarah.

Sarah estava visivelmente incômoda diante do giro dos acontecimentos, mas não discutiu. Cecily, por outro lado, ficou em pé de um salto com um amplo sorriso no rosto.

— Cecily, vá acima e diga a Peggy que arrume seu cabelo — disse a Senhora Royle.

— Não podemos...

— Por favor — interrompeu Honorina — Preferiria partir imediatamente.

A Senhora Royle parecia em conflito, mas nem sequer ela podia argumentar que o penteado de sua filha era mais importante que a saúde do Conde de Chatteris.

— Muito bem — disse energicamente — Partam, então. Mas quero ser clara. Se estiver terrivelmente doente, devem insistir que se mude aqui para se recuperar.

Honorina estava bastante segura de que isso não ia acontecer, mas não disse nada enquanto avançava a grandes passos para a porta da frente, com Cecily e a Senhora Royle em seus talões.

— E assegurem-se de que saiba que não planejamos retornar a Cambridge por várias semanas — continuou a Senhora Royle.

— Não vamos? — perguntou Cecily.

— Não, e como está completamente livre de obrigações, pode ir cada dia para fiscalizar seu cuidado — A Senhora Royle fez uma pausa — Eh, se isso for o que Lorde Chatteris deseja.

— É claro mãe — disse Cecily, mas parecia envergonhada.

— E deem minhas saudações — continuou a Senhora Royle.

Honorina desceu depressa as escadas para esperar que a carruagem chegasse.

— E digam que o Senhor Royle e eu rezamos por sua pronta recuperação.

— Pode ser que não esteja doente, mãe — disse Cecily.

A Senhora Royle franziu o cenho.

— Mas caso ele esteja...

— Darei seus bons desejos — concluiu Cecily por ela.

— Aqui vem à carruagem — disse Honorina, quase desesperada para fugir.

— Lembrem-se! — exclamou a Senhora Royle uma vez que Honorina e Cecily eram ajudadas por um laçao — caso Marcus esteja doente, tragam-no...

Mas já estavam afastando-se.

Marcus ainda estava em sua cama quando o mordomo entrou silenciosamente e informou que Lady Honorina Smythe-Smith e a Senhorita Royle estavam esperando na sala de estar amarela.

— Devo lhes dizer que não está disponível para receber convidados? — perguntou o mordomo.

Por um momento Marcus esteve tentado a dizer que sim. Sentia-se terrível, e estava certo de que parecia pior. Quando Jimmy o encontrara na tarde anterior, tremia com tanta força que ficou surpreso de que não tivesse quebrado os dentes.

Então, quando chegou, tiveram que cortar a bota. Isso seria suficientemente ruim, pois gostava dessas botas, mas seu ajudante foi um pouco mais agressivo que o necessário, e Marcus agora tinha um corte de dez centímetros na perna esquerda.

Mas se as situações fossem inversas, teria insistido em determinar o bem estar de Honorina com seus próprios olhos, assim parecia que ia ter que permiti-la fazer o mesmo. E no que diz respeito à outra garota, Senhorita Royle pensou no que disse o mordomo, só esperava que não fosse uma mulher de sensibilidade delicada.

Porque a última vez que se olhou ao espelho, podia jurar que sua pele estava verde. Com a assistência de seu ajudante, tanto para vestir-se como para descer a escada, Marcus pensou que estivesse moderadamente apresentável quando saudou as duas damas.

— Bom Deus, Marcus — exclamou Honoria enquanto ficava de pé — Você está parecendo com a morte.

Aparentemente, estava enganado.

— Encantado em vê-la também Honoria — assinalou o sofá próximo — Importa-se se me sentar?

— Não, por favor, faça-o. Seus olhos estão terrivelmente fundos — Sorriu enquanto o observava tentar fazer seu caminho ao redor de uma mesa — Posso ajudá-lo?

— Não, não, estou muito bem.

Deu dois saltos para chegar perto das almofadas e logo praticamente caiu de costas sobre o sofá. A dignidade, ao que parece, não tinha lugar na sala de um doente.

— Senhorita Royle — disse dando um assentimento à outra dama.

Ele havia visto a Srta. Royle uma ou duas vezes ao longo dos anos, disso estava bastante certo.

— Lorde Chatteris — disse educadamente — Meus pais enviam suas saudações e desejam uma pronta recuperação.

— Obrigado — disse, dando um débil assentimento.

De repente, sentiu-se completamente cansado. A viagem de seu quarto para baixo deve ter sido mais difícil do que havia previsto. Tampouco dormira bem a noite anterior. Começara a tossir no momento que sua cabeça havia pousado no travesseiro, e não parou mais de tossir.

— Me desculpem — disse às damas enquanto punha uma almofada na mesa frente a ele, logo apoiou seu pé — Disseram-me que devo elevá-lo.

— Marcus — disse Honoria, dispensando imediatamente toda pretensão de conversa educada — Não deveria estar fora da cama.

— É onde estava — disse secamente — Até que fui informado que tinha visitas. Isso lhe valeu um olhar de recriminação tal que trouxe para a mente à Senhorita Pimm, sua enfermeira de tantos anos atrás.

— Deveria ter informado a seu mordomo que não estava recebendo visitas — disse

ela.

— Sério? — murmurou ele — Com certeza aceitaria isso humildemente e teria ido para casa segura de meu bem estar — Olhou à outra dama com uma inclinação irônica da cabeça — O que pensa você, Senhorita Royle? Lady Honoria teria ido sem fazer comentários?

— Não, Milorde — disse a Senhorita Royle, os lábios crispados pela diversão. — Foi muito firme em seu desejo de vê-lo por si mesma.

— Cecily! — disse Honoria com indignação.

Marcus decidiu ignorá-la.

— É isso certo, Senhorita Royle? — disse voltando-se ainda mais em sua direção.

— Meu coração arde por sua preocupação.

— Marcus — disse Honoria — Pare com isso agora mesmo.

— É uma pequena obstinada — disse ele.

— Marcus Holroyd — disse Honoria severamente — Se não deixar de zombar de mim neste instante, informarei a Senhora Royle que efetivamente deseja ser transladado para Bricstan para o resto de sua convalescença.

Marcus ficou imóvel, tentando não rir. Olhou à Senhorita Royle, que também tentava não rir. Ambos perderam a batalha.

— A Senhora Royle está muito ansiosa em demonstrar seus conhecimentos de enfermagem — adicionou Honoria com um sorriso diabolicamente sereno.

— Você ganha, Honoria — disse Marcus, recostando-se nas almofadas do sofá.

Mas a risada deu lugar a um ataque de tosse, e tomou quase um minuto antes de sentir-se bem uma vez mais.

— Quanto tempo esteve sob a chuva ontem à noite? — exigiu Honoria.

Ficou de pé e tocou a fronte dele, fazendo que os olhos da Senhorita Royle aumentassem pela intimidade.

— Tenho febre? — murmurou.

— Não acredito — Mas ela franzia o cenho enquanto falava — Poderia ter um pouco de temperatura alta. Possivelmente deveria conseguir uma manta.

Marcus começou a dizer que não era necessário, mas então percebeu que, de fato, uma

manta soava bastante agradável. E estava estranhamente agradecido que ela tivesse sugerido. Então assentiu.

— Irei buscá-la — disse a Senhorita Royle, ficando de pé num salto — Vi uma empregada no vestíbulo.

Uma vez Cecily fora, Honoria sentou-se uma vez mais, olhando-o com preocupação nos olhos.

— Lamento tanto — disse uma vez que estavam sozinhos — Sinto-me terrível pelo que aconteceu.

Ele descartou a desculpa com um movimento da mão.

— Ficarei bem.

— Não me disse quanto tempo estive sob a chuva — recordou.

— Uma hora — deduziu ele — Provavelmente duas.

Ela deixou escapar um suspiro abatido.

— Lamento tanto.

Ele curvou os lábios em um pequeno sorriso.

— Já disse isso.

— Bem, é assim.

Ele tentou sorrir uma vez mais, porque realmente, era uma conversa ridícula, mas veio outro ataque de tosse.

Ela franziu o cenho com preocupação.

— Talvez você devesse vir para Bricstan.

Ele não podia falar ainda, mas não obstante, lançou um olhar feroz.

— Preocupa-me que esteja aqui sozinho.

— Honoria — se aprumou para dizer, tossindo duas vezes mais antes de continuar.

— Voltará logo para Londres. A Senhora Royle é uma vizinha muito amável, estou seguro, mas prefiro me recuperar em meu próprio lar.

— Sim — respondeu Honoria, sacudindo a cabeça — Por não falar que provavelmente teria que se casar com Cecily antes que finalizasse o mês.

— Alguém disse meu nome — perguntou Cecily alegremente, retornando à sala com

uma manta de cor azul escura.

Marcus foi vencido por outro ataque de tosse, este só um pouco fingido.

— Aqui tem — disse Cecily.

Aproximou-se com a manta, logo pareceu não saber o que fazer com ela.

— Possivelmente deveria ajudá-lo — disse a Honoria.

Honoria tomou a manta das mãos dela e se aproximou de Marcus, desdobrando a medida que aproximava.

— Aqui — disse brandamente, inclinando-se para estender a suave lã em cima dele. Sorriu delicadamente enquanto a colocava por debaixo nos cantos — Está muito apertada?

Ele sacudiu a cabeça. Era estranho, ser atendido.

Quando ela terminou com sua tarefa, endireitou-se, respirando profundamente antes de anunciar que ele precisava tomar o chá.

— Oh, sim — concordou a Senhorita Royle — Isso seria o certo.

Marcus nem sequer tentou protestar desta vez. Com certeza estava com um aspecto patético, envolto em uma manta com o pé apoiado sobre a mesa, e nem sequer podia imaginar o que elas pensavam cada vez que começava a tossir. Entretanto, estava achando muito reconfortante ser atendido e se Honoria insistia que ele necessitava de chá, ficaria encantado de fazê-la feliz bebendo. Disse onde encontrar a aldrava para pedir o chá e ela o fez, acomodando-se em frente a ele depois de que uma empregada entrou e tomou seu pedido.

— Um médico veio examinar seu tornozelo? — perguntou ela.

— Não é necessário — disse — Não está quebrado.

— Tem certeza? Não é o tipo de coisas com que alguém deva correr riscos.

— Tenho certeza.

— Me sentiria melhor se...

— Honoria, silêncio. Não está quebrado.

— E sua bota?

— Sua bota? — perguntou a Senhorita Royle, mostrando-se perplexa.

— Essa, temo, está destruída — respondeu ele.

— Oh, Meu Deus — disse Honoria — Imaginei que poderiam ter que cortá-la.

— Tiveram que cortar sua bota? — ecoou a Senhorita Royle — Oh, mas isso é terrível.

— Seu tornozelo estava horrivelmente inchado — disse Honoria — Era a única maneira.

— Mas uma bota? — insistiu a Senhorita Royle.

— Não era uma de minhas botas favoritas — disse Marcus, tentando levantar o ânimo da pobre Senhorita Royle, que parecia como se alguém tivesse decapitado um cachorrinho.

— Pergunto-me se poderia fabricar uma só bota? — refletiu Honoria — Para fazer jogo com a outra. Então não seria um completo desperdício.

— Oh, não, isso nunca funcionaria — disse a Senhorita Royle, aparentemente era uma perita em tais temas — O couro nunca seria igual.

Marcus foi salvo de uma longa discussão sobre botas, pela chegada da Senhora Wetherby, sua governanta há muito tempo.

— Comecei a preparar chá antes que pedissem — anunciou, ocupada com uma bandeja.

Ele sorriu, sem ficar surpreso. Ela sempre fazia coisas desse estilo. As apresentou a Honoria e a Senhorita Royle, e quando ela saudou Honoria seus olhos ficaram iluminados.

— Oh, deve ser a irmã do Senhor Daniel! — exclamou a Senhora Wetherby, depositando sobre a mesa o jogo de chá.

— Sou — respondeu Honoria, radiante — Conhece-o, então?

— Conheço-o. Veio nos visitar umas poucas vezes, geralmente quando o Conde anterior estava fora da cidade. E é claro veio uma ou duas vezes desde que o amo Marcus converteu-se em Conde.

Marcus ficou vermelho diante do uso do título infantil. Mas nunca a corrigiria. A Senhora Wetherby fora como uma mãe enquanto crescia e frequentemente o único sorriso morno ou palavra de conforto em todo Fensmore.

— É maravilhoso conhecê-la — continuou a Senhora Wetherby — ouvi tanto de você.

Honoria piscou com surpresa.

— Sêrio?

Marcus também piscou surpreso. Não podia recordar ter falado jamais de Honoria

com ninguém, muito menos com sua governanta.

— Oh, sim — disse a Senhora Wetherby — Quando eram meninos, é claro. Devo confessar, ainda pensava em você como uma menina. Mas já está bastante crescida, não é verdade?

Honorina sorriu e assentiu.

— Agora, como está o chá? — perguntou a governanta, orvalhando leite nas três xícaras depois de Honorina e a Senhorita Royle dizer suas preferências.

— Passou muito tempo desde que vi o amo Daniel — continuou, levantando o bule para servir — É um pouco patife, mas eu gosto. Está bem?

Houve um silêncio incômodo e Honorina olhou Marcus procurando ajuda. Ele imediatamente esclareceu sua garganta e disse:

— Não devo ter contado Senhora Wetherby. Lorde Winstead está fora do país por vários anos — contaria o resto da história mais tarde, mas não diante de Honorina e sua amiga.

— Já vejo — disse ela, interpretando corretamente o silêncio como um sinal para não seguir adiante com o tema. Esclareceu a garganta várias vezes, logo entregou a primeira xícara e pires a Honorina — E um para você também — murmurou, entregando o segundo conjunto a Senhorita Royle.

Ambas agradeceram, e ela ficou de pé para entregar sua xícara a Marcus. Mas logo se voltou para Honorina.

— Você se assegurará de que o beba tudo, não é verdade?

Honorina sorriu.

— É claro.

A Senhora Wetherby se inclinou e sussurrou em voz alta:

— Os cavalheiros são terríveis pacientes.

— Ouvi isso — comentou Marcus.

Sua governanta dirigiu um olhar ardiloso.

— Supunha que o fizesse — E com isso fez uma reverência e saiu da sala.

O resto da visita transcorreu sem incidentes. Beberam o chá sendo que duas xícaras foi para o Marcus, diante da insistência de Honorina, comeram bolachas e falaram de detalhes variados até que Marcus começou a tossir uma vez mais, desta vez com uma

duração tal que Honoria insistiu em que retornasse à cama.

— É hora de nós duas sairmos — disse, ficando de pé com a Senhorita Royle — Estou segura que a Senhora Royle está ansiosa por nossa volta.

Marcus assentiu e sorriu agradecido quando insistiram em que não ficasse de pé por elas. Realmente sentia-se terrível, e suspeitava que pudesse ter que engolir o orgulho e pedir que o carregassem de volta a seu quarto. Depois que as damas se fossem, é claro.

Afogou um gemido. Odiava estar doente.

Uma vez na carruagem, Honoria tentou relaxar-se. Marcus mostrou-se doente, mas não era nada que uma semana de descanso e caldo não curasse. Mas seu momento de paz foi abruptamente interrompido quando Cecily anunciou.

— Um mês.

Honoria levantou o olhar.

— Perdão?

— Essa é minha predição.

Cecily levantou o dedo indicador, formou um pequeno círculo com ele e logo o endireitou uma vez mais.

— Um mês até que Lorde Chatteris peça a mão.

— De quem? — perguntou Honoria tentando ocultar sua surpresa.

Marcus não tinha mostrado nenhuma clara preferência por Cecily, e mais concretamente, não era próprio dela ser tão presumida.

— A sua, tola.

Honoria quase afogou-se com sua própria língua.

— Oh — disse, com grande emoção — Oh. Oh. Oh. Oh, não. Cecily sorriu.

— Não, não — Honoria poderia ter sido reduzida a uma idiota monossilábica, mas era uma idiota monossilábica falante — Não — repetiu — Oh, não.

— Inclusive eu estou disposta a fazer uma aposta — disse Cecily com malícia — Estará casada no final da temporada.

— Espero que sim — disse Honoria, finalmente encontrando seu vocabulário — Mas não será com Lorde Chatteris.

— Oh, assim agora é Lorde Chatteris, não é verdade? Não acredita que não notei que

o chamou por seu nome durante todo o tempo que estivemos ali.

— Assim é como o chamo sempre — protestou Honoria — Conheço-o desde que tinha seis anos.

— Seja como for, vocês dois... Oh, como posso dizê-lo? — Cecily franziu os lábios e levantou o olhar para o teto da carruagem — Agiam como se já estivessem casados.

— Não seja ridícula.

— Digo a verdade — disse Cecily, parecendo extremamente satisfeita consigo mesma. Soltou uma risada — Espere até que conte às outras.

Honoria quase saltou do outro lado da carruagem.

— Não se atreva!

— Parece-me que a dama protesta muito.

— Por favor, Cecily, tenha certeza disto, não há amor entre eu e Lorde Chatteris, e sei que nunca nos casaremos. Pulverizar rumores não fará mais que me fazer infeliz.

Cecily inclinou a cabeça para um lado.

— Não há amor?

— Agora está distorcendo minhas palavras. É claro que me importa. Foi como um irmão para mim.

— Muito bem — concedeu Cecily — Não direi nada.

— E...

— Até que estejam comprometidos. E então gritarei para aqueles que ouçam, eu predisse isto!

Honoria nem sequer se incomodou em responder. Não haveria compromisso e, portanto não haveria gritos de nada. Mas do que não se deu conta até mais tarde, foi que pela primeira vez disse que Marcus havia sido como um irmão para ela.

No verbo passado.

E já que não era um irmão para ela, o que era?

Capítulo 7



Honorina voltou para Londres no dia seguinte, a temporada não começaria antes de um mês, mas havia muito que fazer em preparações. De acordo com sua recém-casada prima Marigold, que veio visitá-la na primeira tarde que esteve de volta, o rosa era agora todo um furor, embora visitasse a costureira, tinha que tomar cuidado de chamá-lo de primrose, papoula ou rubi. Além disso, uma simplesmente tinha que ter uma coleção de braceletes. Ninguém podia fazer nada sem eles, assegurou Marigold.

Esse foi só o princípio dos conselhos de moda de Marigold, Honorina fez planos para visitar a costureira mais tarde nessa semana. Mas antes pensava que fazer mais que só selecionar seu tom favorito de rosa, primrose, para fazer as coisas simples, uma carta chegou para ela de Fensmore.

Honorina assumiu que devia ser de Marcus e a abriu com entusiasmo, surpresa de que tomasse tempo para escrever.

Mas quando desdobrou a única folha, a escrita era muito feminina para ter vindo de suas mãos. Franziu o cenho com preocupação, sentou-se para ler a carta.

Minha querida Lady Honorina.

Perdoe meu atrevimento em escrever, mas não sei a quem mais posso acudir. Lorde Chatteris não está bem, teve febre por três dias e ontem à noite ficou inconsciente. O Doutor foi chamado todas as tardes, mas não tem outro conselho mais do que esperar e observar.

Como você sabe o Conde não tem família. Mas sinto que tenho que notificar a alguém e, ele sempre falou tão bem de sua família.

Sua Senhora Wetherby

Governanta do Conde de Chatteris.

— Oh, não! — murmurou Honorina, olhando fixamente a carta até que seus olhos

ficaram cansados.

Como pode ser possível isto? Quando deixou Fensmore, Marcus estava com uma terrível tosse, sim, mas não mostrara nenhum sinal de febre. Não havia nada em seu aspecto que indicasse que pioraria bruscamente.

E, o que poderia significar o fato de que a Senhora Wetherby enviasse uma carta? Estava simplesmente informando sobre a condição de Marcus, ou estava pedindo implicitamente que ela fosse a Fensmore?

E caso significasse o último, isso queria dizer que a condição de Marcus era grave?

— Mãe! — gritou Honoria.

Ficou de pé sem pensar e começou a caminhar através da casa.

Seu coração começou a bater depressa, e começou a mover-se mais rápido, sua voz também mais alta.

— Mãe!

— Honoria? — Lady Winstead apareceu escada acima, agitando seu leque de seda favorito — O que pode estar passando? Houve algum problema com a costureira? Pensei que já tivesse planejado ir com Marigold.

— Não, não é isso — disse Honoria, apurando-se em subir as escadas — É Marcus.

— Marcus Holroyd?

— Sim, recebi uma carta de sua governanta.

— De sua governanta? Por que o faria ela...

— Eu o vi em Cambridge, lembra-se? Disse isso.

— Oh, sim, sim — Sua mãe sorriu — Que encantadora coincidência que tenha topado com ele. A Senhora Royle me escreveu uma nota a respeito disso, penso que ela espera que ele possa fazer uma proposta para sua filha.

— Mãe, aqui, por favor, lê isto — Honoria mostrou a carta da Senhora Wetherby — Está muito doente.

Lady Winstead rapidamente leu a curta nota, sua boca pressionando-se em um gesto preocupado.

— Oh, querida. Com efeito, esta é uma notícia muito ruim.

Honoria colocou a mão sobre o braço de sua mãe, tratando de convencê-la da

gravidade da situação.

— Devemos sair para Fensmore. Agora. Lady Winstead a olhou surpresa.

— Nós?

— Não tem a ninguém mais.

— Bem, isso não pode ser verdade.

— É — insistiu Honoria — Não recorda quanto frequentemente ficava conosco quando ele e Daniel estavam em Eton? Isso era porque não tinha nenhum outro lugar aonde ir. Acredito que ele e seu pai não se davam muito bem.

— Não sei, parece presunçoso — Sua mãe franziu o cenho — Não somos da família.

— Ele não tem família!

Lady Winstead mordeu seu lábio inferior.

— Era um menino agradável, mas não acredito...

Honoria pôs suas mãos nos quadris.

— Se não vier comigo, irei sozinha.

— Honoria! — Lady Winstead recuou para trás em choque e pela primeira vez na conversa uma faísca flamejou em seus pálidos olhos — Você não fará tal coisa, sua reputação cairá ao chão.

— Ele pode estar morrendo.

— Com certeza não é tão sério assim.

Honoria juntou suas mãos. Elas haviam começado a tremer, e seus dedos estavam terrivelmente frios.

— Se não fosse assim, sua governanta não teria escrito.

— Oh está bem — disse Lady Winstead, com um ligeiro suspiro — Sairemos amanhã.

Honoria sacudiu sua cabeça negando.

— Hoje.

— Hoje? Honoria! Você sabe que essas viagens precisam preparo, não posso simplesmente...

— Hoje, mãe, não há tempo a perder — Honoria apressou-se em descer as escadas falando sobre seu ombro — Eu cuidarei dos preparativos para a carruagem. Esteja pronta

dentro de uma hora!

Mas Lady Winstead, mostrou algo do fogo que havia possuído antes que seu único filho fosse banido do país. O fez melhor que isso. Estava pronta em quarenta e cinco minutos. Com as malas feitas, acompanhada por sua empregada e esperando por Honoria em frente a sala de estar. Cinco minutos mais tarde elas já estavam na estrada.

A viagem a Cambridgeshire do norte poderia ser feita em um longo dia, e era perto da meia noite quando a carruagem Winstead parou frente à Mansão Fensmore.

Lady Winstead adormeceu na parte norte de Saffron Walden, mas Honoria permaneceu o tempo todo acordada.

No momento em que deram a volta e a carruagem seguiu pelo comprido caminho para Fensmore, sua postura voltou a ficar tensa e alerta. Foi a única coisa que pode fazer para não agarrar o trinco da porta, tal como fez quando finalmente pararam.

Não esperou que ninguém a ajudasse. Em segundos abriu a porta, empurrando-a e descendo do degrau com um salto e foi apressada pelas escadas da frente.

A casa estava tranquila, e Honoria passou ao menos cinco minutos golpeando a aldrava acima e abaixo antes que finalmente visse a piscada de uma luz de vela em uma janela e ouviu passos apressados aproximando-se.

O mordomo abriu a porta. Honoria não recordava seu nome e antes que ele pudesse pronunciar uma palavra, ela disse,

— A Senhora Wetherby me escreveu a respeito da condição do Conde. Devo vê-lo imediatamente.

O mordomo deu um passo para trás brandamente, seus traços tão orgulhosos e aristocráticos como os de seu Senhor.

— Temo que isso seja impossível.

Honoria teve que agarrar com força o marco da porta para sustentar-se.

— O que quer dizer com isso? — sussurrou. Certamente Marcus não poderia ter sucumbido à febre no curto tempo desde que a Senhora Wetherby enviou a carta.

— O Conde está dormindo — replicou o mordomo com irritação — Não vou despertá-lo a esta hora da noite.

O alívio alagou Honoria como sangue correndo para um membro adormecido.

— Oh, obrigada — disse fervorosamente, alcançou e tomou sua mão — Agora, por

favor, devo vê-lo. Prometo que não o incomodarei.

O mordomo mostrou-se levemente alarmado com a mão dela sobre a dele.

— Não posso permitir que o veja a esta hora. Devo recordar que você ainda não teve a bondade de me dar seu nome.

Honorina piscou. Eram as visitas tão comuns em Fensmore que ele não podia recordar sua visita há uma semana? Depois percebeu de que ele estava franzindo os olhos na escuridão. Bom Deus, provavelmente não podia ver com clareza.

— Por favor, aceite minhas desculpas — disse com uma voz mais calma — Sou Lady Honorina Smythe-Smith e minha mãe a Condessa de Winstead, está esperando na carruagem com sua empregada, talvez alguém possa ajudá-la.

Uma mudança enorme se produziu na cara enrugada do mordomo.

— Lady Honorina! — exclamou — Rogo que me perdoe. Não a reconheci na escuridão. Por favor, por favor, entre — Tomou por um braço e a conduziu ao interior.

Honorina permitiu levá-la, diminuindo o ritmo, voltou-se para olhar para a carruagem.

— Minha mãe...

— Chamarei um laçao para que a atenda o mais breve possível — assegurou o mordomo — Mas devemos encontrar para você um aposento imediatamente. Não temos um preparado, mas temos alguns que podem estar prontos em pouco tempo — Deteve-se em uma porta, inclinou-se e apertou várias vezes uma corda — As empregadas estarão aqui imediatamente.

— Por favor, não as desperte — disse Honorina, embora suspeitasse ser muito tarde para isso, pelo vigor com que ele tinha puxado o cordão da campainha.

— Poderia falar com a Senhora Wetherby? Odeio despertá-la, mas é de extrema importância.

— É claro, é claro — assegurou o mordomo, fazendo-a entrar ainda mais na casa.

— E minha mãe... — disse Honorina jogando uma olhada nervosa para trás.

Depois de seus protestos iniciais, Lady Winstead estivera com um maravilhoso humor durante todo o dia. Honorina não queria deixá-la dormindo na carruagem. O cocheiro e as criadas nunca a deixariam desatendida, e é claro tinha sua empregada, sentada na almofada em frente e também adormecida, mas mesmo assim, não parecia correto.

— A receberei logo que ponha você em comunicação com a Senhora Wetherby —

disse o mordomo.

— Obrigada... — sentiu-se incomoda ao não saber seu nome.

— Springpeace, Milady — Ele apertou sua mão entre as dela.

As mãos dele estavam reumáticas e ele segurava muito fraco, mas havia certa urgência em seu apertão, também gratidão. Levantou seus olhos escuros encontrando-se com os dela.

— Posso dizer Milady que estou muito contente de que você esteja aqui?

Dez minutos mais tarde, a Senhora Wetherby estava parada com Honoria fora da porta do quarto de Marcus.

— Não sei se o Conde gostaria que você o visse em tal estado — disse a governanta — Mas vendo que chegou de tão longe para vê-lo...

— Não quero incomodá-lo — assegurou Honoria — Só preciso ver por mim mesma que está bem.

A Senhora Wetherby engoliu e a olhou com franqueza.

— Ele não está bem, Senhorita. Deve estar preparada para isso.

— Eu... Não quis dizer “bem” — disse Honoria titubeando — Quis dizer, Oh, e não sei o que quis dizer, só que...

A governanta colocou uma mão gentil em seu braço.

— Entendo. Está um pouco melhor agora que ontem quando escrevi a você. Honoria assentiu com a cabeça, mas com o movimento sentiu um aperto e incômodo.

Pensou que a governanta estava dizendo que Marcus não estava nas portas da morte. Mas isto fez pouco por assegurar porque isso significava que ele estivera. E se isso era verdade, não havia razão para pensar que ele não estaria assim outra vez.

A Senhora Wetherby pôs seu dedo indicador em seus lábios, indicando que guardasse silêncio, enquanto entravam na sala. Ela girou o pomo e a porta abriu-se lentamente sem o som das dobradiças.

— Ele está dormindo — sussurrou a Senhora Wetherby.

Honoria assentiu e deu um passo adiante, piscando pela pouca luz. Estava muito quente dentro da sala, e o ar era espesso e denso.

— Não está muito quente? — sussurrou à Senhora Wetherby.

Quase não podia respirar no abafado quarto e Marcus parecia estar enterrado em um montão de mantas e edredons.

— É o que o Doutor disse que fizesse — replicou a Senhora Wetherby — Sob nenhuma circunstância, devemos o deixar ficar resfriado.

Honoraria travou o pescoço de seu vestido, desejando que houvesse uma maneira de soltá-lo. E bom Deus, se ela estava tão incômoda, Marcus devia estar em agonia. Não podia imaginar que fosse saudável ser agasalhado com tanto calor.

Mas se estava bem aquecido, ao menos ele estava dormindo. Sua respiração soava normal, ou ao menos o que Honoria acreditava normal. Não tinha ideia de como seria escutar a uma em um leito de morte, supunha que não era nada fora do normal. Aproximou-se um pouco mais, inclinando-se.

Via-se terrivelmente suado. Só podia ver um lado de seu rosto, mas sua pele brilhava de maneira pouco natural, e o ar estava rançoso do aroma do suor humano.

— Realmente não acredito que deva estar debaixo de tantas mantas — sussurrou Honoria.

A Senhora Wetherby deu um pequeno encolhimento de ombro.

— O médico foi muito explícito.

Honoraria deu um passo mais perto, até que tocou com as pernas o lado de sua cama.

— Não se vê que está cômodo.

— Sei — concordou a Senhora Wetherby.

Honoraria levou uma mão tentativa para ver se podia ser capaz de tirar as mantas para trás, embora só fosse um centímetro ou dois. Agarrou a beira superior da colcha, deu o menor dos puxões, e então...

— Aaaaaach!

Honoraria gritou e saltou para trás, agarrando o braço a Senhora Wetherby.

Marcus praticamente se lançou em uma posição vertical e olhava freneticamente pelo aposento. E não aparentava estar vestindo roupa. Ao menos, não da cintura para acima, que era o que ela podia ver.

— Tudo está bem, tudo está bem — disse, mas faltava confiança na voz.

Não parecia tudo bem, e não sabia como fazer que soasse bem se pensava de outra maneira.

Ele respirava com dificuldade, e estava terrivelmente agitado, mas seus olhos não pareciam enfocá-la. De fato, não estava segura de que notou que se encontrava ali. Sua cabeça moveu-se bruscamente para trás e para frente, como se estivesse em busca de algo, e logo pareceu apressar-se em uma sacudida estranha.

— Não. — disse, embora não fortemente. Não parecia zangado, só molesto — Não.

— Não está acordado — disse brandamente a Senhora Wetherby.

Honorina assentiu lentamente, e a enormidade do que tinha levado a cabo finalmente se estabeleceu nela. Não sabia nada sobre a enfermidade, e certamente não sabia como cuidar de alguém com febre.

Era para isto que tinha vindo? Para cuidar dele? Estivera tão frenética de preocupação depois de ler a mensagem da Senhora Wetherby que tudo o que fora capaz de pensar era em vê-lo por si mesma. Não havia previsto nada sobre isto. Foi bem idiota. O que pensara que ia fazer uma vez que o visse?

Dar a volta e ir para casa? Iria ter que cuidar dele. Estava aqui agora, e fazer qualquer outra coisa seria impensável. Mas a possibilidade a aterrorizava. E caso fizesse algo errado? E se o colocasse pior?

Mas, o que outra coisa podia fazer? Necessitava-a. Marcus não tinha ninguém, e Honorina se surpreendeu, envergonhou-se um pouco, que ela não tinha notado isto até agora.

— Me sentarei com ele — disse à Senhora Wetherby.

— Oh, não, Senhorita, você não poderia. Não seria...

— Alguém deveria estar com ele — disse Honorina com firmeza — Não deveria estar sozinho.

Tomou o braço da governanta e a levou para o lado longínquo da sala. Era impossível levar a cabo uma conversa perto de Marcus. Voltou a deitar-se, mas estava dando voltas e se sacudia com tal violência que Honorina se estremecia cada vez que olhava para ele.

— Ficarei — disse a Senhora Wetherby.

Mas não soava como se de verdade era o que queria fazer.

— Suspeito que já tenha ficado muitas horas ao seu lado — disse Honorina — Eu ficarei por um tempo. Precisa descansar.

A Senhora Wetherby assentiu agradecida e quando chegou à porta do corredor, disse:

— Ninguém vai dizer nada. A respeito de você ficar no quarto dele. O prometo, nem uma alma de Fensmore dirá uma palavra.

Honoraria deu o que esperava fosse um sorriso tranquilizador.

— Minha mãe está aqui. Possivelmente não aqui no quarto, mas está aqui, em Fensmore. Isso deveria ser suficiente para manter as intrigas bem longe.

Com uma inclinação de cabeça, a Senhora Wetherby saiu da sala, e Honoria escutou o som de seus passos até que tudo ficou em silêncio.

— Oh, Marcus — disse brandamente, movendo-se lentamente de volta ao seu lado.

— O que está acontecendo?

Elevou uma mão para tocá-lo, então pensou, não, melhor não. Não seria apropriado, e, além disso, não queria incomodá-lo mais do que já estava.

Ele lançou um braço debaixo das mantas, rodando até que se instalou em uma posição de lado, seu braço livre estendido em cima da colcha. Não tinha percebido de que ele era tão musculoso. É claro que sabia que era forte. Era claro. Ele era... Deteve-se por um momento, pensando. Na realidade, não era claro. Não podia recordar a última vez que o vira levantar algo. Mas parecia forte.

Ele tinha esse olhar, um olhar muito dele. Capaz. Não eram todos os homens que possuíam. De fato, a maioria não, ao menos a maior parte dos que Honoria conhecia. Entretanto, não havia percebido que os músculos do braço de um homem poderiam ser tão bem definidos.

Interessante.

Inclinou-se para frente um pouco mais, abaixando a cabeça para um lado, em seguida, moveu a vela um pouco. Como se chamava esse músculo no ombro? O seu era realmente agradável.

Ofegou horrorizada pela direção de seus inadequados pensamentos, e deu um passo atrás. Não estava ali para olhar o pobre homem, estava ali para cuidar dele. E, além disso, se fosse comer com os olhos a alguém, absolutamente não deveria ser Marcus Holroyd.

Havia uma cadeira a uns passos de distância, assim que ela a puxou para frente o suficiente perto da cama para que pudesse saltar e estar com ele em um instante, mas não tão perto como para que ele pudesse pega-la em suas agitações.

Parecia mais magro. Não imaginava como poderia saber disso entre todos os edredons e colchas, mas definitivamente havia perdido peso.

Seu rosto estava consumido, e inclusive na tênue luz da vela, podia ver estranhas sombras sob seus olhos. Sentou-se muito quieta durante vários minutos, sentindo-se bastante tola, na realidade. Sentia-se como se tivesse que estar fazendo algo.

Supôs que olhá-lo era algo, mas não parecia muito, sobretudo porque ela estava tentando muito ver certas partes dele. Parecia ter-se acalmado e de vez em quando se agitava sob as mantas, mas na maior parte, dormia.

Mas, Senhor, fazia muito calor. Honoria estava ainda em sua roupa de dia, um bonito vestido abotoado pelas costas. Era uma das ridículas peças de indumentária feminina que possivelmente não poderia entrar ou sair por sua conta.

Sorriu. Algo assim como as botas de Marcus. Era bom saber que os homens podiam ser tão pouco práticos na moda como as mulheres.

De qualquer maneira, o vestido era absolutamente incorreto para estar usando como enfermeira. Aprumou-se para desfazer alguns dos botões superiores, praticamente estava sem fôlego quando os deixou soltos.

— Isto não pode ser saudável — disse em voz alta, agarrando o pescoço com dois dedos e abanando para trás e para frente em uma tentativa de ventilar seu pescoço suado.

Olhou para Marcus. Não parecia ter ficado incomodado com a voz dela.

Tirou os sapatos e, continuando, porque realmente, já havia despido o suficiente para arruinar sua reputação se alguém a encontrasse por acaso, agachou-se e tirou as meias.

— Ugh — Olhou para suas pernas com consternação. As meias estavam quase empapadas.

Com um suspiro de resignação as distribuiu na parte posterior de uma cadeira, mas pensou melhor. Provavelmente é melhor não os ter tanto a mostra. Assim os enrugou em uma bola e as empurrou dentro de seus sapatos. E enquanto estava de pé, agarrou a saia em suas mãos e a agitou para diante e detrás, tratando de refrescar suas pernas.

Isto era intolerável. Não importava o que disse o médico. Não podia acreditar que isto fosse passível. Caminhou para trás, à cama para olhar atentamente para baixo, para ele outra vez, guardando distância em caso de que voltasse a dar golpes a torto e a direito.

Calmamente, com cautela, estendeu uma mão. Não o tocou, mas se aproximou. O ar perto de seu ombro era muito mais quente que o resto da sala.

Tendo em conta o exagero, que pensava que era seu direito, devido a seu estado de sobre aquecimento. Mas mesmo assim. Olhou ao redor do quarto por algo com o que jogar

ar. Caramba deveria ter um dos leques de seda chinesa de sua mãe.

Mamãe sempre se abanava nestes dias. Nunca ia a nenhum lugar sem ao menos três deles embalados em seu tronco. Que era realmente o melhor, já que tendia a abandoná-los por toda parte da cidade. Mas não havia nada adequado para abanar, por isso Honoria inclinou-se e soprou gentilmente sobre Marcus. Não se moveu, o que tomou como um bom sinal.

Encorajada por seu êxito se de verdade era isso um êxito, já que não sabia nada, tentou de novo, com um pouco mais de força. Desta vez ele teve um pequeno tremor.

Ela franziu o cenho, insegura de que isso fosse uma coisa boa ou não. Como ele estava tão suado, corria o risco de esfriá-lo. Que era precisamente o que o Doutor não queria.

Sentou-se de novo, logo ficou de pé, e sentou-se novamente dando golpes sem descanso contra sua coxa. Voltou-se tão mau que praticamente teve que fechar de repente a outra mão para baixo na parte superior da outra, só para mantê-la quieta.

Isto era ridículo. Saltou aos seus pés e caminhou em volta de Marcus. Estava se movendo outra vez, golpeando sob as cobertas, embora não com a força suficiente para na verdade as tirar. Ela deveria tocá-lo. Realmente deveria. Era a única maneira de determinar quão quente estava sua pele. Não estava certa do que ia fazer com a informação, mas isso não importava. Se for sua enfermeira e aparentemente o era teria que ser mais atenta a sua condição.

Adiantou-se e tocou ligeiramente seu ombro com os dedos. Não estava tão quente como tinha esperado, mas isso poderia dever-se ao fato de que ela, também, estava muito quente. Estava suado, entretanto, e de perto pode ver que suas cobertas estavam empapadas.

Deveria tratar de removê-las? Ainda teria todas as outras mantas. Alongou a mão e deu à coberta um puxão, mantendo a outra mão na parte superior da manta para mantê-la em seu lugar. Mesmo assim, não funcionou, todo o conjunto se deslizou para ela, revelando uma longa perna ligeiramente dobrada.

Os lábios de Honoria se separaram. Ele também era bastante musculoso ali. Não, não, não, não, não, não. Ela não estava olhando Marcus.

Não era assim. Não ele. Definitivamente não ele. E, além disso, teria que devolver a manta ao seu lugar antes que ele se virasse e se revelasse completamente, porque não fazia ideia se ele usava roupa interior. Não tinha nada em seus braços, e nada em suas pernas,

por isso era razoável...

Olhou a sua parte do meio. Não, não podia. Continuava coberto, é claro, mas se acidentalmente se tropeçasse com a cama...

Agarrou um pedaço da manta e a empurrou, tratando de cobri-lo de volta. Alguém mais ia ter que trocar suas cobertas.

Meu Deus estava quente. Como poderia ter ficado tão quente? Talvez pudesse ir lá fora por um momento. Ou abrir a janela um pouco e ficar perto dela.

Ventilou o ar perto de seu rosto com a mão. Teria que sentar-se de novo. Havia uma cadeira em perfeito estado, e ela poderia sentar-se ali, com as mãos recatadamente em seu colo até a manhã. Somente olharia uma vez mais para ele, só para estar segura de que estava bem.

Agarrou a vela e a sustentou sobre seu rosto.

Seus olhos estavam abertos.

Deu um cuidadoso passo atrás. Ele tinha aberto seus olhos antes. Isto não significava que estivesse acordado.

— Honoria? O que está fazendo aqui? Ele, entretanto, estava.

Capítulo 8



Marcus sentia-se terrível.

Não, sentia-se como se tivesse ido ao inferno. E retornado. E talvez tivesse ido de novo, só porque não estava o suficientemente quente a primeira vez.

Não tinha ideia de quanto tempo estivera doente. Talvez um dia? Dois?

A febre tinha começado... Na terça-feira? Sim, na terça-feira, embora isso na realidade não tivesse importância, já que não tinha ideia de que dia era hoje.

Ou noite. Pensou que poderia ser de noite. Parecia escuro, e...

Maldição! Como fazia calor. Realmente, era difícil pensar em algo mais que o insuportável calor.

Talvez tivesse ido ao inferno e logo gasto todo o maldito lugar com ele. Ou talvez ainda estivesse no inferno, embora se fosse assim, as camas eram cômodas, sem dúvida.

O que parecia contradizer tudo o que havia aprendido na igreja.

Bocejou, estirando o pescoço para a esquerda e para a direita antes de voltar a colocar a cabeça no travesseiro. Conhecia este travesseiro. Era suave, de pluma de ganso, e com a grossura adequada. Estava em sua própria cama e em seu próprio dormitório. E era noite, sem dúvida, pois estava escuro. Sabia disso apesar de não ter forças para abrir as pálpebras.

Podia ouvir à Senhora Wetherby andando de um lado a outro pelo quarto. Supôs que estivesse ao seu lado durante sua enfermidade. Isto não o surpreendeu, mas mesmo assim, estava agradecido por sua atenção. Trouxe caldo quando começara a sentir que estava doente, e recordava vagamente a consulta com um Doutor. O par de vezes que havia atravessado sua bruma febril, ela estivera ali, velando por ele.

Tocou o ombro, seus dedos suaves e ligeiros. Entretanto, isso não foi suficiente para

tirá-lo de seu estupor. Não podia mover-se. Estava muito cansado. Não recordava ter estado tão cansado. Doía todo o corpo e sua perna realmente doía muito. Só queria voltar a dormir. Mas fazia tanto calor. Por que alguém manteria um quarto tão quente?

Como se escutasse seus pensamentos, a Senhora Wetherby tirou a manta, e Marcus felizmente rodou para o lado, tirando a perna boa para fora dos lençóis.

Ar! Querido Deus, sentia-se bem.

Talvez pudesse afastar todas as mantas. Estaria completamente escandalizada ela o visse ali quase nu? Provavelmente, mas se fosse o melhor para ele..

Mas então ela começou a por de novo as mantas sobre seu corpo, o que era quase suficiente para dar vontade de chorar. Invocando até a última reserva de energia, abriu os olhos, e...

Não era a Senhora Wetherby.

— Honoria? — disse com voz rouca — O que está fazendo aqui?

Ela pulou para trás sobre um pé, deixando escapar um grito peculiar que machucou seus ouvidos. Fechou os olhos outra vez. Não estava com energia para falar com ela, embora sua presença fosse muito estranha.

— Marcus? — disse, com uma voz estranhamente urgente — Pode dizer algo? Está acordado?

Deu um pequeno assentimento de cabeça.

— Marcus? — Agora estava mais perto, e podia sentir seu fôlego no pescoço. Era horrível. Muito quente, e muito próximo.

— Por que está aqui? — perguntou de novo, arrastando as palavras em sua língua como xarope quente — Deveria estar...

Onde deveria estar? Londres pensou. Não era assim?

— Oh, graças a Deus.

Tocou a testa com a mão.

Sua pele estava quente, mas por outro lado, tudo estava quente.

— Hon... Hono...

Não conseguia falar o resto de seu nome. Tentou, moveu os lábios, e tomou umas quantas respirações mais. Mas tudo aquilo era muito esforço, sobretudo porque não parecia responder a sua pergunta. Por que estava ali?

— Está muito doente — disse.

Assentiu com a cabeça. Ou pensou que poderia tê-lo feito.

— A Senhora Wetherby escreveu para Londres.

Ah, então era isso. Mesmo assim, era muito estranho.

Ela tomou a mão dele entre as dela, acariciando-a com um gesto nervoso e ligeiro.

— Vim logo que pude. Minha mãe também está aqui.

Lady Winstead? Tratou de sorrir. Gostava de Lady Winstead.

— Acredito que ainda tem febre — disse Honoria, soando insegura — Sua fronte está bastante quente. Embora tenha que dizer que este quarto está transbordante de calor. Não sei como posso distinguir quanto calor é seu, e quanto é simplesmente o ar.

— Por favor — disse gemendo, balançando um braço para diante para alcançar o seu. Abriu os olhos, piscando ante a tênue luz — A janela.

Negou com a cabeça.

— Sinto muito. Tomara que pudesse. A Senhora Wetherby disse que o Doutor indicou...

— Por favor.

Estava rogando, diabos, quase soava como se fosse chorar. Mas não importava. Só queria que abrisse a maldita janela.

— Marcus não posso... — Mas parecia destroçada.

— Não posso respirar — disse.

E, honestamente, não acreditava que ele pudesse estar exagerando.

— Oh, está bem — disse, apressando-se para a janela — Mas não diga a ninguém.

— Prometo — murmurou.

Não podia obrigar-se a girar a cabeça para olhar, mas podia escutar cada movimento no denso silêncio da noite.

— A Senhora Wetherby foi muito firme — disse, retirando a cortina — O quarto devia permanecer quente.

Marcus grunhiu e tratou de levantar uma mão em um gesto depreciativo.

— Não sei nada sobre cuidar de doentes... — Nesse momento ouviu-se o ruído da

janela sendo aberta — mas não posso imaginar que seja saudável ficar assando-se de tanto calor quando se tem febre.

Marcus sentiu os primeiros indícios de ar mais frio tocar sua pele, e quase chorou de felicidade.

— Nunca tive febre — disse Honoria, voltando para seu lado — Ou ao menos não que eu recorde. Não é isso estranho?

Podia ouvir o sorriso em sua voz. Inclusive sabia exatamente que tipo de sorriso era um pouco tímido, com um pingo de assombro. Frequentemente sorria dessa maneira. E cada vez, o lado direito de sua boca se levantava um pouco mais que o esquerdo. E agora podia ouvi-la. Era encantadora. E estranha. Que estranho que a conhecesse tão bem.

Conhecia Honoria é claro, melhor que qualquer pessoa. Mas isso não era o mesmo que conhecer os sorrisos de alguém. Ou era?

Ela aproximou uma cadeira à cama e sentou-se nela.

— Nunca me ocorreu até que cheguei aqui para cuidar de você. Refiro-me a que nunca tive febre. Minha mãe diz que são terríveis.

Veio por ele? Não sabia por que achava isto tão notável. Não havia ninguém mais em Fensmore por quem teria vindo, e estava ali, em seu quarto de doente, mas mesmo assim, de algum jeito parecia... Bem, não estranho. Nem surpreendente, tampouco.

Só...

Inesperado.

Tratou de limpar sua mente cansada. Poderia algo não ser surpreendente e inesperado? Porque isso é o que era. Nunca teria esperado que Honoria deixasse tudo e viesse a Fensmore para cuidar dele. Entretanto, agora que estava ali, não era surpreendente absolutamente.

Sentia-se quase normal.

— Obrigado por abrir a janela — disse em voz baixa.

— Não há de que. — Tratou de sorrir, mas não pode ocultar a preocupação em seu rosto — Estou segura de que não se necessita muito para me convencer. Não acredito ter tido sentido tanto calor em minha vida.

— Nem eu — Tentou brincar.

Ela sorriu então, e o fez de verdade.

— Oh, Marcus — disse, estendendo a mão para afastar o cabelo da testa.

Sacudiu a cabeça, mas não parecia como se soubesse por que estava fazendo aquilo.

O cabelo dela estava caído no rosto, imperturbavelmente liso como sempre. Soprou contra ele, tratando de afastá-lo de sua boca, mas voltou a cair. Finalmente, moveu-o com os dedos, colocando-o atrás de sua orelha.

Caiu de novo sobre seu rosto.

— Nota-se que está cansada — disse com voz rouca.

— E diz o homem que não pode manter os olhos abertos.

— Touché — disse de algum jeito conseguindo enfatizar a declaração com um pequeno movimento de seu dedo indicador.

Ela guardou silêncio por um momento e logo deu um pequeno pulo.

— Você gostaria de beber algo? — Ele assentiu com a cabeça — Sinto muito. Devia ter perguntado quando despertou. Deve estar terrivelmente sedento.

— Só um pouco — mentiu.

— A Senhora Wetherby deixou uma jarra de água — disse, alongando a mão para algo na mesa atrás dela — Não está fria, mas acredito que mesmo assim será refrescante.

Assentiu com a cabeça outra vez. Algo por baixo do fervor seria refrescante. Estendeu um copo, mas percebeu de que não ele não seria capaz de usá-lo em sua atual posição deitada.

— Vou ajuda-lo a se levantar — disse, deixando o copo sobre a mesa.

Estendeu as mãos ao redor dele e, com mais determinação que força, ajudou Marcus a sentar-se.

— Aqui tem — disse, soando tão eficiente como uma governanta — Assim, ehm, terá que acomodar essa manta, e tomar um pouco de água.

Piscou um par de vezes, cada movimento tão lento que não estava muito seguro se abriria seus olhos de novo. Não vestia nenhuma camisa.

Era curioso como acabava de perceber isso. Mais curioso ainda que não fosse capaz de convocar nenhuma preocupação por suas sensibilidades virginais.

Ela poderia estar ruborizando-se, mas não podia saber, pois estava muito escuro para ver. Mas não importava. Esta era Honoria. Era uma boa pessoa. Uma pessoa sensata.

Não ficaria marcada para sempre pela visão de seu peito.

Tomou um gole de água, e logo outro, e percebeu quando um pouco gotejou pelo queixo.

Querido Senhor, sentia-se bem em sua boca. Sua língua estava grossa e seca. Honoria fez um pequeno murmúrio, e em seguida estendeu a mão para frente e limpou a umidade da pele dele.

— Sinto muito — disse — Não tenho um lenço.

Assentiu devagar com a cabeça, algo dentro dele memorizando a forma em que seus dedos moviam-se contra sua face.

— Esteve aqui antes — disse. Olhou-o em questionamento.

— Tocou meu ombro.

Um leve sorriso curvou os lábios dela.

— Isso aconteceu há alguns minutos.

— Foi? — Pensou nisso — Oh.

— Já estou aqui há várias horas — disse ela. Seu queixo moveu-se uns poucos centímetros.

— Obrigado.

Essa era sua voz? Maldição! Como soava débil.

— Não posso expressar quanto estou aliviada em vê-lo acordado. Quero dizer, está terrível, mas pode-se perceber que está muito melhor que antes. Está falando. E está sendo coerente — Aproximou as mãos e as entrelaçou, o gesto nervoso e talvez inclusive um pouco frenético — O que é mais do que posso dizer de mim agora mesmo.

— Não seja tola — disse ele.

Ela sacudiu a cabeça apressadamente, depois olhou para outro lado. Mas a viu secar os olhos rapidamente com a mão. Ele a fez chorar. Sentiu que sua cabeça caía um pouco para um lado.

Só pensar nisso era fatigante. Dilacerador. Nunca quis fazer Honoria chorar.

Ela... Não devia estar... Engoliu saliva. Não queria que chorasse. Estava tão cansado. Não sentia como se soubesse muito, mas sabia isso.

— Assustou-me — disse — não acreditava que podia fazer isso — Parecia como se

estivesse tratando de brincar com ele, mas podia perceber que estava fingindo. Valorizou o esforço, entretanto.

— Onde está a Senhora Wetherby? — perguntou.

— Eu a mandei para a cama. Estava esgotada.

— Bem.

— Ela cuidou diligentemente de você.

Assentiu com a cabeça outra vez, esse pequeno movimento que esperava pudesse ver.

Sua governanta cuidara dele na última vez que esteve com febre, quando completou onze anos. Seu pai não havia entrado no quarto nem uma vez, mas a Senhora Wetherby não deixara seu lado. Queria contar a Honoria sobre isso, ou talvez sobre aquela vez que seu pai havia saído de casa antes do Natal e ela se encarregou de colocar tanto azevinho que Fensmore ficou cheirando como bosque durante semanas. Foi o melhor Natal do mundo, até o ano que foi convidado a passar o Natal com os Smythe-Smith.

Esse havia sido o melhor. Esse sempre seria o melhor.

— Quer mais água? — perguntou Honoria.

Ele queria, mas não tinha certeza de que teria a energia suficiente para engolir adequadamente.

— Eu o ajudarei — disse, colocando o copo em seus lábios.

Deu um pequeno gole, depois deixou escapar um suspiro de cansaço.

— Dói-me a perna.

— Provavelmente ainda tem uma torcedura — disse com um assentimento de cabeça.

Ele bocejou.

— Sinto a perna um pouco ardente. Com uma dor um pouco aguda.

Seus olhos se alongaram. Não podia culpá-la. Tampouco tinha ideia do que queria dizer.

Ela inclinou-se para adiante, com o cenho franzido de preocupação, e uma vez mais apalpou sua fronte com a mão.

— Está começando a ficar quente de novo.

Tratou de sorrir. Pensou que talvez o tivesse feito pelo menos em um dos lados de sua boca.

— Não estava da última vez?

— Não — disse com franqueza — Mas se sente mais quente agora.

— Vem e vai.

— A febre?

Assentiu com a cabeça.

Ela apertou os lábios, e pareceu mais velha do que jamais a vira antes. Não velha, não podia vê-la velha. Mas parecia preocupada. Seu cabelo parecia igual, recolhido em seu habitual coque solto. E se movia da mesma maneira, com esse alegre modo de andar que era tão singularmente dela.

Mas seus olhos estavam diferentes. De algum jeito, mais escuros. Retesando seu rosto com preocupação. Não gostava.

— Posso tomar um pouco mais de água? — perguntou. Não recordava ter estado tão sedento.

— É claro — ela disse rapidamente, e verteu mais água da jarra no copo.

Marcus a tomou de um gole, uma vez mais, muito rápido, mas desta vez ele mesmo limpou o excesso de água com o dorso da mão.

— É provável que volte — advertiu

— A febre — Esta vez, quando o disse, não era uma pergunta. Ele assentiu com a cabeça.

— Pensei que devia saber.

— Não entendo — disse, agarrando o copo de sua mão trêmula — Estava perfeitamente bem quando o vi pela última vez.

Tratou de levantar uma sobrancelha. Não estava seguro de ter obtido êxito.

— Ah, muito bem — corrigiu-se — Não perfeitamente bem, mas estava claramente se recompondo.

— Tinha tosse — recordou.

— Sei. Mas não acredito... — Deixou escapar um bufo autocrítico e sacudiu a cabeça — O que estou dizendo? Não sei nada sobre enfermidades. Nem sequer sei por que pensei que poderia ser capaz de cuidar de você. Não pensei, na realidade.

Não tinha ideia do que estava falando, mas por alguma razão inexplicável, ele estava

feliz.

Ela sentou-se na cadeira ao seu lado.

— Só vim. Recebi a carta da Senhora Wetherby, e nem sequer me detive para pensar no fato de que não havia nada que pudesse fazer para te ajudar. Só vim.

— Está ajudando — sussurrou. E ela estava ajudando mesmo.

Já estava sentindo-se melhor.

Capítulo 9



Honorina despertou nesse dia com dor. Seu pescoço estava rígido, suas costas doíam, e seu pé esquerdo adormeceu totalmente. Sentia calor e estava suada, o que a fazia sentir-se incômoda e extremamente nada atraente. E possivelmente cheirando mal.

E por falar em cheirar mal, referia-se...

Oh, por que se incomodaria, qualquer um que se aproximasse a cinco metros dela, saberia do que se tratava.

Fechou a janela logo depois que Marcus adormeceu. Quase a matara fazer isso, ia contra todo sentido comum. Mas não estava o suficientemente segura, para desafiar as instruções do Doutor e deixá-la aberta.

Tirou os sapatos, fazendo uma careta enquanto pequenas agulhas de dor passavam através dela. Além de tudo, odiava quando seu pé dormia. Agachou-se para apertá-lo, tratando de restaurar a circulação, mas isto só fez com que toda a parte de baixo de sua perna esquerda parecesse como se estivesse em fogo.

Com um bocejo e um grunhido, parou, tratando de ignorar o onisciente rangido de suas articulações. Havia uma razão pela qual os seres humanos não dormiam em cadeiras. Meio caminhando e meio coxeando, fez seu caminho até a janela, desejosa de retirar as cortinas e deixar que ao menos um pouco de sol entrasse.

Marcus estava dormindo, assim não queria por tudo muito brilhante, mas estava sentindo um urgente desejo de vê-lo.

A cor de sua pele, os círculos sob seus olhos. Não sabia o que poderia fazer com esta informação, mas não tinha certeza de nada, desde que entrou no quarto dele noite anterior.

E necessitava uma razão para levantar-se dessa condenada cadeira.

Afastou um lado da cortina, piscando diante da corrente de luz. Não podia ser muito mais à frente do amanhecer, o céu ainda possuía uma cor rosada e cor pêssego, e a névoa

da manhã estava fluindo brandamente pela grama.

Aquilo era muito bonito suave e fresco, e Honoria abriu a janela de novo, pressionando seu rosto pela pequena abertura, só para respirar a brisa fria.

Mas tinha um trabalho a fazer.

Assim deu um passo para trás e deu a volta, com toda a intenção de por a mão na testa de Marcus e comprovar se a febre havia retornado. Mas antes que tivesse dado mais passos, ele virou o corpo mesmo estando dormindo e...

Bom Deus, seu rosto estava tão vermelho a noite anterior? Depressa foi para o lado dele, tropeçando sobre o seu ainda adormecido pé esquerdo. Via-se terrível... Vermelho e inchado, e quando tocou sua pele, estava seca.

E quente. Terrivelmente quente.

Rapidamente, Honoria correu para a jarra de água, não viu nenhuma toalha ou lenços, assim afundou suas mãos dentro, e em seguida as colocou nas faces dele, tratando de abaixar a temperatura. Mas era claro que isto não ia ser uma solução sustentável, por isso se precipitou a um conjunto de gavetas, abrindo por turnos, até que encontrou o que pensava fossem lenços. Foi só quando sacudiu um para molhá-lo na água, percebeu que era outra coisa.

Oh, querido Deus. Estava a ponto de por umas peças indizíveis no rosto dele. Sentiu que seu próprio rosto ficava vermelho, enquanto espremia o excesso de água, apressou-se para voltar para seu lado. Murmurou uma desculpa, não que ele estivesse o suficientemente sensível para entender, ou para ofender-se pelo que ia fazer e pressionou a roupa molhada sobre a fronte de Marcus.

Imediatamente ele começou a sacudir-se e girar a cabeça, fazendo sons estranhos e preocupantes... Grunhidos e meias palavras, palavras sem princípio ou fim.

Escutou um, “para” e “não”, mas também pensou que tinha escutado, “facilitar, corte de barba e passarela”.

E definitivamente o escutou dizer:

— Daniel.

Piscando as lágrimas, deixou seu lado por um momento para aproximar-se da jarra de água.

Ele havia tirado a roupa fria de seu rosto no momento em que ela voltou, e quando tratou de voltar a colocar, ele a tirou novamente.

— Marcus — disse severamente, embora soubesse que não poderia escutá-la — Tem que me deixar ajudá-lo.

Mas ele lutou contra ela, golpeando aqui e ali até que ficou praticamente sentada nele só para mantê-lo quieto.

— Para — gritou quando a empurrou — Você. Não. Vai. Ah. Ganhar. E com isso... — entupiu-se duramente a um de seus ombros com o antebraço — Refiro-me a que se eu puder ganhar, você ganha.

Ele ergueu-se de repente e as duas cabeças se golpearam. Honoria deixou sair um grunhido de dor, mas não o deixou ir.

— Oh, não. Não o fará — disse entre dentes — E por isso me refiro... — Pôs seu rosto mais perto do dele — Você não vai morrer.

Usando todo seu peso para mantê-lo quieto, estirou um braço para a jarra de água, tratando de voltar a empapar a roupa.

— Amanha sei que irá me odiar, quando se der conta do que coloquei em seu rosto — disse, pondo-o de novo em sua fronte. Não queria ser tão brusca, mas não estava dando muitas oportunidades de movimentos gentis — Se acalme — disse lentamente, movendo a roupa na face dele — Se você ficar calmo, eu prometo que irá ficar muito melhor — Afundou a roupa de novo — O que realmente empalidece em comparação com o muito melhor que eu me sentirei.

Depois, conseguiu por a roupa molhada em seu peito, o que há muito tempo havia notado que estava nu. Mas ele parecia que não estava gostando disso pois continuou empurrando-a fortemente, tombando-a pelo lado da cama, e então ela caiu sobre o tapete com um ruído discordante.

— Oh, não. Não o fará — murmurou pronta para voltar a dar tudo o que tinha.

Mas antes que pudesse deslizar-se ao redor da cama para a jarra de água, tirou uma perna por debaixo das mantas, empurrando-a pelo ventre.

Cambaleou, agitando os braços para frente em uma tentativa desesperada para recuperar o equilíbrio antes que caísse no chão novamente. Sem pensar agarrou o primeiro objeto que sua mão conectou.

O coração da Honoria golpeou com o triplo de velocidade ao segurar o que ela imaginou que fosse a perna dele, soltando-a em seguida. Sem nada que a sustentasse, caiu ao chão, aterrissando em seu cotovelo direito.

— Owwww!

Chorou, deixando sair seu próprio grito de dor enquanto espasmos baixavam até a gema dos dedos. Mas de algum jeito ficou sobre seus pés, sustentando o cotovelo.

O som que fez Marcus... Fora desumano.

Ainda estava soluçando quando chegou ao lado da cama, e respirava com dificuldade também, respirações superficiais feitas para evitar a dor.

— O que está acontecendo? — sussurrou Honoria. Isto não era de febre.

Ela havia segurado a perna dele. Aí foi quando percebeu que sua mão estava pegajosa.

Até agarrando seu cotovelo, girou a mão, girando-a até que sua palma ficou de barriga para cima.

Sangue.

— Oh, meu Deus!

Com um sentimento instável no estômago, deu um passo para ele. Não queria assustá-lo, mas o sangue... Não era dela.

Ele havia tornado a colocar sua perna sob os cobertores, assim com cuidado levantou o lençol, retraindo-a até que sua perna estivesse até seu joelho.

— Oh, meu Deus!

Uma longa e irritada ferida aberta em um lado de sua panturrilha, supurando sangue e algo mais que nem sequer queria considerar. A perna estava terrivelmente torcida e descolorida, a pele ao redor da ferida estava vermelha e reluzente com um brilho horrível. Via-se terrível, como algo podre. Com horror Honoria se perguntou se estava podre.

Deixou cair à manta e cambaleou para trás, apenas capaz de manter dentro o conteúdo de seu estômago.

— Oh, meu Deus — disse de novo, incapaz de dizer algo mais, sem poder pensar algo mais.

Isto tinha que ser a causa da febre. Não tinha nada que ver com o resfriado e a tosse.

Sua mente girou. Tinha uma ferida infeccionada. Deve ter sido quando sua bota foi rasgada. Por que não o mencionara antes? Deveria ter dito a alguém.

Deveria ter dito a ela.

Um pequeno golpe soou na porta, e a Senhora Wetherby colocou sua cabeça.

— Tudo está bem? Escutei um barulho tremendo.

— Não. — respondeu Honoria, sua voz estridente e com pânico. Precisava ser racional.

Não era de ajuda para alguém assim.

— A perna dele. Sabia de sua perna?

— Do que está falando? — perguntou a Senhora Wetherby, vindo rapidamente para o lado dela.

— A perna de Marcus está terrivelmente infeccionada. Estou convicta de que essa é a causa de sua febre. Tem que ser.

— O Doutor disse que era pelo resfriado. Ele... Oh! — a Senhora Wetherby estremeceu quando Honoria levantou a manta para mostrar a perna de Marcus — Oh, meu querido céu — Deu um passo atrás, cobrindo a boca com sua mão. Parecia que até ela tivesse ficado doente — Não tinha nem ideia. Nenhum de nós. Como é que não vimos isso?

Honoria perguntava para si mesma exatamente o mesmo, mas esse não era o momento de apontar com o dedo.

Marcus necessitava de que trabalhassem juntas, não que brigassem para ver quem tinha a culpa.

— Temos que chamar o Doutor — disse a Senhora Wetherby — Imagino que precisa ser limpo.

A governanta deu um pequeno assentimento.

— Vou mandar trazê-lo.

— Quanto tempo demorará chegar?

— Depende, caso não esteja vendo outros pacientes. Se estiver em seu lar, o laçao pode estar de volta com ele em menos de duas horas.

— Duas horas? — Honoria mordeu seu lábio em uma tardia tentativa de amortecer seu grito.

Nunca vira algo assim, mas tinha escutado histórias. Isto era um tipo de infecção que matava a um homem. Rapidamente.

— Não podemos esperar duas horas.

Necessita atenção médica agora.

A Senhora Wetherby virou-se para ela com olhos assustados.

— Sabe como limpar uma ferida?

— É claro que não, e você?

— Nada como isso — respondeu a Senhora Wetherby, olhando a perna de Marcus com uma expressão enjoada.

— Bem, como cuidaria de uma menor? — demandou Honoria — A uma ferida quero dizer.

A Senhora Wetherby, retorceu suas mãos juntas, seus olhos cheios de pânico passando de Honoria há Marcus.

— Não sei — balbuciou — Uma compressa imagino. Algo para tirar o veneno.

— O veneno? — Honoria ecoou.

Bom Deus, isso soava de positivamente medieval.

— Chame o médico — disse, tratando de parecer mais segura do que se sentia — Agora. E logo venha de volta. Com água quente. E toalhas. E algo que se possa imaginar.

—Tenho que trazer sua mãe?

— Minha mãe?

Honoria a olhou boquiaberta, não porque houvesse nada particularmente ruim em ter a sua mãe no quarto do doente.

Pelo contrário, por que a Senhora Wetherby pensava nisso agora?

— Não sei. O que você pensar que é o melhor. Mas depressa.

A Senhora Wetherby assentiu com a cabeça e saiu correndo da sala.

Honoria olhou de volta ao Marcus. Sua perna estava ainda exposta ao ar, à furiosa ferida frente a ela como uma ebulição.

— Oh, Marcus — sussurrou — como pode ter acontecido isto?

Segurou a mão dele e desta vez ele não a empurrou. Parecia ter se acalmado um pouco, sua respiração estava melhor inclusive do que fora só uns minutos antes, e era possível que sua pele não estivesse tão vermelha?

Ou estava tão desesperada por qualquer sinal de melhoria que estava vendo coisas que não estavam ali?

— Talvez — disse em voz alta — mas eu tomarei qualquer sinal de esperança —

obrigou-se a olhar sua perna mais de perto.

Seu estômago perigosamente turvado, mas empurrou para baixo seu desgosto. Tinha que começar a limpar a ferida. Só o céu sabia quanto tempo demoraria o médico para chegar, e embora uma compressa fosse melhor com água quente, não tinha nenhuma boa razão para não começar com o que tinha.

Marcus havia jogado a roupa úmida que ela estivera usando para refrescá-lo através de todo o quarto, assim foi a sua cômoda e tirou outro par de seus calções, tratando de não dar-se conta de nada a respeito deles a não ser que fosse o fato de que era roupa bastante suave.

Enrolou-os em uma forma cilíndrica solta e inundou um extremo na água.

— Sinto-o muito, Marcus — sussurrou, e logo tocou o pano úmido inclusive mais brandamente sobre a ferida.

Ele não se alterou.

Deixou escapar o fôlego que estivera contendo e olhou o tecido. Estava vermelho com pontos de seu sangue, e também amarelado pela infecção que emanava da ferida.

Sentindo-se um pouco mais segura de suas habilidades de enfermeira, ajustou o tecido a uma zona limpa e outra vez pressionou contra a ferida, pressionando um pouco mais que a primeira vez. Não parecia incomodar muito, por isso repetiu o procedimento, e logo outra vez, até que ficou um pano muito pouco limpo.

Olhou preocupada para a porta. Onde estava à Senhora Wetherby? Honoria estava fazendo progressos, mas sabia que poderia fazer um trabalho melhor com água quente. Não descansaria, ainda não, enquanto Marcus estava relativamente calmo.

Foi à escrivaninha e apanhou outro par de calções de Marcus.

— Não sei o que vai usar quando acabar com você — disse, com as mãos nos quadris — De volta na água — disse a si mesma, molhando o tecido.

Pressionou mais forte desta vez. Supunha que a pressão sobre os cortes e arranhões detivesse o sangramento, era o muito que sabia. Não estava exatamente sangrando agora, mas certamente a pressão não faria mal.

— E com isto quero dizer que se fizer dano de maneira permanente — disse a Marcus, que permaneceu felizmente inconsciente — Estou bastante segura de que isso faria mal agora mesmo.

Inundou o tecido uma vez mais, encontrando um agradável emplastro de roupa limpa,

e logo o trasladou à parte da ferida que sabia que estivera evitando. Aí havia um lugar perto da parte superior que era mais feio que o resto... Um pouco mais amarelo, sem dúvida mais inflamada.

Limpou ligeiramente, tratando de não lhe fazer dano, e em seguida, quando ele não fez nada a não ser murmurar em seu sonho, apertou um pouco mais forte.

— Um passo de cada vez — sussurrou, obrigando-se a tomar uma respiração relaxante — Só um — Podia fazer isto. Podia ajudá-lo. Sim, podia. Era como se tudo em sua vida tivesse conduzido a este momento — É por isso que não me casei o ano passado — disse — Não estaria aqui para cuidar de você — Pensou nisso por um momento — É claro, há quem poderia argumentar que não estaria nesta situação se não fosse por mim. Mas não vamos nos fixar nisso.

Manteve-se em seu trabalho, limpando cuidadosamente a ferida, e logo fez uma pausa para estirar o pescoço de lado a lado. Olhou o tecido em suas mãos. Ainda era desagradável, mas já não incomodava mais.

— Já se vê — disse — Deve significar que estou melhorando.

Pensou que o estava fazendo melhor, também. Estava tratando de fato de ser prática, mas logo, de um nada, justo depois de que declarara com tanto garbo que estava melhorando “nisto”, uma grande explosão de som de asfixia saiu da garganta dela.

Foi em parte um suspiro, em parte um espantoso ofego, e a surpreendeu por completo.

Marcus poderia morrer. A realidade disto atrelou-se contra ela com a força da asfixia. Poderia morrer, e então ela estaria verdadeiramente sozinha. Nem sequer era como se vissem muito um ao outro nos últimos anos, à exceção das últimas semanas, é claro.

Mas ela sempre soube que ele estava ali. O mundo era simplesmente um lugar melhor, sabendo que estava nele.

Mas agora ele podia morrer. Estaria perdida sem ele. Como não percebeu isso antes?

— Honoria!

Honoria voltou-se. Era sua mãe, irrompendo através da porta.

— Vim logo que pude — disse Lady Winstead, correndo pela sala. Então viu a perna do Marcus.

— Oh, Meu Deus.

Honoria sentiu outro daqueles ásperos e resfolegados sons inflando-se dentro dela. Havia algo em ver sua mãe, em sua mãe vendo Marcus. Era como se ela tivesse doze anos

de novo, e tivesse caído de seu cavalo. Pensou que estivesse bem, pois caminhou até sua casa, arranhada e dolorida, seu rosto sangrando no lugar onde bateu contra uma pedra.

E em seguida vira sua mãe, a expressão de sua mãe, e aí então começou a chorar. Era a mesma coisa. Queria chorar. Queridíssimo Deus, tudo o que queria fazer era afastar-se, afastar-se e chorar, chorar e chorar.

Mas não podia. Marcus a necessitava. Ele necessitava que ela estivesse bem calma. E competente.

— A Senhora Wetherby vai trazer água quente — disse para sua mãe — Deve retornar logo.

— Bem. Necessitaremos muita. E brandy. E uma faca.

Honorina olhou para sua mãe com surpresa. Soava como se soubesse o que estava fazendo. Sua mãe.

— O Doutor vai querer amputar a perna — disse Lady Winstead sobriamente.

— O que? — Honorina nem sequer havia considerado isso.

— E pode ser que tenha razão.

O coração de Honorina deixou de pulsar. Até que sua mãe disse:

— Mas não ainda.

Honorina olhou de novo para sua mãe com surpresa. Não podia recordar a última vez que a escutara falar com tal decisão. Quando Daniel fugiu do país, levou uma parte de sua mãe com ele. Ela ficou completamente perdida, incapaz de se comprometer com nada nem com ninguém, inclusive com sua filha. Era quase como se não pudesse forçar-se a tomar nenhuma decisão, porque fazê-lo significaria que aceitava a vida como era agora, com o único filho longe, possivelmente para sempre. Mas talvez tudo o que necessitava era uma razão para despertar. Um momento crítico. Talvez ela precisasse ser útil.

— Afaste-se — disse Lady Winstead, recolhendo as mangas.

Honorina deu um passo para um lado, na tentativa de ignorar a pequena pontada de ciúmes que brotou dentro dela. Ela não havia necessitado de sua mãe?

— Honorina?

Olhou sua mãe, que estava observando-a com uma expressão espectral.

— Lamento — murmurou Honorina, estendendo o tecido em sua mão — Quer isto?

— Um limpo, por favor.

— É claro — Honoria saiu apressada para atender a petição de sua mãe, esgotando mais o fornecimento de roupa íntima de Marcus.

A condessa pegou o tecido e depois a olhou com uma expressão confundida.

— O que é...?

— Foi tudo o que pude encontrar — explicou Honoria — E pensei que o tempo fosse essencial.

— É sim — confirmou sua mãe.

Levantou o olhar, os olhos dela encontrando os de Honoria com uma grave franqueza.

— Vi isto antes — disse sua trêmula respiração o único sinal de nervosismo — Seu pai. No ombro. Foi antes que você nascesse.

— O que aconteceu?

Sua mãe observou a perna de Marcus, entrecerrando seus olhos enquanto examinava a ferida.

—Preciso de mais clareza — E, enquanto Honoria abria as cortinas das janelas, disse — Nem sequer sei como ele se cortou. Só que infectou horivelmente — Muito brandamente, acrescentou — quase tão mal como isto.

— Mas ficou bom — disse Honoria, retornando junto a sua mãe.

Esta era uma história da qual conhecia o fim. Seu pai tivera dois braços perfeitamente fortes até o dia em que morreu.

Sua mãe assentiu.

— Tivemos sorte. O primeiro Doutor queria amputar. E eu... —Sua voz partiu-se e houve uma pausa antes que continuasse — Eu teria deixado fazê-lo. Estava tão preocupada com a vida de seu pai.

Usou o tecido limpo para tocar a perna de Marcus, tentando conseguir uma melhor olhada. Quando falou de novo, sua voz estava muito baixa.

— Faria qualquer coisa que me dissessem.

— Por que não amputaram o braço dele? — perguntou tranquilamente Honoria. Sua mãe deixou sair um curto suspiro, como tentasse expulsar uma má lembrança.

— Seu pai pediu para ver outro médico. Disse-me que se o segundo estivesse de acordo com o primeiro, faria o que dissessem. Mas não iria amputar o braço porque um homem disse que precisava.

— O segundo disse que não tinham que amputar?

A condessa deixou sair um sombrio sorriso.

— Não, disse que quase o teria talhado. Mas disse a seu pai que podia tentar limpar a ferida, primeiro. Realmente limpá-la.

— Isso é o que estive fazendo — disse Honoria apressadamente — Consegui tirar algo da infecção, acredito.

— É um bom começo — disse a condessa — Mas... — Engoliu saliva.

— Mas o que?

Sua mãe manteve sua atenção firmemente na ferida de Marcus, pressionando-a ligeiramente com o tecido enquanto examinava.

Não olhou Honoria quando disse em uma voz muito baixa,

— O Doutor disse que como seu pai não estava gritando, não estávamos limpando a ferida muito bem.

— Recorda o que fez ele? — sussurrou Honoria.

Lady Winstead assentiu.

— Tudo — disse brandamente. Honoria esperou mais.

E logo desejou não havê-lo feito. Sua mãe finalmente levantou o olhar.

— Vamos ter que atá-lo.

Capítulo 10



Tomou menos de dez minutos para chegar ao quarto de Marcus na improvisada sala de operações. A Senhora Wetherby voltou com água quente e uma provisão de roupa limpa. Dois lacaios estavam instruídos para atar Marcus estreitamente na cama, o que fizeram, apesar do horror que mostravam claramente em seus rostos.

A condessa pediu umas tesouras. O mais forte e pequeno par que tivessem.

— Preciso cortar a pele morta — disse a Honoria, com pequenas linhas de determinação formando-se nas cantos de sua boca — Vi o Doutor fazer em seu pai.

— Mas já o fez? — perguntou Honoria.

A condessa a olhou aos olhos e em seguida deu a volta.

— Não.

— Oh — Honoria engoliu.

Não parecia ter nada mais nada que pudesse servir possivelmente como réplica.

— Não é tão difícil enquanto a gente possa controlar os nervos — disse sua mãe — a gente não precisa ser terrivelmente concisa.

Honoria olhou Marcus, depois de novo para sua mãe, boquiaberta.

— Não ser preciso? O que quer dizer? É a perna dele!

— Percebi disso — replicou sua mãe — mas prometo que não o ferirei ao cortar.

— Não o ferirá.

— Bem, é claro que ficará ferido — Lady Winstead olhou para Marcus com uma expressão de pesar — É por isso que tínhamos que atá-lo. Mas não será um dano permanente. É melhor cortar muito que muito pouco. É absolutamente essencial que eliminemos toda a infecção.

Honorã assentiu. Fazia sentido. Era horrível, mas fazia sentido.

— Vou começar agora — disse a condessa — Há muito que posso fazer até sem tesouras.

— É claro — Honorã olhou enquanto Lady Winstead sentava-se ao lado de Marcus e molhava um pano em água fervendo

— Há algo no que possa ajudar? — perguntou Honorã, sentindo-se pouco eficaz ao pé da cama.

— Sente-se do outro lado — respondeu sua mãe — Perto da cabeça dele. Fale. Talvez encontre isto reconfortante.

Honorã não sabia se Marcus acharia reconfortante nada do que ela fizesse, mas sabia que para ela seria reconfortante fazer isso. Seria melhor que parar ao redor como uma idiota, fazendo absolutamente nada.

— Olá, Marcus — disse ela, pondo a cadeira perto da cama.

Não esperava que ele respondesse e, com efeito, não o fez.

— Está um pouco doente, sabe? — continuou, tratando de manter sua voz brilhante e feliz, não conseguindo isso no momento. Ela engoliu e depois continuou no mais brilhante tom de voz que pode dirigir — Mas resulta que mamãe é um pouco perita neste tipo de coisas. Não é notável isso? — Ela olhou para sua mãe com um grande sentimento de orgulho — Devo confessar, não tinha ideia que ela soubesse tantas coisas — inclinou-se e murmurou em seu ouvido — na realidade pensava que era do tipo que desmaiava com a vista de sangue.

— Escutei isso — disse a condessa. Honorã deu um sorriso de desculpa.

— Sinto muito. Mas...

— Não precisa se desculpar — Sua mãe a olhou com um torcido sorriso, antes de reassumir seu trabalho. Quando falou, entretanto, não olhou para cima — Não fui sempre como...

Havia um indício de pausa, justo o suficiente para que Honorã notasse que ela não estava totalmente certa do que dizer.

— Tão resolvida como você necessita que eu seja — terminou finalmente Lady Winstead.

Honorã sentou-se muito quieta, mordendo seu lábio superior, enquanto deixava que as palavras de da mãe permanecessem nela. Isto era uma desculpa, tanto como se a

condessa tivesse dito na realidade, palavras de pesar.

Mas era também uma solicitude. Sua mãe não queria discutir mais sobre isto. Sentiu dificuldade suficiente só em dizer o que disse. Assim Honoria aceitou a desculpa, exatamente da maneira que sua mãe esperava que ela fizesse. Ela se virou para Marcus e disse:

— De qualquer modo, não acredito que ninguém pensou em olhar sua perna. A tosse, sim. O Doutor pensou que fosse a causa da febre.

Marcus deixou escapar um pequeno pranto de dor. Honoria olhou rapidamente para sua mãe, que estava agora trabalhando com as tesouras, que a Senhora Wetherby havia trazido.

Ela as abriu totalmente e estava apontando com um extremo para a perna de Marcus com um escalpelo. Com um movimento fluido, sua mãe fez um comprido corte, justo no meio da ferida.

— Ele não recuou — Honoria disse com surpresa Sua mãe não levantou a vista.

— Esta não é a parte dolorosa.

— Oh — disse Honoria voltando-se para Marcus — Bem. Veja que isto não foi tão ruim.

Ele gritou.

A cabeça de Honoria levantou-se bem a tempo para ver sua mãe estendendo uma garrafa de brandy de novo para um laçaio.

— Muito bem, isto foi ruim — disse para Marcus — Mas as boas notícias são que é improvável que fique muito pior.

Ele gritou de novo.

Honoria engoliu. Sua mãe tinha ajustado a tesoura e agora estava na realidade recortando pedaços de pele.

— Muito bem — disse de novo, passando a mão no ombro dele — poderia não ficar melhor, também. A verdade é que não tenho nem ideia. Mas estarei aqui com você todo o tempo. Prometo.

— Isto é pior do que pensei — disse sua mãe, principalmente para si mesma.

— Pode sujeitá-lo? — perguntou Honoria.

— Não sei. Posso tentar. Isto só... — Lady Winstead fez uma pausa, expirando uma

larga e lenta respiração entre seus lábios franzidos — pode alguém limpar minha fronte?

Honorina começou a levantar-se, mas a Senhora Wetherby saltou à ação, secando o rosto de Lady Winstead com um tecido fresco.

— Faz muito calor aqui — disse Lady Winstead.

— Disseram-nos para mantermos as janelas fechadas — explicou a Senhora Wetherby — O Doutor insistiu.

— O mesmo Doutor que não tinha notado esta enorme ferida em sua perna? — perguntou fortemente Lady Winstead.

A Senhora Wetherby não respondeu. Mas caminhou para a janela e a abriu parcialmente.

Honorina olhou para sua mãe atentamente, apenas capaz de reconhecer a enfocada e determinada pessoa.

— Obrigado, mamãe — sussurrou. A condessa levantou a vista.

— Não vou deixar este menino morrer.

Já não era um menino, mas Honorina não ficou surpresa de que sua mãe ainda pensasse assim dele. Lady Winstead voltou para seu trabalho e disse, em uma voz muito baixa:

— Devo isso a Daniel.

Honorina ficou absolutamente imóvel. Era a primeira vez que ouvia sua mãe pronunciar o nome dele, desde que ele havia abandonado o país em desgraça.

— Daniel? — ela ecoou, sua voz plaina e cuidadosa. Sua mãe não levantou a vista.

— Já perdi um filho — Foi tudo o que disse.

Honorina olhou surpresa para ela, logo depois para Marcus, e depois para cima de novo. Ela não imaginou porque sua mãe pensara nele desse modo. E se perguntou para si mesma se Marcus sabia, por que... Abaixou a vista para ele de novo, tratando de afogar as lágrimas o mais tranquilamente possível. Ele gastou toda sua vida desejando uma família. Será que havia notado que já possuía uma na família dela?

— Necessita de um descanso? — perguntou a condessa.

— Não — respondeu Honorina, sacudindo a cabeça embora sua mãe não a estivesse olhando — Não. Estou muito bem.

Tomou um momento para se recompor e em seguida sussurrou no ouvido de Marcus.

— Ouviu isso? Mamãe está muito determinada. Assim não haverá decepções por parte dela — Ela acariciou seu cabelo, afastando uma grossa mecha escura da fronte dele — nem da minha.

— Aaaargh!

Honorina estremeceu, voltando-se por seu pranto. De vez em quando sua mãe fazia algo que o feria mais que o normal, e o corpo inteiro dele se revolia contra as tiras de tecido que eles usaram para atá-lo. Era horrível de ver, e ainda pior de sentir. Era como se a dor dele golpeasse através dela. Exceto não machucava. Só a fazia sentir doente.

Doente do estômago. Doente consigo mesma. Foi por sua culpa que ele caiu naquele estúpido buraco, sua culpa que ele tivesse torcido o tornozelo. Era sua culpa que eles tivessem que cortar a bota dele, e sua culpa que ele estivesse tão doente por isso.

E se ele morresse, seria sua culpa, também. Ela engoliu, tratando de acabar com a protuberância asfíxica que estava se formando na garganta, e inclinou-se um pouco mais perto para dizer.

— Estou tão arrependida. Nem sequer poderia começar a dizer quanto estou arrependida.

Marcus ficou muito quieto, e por um momento Honorina pensou que ele a tivesse ouvido.

Mas logo percebeu que era só porque sua mãe fizera uma pausa em seu trabalho. Era sua mãe que ouvia suas palavras, não Marcus. Mas se sua mãe estava curiosa, ela não deu importância. Não perguntou pelo significado da desculpa de Honorina, só deu um pequeno assentimento e voltou para seu trabalho.

— Estou pensando que quando estiver melhor deveria ir a Londres — começou Honorina, fixando a voz de novo em uma imitação de bom ânimo — se não ocorrer nada mais, necessitará um par de botas novas. Talvez algo com um ajuste mais folgado. Não é seu estilo, sei, mas talvez possa estabelecer uma nova tendência.

Ele estremeceu.

— Ou podemos permanecer no campo. Pularmos a temporada. Sei que disse que estava desesperada para me casar este ano, mas... — Ela captou um sigiloso olhar de sua mãe, e depois se inclinou mais para perto do ouvido dele e sussurrou — Minha mãe parece de repente muito diferente. Acredito que posso passar outro ano em sua companhia. E vinte e dois não é muito velha para casar.

— Tem vinte e um — disse a condessa, sem levantar o olhar.

Honorina congelou.

— Quanto da conversa ouviu?

— Só o último pedacinho.

Honorina não tinha nem ideia de que sua mãe estava dizendo a verdade. Mas pareciam ter um tácito acordo de não fazer perguntas, assim Honorina decidiu responder dizendo:

— Refiro-me a que se não me casar até o ano que vem, quando tiver vinte e dois, não me importa.

— Isso significará outro ano com o quarteto da família — disse a mãe dela com um sorriso.

E não um tortuoso sorriso. Um completamente sincero completamente alentador sorriso. Honorina se perguntou, não pela primeira vez, caso sua mãe era um pouco surda.

— Estou certa de que suas primas estarão contentes de tê-la por outro ano — continuou Lady Winstead — Quando Harriete se for, terá que tomar o lugar dela, que é realmente um pouco jovem. Não acredito que tenha dezessete ainda.

— Não até setembro — confirmou Honorina.

Sua prima Harriete, a irmã mais nova de Sarah, era possivelmente a pior musicista da família Smythe-Smith.

— Penso que talvez necessite mais prática — disse Lady Winstead com uma careta

— Pobre garota. Ela não parece entender a forma de fazer isto. Deve ser difícil para ela, com toda uma família de músicos.

Honorina tratou de não olhá-la boquiaberta.

— Bem — disse ela, talvez um pouco desesperadamente — ela parece preferir mímica.

— É difícil acreditar que ninguém toque o violino entre você e Harriete — remarcou Lady Winstead.

Franziu o cenho, entreabrindo os olhos para baixo, à perna de Marcus e logo voltou a trabalhar.

— Só Daisy — replicou Honorina, referindo-se a outra prima de um ramo diferente da família — mas ela foi convocada para o serviço agora que Viola casou-se.

— Convocada? — Sua mãe ecoou com um tinir de risada — Faz soar isso como se fosse uma tarefa.

Honorina fez uma pausa só por um momento, tratando de não deixar sua boca cair aberta. Ou rir. Ou talvez chorar.

— É claro que não — Finalmente arrumou para dizer — Adoro os quartetos.

Isto era verdade. Ela amava praticar com suas primas, ainda que ela tivesse de ficar com tacos de algodão nas orelhas antes do tempo. Eram só suas atuações que eram horríveis. Ou, como Sarah tinha o costume de dizer, horrível.

Horrível. Apocalíptico. Sarah sempre tinha um pouco de tendência para o exagero. Mas por alguma razão Honorina nunca o tomara embaraçosamente pessoal, e ela era capaz de manter um sorriso em seu rosto todo o tempo. E quando ela tocou o arco como seu instrumento, o fez com gosto. Sua família estava olhando, depois de tudo e isso significava muito para eles.

— Bem, de qualquer maneira — disse ela, tratando de devolver a conversa ao tema anterior, que era agora tão “anterior” que tomou um momento para recordar qual era — com certeza não saltarei a temporada. Só estava falando. Fazendo conversa — ela engoliu — Gaguejando, realmente.

— É melhor se casar com um bom homem que ter pressa e casar-se com um desastre — Disse sua mãe, soando terrivelmente sábia — Todas as suas irmãs encontraram bons maridos.

Honorina estava de acordo, mesmo que seus cunhados não se encontrassem na classe de homens que ela achava atraentes. Mas eles tratavam as suas esposas com respeito, todos e cada um deles.

— Nem todas se casam em sua primeira temporada — acrescentou Lady Winstead, sem levantar a vista de seu trabalho.

— Isso é verdade, mas acredito que todas o fizeram no final da segunda.

— É isso assim? — Sua mãe levantou a vista e piscou — Suponho que esteja certa. Inclusive Henrietta...? Bem, pois sim, suponho que o fez bem no final — ela retornou a seu trabalho — Encontrará a alguém. Não estou preocupada por isso.

Honorina deixou sair um pequeno bufo.

— Estou contente de que não esteja

— Não estou segura do que se passou o ano passado. Verdadeiramente pensei que Travers proporia isso e se não fosse ele, então Lorde Fotheringham.

Honorina sacudiu a cabeça negando.

— Não sei. Também pensei que eles me proporiam casamento. Lorde Bailey em particular parecia bastante interessado. Mas repentinamente todos eles... Nada. Foi como se todos perdessem o interesse em uma noite. — Ela encolheu de ombros e olhou Marcus.

— Talvez seja o melhor. O que pensa disso Marcus? Você não gostava de nenhum deles, acredito — Ela suspirou — Não que tenha nada a ver com isso, mas suponho que valorizo sua opinião — Deixou escapar uma pequena gargalhada — Pode acreditar que acabo de dizer isso?

Ele volteou a cabeça.

— Marcus?

Estava acordado? Inclinou-se para olhá-lo mais de perto, procurando em seu rosto algum sinal de... Algo.

— O que é? — perguntou sua mãe.

— Não tenho certeza. Ele moveu a cabeça, quero dizer, é claro que fez isso antes, mas isto foi diferente.

Ela apertou seu ombro rezando para que ele pudesse senti-la através da neblina de sua febre.

— Marcus pode me escutar?

Seus lábios secos e gretados moveram-se apenas.

— Hon... Hon...

Oh, graças a Deus!

— Não fale — disse ela — tudo está bem.

— Dói — ofegou ele — Como o... Demônio.

— Sei, sei. Sinto muito.

— Ele está consciente? — perguntou sua mãe.

— Sim.

Honorina estirou seu braço para baixo ao longo da cama para poder tomar a mão de Marcus.

Ela entrelaçou os dedos através dos dele e os manteve apertados.

— Tem um terrível corte na perna. Estamos tratando de limpá-lo, vai doer, bastante, mas devemos fazê-lo.

Ele assentiu com a cabeça levemente. Honoria levantou o olhar para a Senhora Wetherby.

— Temos um pouco de láudano? Possivelmente devamos dar um pouco enquanto é capaz engolir.

— Acredito que temos sim— disse a governanta.

Ela não parou de retorcer as mãos desde que havia retornado com a água quente e as toalhas, via-se aliviada por ter algo que fazer.

— Posso ir comprovar agora mesmo. Só há um lugar onde o laudo pode estar.

— Boa ideia — disse Lady Winstead. Depois parou e moveu-se para a cabeceira da cama.

— Marcus, pode me ouvir?

O queixo dele moveu-se, não muito, mas um pouco.

— Está muito doente — disse ela.

Ele realmente sorriu.

— Sim, sim — disse Lady Winstead, sorrindo de volta. — Assinalando o claro, sei. Mas estará perfeitamente bem, asseguro isso. Só vai ser um pouquinho doloroso no princípio.

— Um pouquinho? Disse ele.

Honoria sentiu um sorriso trêmulo subir aos seus lábios. Ela não podia acreditar que ele pudesse brincar em um momento tal. Estava muito orgulhosa dele.

— Vamos tirá-lo disto Marcus — disse ela e depois antes que tivesse uma ideia do que estava a ponto de fazer, inclinou-se para baixo e o beijou na sobrancelha.

Ele se voltou para enfrentá-la, seus olhos quase completamente abertos. Sua respiração era difícil, e sua pele estava ainda terrivelmente quente. Mas quando ela olhou nos olhos dele, viu-o ali, através da febre, sob a dor. Ele ainda era Marcus, e ela não deixaria que nada acontecesse.

Trinta minutos mais tarde, os olhos de Marcus se fecharam outra vez. Seu sono ajudado grandemente por uma dose de láudano. Honoria havia ajustado sua posição e assim ela podia sustentar a mão dele e manter um fluxo constante de conversa. Não parecia importar o que dizia, ela não era a única que notara que o som de sua voz o acalmava.

Ou ao menos ela esperava que o fizesse, porque se não fizesse isso, então ela seria completamente inútil. E isso era mais do que podia suportar.

— Acredito que já quase terminamos — disse.

Deu um cauteloso olhar para sua mãe que ainda estava trabalhando diligentemente na perna de Marcus.

— Acredito que isto será tudo, não posso ver que mais fica por limpar.

Entretanto, a condessa deixou escapar um suspiro de frustração e sentou-se, fazendo uma pausa para limpar a testa.

— Há algum problema? — perguntou Honoria.

A condessa sacudiu a cabeça e voltou para seu trabalho, mas depois de só um momento afastou-se.

— Não posso ver.

— O que? Não, isso é impossível — Honoria respirou profundo tratando de acalmar-se — Simplesmente ponha sua cabeça mais perto.

Lady Winstead sacudiu a cabeça negando.

— Esse não é o problema. É como quando estou lendo, tenho que sustentar o livro longe de meus olhos, eu só... Não posso... — Ela deixou sair um impaciente e resignado suspiro — Não posso ver o suficientemente bem, não as coisas pequenas.

— Eu o farei — disse Honoria, sua voz mais segura que o resto dela.

A condessa olhou para ela, mas não com surpresa.

— Não é fácil.

— Sei.

— Ele poderia gritar.

— Ele já fez isso — disse Honoria, mas a garganta dela estava fechada, e seu coração estava pulsando forte.

— É duro de escutar quando é você que segura as tesouras — disse sua mãe brandamente.

Honoria queria dizer algo elegante, algo heroico a respeito do muito mais duro que seria se ele morresse e ela não tivesse feito tudo o que pudesse para salvá-lo. Mas não o fez, não conseguiu. Só deixara muito em seu interior e as palavras neste momento não

eram o melhor uso de sua energia.

— Posso fazê-lo — Foi tudo o que disse.

Olhou Marcus, ainda imobilizado firmemente em sua cama. Na hora passada ele tinha ido do ardente vermelho à palidez de morte. Era isso um bom sinal? Perguntou para sua mãe, mas ela tampouco sabia.

— Posso fazê-lo — Repetiu Honoria, mesmo quando sua mãe já entregara as tesouras.

Lady Winstead levantou-se de sua cadeira e Honoria sentou-se no lugar dela tomando uma profunda respiração.

— Pouco a pouco — Disse-se a si mesma, olhando de perto a ferida antes de proceder.

Sua mãe havia mostrado como identificar o tecido que devia tirar. Tudo o que precisava fazer era olhar uma peça e cortá-la. E depois quando precisasse, devia encontrar outra.

— Corte tão perto da pele sã quanto puder — disse a condessa.

Honoria assentiu, movendo as tesouras para a ferida. Apertando os dentes, cortou. Marcus deixou escapar um gemido, mas não despertou.

— Bem feito — disse brandamente Lady Winstead.

Honoria assentiu segurando as lágrimas. Como podiam essas pequenas palavras fazê-la sentir-se tão emocionada?

— Havia um pouco na parte inferior que não pude tirar — disse a mãe — Não pude ver as bordas suficientemente bem.

— Eu estou vendo — disse Honoria, sombriamente.

Ela cortou um pouco da pele morta, mas a área ainda estava inflamada. Tomando a ponta da tesoura, como vira sua mãe fazer, pô-la em ângulo contra ele e perfurou a malha, permitindo escapar o exsudado amarelo da infecção.

Marcus esticou-se contra as amarras, e ela sussurrou uma desculpa, mas não parou. Tomou uma toalha e pressionou forte.

— Água, por favor.

Alguém entregou um copo de água, e ela a verteu na ferida, tratando fortemente de não ouvir Marcus gemendo de dor. A água estava quente, muito quente, mas sua mãe jurou que isso era o que salvara seu pai faz anos. O calor tirou a infecção. Honoria rezou para que ela tivesse razão. Pressionou uma toalha contra ele, tirando o excesso de água.

Marcus fez um estranho ruído outra vez, embora não tão dilacerador como antes. Mas ele logo começou a tremer.

— Oh, Meu Deus! — gritou ela tirando a toalha — O que fiz? Sua mãe olhou para baixo com uma expressão perplexa.

— Ele parece como se estivesse rindo.

— Podemos dar mais láudano? — perguntou à Senhora Wetherby.

— Não acredito que deveríamos — disse Honoria — Ouvi que pessoas não despertaram quando tomam muito láudano.

— Eu realmente acho que ele esteja rindo — disse sua mãe outra vez.

— Ele não está rindo — disse Honoria categoricamente — Céu santo! O que sobre a terra poderia fazê-lo rir em um momento como este?

Deu a sua mãe um pequeno empurrão para que retrocedesse, e verteu mais água quente na perna de Marcus, trabalhando até que esteve satisfeita de ter limpado a ferida o melhor possível.

— Acredito que isso é tudo — disse Honoria sentando-se, tomou uma profunda pausa.

Sentia-se irremediavelmente tensa, cada músculo de seu corpo apertado. Ela deixou as tesouras e tratou de estirar as mãos, pois sentia como se elas fossem garras.

— E se pusermos láudano diretamente na ferida? — perguntou à Senhora Wetherby.

A Senhora Winstead piscou.

— Não tenho ideia.

— Não o machucaria? — perguntou Honoria — Não é como que irritasse a pele se for algo que pode ser engolido. E se pode fazer algo para aliviar a dor...

— Tenho mais um pouco aqui — disse a Senhora Wetherby, sustentando a pequena garrafa marrom.

Honoria tomou e tirou a cortiça.

— Mãe?

— Só um pouquinho — replicou Lady Winstead, vendo-se nada segura de sua decisão.

Honoria orvalhou um pouco de láudano sobre a perna do Marcus, e ele instantaneamente uivou de dor.

— Oh, querido — gemeu a Senhora Wetherby — sinto tanto. Foi minha ideia.

— Não, não. — disse Honoria. — Isso é xerez. É como se faz.

Por que ela sabia isto? Não tinha a menor ideia, mas estava bastante certa de que a sinistra garrafa dizia VENENO em letras muito maiores que LÁUDANO. Também continha canela e açafrão. Ela molhou ligeiramente um dedo no láudano e deu uma ligeira provada.

— Honoria! — exclamou sua mãe.

— Oh, Meu Deus, é espantoso — disse Honoria, esfregando sua língua contra o paladar de sua boca em uma tentativa infrutífera de desfazer o sabor — Mas, definitivamente contém xerez.

— Não posso acreditar que tenha tomado um pouco disso — disse Lady Winstead

— É perigoso.

— Só tinha curiosidade, ele só fez má cara quando o demos e foi claramente doloroso quando o derramamos sobre ele. Além disso, foi só uma gota.

Sua mãe suspirou, vendo-se muito ofendida.

— Desejaria que o médico chegasse.

— Tomará ainda um pouco de tempo — disse a Senhora Wetherby — Acredito que ao menos uma hora. E isso se estivesse em casa quando recebeu o chamado. Se ele estiver fora... — Sua voz foi se apagando.

Por alguns momentos, ninguém falou, o único som foi o da respiração de Marcus, estranhamente superficial e laboriosa. Finalmente, Honoria foi incapaz de manter silêncio por mais tempo e perguntou.

— O que faremos agora? — olhou para a perna de Marcus, parecia aberta e em carne viva, ainda sangrando ligeiramente em alguns lugares — Deveríamos por uma bandagem?

— Não acredito — disse sua mãe — Teríamos que tirar quando o Doutor chegar.

— Vocês têm fome? — perguntou à Senhora Wetherby.

— Não — Disse Honoria, exceto sim, tinha fome. Voraz. Só que não podia pensar em comer.

— Lady Winstead? — Disse a Senhora Wetherby.

— Possivelmente, algo pequeno — murmurou sem tirar os olhos de Marcus.

— Talvez, um sanduíche? — sugeriu a Senhora Wetherby — Oh meu Deus! Café da manhã, nenhuma de vocês tomou o café da manhã. Poderia pedir à cozinheira que prepare ovos e toucinho.

— O que for mais fácil — replicou Lady Winstead — E por favor, também algo para Honoria — Ela olhou sua filha — Deve tentar comer.

— Sei. Eu só... — Ela não terminou de falar. Estava certa de que sua mãe sabia exatamente o que estava sentindo. Uma mão pousou gentilmente em seu ombro.

— Também deve ficar sentada.

Honoria sentou-se. E esperou.

Foi a coisa mais dura que alguma vez fizera.

Capítulo 11



O láudano era uma coisa excelente.

Marcus normalmente evitava a droga, e de fato tinha a sensação de que acautelara com desprezo àqueles que o utilizavam, mas agora perguntava para si mesmo se talvez devesse uma desculpa. Talvez uma desculpa a todo mundo. Porque claramente ele nunca estivera com uma verdadeira dor de cabeça antes. Não como essa.

Não era tanto a picada e o corte. Todos poderiam pensar que seria doloroso ter partes de seu corpo levados para longe como um pássaro carpinteiro golpeando o tronco de uma árvore, exceto realmente não era tão ruim. Isso doía, mas não era algo que ele não pudesse suportar.

Não, o que o matou ou ao menos sentiu como isso, foi quando Lady Winstead verteu o brandy. De vez em quando tirava o que tinha que ser um galão da coisa, por cima de sua aberta e oca ferida. Ao que parecia ela poderia ter posto fogo que não teria doído tanto.

Ele nunca beberia brandy novamente. Não a menos que fosse uma coisa realmente boa. E inclusive então, só o faria no princípio e se fosse uma coisa boa a qual precisava beber.

Pensou nisso por um momento. Isso fazia sentido a primeira vez que havia considerado. Não, ainda tinha sentido. Tinha?

Em todo caso, pouco depois de Lady Winstead verter o que ele esperava não fosse o bom brandy na perna, conseguira uma dose de láudano descendo em sua garganta, e realmente, ele tinha que dizer que era uma maravilha. Sua perna ainda permanecia como se estivesse sendo assada lentamente na brasa, o que a maioria das pessoas consideraria desagradável, mas depois de suportar os “cuidados” de Lady Winstead sem nenhum tipo de anestesia, encontrava positivamente agradável ser apunhalado com uma faca, sob a influência de um láudano.

Quase relaxante. Além disso, sentiu-se inexplicavelmente feliz.

Sorriu para Honoria, ou melhor, dizendo, sorriu para onde ele pensava que ela poderia estar, pois suas pálpebras estavam claramente pesadas como pedras. Na realidade, ele imaginava que estivesse sorrindo, sua boca estava um pouco pesada, também.

Mas ele queria sorrir. Ele o teria feito, se pudesse. Certamente isso tinha que ser a coisa mais importante. O tamborilar em sua perna parou um pouco, e logo começou de novo. Então houve uma maravilhosa e curta pausa, e depois...

Maldição, isso dói.

Mas não o suficiente para gritar. Apesar de que poderia ter gemido. Não estava certo. Derramaram água quente sobre ele. Muita água quente. Perguntou-se se estavam tratando de ferver sua perna.

Carne cozida. Que terrivelmente britânico. Riu entre dentes. Ele estava se divertindo. Quem sabia o que era tão divertido?

— Oh, Meu Deus! — Escutou Honoria gritar — O que eu fiz?

Riu um pouco mais. Devido a que soava ridículo. Quase como se estivesse falando através de uma sirene de nevoeiro. Oooohhhh Meuuuuuuu Deuuuuuuus.

Perguntou-se se ela podia ouvi-lo, também. Espera um momento...

Honoria estava perguntando o que fizera? Significava que ela estava empunhando as tesouras agora? Não sabia ao certo de como devia sentir-se a respeito.

Por outro lado... Carne cozida!

Riu de novo, decidindo que não importava. Deus, aquilo estava ficando divertido. Como era possível que ninguém houvesse dito antes, jamais, que ele era divertido?

— Deveríamos dar mais láudano? — disse a Senhora Wetherby. Oh, sim, por favor.

Mas não o fizeram. Em seu lugar, trataram de fervê-lo de novo, com um pouco mais de picar e apunhalar em boa medida. Mas depois de só uns poucos minutos mais, terminaram.

As mulheres começaram a falar de novo sobre o láudano, o que resultou ser incrivelmente cruel da parte delas, porque ninguém conseguiu um copo ou uma colher para dar de comer. Em seu lugar, verteram a coisa, justo em sua perna, o que...

— Aaaargh!

Dói mais que o brandy, aparentemente.

Entretanto, as mulheres devem ter finalmente decidido que o estavam torturando, porque depois de alguma discussão, desataram suas ataduras e o mudaram para o outro lado da cama, que não estava molhada pela água quente que estiveram utilizando para fervê-lo.

E logo, bem... Poderia ter dormido um pouco. Ele esperava que estivesse dormindo, porque estava seguro de que vira um coelho de dois metros saltando através de seu quarto e se isso não passava de um sonho, todos estavam com um problema muito grande.

Embora realmente, não fosse um coelho o que era tão perigoso, mas a cenoura gigante sobre a que se balançava como uma clava.

Essa cenoura alimentaria o povoado inteiro.

Gostava das cenouras. Apesar de que o laranja nunca fora realmente uma de suas cores favoritas. Sempre achara um pouco chocante. Parecia demais, e ele preferia sua vida sem surpresas.

Azul. Agora, aí havia uma cor apropriada. Encantador e relaxante. A luz azul. Igual ao céu. Em um dia ensolarado.

Ou aos olhos de Honoria. Ela os chamava de lavanda, tinha-os desde que era uma menina, mas não o eram, não em sua opinião. Primeiro de tudo eram muito luminosos para ser lavanda. O lavanda é uma cor plana. Quase tão cinza como era a cor púrpura. E muito suscetível. Fez pensar em anciãs de luto. Com turbantes em suas cabeças. Nunca havia entendido por que a cor lavanda era considerada o passo adequado do negro no calendário do luto. Não seria mais apropriado o café? Algo mais no meio tom?

E por que as anciãs usavam turbantes?

Isso era realmente muito interessante. Não acreditava nunca ter pensado com tanta força sobre a cor antes. Talvez devesse ter prestado mais atenção quando seu pai o fazia tomar essas aulas de pintura há muitos anos. Mas realmente, por que um menino de dez anos deveria passar quatro meses em uma tigela de fruta?

Pensou nos olhos de Honoria de novo. Eles realmente eram um pouco mais azuis que a lavanda. Apesar de que tinham esse toque púrpura, que os fazia tão pouco comuns.

Isso era certo, ninguém possuía os olhos parecidos com os dela. Inclusive os de Daniel não eram precisamente os mesmos. Os seus eram mais escuros. Não muito, mas Marcus podia ver a diferença.

Entretanto, Honoria não estaria de acordo se soubesse. Quando era uma menina, com frequência se falava sobre como ela e Daniel tinha os mesmos olhos. Marcus sempre

pensara que estava procurando um vínculo entre eles, algo que os conectasse de uma maneira especial.

Ela só queria fazer parte das coisas. Isso era tudo o que sempre tinha querido.

Não era estranho que ela estivesse tão ansiosa em estar casada e fora de sua silenciosa e vazia casa. Ela necessitava de ruído. Risadas. Ela necessitava não estar sozinha. Necessitava não estar sozinha nunca mais. Estava ainda na sala? Estava bem mais tranquilo. Tentou abrir os olhos novamente. Não teve sorte.

Girou para lado, feliz por ficar livre das malditas ataduras. Sempre gostava de dormir de lado.

Alguém tocou seu ombro, então, puxou suas mantas para cobri-lo. Tratou de murmurar um pequeno som para mostrar seu agradecimento, e supôs que teve êxito porque escutou Honoria dizer:

— Está acordado?

Fez o mesmo som de novo. Parecia ser a única coisa que podia fazer funcionar.

— Bem talvez um pouco acordado — disse — Isso é melhor que nada, suponho. Ele bocejou.

— Ainda estamos esperando o médico — disse — Esperava que ele estivesse aqui agora.

Ela ficou calada por uns momentos, e depois acrescentou com uma voz brilhante.

— Sua perna está muito melhor. Ou ao menos isso é o que diz minha mãe. Serei honesta, ainda parece terrível para mim. Mas definitivamente não está tão terrível como esta manhã.

Esta manhã? Queria isso dizer que já era tarde? Desejava que pudesse ter seus olhos abertos.

— Ela foi ao seu quarto. Minha mãe, eu quero dizer. Disse que necessitava de um pequeno descanso — Outra pausa, e então — Está muito quente aqui. Abrimos a janela, mas só um pouco. A Senhora Wetherby tinha medo de que pegasse um resfriado. Sei, é difícil imaginar que se pudesse conseguir um resfriado quando isto está tão quente, mas ela me assegurou que é possível. Eu gosto de dormir em um quarto frio com uma pesada manta — adicionou — Não que imagine que se importa.

Importava. Bem, nem tanto o que dizia. A ele só gostava de escutar sua voz.

— E mamãe sempre está quente ultimamente. Deixa-me louca. Está quente, logo fria,

depois quente outra vez, e juro que não há uma razão para isso. Mas ela parece estar quente mais vezes que fria. No caso de que em algum momento deseje comprar um presente, recomendo um leque. Ela está sempre com necessidade de um.

Tocou seu ombro de novo, depois, sua testa, escovando ligeiramente o cabelo de sua frente. Sentia-se bem. Suave e dócil, e cuidado de uma maneira que era totalmente desconhecida para ele. Era um pouco como quando tinha entrado e o obrigara a tomar chá.

Gostava que se esforçassem por ele. Imagina isso. Deixou escapar um pequeno suspiro. Soou como um suspiro feliz aos seus ouvidos. Ele esperava que ela pensasse o mesmo.

— Você está dormindo há bastante tempo — disse Honoria — Mas acredito que a febre tenha abaixado. Não de tudo, mas parece tranquilo. Sabia que fala em sonhos?

Sério?

— Sério — disse — Hoje mais cedo poderia ter jurado que disse algo a respeito de um corte de barba. E há um momento acredito que disse algo a respeito das cebolas.

Cebolas? Não cenouras?

— O que está pensando? Pergunto-me. Mantimentos? Corte de barba com cebola? Não seria isso o que eu gostaria quando ficasse doente, mas cada um no seu — Acariciou o cabelo dele outra vez, e em seguida, para sua surpresa e deleite, ela o beijou na face brandamente — Não é tão terrível, sabe? — disse com um sorriso.

Não podia ver o sorriso, mas ele sabia que estava ali.

— Você gosta de mostrar que é terrivelmente distante e melancólico, mas não é assim. Apesar de que franze um pouco o cenho.

Fazia isso? Não era sua intenção. Não com ela.

— Quase me enganou sabe. Realmente estava começando a não gostar de você em Londres. Mas eu realmente tinha esquecido. Quem estava acostumado a ser, quero dizer. Quem provavelmente é ainda.

Não tinha ideia do que estava falando.

— Você não gosta de deixar que as pessoas vejam quem é você realmente.

Ela estava tranquila outra vez, e pareceu ouvir seu movimento, talvez ajustando sua posição na cadeira. E quando falou, escutou-a sorrindo de novo.

— Acredito que você seja tímido.

Bem, pelo amor de Deus, poderia ter dito isso. Odiava conversar com pessoas que não conhecia.

— É estranho pensar isso de você — continuou — A gente nunca pensa em um homem como tímido.

Não podia imaginar por que não.

— É alto — disse com uma voz reflexiva — É atlético, inteligente e supõe-se que um homem seja todas essas coisas.

Deu-se conta de que não o chamou bonito.

— Por não mencionar ridiculamente rico, ah, e é claro, aí está esse título, também. Se fosse da ideia de se casar, tenho a certeza de que poderia escolher a qualquer uma que deseje.

Então ela o achava feio?

Ela picou seu ombro com o dedo.

— Não pode imaginar quanta gente adoraria estar em seu lugar.

Não neste momento, não o fariam.

— Mas é tímido — disse, quase com admiração. Podia sentir quando ela chegou mais perto, sua respiração estava aterrissando brandamente em sua face — Acredito que eu gosto que seja tímido.

De verdade? Porque ele sempre odiara. Todos esses anos na escola, observando Daniel falar com todo mundo, sem nem sequer um momento de vacilação. Sempre necessitando um pouco mais de tempo para averiguar como poderia encaixar. Isso era a razão por que tinha amado passar tanto tempo com os Smythe-Smith. Sua casa sempre fora tão caótica e louca, que havia deslizado sem pena nem glória em sua vida sem rotina e convertido em um daquela família.

Era a única família que sempre conhecera.

Tocou o seu rosto outra vez, passando um dedo pela ponta do nariz.

— Seria muito perfeito se não fosse tímido — disse — Um herói de conto de fadas em excesso. Com certeza nunca leu romances, mas sempre pensei que minhas amigas o viam como um dos personagens góticos da Senhora Gorely.

Ele sabia que havia uma razão para que nunca tivesse gostado de suas amigas.

— Embora nunca estive muito certa se fosse o herói ou o vilão.

Decidiu não encontrar insulto nessa declaração. Podia dizer que ela sorria maliciosamente enquanto dizia isso.

— Precisa melhorar — sussurrou — Não sei o que farei se não fizer isso — E logo, em voz tão baixa que apenas a ouviu — Acredito que poderia ser minha rocha de apoio.

Ele tentou mover os lábios para dizer algo, porque esse não era o tipo de coisa que alguém deixe passar sem uma resposta. Mas sentia que seu rosto ainda estava tolo e pesado, e tudo o que pode fazer era emitir alguns ruídos ofegantes.

— Marcus? Quer um pouco de água?

Ele o fazia, na realidade.

— Está acordado ainda?

Mais ou menos.

— Tome — disse — prove isso.

Sentiu algo frio tocar seus lábios. Uma colher, gotejando água fria em sua boca. Era difícil de passar, entretanto, e só permitia ter umas quantas gotas.

— Não acredito que esteja acordado — disse.

Ouviu-a sentar-se de novo em sua cadeira. Ela suspirou. Sua voz soava cansada. Ele odiava isso. Mas se alegrava de que estivesse aqui com ele. Tinha a sensação de que poderia ser sua rocha de apoio, também.

Capítulo 12



— Doutor!

Honorina ficou de pé perto de vinte minutos mais tarde quando um homem surpreendentemente jovem entrou na sala.

Ela não acreditava ter conhecido alguma vez a um médico que não tivesse cabelo cinza.

— É sua perna — disse — Não acredito que você a tenha visto quando...

— Não a vi antes — disse o médico bruscamente — Meu pai esteve aqui.

— Oh.

Honorina deu um passo respeitoso para trás enquanto o médico inclinava-se sobre a perna de Marcus. Sua mãe, que entrou atrás dele, aproximou-se de Honorina pegando na mão dela. Honorina a apertou como se esta fosse uma corda de salvamento, agradecida pela conexão.

O homem jovem olhou a perna de Marcus por quase tanto tempo como Honorina teria pensado necessário, então se inclinou e pôs sua orelha contra o peito dele.

— Quanto de láudano deram a ele?

Honorina olhou para sua mãe. Ela fora a encarregada de dar a dose.

— Uma colherada — disse Lady Winstead — Possivelmente duas. A boca do médico se apertou enquanto ficava ereto e as encarava.

— Foi uma, ou foram duas?

— É difícil dizer — respondeu Lady Winstead — Ele não engoliu tudo.

— Tive que limpar seu rosto — adicionou Honorina.

O médico não comentou. Pôs sua orelha de novo sobre o peito de Marcus, e seus

lábios se moveram quase como se estivesse contando para si mesmo. Honoria esperou por tanto tempo como pode suportar, então disse,

— Doutor, ahh...

— Winters — facilitou sua mãe.

— Sim, Doutor Winters, por favor, nos diga, demos muito?

— Não acredito — respondeu o Doutor Winters, mas ainda manteve sua orelha contra o peito de Marcus — O ópio suprime os pulmões. É a razão pela qual sua respiração é tão superficial.

Honoria pôs sua mão sobre sua boca com horror. Nem sequer se dera conta que sua respiração era superficial. De fato, pensara que soava melhor. Mais tranquila.

O médico se endireitou e retornou sua atenção à perna de Marcus.

— É fundamental que eu tenha toda a informação pertinente — disse bruscamente

— Estaria muito mais preocupado se não soubesse que deram láudano.

— Não está preocupado? — perguntou Honoria com incredulidade.

O Doutor Winters a olhou com aspereza.

— Não disse que não estivesse preocupado — Retornou à perna de Marcus, examinando-a de perto — Só que estaria mais preocupado se não tivessem dado. Se sua respiração estivesse tão superficial sem láudano, isto indicaria uma infecção séria.

— Isto não é sério?

O médico deu outro olhar irritado. Ele não apreciava suas perguntas, isso estava muito claro.

— Por favor, contenha seus comentários até que termine de examiná-lo.

Honoria sentiu seu rosto apertar-se com irritação, mas afastou-se. Seria educada com o Doutor Winters embora isso a matasse, pois se alguém tinha oportunidade de salvar a vida de Marcus, era ele.

— Me expliquem exatamente o que fizeram para limpar a ferida — demandou o médico, levantando o olhar brevemente de seu exame da perna de Marcus — E também quero saber como estava antes que começassem.

Honoria e sua mãe se alternaram para dizer o que tinham feito. Ele pareceu aprovar, ou ao menos, não desaprovava. Quando terminaram, ele voltou a olhar para a perna de Marcus mais uma vez, e deixou escapar uma exalação longa.

Honorina esperou por um momento. Ele parecia como se estivesse tomando tempo para pensar. Mas maldição estava tomando muito tempo. Finalmente não pode suportar.

— Qual é sua opinião? — deixou escapar.

O Doutor Winters falou lentamente, quase como se estivesse pensando em voz alta.

— Poderia conservar a perna.

— Poderia? — repetiu Honorina.

— É muito cedo para dizer com segurança. Mas se a conservar... — Olhou para ambas, Honorina e sua mãe — terá sido por seu bom trabalho.

Honorina piscou com surpresa, não esperava um elogio. Então fez a pergunta que temia.

— Mas viverá?

Os olhos do médico encontraram os de Honorina com franca firmeza.

— Sem dúvida viverá se amputarmos sua perna. Os lábios de Honorina tremeram.

— O que quer dizer? — sussurrou.

Mas sabia exatamente o que ele queria dizer, simplesmente precisava escutá-lo.

— Estou seguro que se amputarmos a perna dele neste momento ele viverá — Voltou a olhar Marcus, como se outro olhar pudesse oferecer uma última pista — Se não amputarmos sua perna, pode ser que ele se recupere completamente. Ou pode ser que morra. Não posso predizer o muito que a infecção progredirá.

Honorina ficou imóvel. Só seus olhos se moveram, do rosto do Doutor Winters para a perna de Marcus, e de volta.

— Como saberemos? — perguntou em voz baixa.

O Doutor Winters inclinou sua cabeça para um lado em dúvida.

— Como saberemos quando tomar a decisão? — limpou a garganta elevando o volume de sua voz.

— Há sinais que devem procurar — respondeu o médico — Se começar a ver raias de cor vermelha formando-se ao longo de sua perna, por exemplo, saberemos que devemos amputar.

— Se isso não acontecer, significa que está sarando?

— Não necessariamente — admitiu o médico — mas até este ponto, se não houver

mudança na aparência da ferida, tomarei como um bom sinal.

Honorina assentiu lentamente, tratando de compreendê-lo.

— Permanecerá aqui em Fensmore?

— Não posso — disse, virando-se para empacotar sua bolsa — Devo ver outro paciente, mas retornarei esta noite. Não acredito que precisamos tomar nenhuma decisão até então.

— Não acredita — perguntou Honorina com brutalidade — Então não está seguro? O Doutor Winters suspirou, e pela primeira vez desde que havia entrado na sala, pareceu cansado.

— Nós nunca estamos seguros com respeito a medicina Milady. Queria que não fosse o caso — Olhou para a janela, cujas cortinas estavam retiradas para revelar o verde infinito do jardim sul de Fensmore — Possivelmente algum dia isso terá mudado. Mas não em nosso tempo, temo. Até então, meu trabalho continua sendo mais uma arte que uma ciência.

Não era o que Honorina queria escutar, mas reconhecia como a verdade, assim deu um assentimento, agradecendo por seus serviços.

O Doutor Winters retornou a cortesia com uma reverência, então deu a Honorina e sua mãe instruções e saiu, prometendo que retornaria mais tarde nessa mesma noite.

Lady Winstead o acompanhou, deixando Honorina uma vez mais só com Marcus, que jazia espantosamente imóvel sobre sua cama.

Por vários minutos, parou imóvel no centro do quarto, sentindo-se estranhamente lânguida e perdida. Realmente não havia nada a fazer. Estivera tão assustada essa manhã, mas ao menos então fora capaz de se concentrar em tratar da perna dele. Agora tudo o que podia fazer era esperar, e sua mente, sem uma tarefa específica, não tinha nada mais que encher-se de medo.

Que escolha. Sua vida ou sua perna. E poderia ser ela a que teria que escolher. Não queria a responsabilidade. Querido Deus, não queria.

— Oh, Marcus — suspirou, finalmente caminhando até a cadeira ao lado da cama — Como aconteceu isto? Por que aconteceu? Não é justo — sentou-se e inclinou-se contra o colchão, dobrando seus braços e descansando sua cabeça na curva de um de seus cotovelos.

Ela, é claro, sacrificaria sua perna para salvar sua vida. Isso era o que Marcus

escolheria se estivesse suficientemente consciente para falar por si mesmo. Era um homem orgulhoso, mas nem tanto para preferir a morte sobre uma incapacidade. Ela sabia isso dele. Nunca falaram sobre isso, é claro quem falava de tais coisas? Ninguém sentava na mesa falando sobre escolher a amputar ou morrer.

Mas sabia o que ele gostaria que fizessem. Ela o conhecia por quinze anos. Não precisava ter feito a pergunta para saber a escolha dele. Entretanto, ficaria zangado. Não com ela. Nem sequer com o médico. Mas com a vida.

Possivelmente com Deus. Mas persistiria. Ela se asseguraria disso. Não sairia do lado dele até que ele... Até que ele...

Oh, querido Deus. Nem sequer podia imaginar.

Tomou uma respiração, tratando de ficar calma. Parte dela queria sair do quarto e rogar ao Doutor Winters que tirasse a perna neste momento. Se isso era o que garantiria a sobrevivência de Marcus, então ela sustentaria o maldito serrote. Ou ao menos o entregaria ao médico.

Não podia enfrentar a ideia de um mundo sem ele.

Inclusive se não estava em sua vida, se ficasse aqui em Cambridgeshire e ela fosse embora e se casasse com alguém que vivesse em Yorkshire, Gales ou Ilhas Orcadas e nunca o visse de novo, ainda saberia que estava vivo e bem, montando a cavalo, ou lendo um livro, ou possivelmente sentado em uma cadeira ao lado do fogo.

Ainda não era momento de tomar uma decisão, não importava o muito que odiasse a incerteza. Não podia ser egoísta. Precisava mantê-lo completo tanto como fosse possível. Mas e se, ao fazê-lo, passasse muito tempo?

Fechou os olhos com força mesmo que sua cabeça estivesse enterrada em seus braços. Podia sentir as lágrimas queimando contra suas pálpebras, ameaçando brotar com todo o terror e frustração construindo dentro dela.

— Por favor, não morra — sussurrou.

Esfregou o rosto contra seu antebraço, tratando de limpar as lágrimas e depois voltou a cair no berço de seus braços. Possivelmente deveria estar rogando para a perna dele, não a ele. Ou possivelmente a Deus, ou ao diabo, Zeus, ou Thor. Rogaria ao homem que ordenhava as vacas se acreditasse que isso faria alguma diferença.

— Marcus — disse outra vez, porque dizer seu nome parecia trazer consolo — Marcus.

— Noria.

Ela gelou e então sentou-se na cadeira.

— Marcus?

Os olhos dele não se abriram, mas pode ver movimento sob as pálpebras, e o queixo dele fez um movimento de cima abaixo muito ligeiramente.

— Oh, Marcus — soluçou. As lágrimas derramando-se — Eu sinto muito. Não deveria estar chorando — Procurou impotente um lenço e finalmente limpou os olhos com o lençol — Simplesmente estou tão feliz por escutar sua voz. Mesmo que não soa absolutamente como você.

— O que o que...

— Quer água? — perguntou, interrompendo suas palavras rotas.

Outra vez, o queixo dele moveu-se.

— Me deixe sentá-lo só um pouco. Resultará mais fácil.

Posicionou-se sob seus braços e conseguiu endireitá-lo uns centímetros. Não foi muito, mas foi algo. Um copo de água estava sobre a mesa, a colher ainda dentro da última vez que tinha tratado de dar de beber.

— Só vou lhe dar umas gotas — disse — Só um pouco de uma vez. Tenho medo de que se afogue se lhe dou muito.

Entretanto, ele o fez muito melhor desta vez, e ela conseguiu que tomasse a melhor parte de oito colheradas, antes de indicar que tivera o suficiente e desabasse de forma horizontal.

— Está sentindo-se bem? — perguntou, tratando de encrespar seu travesseiro — além de terrível, quero dizer.

Ele moveu a cabeça ligeiramente de um lado. Parecia ser uma interpretação adoentada de um encolhimento de ombros.

— É claro que está sentindo-se terrível — esclareceu — mas há alguma mudança? Mais terrível? Menos terrível?

Não respondeu.

— A mesma quantidade de terrível? — Ela riu. Na realidade riu. Surpreendente — Pareço ridícula.

Ele assentiu. Foi um movimento pequeno, um pouco maior do que havia obtido até

agora.

— Escutou-me — disse incapaz de conter um sorriso enorme e trêmulo sobre seu rosto — Zombou de mim, mas me escutou.

Assentiu de novo.

— Isso é bom. Pode sentir-se livre, quando estiver muito melhor, e estará, não permitirei que faça isso, e me refiro a zombar de mim, mas por agora, pode seguir adiante. Oh! — ficou de pé, repentinamente explodindo com energia nervosa — Deveria revisar sua perna, só passou pouco tempo desde que o Doutor Winters saiu, sei, mas não há razão para não ver.

Andou só dois passos e um segundo para ver que a perna dele não havia mudado. A ferida ainda estava de um vermelho brilhante e inflamado, mas não havia partes com amarelo nauseabundo, e o mais importante, não via raias de cor vermelha percorrendo a ferida.

— O mesmo — disse — Não que pensasse que haveria uma mudança, mas como acordou, não há razão para não... bem, já sabe — Sorriu timidamente — Já disse.

Ficou em silêncio por um momento, feliz só em olhá-lo. Seus olhos estavam fechados, e de fato, não parecia nada diferente de como estava quando o Doutor Winters o examinou, mas Honoria havia escutado sua voz, e dera água para ele, e isso era o suficiente para trazer esperança ao seu coração.

— Sua febre! — exclamou de repente — Deveria comprovar isso — Tocou a fronte de Marcus— Está igual para mim. Isso quer dizer que está mais quente do que deveria. Mas melhor que como estava. Definitivamente está muito melhor do que estava — deteve-se, perguntando-se se estava falando em névoa proverbial — Ainda pode me ouvir?

Ele moveu a cabeça.

— Oh, bem, porque sei que pareço tola, e não há razão em soar tola para ninguém. Sua boca moveu um pouco. Ela pensou que poderia estar sorrindo. De algum jeito em sua mente, ele estava sorrindo.

— Estou feliz de ser tola por você — anunciou. Ele assentiu.

Ela pôs uma mão sobre a própria boca, deixando que seu cotovelo descansasse sobre o braço oposto, o qual estava cruzado sobre sua cintura.

— Desejaria saber no que está pensando.

Ele deu um pequeno encolhimento de ombros.

— Está tratando de me dizer que não está pensando em nada? — Apontou um dedo para ele — Porque nisso não acreditarei. Conheço-o muito bem — Esperou por outra resposta, sem importar o quanto pequena. Não obteve nenhuma, então seguiu falando — Provavelmente está pensando na melhor maneira de maximizar sua colheita de milho para este ano — disse — Ou possivelmente se perguntando caso suas rendas forem muito baixas — Pensou nisso por um momento — Não, estará se perguntando se suas rendas forem muito altas. Estou bastante consciente de que é um arrendatário de coração brando. Não quer que ninguém brigue.

Ele sacudiu a cabeça. Só o suficiente assim que ela pode dizer o que quis dizer.

— Não, não quer que ninguém brigue, ou não, não é isso no que está pensando?

— Você — disse com tom áspero.

— Está pensando em mim — sussurrou.

— Obrigado — A voz dele era suave e apenas audível, mas ela escutou. E tomou cada pingo de sua força para não chorar.

— Não o deixarei — disse, segurando a mão dele — Não até que esteja bem.

— Obri... obri...

— Está tudo bem — disse — Não precisa dizer de novo. Não precisava dizer nem da primeira vez.

Mas estava feliz de que ele o fizesse. E não estava certa de qual de suas declarações a havia tocado mais, suas duas palavras de obrigado, ou a primeira, seu simples e solitário “Você”. Ele estava pensando nela. Enquanto estava ali deitado, possivelmente perto da morte, ainda mais, possivelmente, a beira de uma amputação, ele estava pensando nela.

Pela primeira vez desde que tinha chegado a Fensmore, ela não estava assustada.

Capítulo 13



Assim que Marcus despertou pela segunda vez, podia dizer que algo havia mudado. Em primeiro lugar, sua perna doía como o demônio outra vez. Mas de algum modo suspeitava que isso não fosse algo tão ruim. Em segundo lugar, sentia fome.

Estava faminto, de fato, como se não tivesse comido há dias. O que provavelmente era verdade. Não sabia na verdade, de quanto tempo passou desde que adoeceu.

Por último, podia abrir seus olhos. Essa era uma excelente notícia. Não estava seguro de que horas seriam. Estava escuro, mas bem poderia ser quatro da manhã como às dez da noite. Era malditamente desorientador estar doente.

Engoliu, tentando umedecer a garganta. Um pouco de água seria agradável. Girou a cabeça para a mesinha de cabeceira. Seus olhos ainda não estavam ajustados à escuridão, mas podia ver que alguém estava dormindo em uma cadeira ao lado de sua cama.

Honorina? Provavelmente. Tinha a sensação de que ela não deixara seu quarto durante toda esta prova.

Piscou, tentando recordar como ela chegou a Fensmore. Oh, sim, a Senhora Wetherby havia escrito. Não podia imaginar por que sua governanta pensara em fazer isso, mas estaria eternamente agradecido de que o tivesse feito. Mas bem suspeitava que estivesse morto se não fosse pela agonia que Honorina e sua mãe infligiram a sua perna.

Mas isso não era tudo. Sabia que estivera entrando e saindo da consciência, e sabia que sempre haveria enormes lacunas em sua memória deste terrível momento. Mas inclusive assim, sabia que Honorina estava aqui, neste quarto. Havia sustentado sua mão, e falava com uma suave voz alcançando sua alma inclusive quando ele não foi capaz de distinguir as palavras.

E saber que ela estava aqui... Fazia tudo ficar mais fácil. Não estava sozinho. Pela primeira vez em sua vida, não estava sozinho.

Deixou escapar um pequeno suspiro. Estava sendo muito dramático. Não era como se tivesse caminhado ao redor com alguma classe de escudo invisível, mantendo todas as pessoas à distância. Poderia ter mais pessoas ao redor de sua vida. Poderia ter muito mais pessoas à sua volta. Era um Conde, pelo amor de Deus. Estalaria seus dedos e a casa ficaria cheia de gente.

Mas nunca havia desejado companhia só para venerações de bate-papo ocioso. E durante todas as coisas que significaram algo em sua vida, estivera sozinho. Era o que ele queria.

O que ele pensara que queria.

Piscou um par de vezes mais, e seu quarto começou a enfocar-se. As cortinas não estavam fechadas, e a lua provia suficiente luz para distinguir as graduações de cores mais elementares. Ou talvez fosse simplesmente porque que soubesse que suas paredes eram de cor bordô e a paisagem gigante, que estava pendurada sobre sua lareira era principalmente verde. As pessoas viam o que esperavam ver. Era uma das verdades mais básicas da vida.

Girou a cabeça outra vez, olhando à pessoa que estava na cadeira. Definitivamente era Honoria, e não só porque fosse a pessoa que ele esperava ver. Seu cabelo estava um pouco despenteado, e era claramente de uma cor castanha clara, não suficientemente escuro para ser o de Lady Winstead.

Perguntou-se quanto tempo estava sentada ali. Não havia forma de que estivesse cômoda. Mas não deveria incomodá-la. Sem dúvida necessitava de seu sono.

Tentou empurrar-se até uma posição em que ficasse sentado, mas descobriu que estava muito fraco para conseguir mover-se algo mais que um par de centímetros. Mesmo assim, podia ver um pouco melhor, talvez inclusive estender sua mão um pouco além de Honoria para alcançar o copo de água sobre a mesa.

Ou talvez não. Levantou seu braço quinze centímetros antes que voltasse a cair ao seu lado. Estava muito cansado. E sedento. Sua boca parecia como se estivesse cheia de serragem. O copo de água parecia a visão do céu. O céu, justo fora de seu alcance.

Maldição.

Suspirou, então desejou não ter feito, porque fez com que suas costelas doessem. Todo seu corpo doía. Como era possível que um corpo pudesse doer em absolutamente todos os lugares? Exceto por sua perna, que ardia. Mas pensava que talvez já não tivesse febre. Ou ao menos não muita. Era difícil de dizer. Certamente sentia-se mais lúcido do que havia sentido há algum tempo.

Observou Honoria por um minuto ou algo assim. Ela não se movia absolutamente em seu sono. Sua cabeça estava inclinada para um lado em um ângulo pouco natural, e ele só podia pensar que ia despertar com uma terrível câimbra no pescoço.

Talvez devesse despertá-la. Seria o mais educado a fazer.

— Honoria — disse com voz rouca.

Ela não emitiu nenhum movimento.

— Honoria.

Tentou dizer mais forte, mas não conseguiu, com voz áspera e rouca, como um inseto chocando sozinho contra a janela. Sem mencionar que o esforço era exaustivo.

Tentou alcançá-la outra vez. Seu braço parecia como se fosse um peso morto, mas de algum modo conseguiu tirá-lo da cama. Só queria tocá-la com seu dedo, mas sua mão aterrissou pesadamente sobre suas pernas estendidas.

— Aaaaah!

Ele acabou despertando totalmente com o grito, e a cabeça levantou-se tão rápido que bateu com a parte de atrás em um dos pilares da cama.

— Ai — gemeu, levantando a mão para esfregar o ponto sensível.

— Honoria — disse outra vez, tentando obter sua atenção.

Ela murmurou algo e deixou escapar um grande bocejo enquanto esfregava sua face com a mão.

— Marcus?

Soava sonolenta. Soava maravilhosa.

— Posso beber um pouco de água, por favor? — perguntou ele.

Talvez devesse ter dito algo um pouco mais profundo, havia, depois de tudo, praticamente retornado da morte. Mas estava sedento. Sedento como se tivesse andado no deserto. E pedir água era provavelmente o mais profundo que podia chegar a ser em sua condição.

— É claro — As mãos dela moveram torpemente na escuridão até que aterrissaram no copo — Oh, maldição — Escutou-a dizer — Um momento.

Observou-a enquanto ficava de pé e caminhou para a outra mesa, de onde recolheu uma jarra.

— Não resta muita — disse atordoada — Mas deve ser suficiente — Verteu um pouco no copo, logo agarrou a colher.

— Posso fazê-lo — disse ele.

Ela olhou para ele com surpresa.

— Sério?

— Poderia me ajudar a sentar?

Ela assentiu e envolveu os braços ao redor dele, quase como um abraço.

— Aqui vamos. Murmurou, puxando ele para cima. Suas palavras aterrissaram brandamente no espaço de seu pescoço, quase como um beijo. Ele suspirou e ficou imóvel, permitindo um momento para saborear a calidez de seu fôlego contra sua pele.

— Está bem? — perguntou ela, inclinando-se para trás.

— Sim, sim, é claro — disse, saindo de seu estado com tanta velocidade como um homem em sua condição podia — Sinto muito.

Então, com a ajuda dela, conseguiu ficar em uma posição sentada, e ele tomou o copo de água sem ajuda. Era surpreendente o muito que isso parecia como um triunfo.

— Você parece muito melhor — disse Honoria, piscando para afastar o sono de seus olhos — Eu... eu... — Piscou outra vez, mas esta vez ele pensou que ela quisesse evitar o choro — É tão bom vê-lo de novo.

Assentiu e estendeu o copo.

— Mais, por favor.

— É claro — Encheu outra vez e o entregou.

Bebeu com avidez, exalando só quando terminou todo o copo.

— Obrigado — disse, entregando de novo.

Ela pegou, deixou-o na mesa, e voltou a sentar na cadeira.

— Estava tão preocupada com você — disse.

— O que ocorreu? — perguntou ele.

Recordava algo do que havia acontecido, a mãe dela e as tesouras, o coelho gigante. E que ela o tinha chamado de sua rocha. Sempre recordaria isso.

— O médico apareceu para vê-lo duas vezes — disse — O Doutor Winters. O jovem Doutor Winters. Seu pai... Bem, não tenho certeza do que ocorreu com o pai dele, mas

honestamente, não me interessa saber. Nem sequer olhou sua perna. Não tinha ideia de que estava com uma ferida infectada na perna. Se a tivesse visto antes que ficasse tão mal, bem, suponho que tudo poderia ter resultado da mesma forma — Seus lábios se apertaram com frustração — Mas talvez não.

— O que disse o Doutor Winters? — perguntou Marcus, logo especificou — O jovem. Ela sorriu.

— Ele pensa que manterá sua perna.

— O que? — Sacudiu a cabeça, tentando entender.

— Tínhamos medo de que talvez tivesse que amputa-la.

— Oh, Meu Deus — permitiu-se afundar-se nos travesseiros — Oh, Meu Deus.

— É provavelmente melhor que não soubesse que era uma possibilidade — disse com suavidade.

— Oh, Meu Deus — Não podia imaginar viver sem uma perna. Supunha que ninguém poderia até que tivesse que fazê-lo.

Ela tomou a mão dele entre as suas.

— Ficar bem.

— Minha perna — sussurrou.

Tinha uma irracional urgência de sentar e olhá-la, só para assegurar-se de que ela ainda estava ali. Obrigou-se a permanecer imóvel, ela sem dúvida pensaria que era mais que estúpido querer vê-lo por si mesmo. Mas doía. Doía muito, e estava agradecido pela dor. Ao menos sabia que ainda estava onde se supunha que tivesse que estar.

Honorina liberou sua mão para sufocar um enorme bocejo.

— Oh, me desculpe — disse quando terminou — Acho que não dormi muito. Ele percebeu que era por sua culpa. Outra razão pela que devia sua gratidão.

— Essa cadeira não pode ser cômoda — disse — Deveria tomar o outro lado da cama.

— Oh, não poderia.

— Não é possível que seja mais impróprio que qualquer outra coisa que tenha ocorrido hoje.

— Não — Disse ela, percebendo que começaria a rir caso não estivesse tão cansada — quero dizer, não poderia. O edredom ainda está molhado de quando limpamos sua

perna.

— Oh. — E logo riu. Porque era engraçado. E porque se sentia tão bem rir. Retorcendo-se um pouco, tentando ficar confortável na cadeira, Honoria falou:

— Talvez pudesse permanecer em cima da colcha — e estirou o pescoço para olhar por cima dele o lugar vazio.

— O que desejar.

Deixou escapar um suspiro de esgotamento.

— Pode ser que meus pés se molhem. Mas não acredito que me importe.

Um momento depois ela estava na cama, deitada sobre o edredom. Ele estava, também, na realidade, embora a maior parte dele estivesse sob uma segunda colcha, supunha que eles talvez quizessem deixar sua perna exposta ao ar.

Ela bocejou outra vez.

— Honoria — sussurrou ele.

— Mmmm?

— Obrigado.

— Mmm—hmm.

Um momento passou, e em seguida ele disse, porque tinha que dizer:

— Alegra-me que esteja aqui.

— A mim também — disse ela sonolenta — A mim também.

A respiração dela regularizou-se pouco a pouco, e logo a dele também ficou regular. E dormiram.

Na manhã seguinte, Honoria despertou deliciosa e comodamente cálida. Com os olhos ainda fechados, estirou os dedos de seus pés e em seguida os flexionou, rodando um tornozelo e depois o outro. Era seu ritual matutino, esticar-se na cama. Suas mãos eram o seguinte passo. Estendiam-se como pequenas estrelas do mar e logo se voltavam em garras.

Depois seu pescoço, para trás e para frente e em seguida girando em um círculo. Bocejou, curvando as mãos em punhos quando estendeu seus braços para frente e...

Chocou-se com alguém. Ficou gelada. Abriu os olhos. Então recordou de tudo. Santo céu estava na cama com Marcus. Não. Essa não era a forma correta de expressar. Estava

na cama de Marcus. Mas não estava com ele.

Impróprio, sim, mas certamente havia uma dispensa especial para as jovens senhoritas que eram encontradas na cama com um cavalheiro que claramente estava muito doente para comprometê-las.

Lentamente, tentou afastar um centímetro. Não havia necessidade de despertá-lo. Provavelmente ele nem sequer imaginava de que ela estava ali. E por ali ela se referia junto a ele, lado a lado, seus pés tocando os dele. Certamente não ao outro extremo da cama, onde ela tinha começado a noite anterior.

Dobrando os joelhos, firmou a planta dos pés no colchão para melhorar a tração. Primeiro levantou os quadris, movendo uns centímetros para a direita.

Depois os ombros e em seguida os quadris outra vez, e logo seus pés para avançar por completo. Tempo para os ombros, e depois...

Whomp!

Um dos braços de Marcus caiu pesadamente sobre ela.

Honorina congelou outra vez. Céu santo, o que julgava que poderia fazer agora? Talvez se esperasse um minuto ou dois, ele retornaria a sua posição anterior.

Esperou. E esperou. E ele se moveu. Para ela.

Honorina engoliu nervosamente. Não fazia ideia de que horas eram. Algum momento depois do amanhecer, mas, além disso, não fazia ideia e a sério que não queria que a Senhora Wetherby entrasse para encontrá-la pressionada contra a cama de Marcus. Ou pior ainda, sua mãe.

Certamente ninguém pensaria mal dela, especialmente não depois de tudo o que havia ocorrido no dia anterior. Mas não estava casada, e tampouco ele, e era uma cama, e ele estava usando muito pouca roupa, e...

Isso era tudo. Teria que sair. Se ele despertasse, paciência. Ao menos não estaria com uma proverbial arma em suas costas, apontando-o para o casamento.

Endireitou-se e saiu da cama, tentando ignorar os mais que agradáveis sons que ele fazia, enquanto girava e se arrumava sob o edredom. Uma vez que esteve firmemente assentada sobre o tapete, deu uma rápida olhada para a perna dele.

Parecia estar sarando apropriadamente, sem sinais dessas sinistras raias vermelhas de que o Doutor Winter havia mencionado.

— Obrigada — sussurrou, enviando uma breve oração por sua contínua recuperação.

— De nada — murmurou Marcus.

Honorina deixou escapar um pequeno grito de surpresa, saltando atrás quase trinta centímetros.

— Sinto muito — disse ele, mas estava rindo.

Era o som mais adorável que Honorina jamais havia escutado.

— Não estava falando com você — disse animadamente.

— Eu sei — e ele sorriu.

Tentou alisar a saia, que estava horivelmente enrugada. Estava usando o mesmo vestido azul que vestiu em Londres, o que foi a... Oh, céu santo! Dois dias antes. Nem queria imaginar quão horrorosa devia estar.

— Está sentindo-se bem? — perguntou.

— Muito melhor — disse ele, sentando-se.

Notou que puxara as mantas junto com ele. O que sem dúvida foi a única razão pela que seu rubor era de uma cor rosa em lugar de vermelho intenso. Era divertido... Quase.

Vira seu peito nu centenas de vezes no dia anterior, tinha cravado e empurrado sua perna nua, e inclusive não que fosse dizer sobre isto jamais, pode ver uma de suas nádegas quando ele esteve movendo-se pela dor.

Mas agora, quando ambos estavam completamente acordados e longe das portas da morte, nem sequer podia obrigar seus olhos a encontrar-se com os dele.

— Está muito dolorido ainda? — perguntou, apontando para a perna dele, que aparecia debaixo dos lençóis.

— Mais como uma dor surda.

—Terá uma terrível cicatriz. Ele sorriu com ironia.

— A levarei com orgulho e mendacidade.

— Mendacidade? — repetiu ela, incapaz de conter a diversão.

Inclinou a cabeça para um lado enquanto considerava a enorme ferida na perna dele.

— Estava pensando que poderia dizer que a consegui lutando com um tigre.

— Um tigre. Em Cambridgeshire?

Encolheu os ombros.

— É mais provável que um tubarão.

— Um javali — decidiu ela.

— Agora, isso sim é indigno.

Ela apertou os lábios e deixou escapar uma pequena borbulha de risada. Ele riu também, e foi só então que ela se permitiu acreditar que ele se recuperaria. Era um milagre. Não podia pensar em outra forma de descrever. A cor retornara ao rosto dele. Talvez estivesse muito magro, isso não era nada comparado com a clareza em seus olhos.

Ele ficaria bem.

— Honoria?

Levantou a vista de forma interrogante.

— Estava balançando — disse ele — A ajudaria, mas...

— Sinto-me um pouquinho instável — disse, avançando até a cadeira ao lado da cama — acredito...

— Comeu?

— Sim — disse — Não. Bem, algo. Provavelmente deveria fazê-lo. Só acredito que estou... Aliviada.

E logo, para seu máximo horror, começou a soluçar. Veio repentinamente, golpeando-a como uma enorme onda. Cada pedacinho dela estivera sujeito tão apertadamente, estirou-se tanto e tão longe como pode ir, e agora que sabia que ele ficaria melhor, veio abaixo.

Estava como a corda de um violino, tensa, e em seguida partiu-se em dois.

— Sinto muito — disse, ofegando em busca de ar entre os soluços — Não sei... Não era minha intenção... É só que estou tão feliz...

— Shhhh — cantarolou ele, tomando a mão dela — Está bem. Tudo estará bem.

— Sei — soluçou — Sei. Por isso estou chorando.

— Por isso estou chorando também — disse ele em voz baixa.

Ela deu a volta. Não havia lágrimas correndo por seu rosto, mas seus olhos estavam úmidos. Nunca o vira demonstrar tanta emoção, nem sequer pensava que fosse possível. Com uma mão trêmula, estirou-se e tocou a face e em seguida a extremidade do olho dele, afastando seus dedos quando uma de suas lágrimas deslizou em sua pele.

E depois fez algo tão inesperado que tomou a ambos por surpresa.

Lançou seus braços ao redor dele, enterrando o rosto no espaço de seu pescoço, e o sustentou com firmeza.

— Estava tão assustada — sussurrou — Acredito que nem sequer sabia quanto assustada estava.

Os braços de Marcus a rodearam, vacilantes a princípio, mas depois, como se tivesse necessitado só de um pequeno empurrão, entregou-se em seu abraço, sujeitando-a brandamente contra ele, acariciando seu cabelo.

— Simplesmente não sabia — soluçou — Não me dava conta.

Mas eram só palavras agora, com significados que nem sequer ela entendia. Não imaginava do que estava falando... Pelo que não sabia ou não entendia. Ela só... ela só...

Levantou o olhar. Ela só precisava ver seu rosto.

— Honoria — sussurrou ele, olhando-a como se nunca a tivesse visto antes.

Seus olhos eram quentes, marrom chocolate e ricos em emoções. Algo acendeu em sua profundidade, algo que não reconhecia e lento, muito lento, seus lábios abaixaram para encontrar-se com os dela.

Marcus jamais poderia ter explicado por que beijou Honoria. Não sabia por que o fizera. Ele a sustentava enquanto ela chorava, e parecia a coisa mais natural e inocente de fazer. Não houve nenhuma intenção de beijá-la, e nenhuma necessidade de levar isso mais longe.

Mas então ela havia olhado para ele. Seus olhos, Oh, esses incríveis olhos brilhando com lágrimas, e seus lábios, cheios e tremendo.

Deixou de respirar. Deixou de pensar.

Algo mais se apoderou dele, um pouco profundo demais em seu interior que sentia à mulher em seus braços, e ficou perdido.

Mudou.

Tinha que beijá-la. Tinha que fazê-lo. Era tão básico e elementar como sua respiração, seu sangue, sua alma.

E quando o fez...

A Terra deixou de girar.

Os pássaros deixaram de cantar.

Tudo no mundo parou, exceto ele e ela, e o beijo tão ligeiro como uma pluma que os conectava.

Algo saltou à vida em seu interior, uma paixão, um desejo. E entendeu que se não estivesse em estado tão débil, com tão pouca força, o teria levado mais longe. Não seria capaz de deter-se. Teria pressionado seu corpo contra o dela, maravilhando-se em sua suavidade, sua essência.

A beijaria profundamente, e a teria tocado em todas as partes. Teria rogado. Teria rogado que ficasse, teria rogado que desse as boas vindas a sua paixão, teria rogado que o tomasse em seu interior.

Desejava-a. E nada poderia tê-lo aterrorizado mais. Esta era Honoria. Havia jurado protegê-la. E em lugar disso...

Levantou os lábios dos dela, mas não pode afastar-se. Apoiando sua fronte contra a de Honoria, saboreando um último toque, sussurrou.

— Me perdoe.

Então ela saiu. Não pode sair do quarto suficientemente rápido. Observou-a sair, viu suas mãos sacudindo e seus lábios tremerem.

Era uma besta. Ela havia salvado sua vida, e isto era o que ele fazia em troca?

— Honoria — sussurrou.

Tocou os lábios com um dedo, como se de algum modo pudesse ser capaz de senti-la ali. E o fez. Era a coisa mais malditamente estranha.

Ele ainda sentia seu beijo, ainda vibrava com o ligeiro toque dos lábios dela sob os seus.

Ela ainda estava com ele.

E teve a mais estranha sensação de que sempre estaria.

Capítulo 14



Graças a Deus Honoria não teve que passar o dia seguinte de sua vida agonizando por seu breve beijo com Marcus.

Em seu lugar, ela dormiu.

Era um curto passeio do quarto de Marcus até o seu, por isso só teve que por em sua mente a tarefa em questão, quer dizer, por um pé diante do outro permanecendo em posição vertical o tempo suficiente para conseguir chegar ao seu dormitório. E uma vez que o fez, deitou-se na cama e não levantou de novo durante as seguintes vinte e quatro horas.

Talvez tenha sonhado, mas não recordou nada depois.

Era de manhã quando finalmente despertou, e ainda estava com o mesmo vestido que estivera usando desde que o vestiu, em Londres. Quantos dias haviam passado?

Um banho parecia ser a ordem do dia, uma mudança de roupa, e depois o café da manhã é claro, no que felizmente insistiu que a Senhora Wetherby permanecesse a mesa com ela, para falar de todo tipo de coisas, que nada tiveram a ver com Marcus.

Os ovos foram extremamente interessantes, igual foi o toucinho. As hortênsias fora da janela eram absolutamente fascinantes.

Hortênsias. Quem teria imaginado?

Contudo, ela não estava simplesmente evitando Marcus, só que todos os pensamentos a respeito dele permaneceram em silêncio, ou ao menos assim foi até que a Senhora Wetherby perguntou.

— Já foi a ver sua Senhoria esta manhã?

Honoria fez uma pausa, seu pãozinho ficou suspenso a meio caminho de sua boca.

— Er... Ainda não — Disse.

A manteiga de seu pãozinho gotejava em sua mão. O colocou de volta no prato e limpou os dedos.

E então a Senhora Wetherby disse.

— Com certeza ele adoraria vê-la.

O que significava que Honoria teria que ir. Depois de todo o tempo e esforço que passou cuidando dele, quando estivera nas profundidades da febre, pareceria muito estranho, se ela simplesmente tivesse sacudido a mão subtraindo importância e dito, “Oh, com certeza ele está bem”.

A caminhada da sala de café da manhã até o quarto de Marcus tomou aproximadamente três minutos, e foram os três minutos mais longos que já passou, pensando no beijo de três segundos.

Ela havia beijado o melhor amigo de seu irmão. Havia beijado Marcus... Que, conforme acreditava, tornou-se um de seus melhores amigos também.

E isso a deteve quase tanto como o beijo o fizera. Como aconteceu isso? Marcus sempre foi o melhor amigo de Daniel, não dela. Ou, bem. Amigo de Daniel em primeiro lugar, e seu em segundo. O que não era por dizer... Deteve-se. Estava enjoando por si só.

Ao diabo. O mais provável era que ele nem sequer tivesse pensado nisso ao menos uma só vez. Talvez só estivesse um pouco delirante. Talvez nem sequer recordasse.

E poderia na verdade chamar beijo? Fora muito, muito curto. E contaria alguma coisa, se o beijador, ele, estivesse sentindo-se terrivelmente agradecido com a beijada, ela, e inclusive em dívida, no mais elementar dos sentidos?

E depois de tudo, ela havia salvado a vida dele. Um beijo não estava totalmente fora de ordem. Além disso, ele disse, “me perdoe”. Contaria como beijo se o beijador havia pedido perdão? Honoria pensou que não.

Entretanto, a última coisa que queria era falar com ele sobre isto, assim quando a Senhora Wetherby disse que ele continuava dormindo, ela decidiu ir ver como ele estava passando, resolvendo fazer uma visita apressada com o fim de apanhá-lo antes que despertasse.

Sua porta havia ficado entreaberta, por isso ela pôs a mão contra a madeira escura e a empurrou muito lentamente. Era incompreensível que uma casa tão bem administrada como Fensmore pudesse ter dobradiças chiantes nas portas, mas uma nunca podia ser muito cuidadosa. Uma vez que ela fez uma abertura do tamanho da cabeça, meteu-se nela, girou o pescoço para poder vê-lo, e...

Ele se voltou para ela e a olhou.

— Oh, está acordado! — as palavras saltaram de sua boca como o gorjeio de um pequeno pássaro aturdido.

Droga!

Marcus estava sentado na cama, as mantas colocadas cuidadosamente ao redor da cintura. Honoria notou com alívio que por fim, ele havia colocado uma camisa de dormir.

Ele mostrou um livro.

— Estive tentando ler.

— Ah, então não o incomodarei — disse ela rapidamente, embora seu tom de voz tivesse sido claramente de *tenho-estado-tentando-ler-porque-simplemente-não-consigo-me-sentir-a-gosto*.

Então ela fez uma reverência. Uma reverência!

Por que, na terra, ela faria uma reverência? Nunca fizera uma reverência a Marcus em sua vida. Assentiu com a cabeça, e inclusive inclinado um pouco os joelhos, mas, Meu Deus, ele teria derrubado pela risada se ela tivesse feito uma reverência. De fato, muito possivelmente estaria rindo agora mesmo. Mas nunca saberia, porque fugiu antes que pudesse emitir som algum.

Entretanto, quando ela encontrou-se com sua mãe e a Senhora Wetherby no salão de estar mais tarde esse dia, ela pode dizer com seu maior grau de honestidade possível que tinha ido visitar Marcus, e percebeu que ele estava muito melhor.

— Inclusive está lendo — disse, soando maravilhosamente casual — Isso deve ser um bom sinal.

— O que estava lendo? — perguntou a condessa com cortesia, inclinando-se para servir uma xícara de chá.

— Ehm... — Honoria piscou, não recordando nada mais que a pele de cor vermelha escura da capa do livro — Não me dei conta, na realidade.

— Provavelmente deveríamos levar mais alguns livros para que tenha onde escolher — disse Lady Winstead, estendendo a Honoria seu chá — Está quente — advertiu e depois continuou — É terrivelmente aborrecido estar confinado em uma cama. Falo por experiência. Estive confinada durante quatro meses quando ia ter você e três com a Charlotte.

— Não sabia.

Lady Winstead subtraiu importância com um gesto de mão.

— Não havia nada que fazer a respeito. Não é como se tivesse escolha. Mas posso dizer positivamente que os livros salvaram minha prudência. As pessoas podem ler ou bordar, mas não vejo Marcus agarrando uma agulha e linha.

— Não — Concordou Honoria, sorrindo diante da ideia. A condessa tomou outro sorvo de seu chá.

— Deveria procurar na biblioteca e ver o que pode encontrar. E pode ficar com meu romance quando formos — Deixou a xícara — Trouxe uma da Sarah Gorely e quase terminei de ler, até agora foi maravilhosa.

— A Senhorita Butterworth e o Barão louco? — perguntou Honoria em dúvida.

Ela já havia lido este livro também, e o achara muito divertido, mas era ridiculamente melodramático, e não podia imaginar Marcus desfrutando-o. Honoria recordava corretamente, havia um montão de escarpados. E de árvores. E dos batentes de janelas.

— Não acredita que ele poderia preferir algo mais sério?

— Com certeza você pensa que preferiria algo mais sério. Mas esse moço já é muito sério. Necessita mais leveza em sua vida.

— Dificilmente continua sendo um jovem.

— Para mim, ele sempre será um jovem — Lady Winstead dirigiu-se à Senhora Wetherby, que tinha permanecido em silêncio durante todo o intercâmbio — Não está de acordo?

— Oh, claro — concordou a Senhora Wetherby — Mas é claro, eu o conheço desde que usava fraldas.

Marcus com certeza não aprovasse esta conversa, pensou Honoria.

— Talvez você possa escolher alguns livros para ele, Honoria — disse a condessa

— Estou segura de que conhece o gosto dele melhor do que eu.

— Na realidade, não tenho tanta certeza assim — Disse Honoria, olhando seu chá. Por alguma razão isso a incomodava.

— Temos uma biblioteca muito ampla aqui em Fensmore — disse a Senhora Wetherby com orgulho.

— Claro que encontrarei algo — disse Honoria, pondo um sorriso em seu rosto.

— Terá que achar — disse a condessa — a menos que deseje ensiná-lo a bordar.

Honorina lançou um olhar de pânico, e logo viu a risada nos olhos da mãe.

— Oh, imagina? — disse Lady Winstead com um sorriso — Sei que os homens fazem maravilhosos ternos, mas estou segura de que contam com equipes de costureiras escondidas nos quartos dos fundos.

— Seus dedos são muito grandes — concordou a Senhora Wetherby — Eles não podem sustentar as agulhas corretamente.

— Bem, ele não poderia ser pior do que era Margaret — Lady Winstead virou-se para a Senhora. Wetherby e explicou — Minha filha mais velha. Nunca vi ninguém menos qualificado com uma agulha.

Honorina olhou para sua mãe com interesse. Nunca havia percebido que Margaret era tão funesta na costura. Mas, Margaret era dezessete anos mais velha que ela e estava casada e fora da casa Smythe-Smith antes que Honorina tivesse sido suficientemente grande, para começar a guardar lembranças.

— O bom é que tinha talento para o violino — continuou Lady Winstead.

Honorina elevou a vista bruscamente diante disto. Ela já havia escutado Margaret tocar.

“Talento” não era a palavra que ela teria usado para descrever seu dom.

— Todas as minhas filhas tocam violino — disse Lady Winstead com orgulho.

— Inclusive você, Lady Honorina? — perguntou a Senhora Wetherby.

Honorina assentiu com a cabeça.

— Inclusive eu.

— Se você tivesse trazido o instrumento, Srta. Honorina, eu ficaria encantada em escutá-la tocar.

— Não sou tão capaz como minha irmã Margaret — disse Honorina.

O que, por desgracia, era verdade.

— Oh, não seja tola — disse a mãe, dando uma palmada brincalhona no braço — achei que tocou magnificamente no ano passado. Só tem que praticar um pouco mais — Ela se voltou para a Senhora Wetherby — Nossa família oferece uma noite musical a cada ano. É um dos mais solicitados convites da cidade.

— É um tesouro provir de uma família de músicos.

— Oh — disse Honorina, porque não estava certa de que seria capaz de arrumar para dizer outra coisa — Sim.

— Espero que suas primas estejam ensaiando em sua ausência — disse a condessa com uma expressão preocupada.

— Não tenho tanta certeza disso — disse Honoria — É um quarteto. Não podem realmente ensaiar na falta de um dos violinos.

— Sim, suponho que sim. É só que Daisy é tão nova.

— Daisy? — perguntou a Senhora Wetherby.

— Minha sobrinha — explicou Lady Winstead — Ela é muito jovem e — Sua voz converteu-se em um sussurro, embora por sua vida inteira, Honoria não pode imaginar por que — não é muito talentosa.

— Oh, Meu Deus — exclamou a Senhora Wetherby, uma de suas mãos elevando-se para seu peito — E agora o que vão fazer? A noite musical ficará arruinada.

— Com certeza Daisy ficará perfeita como o resto de nós — disse Honoria com um débil sorriso.

Para falar a verdade, Daisy era péssima. Mas era difícil imaginar que sua interpretação fizesse o quarteto ficar pior do que era. E ela traria um pouco de entusiasmo muito necessário ao grupo. Sarah seguia afirmando que preferiria que arrancassem os dentes antes de tocar com o quarteto de novo.

—Lorde Chatteris foi algum vez à noite musical? — perguntou à Senhora Wetherby.

— Oh, ele comparece a cada ano — respondeu Lady Winstead — E sempre senta na primeira fila.

Era um santo, pensou Honoria. Ao menos por uma noite ao ano.

— É um amante da música — disse a Senhora Wetherby.

Um santo. Um mártir, inclusive.

— Suponho que terá que perder este ano — disse Lady Winstead, com um triste suspiro — Talvez possa arrumar para que as garotas venham até aqui para um concerto especial.

— Não! — exclamou Honoria tão forte, que ambas as mulheres a olharam — Quero dizer, que ele não gostaria, com certeza. Não gosta que as pessoas se preocupem tanto por ele — Pode ver pela expressão no rosto de Lady Winstead que este argumento não resultava ser suficientemente forte, por isso adicionou — Além disso, a Íris não se sente bem em viajar.

Uma mentira flagrante, mas foi o melhor que pode obter em tão pouco tempo.

— Bem, suponho — reconheceu Lady Winstead — Mas estará no próximo ano — Logo, com um brilho de pânico em seus olhos, acrescentou — e você não estará tocando, tenho certeza— Quando se fez evidente que teria que explicar o motivo, voltou-se para a Senhora Wetherby e disse — Cada filha Smythe-Smith deve deixar o quarteto quando se casa. É uma tradição.

— Está comprometida para casar Lady Honoria? — perguntou a Senhora Wetherby, com o cenho franzido em confusão.

— Não — respondeu Honoria — e eu...

— O que ela quer dizer — interrompeu a mãe — é que esperamos que ela esteja comprometida até o final da temporada.

Honoria só pode ficar olhando. A condessa nunca mostrou tal determinação ou estratégia durante suas duas primeiras temporadas.

— Espero que não seja muito tarde para Madame Brovard — refletiu sua mãe. Madame Brovard? A costureira mais exclusiva de Londres? Honoria ficou atônita.

Apenas fazia uns dias que Lady Winstead havia dito para ir às compras com sua prima Marigold para “procurar um pouco de cor rosa”.

Agora ela queria que Honoria fosse ver Madame Brovard?

— Ela não usa o mesmo tecido duas vezes se for importante — A condessa explicou à Senhora Wetherby — É por isso que é considerada a melhor.

A Senhora Wetherby assentiu, claramente desfrutando da conversa.

— Mas o inconveniente é que se alguém for vê-la muito tarde na temporada — Lady Winstead levantou as mãos de forma fatalista — Todos os bons tecidos já terminaram.

— Oh, isso é terrível — respondeu a Senhora Wetherby.

— Sei, sei. E quero me assegurar de que encontremos as cores corretas para Honoria este ano. Para ressaltar seus olhos, sabe.

— Ela tem uns lindos olhos — concordou a Senhora Wetherby.

Voltou-se para Honoria.

— Você os tem.

— Ah, obrigado — disse Honoria de forma automática.

Era estranho, ver sua mãe agindo como... Bem, como a Senhora Royle, para ser completamente honesta. Desconcertante.

— Devo ir para a biblioteca agora — anunciou.

As duas mulheres já haviam entrado em uma animada discussão sobre a distinção entre o lavanda e o caracol.

— Que passe um bom momento, querida — disse a mãe sem sequer olhar em sua direção — Digo Senhora Wetherby, se você tivesse um tom mais claro de caracol...

Honorina limitou-se a sacudir a cabeça. Necessitava de um livro. E talvez outra sesta. E uma fatia de bolo. E não necessariamente nessa ordem.

O Doutor Winters apareceu naquela tarde e declarou que Marcus estava no bom caminho da recuperação. A febre havia desaparecido completamente, a perna sarava esplendidamente, e inclusive sua torção no tornozelo do qual todos esqueceram, já não mostrava sinais de inflamação.

Com a vida de Marcus fora de perigo, Lady Winstead anunciou que ela e Honorina empacotariam e partiriam para Londres imediatamente, foi muito irregular fazer a viagem em primeiro lugar, disse a Marcus em particular.

— Duvido que se fale, dada nossa relação anterior e a precariedade de sua saúde, mas ambos sabemos que a Sociedade não será tão indulgente ao nos demorarmos.

— É claro — murmurou Marcus.

Era o melhor, na verdade. Ele estava além de aborrecido e sentiria falta em tê-las por perto, mas a temporada começaria seriamente muito em breve e Honorina deveria voltar para Londres. Era uma filha solteira de um Conde e, portanto era importante a busca de um marido adequado, não havia outro lugar para ela nesta época do ano.

Teria que ir também, para cumprir sua promessa com Daniel e assegurar-se de que ela não se casasse com um idiota, mas estava de cama, por ordens médicas, e o estaria pelo menos outra semana.

Depois seria obrigado a ficar confinado em sua casa por uma semana a mais, possivelmente duas, até que o Doutor Winters confirmasse que estava livre da infecção. A Senhora Winstead o fizera prometer que seguiria as ordens do médico.

— Não salvamos sua vida para que a esbanjasse — disse.

Seria perto de um mês antes que pudesse segui-las até a cidade. Ele achou isto inexplicavelmente frustrante.

— Onde está Honoria? — perguntou à Lady Winstead, apesar de saber que não devia perguntar por uma mulher solteira a sua mãe.

Mas estava tão aborrecido. E sentia falta de sua companhia. O que não era absolutamente o mesmo que falar com ela.

— Tomamos o chá agora a pouco — disse Lady Winstead — Ela disse que o viu esta manhã. Acredito que planeja buscar alguns livros na biblioteca para você. Imagino que estará aqui com eles a noite.

— Apreciarei muito. Já quase terminei com... — Ele olhou sobre sua mesa de cabeceira.

— O que estava lendo?

— As perguntas filosóficas sobre a essência da liberdade humana.

As sobrancelhas dela ergueram-se.

— Estava gostando?

— Não muito, não.

— Direi a Honoria que dê pressa com os livros, então — disse ela com um sorriso divertido.

— Realmente o espero — disse ele.

Começou a sorrir e, continuando, conteve-se e assumiu um semblante mais sério.

— Estou segura de que ela também — disse Lady Winstead.

Disto Marcus não estava tão certo. Mas mesmo assim, como Honoria não havia mencionado o beijo, então ele tampouco o faria. Era uma coisa sem importância, de verdade.

Ou se não, então deveria ser facilmente esquecido. Estariam retornando a sua velha amizade em pouco tempo.

— Acredito que ela ainda esteja cansada — disse Lady Winstead — embora não possa imaginar por que. Dormiu durante vinte e quatro horas, sabia isso?

Não, ele não sabia.

— Ela permaneceu ao seu lado até que a febre abaixou. Ofereci-me para ocupar o lugar dela, mas não aceitou.

— Estou em dívida para com ela — disse Marcus em voz baixa — E com a senhora

também, por isso entendo.

Por um momento, Lady Winstead não disse nada. Mas então, abriu os lábios, como estivesse decidindo sealaria ou não. Marcus esperou, sabendo que o silêncio era frequentemente o melhor incentivo, e uns segundos mais tarde, Lady Winstead esclareceu garganta e disse:

— Não teríamos vindo a Fensmore se Honoria não tivesse insistido.

Ele não tinha certeza do que responder a isso.

— Eu disse que não poderíamos vir porque não era adequado, já que não somos da família.

— Não tenho família — disse ele em voz baixa.

— Sim, isso foi o que disse Honoria.

Sentiu uma estranha pontada devido a essas palavras. É claro, Honoria sabia que ele não tinha família, todo mundo sabia. Mas de algum jeito, ouvir dizer, ou só escutar que alguém dissesse isso...

Doeu. Só um pouco. E não entendia por que.

Honoria vira além de tudo isso, por fora de sua solidão e dentro também. Ela a vira, não, viu a ele, em uma forma que inclusive ele não tinha chegado a entender.

Não imaginava como era solitária a sua vida até que havia tropeçado de novo com ela.

— Foi muito insistente — disse Lady Winstead, irrompendo em seus pensamentos. E em seguida, em voz muito baixa ela disse:

— Achei que devia saber disso.

Capítulo 15



Várias horas depois, Marcus estava sentado na cama, nem sequer fingindo ler “Solicitudes filosóficas da essência da liberdade humana” quando Honoria passou para outra visita. Ela sustentava ao redor de meia dúzia de livros em seus braços e estava acompanhada por uma criada que levava uma bandeja com o jantar.

Ele não ficou surpreso de que ela tivesse esperado até que alguém mais tivesse que subir ao seu quarto.

— Trouxe alguns livros — disse ela com um sorriso decidido.

Esperou até que a criada pusesse a bandeja em sua cama e logo deixou a pilha de livros sobre a mesa de noite.

— Mamãe disse que provavelmente necessitaria de entretenimento.

Ela sorriu de novo, mas sua expressão estava muito resolvida para ser espontânea. Com um pequeno assentimento, deu a volta e começou a seguir à criada para fora do quarto.

— Espere! — Ele chamou.

Não podia deixá-la ir. Não ainda.

Ela parou instantaneamente, deu volta e dirigiu-lhe um olhar interrogativo.

— Poderia sentar-se comigo? — perguntou ele, inclinando a cabeça para a cadeira. Ela vacilou e por isso ele acrescentou,

— Só tive a mim mesmo como companhia na maior parte de dois dias — Ela ainda mostrava-se vacilante, então ele sorriu ironicamente e disse — Encontro-me um pouco aborrecido, lamento.

— Só um pouco? — respondeu ela, provavelmente antes de recordar que estava tratando de não entrar em sua conversa.

— Estou desesperado, Honoria — disse.

Ela suspirou, mas tinha um sorriso melancólico quando sorriu e caminhou para dentro do quarto. Deixando a porta para o corredor aberta, agora que ele não estava a beira da morte, havia algumas normas que deviam ser obedecidas.

— Odeio essa palavra — disse ela.

— Desesperado? – adivinhou — Acha muito exagerada?

— Não — Suspirou, sentando-se em uma cadeira perto da cama — Com frequência muito acertada. É um sentimento terrível.

Ele assentiu, embora na verdade ele não acreditava entender o desespero. A solidão certamente sim, mas não o desespero.

Ela sentou lentamente ao lado dele com as mãos dobradas no colo. Houve um longo silêncio, nem muito incômodo, mas, tampouco cômodo, e depois ela disse de repente,

— O caldo é de vitela.

Ele olhou para a pequena terrina de porcelana na bandeja, ainda coberta por uma tampa.

— A cozinheira o incrementou um pouco — continuou, falando um pouco mais rápido de como o fazia normalmente — mas é caldo, simples e plano. A Senhora Wetherby insiste que seus poderes curativos não têm comparação.

— Não suponho ter outra coisa mais que caldo — disse ele com pesar, olhando para sua escassa bandeja.

— Torrada seca — disse compreensivamente Honoria — Sinto muito.

Ele sentiu sua cabeça cair outra polegada. Daria tudo por uma fatia de bolo de chocolate do Flinde. Ou um bolo de nata com maçãs. Ou uma bolacha com massa de manteiga, ou um pão doce de Chelsea ou qualquer maldita coisa que tivesse muito açúcar.

— Cheira bastante bem — disse Honoria — o caldo.

Cheirava muito bem, mas não tão bem como o faria o chocolate. Ele suspirou e tomou uma colherada, soprando-a antes de prová-la.

— Está boa — disse ele.

— De verdade? — Ela mostrou alguma dúvida.

Ele assentiu e comeu um pouco mais. Ou, bebeu mais. As pessoas comiam sopa ou a bebiam? E outro ponto, poderia conseguir um pouco de queijo para derreter em cima?

— O que você jantou? — perguntou ele. Ela sacudiu a cabeça.

— Você não gostaria de saber. Ele comeu, bebeu outra colherada.

— Provavelmente não — Logo não pode deter-se — Havia presunto? Ela não disse nada.

— Eu sabia — disse ele acusadoramente.

Olhou para o restante de sua sopa. Supôs que podia usar a torrada seca para absorver o caldo. Não deixara suficiente líquido e depois de dois bocados, a torrada estava realmente seca. Serragem. Vagando pelo deserto. Deteve-se por um momento.

Não estivera vagando, sedento pelo deserto há alguns dias? Deu uma mordida de sua completamente desagradável torrada. Nunca em sua vida estivera em um deserto, e provavelmente nunca estaria.

— Por que sorri? — perguntou Honoria com curiosidade.

— Estou sorrindo? Era um sorriso muito, muito triste, asseguro isso — Contemplou sua torrada — De verdade houve presunto? — E logo, mesmo que soubesse que não queria saber a resposta — Havia pudim?

Ele a olhou. Ela tinha uma expressão culpada.

— Chocolate? — sussurrou ele.

Ela sacudiu a cabeça.

— Fruta? Ca... Oh, Senhor! cozinhou bolo de melão?

Ninguém fazia o bolo de melão como a cozinheira de Fensmore.

— Estava deliciosa — ela admitiu, com um desses suspiros felizes reservados para as lembranças das melhores sobremesas — Foi servida com nata e morangos.

— Sobrou? — perguntou ele com pesar.

— Acredito que sim. Foi servido em um enorme... Espera um momento — Seus olhos se estreitaram e lançou um olhar de suspeita — Não está me pedindo que roube um pedaço, verdade?

— Faria isso?

Ele esperou que seu rosto parecesse tão patético como sua voz. Realmente necessitava que ela se compadecesse.

— Não! — Mas seus lábios estavam pressionados em uma clara tentativa de não rir.

— Bolo de melão não é um alimento apropriado para um doente.

— Não vejo por que não — respondeu com extrema sinceridade.

— Porque se presume que tem que ser caldo, gelatina de pé de vitela e azeite de fígado de bacalhau. Todos sabem.

Ele forçou seu estômago a não vomitar diante da menção.

— Algum desses manjares alguma vez a fez sentir melhor?

— Não, mas não acredito que esse seja o ponto.

— Como possivelmente esse não é o ponto?

Os lábios dela separaram-se para uma resposta rápida, mas ela ainda foi bastante cômica. Seus olhos olharam para a esquerda, quase como se estivesse procurando em sua mente uma resposta conveniente. Finalmente, ela disse com deliberada lentidão.

— Não sei.

— Então me roubará uma porção? — deu seu melhor sorriso.

Seu meio sorriso do tipo: *como me pode negar algo com esse sorriso*. Ou ao menos assim esperou que aparecesse. A verdade era que ele não era um conquistador muito dotado.

Realmente não havia maneira de saber.

— Tem ideia de quantos problemas poderia me colocar? — perguntou Honoria inclinando-se para frente, de uma maneira furtiva, como se alguém pudesse estar espiando.

— Não muito — respondeu ele — é minha casa.

— Isso importa muito pouco quando terá que apresentar-se diante da ira da Senhora Wetherby, do Doutor Winters e minha mãe.

Ele encolheu-se todo

— Marcus...

Mas ela não possuía nenhuma recusa coerente além dessa. Então, ele disse.

— Por favor.

Ela olhou para ele, que tentava parecer patético.

— Oh, está bem — Ela soltou um pequeno bufo, que capitulava com uma notável falta de graça — Tenho que ir agora mesmo?

Marcus uniu as mãos piedosamente.

— Estaria mais que agradecido se o fizesse.

Ela não moveu a cabeça, mas seus olhos viraram de um lado para outro e não se podia dizer que estava tratando de dissimular. Em seguida sacudiu o tecido verde pálido de sua saia com suas mãos.

— Voltarei — disse.

— Mal posso esperar.

Ela partiu para a porta e virou-se.

— Com o bolo.

— É minha salvadora.

Os olhos dela se estreitaram.

— Ficaré me devendo isso.

— Devo muito mais que bolo de melão — disse seriamente.

Ela saiu do quarto sem outra palavra, deixando Marcus com sua terrina vazia e a casca do pão. E livros. Revisou a mesa onde ela deixara os livros para ele.

Com cuidado de não deixar cair o copo com limonada morna que a Senhora Wetherby havia preparado para ele, moveu a bandeja para o outro lado da cama.

Inclinando-se, agarrou o primeiro livro e olhou as surpreendentes, pitorescas, magnífica, formosa, maravilhosa e interessante paisagem ao redor do Lago Earn.

Por Deus! Ela havia encontrado isso na biblioteca?

Olhou o seguinte. A Senhorita Butterworth e o Barão Louco. Não era algo que ele escolheria normalmente, mas comparado com Surpreendentes e maravilhosos do magnífico, formoso, etecetera, etecetera, em algum lugar inexplorado da Escócia, deveria aborrecer até a morte, parecia um pouco mais positivo.

Acomodou-se contra seus travesseiros, passou as páginas até o primeiro Capítulo e sentou-se para ler.

Era uma noite escura e com vento muito forte...

Não havia escutado isso antes?

...e a Senhorita Priscilla Butterworth estava certa de que a qualquer momento a chuva começaria, caindo do céu a cântaros.

Até o momento em que Honoria retornou, a Senhorita Butterworth fora abandonada na soleira de uma porta, sobrevivendo a uma praga e fora perseguida por um animal selvagem.

Ela era de pés muitos ligeiros, a Senhorita Butterworth.

Marcus deu volta com impaciência o capítulo três, onde ele esperava que a Senhorita Butterworth tropeçasse com uma praga de lagostas e estava absorto quando Honoria apareceu na porta, sem respiração e com um pano de prato nas mãos.

— Então não conseguiu? — perguntou, olhando-a por cima do livro da Senhorita Butterworth.

— É claro que consegui — respondeu com desdém.

Abriu o pano de prato e o estendeu para revelar algo quebradiço, mas, entretanto reconhecível, um bolo de melão.

— Trago um bolo inteiro.

Os olhos de Marcus abriram-se. Estava fazendo cócegas. Honestamente. Fazendo cócegas com antecipação. A Senhorita Butterworth e suas lagostas não eram nada comparado com isto.

— É minha heroína.

— Por não dizer nada de ter salvado sua vida — brincou ela.

— Bem, isso também — objetou.

— Um dos lacaios me perseguiu — Ela olhou sobre seu ombro através da porta aberta — Acredito que poderia ter pensado que era uma ladra, embora realmente se eu viesse para roubar Fensmore, não começaria pelo bolo de melão.

— De verdade? — perguntou ele com sua boca cheia de céu — É exatamente onde eu começaria.

Ela partiu um pedaço e o colocou na própria boca.

— Oh, está bom — suspirou ela — inclusive sem nata e morangos.

— Não posso pensar em nada melhor — disse ele com um suspiro feliz — Exceto, talvez, bolo de chocolate.

Ela ficou no lado da cama e tomou outro pequeno pedaço.

— Sinto muito — disse, engolindo antes de continuar — não sabia onde conseguir garfos.

— Não me importa — disse ele.

Não carecia importância. Só estava malditamente feliz de estar comendo comida real, com verdadeiro sabor. Isso requeria mastigar de verdade. Ele nunca saberia por que as pessoas pensavam que os líquidos eram a chave para recuperar-se de uma febre.

Começou a fantasiar comendo uma empanada de carne. A sobremesa era maravilhosa, mas ia necessitar algum sustento verdadeiro. Carne picada. Batatas cortadas, ligeiramente douradas no forno. Quase podia saborear as batatas.

Olhou Honoria. De algum jeito ele não acreditava que ela fosse capaz de tirar isso da cozinha em um pano de prato.

Honoria esticou-se e apanhou outro pedaço de bolo.

— O que está lendo? — perguntou ela.

— A Senhorita Butterworth e o né... — Olhou para o livro, que jazia aberto sobre suas páginas na cama — ...o barão louco, ao que parece.

— De verdade? — Ela parecia atordoada.

— Não podia me fazer abrir reflexões e iluminações de uma pequena área na Escócia.

— O que?

— Este — disse ele, dando o livro.

Ela olhou para baixo e notou que seus olhos tiveram que mover-se para captar todo o título.

— Muito descritivo — disse ela com um pequeno encolhimento de ombros — pensei que o desfrutaria.

— Só se estivesse preocupado de que a febre não me tenha matado — disse com um bufo.

— Acredito que presume interessante.

— Deveria lê-lo, então — disse com um gesto amável — Não sentirei falta.

Ela pressionou os lábios com impaciência.

— Olhou algo mais do que trouxe?

— Realmente não — Sustentou a Senhorita Butterworth — Isto era realmente intrigante.

— Não posso acreditar que esteja gostando disso.

— Então já o leu?

— Sim, mas...

— Terminou?

— Sim, mas...

— Gostou?

Não parecia ter uma resposta pronta, então ele aproveitou sua distração e aproximou mais o pano de prato. Algumas polegadas mais, e o bolo estaria completamente fora do alcance dela.

— Gostei — disse finalmente — embora tenha encontrado algumas partes inverossímeis.

Ele se atirou sobre o livro e olhou para ele.

— De verdade?

— Não está muito longe dele — disse Honoria, puxando de volta o pano de prato — Sua mãe é picada até a morte por pombas.

Marcus olhou para o livro com respeito recém-descoberto.

— De verdade?

— É bastante macabro.

— Não posso esperar.

— Oh, por favor — disse ela — provavelmente não vai querer lê-lo.

— Por que não?

— É tão... — Ela sacudiu uma mão no ar enquanto procurava a palavra correta — Pouco sério.

— Não posso ler algo pouco sério?

— Bem, é claro que pode. Só acho difícil imaginar que escolheria isso para ler.

— E isso por quê?

Suas sobrancelhas se levantaram.

— Está soando terrivelmente à defensiva.

— Tenho curiosidade. Por que não escolheria para ler algo pouco sério?

— Não sei. Você é você.

— Por que isso prevê como um insulto? — disse com nada mais que curiosidade.

— Não é um insulto.

Ela apanhou outro pedaço de bolo de melão e o mordeu. E aí foi quando ocorreu algo estranho. Os olhos de Marcus voaram aos lábios dela, e quando olhou, a língua dela revoava fora de sua boca para lambar um miolo errante.

Era o movimento mais diminuto, terminado em menos de um segundo. Mas um disparo elétrico o atravessou e com um ofego percebeu de que era desejo. Quente e apertado desejo.

Por Honoria.

— Está bem? — perguntou ela. Não.

— Sim, ahh, por quê?

— Pensei que poderia ter ferido seus sentimentos — ela admitiu — Se o fiz, por favor, aceite minhas desculpas. De verdade, não quis que parecesse um insulto. É perfeitamente agradável da forma em que é.

— Agradável? — Uma palavra muito suave.

— É melhor que não agradável.

Era neste ponto que um homem diferente poderia tê-la agarrado e mostrado com precisão o quanto “não agradável” ele poderia ser, e Marcus estava atualmente o suficientemente “não agradável” para imaginar a cena com muitos detalhes. Mas também ainda estava sofrendo as sequelas de uma febre quase mortal, por não falar da porta aberta e sobre a mãe dela, que estava provavelmente no corredor. Assim em lugar disso, disse,

— Que mais me trouxe para ler?

Era um caminho muito mais seguro de conversa, especialmente desde que havia passado grande parte do dia convencendo-se a si mesmo que beijá-la não tinha nada a ver com desejo. Fora uma aberração completa, uma explosão momentânea da loucura provocada por uma emoção extrema.

Este argumento, por desgracia, acabava de receber um disparo partindo-se em pedaços.

Honoria trocou sua posição onde poderia chegar ao lado dos livros, e isto significava que moveu a sua parte inferior um pouco mais perto a... bem, a sua parte inferior, ou realmente o quadril, se quiséssemos colocar um ponto final nisso.

Havia um lençol e uma manta entre eles, por não falar de sua camisa de dormir e seu

vestido e o céu sabia o que outra coisa tinha debaixo dele, mas querido Deus nunca fora tão consciente de outro ser humano, como dela neste justo momento.

E ele ainda não estava seguro de como tudo havia acontecido.

— Ivanhoé — disse. Do que estava falando?

— Marcus? Está-me escutando? Trouxe Ivanhoé. De Sir Walter Scott. Embora, olhe isto, não é interessante?

Ele piscou ciente de que devia ter perdido algo. Honoria abriu o livro e estava passando as páginas desde o começo.

— Seu nome não aparece no livro. Eu não o vejo em nenhuma parte — Deu a volta e o levantou — Simplesmente diz “Pelo autor de Waverley Olhe, inclusive na contra capa.

Ele assentiu com a cabeça, porque isso era o que ele pensava que se esperava dele. Mas ao mesmo tempo, parecia que não podia afastar os olhos dos lábios franzidos dela, os quais estavam juntos nessa coisa espontânea que fazia quando estava pensando.

— Não li Waverley, você leu? — Ela olhou para cima com os olhos brilhantes.

— Não — respondeu ele.

— Eu deveria ler — murmurou ela — Minha irmã me disse que ela gostou muito. Mas de qualquer maneira, eu não trouxe Waverley, ou Ivanhoé. Ou, mas bem, o primeiro volume. Não vi nenhum motivo em trazer os três.

— Já li Ivanhoé — disse ele.

— Oh. Bem, o colocaremos de lado, então — Ela olhou para o livro seguinte.

E ele olhou para ela.

Suas pestanas. Como alguma vez se deu conta de que longas eram? Era bastante estranho, porque ela não tinha a coloração que usualmente acompanhava às pestanas longas. Talvez por isso não se fixasse nelas, eram longas, mas não escuras.

— Marcus? Marcus!

— Hmmm?

— Está tudo bem? — Ela se inclinou para frente, com respeito a ele com certa preocupação — Vê-se um pouco ruborizado.

Marcus limpou a garganta.

— Talvez algo mais de água de limão — Bebeu um sorvo e depois outro, uma boa

medida — Encontra-se quente aqui?

— Não — Ela enrugou a fronte — Não.

— Estou seguro de que não é nada. Eu...

Ela já tinha a mão na testa dele.

— Não está quente.

— Que mais trouxe? — perguntou ele com rapidez, fazendo um gesto com a cabeça para os livros.

— Oh, ahh, aqui estamos... — Ela apoderou-se de outro e leu a capa — História das Cruzadas para a Recuperação e Posse da Terra Santa. Oh, Meu Deus.

— O que é?

— Trouxe só o Volume Dois. Não pode começar por ele. Perde-se o assédio inteiro de Jerusalém e tudo relacionado aos noruegueses.

Que se diga, Marcus pensou secamente, que nada esfria o ardor de um homem, como as Cruzadas. Ainda... Ele a olhou interrogante.

— Os noruegueses?

— Uma cruzada pouco conhecida no começo — disse, movendo de lado o que provavelmente foi uma boa década de história com um movimento de sua mão — Quase ninguém fala disso — Ela olhou para ele e viu o que deve ter sido uma expressão de assombro — Eu gosto das Cruzadas — disse encolhendo os ombros.

— Isso... excelente.

— O que acha de A Vida e a Morte do Cardeal Wolsey? — perguntou, levantando outro livro — Não? Também tem a História da Aparição, Evolução e Término da Revolução Americana.

— Realmente acredita que sou aborrecido — disse.

Ela olhou acusadoramente para ele.

— As Cruzadas não são aborrecidas.

— Mas você só trouxe o Volume Dois — recordou.

— Posso retornar e procurar o primeiro volume, disse ela. Decidiu interpretar isso como uma ameaça.

— Oh, aqui estamos. Olhe isto.

Ela levantou um livro de bolso muito fino, com uma expressão triunfal.

— Eu tenho um de Byron. O homem menos aborrecido que já existiu. Ou ao menos isso me disseram. Nunca me encontrei com ele pessoalmente — Ela abriu o livro na página do título — Já leu O Corsário?

— No dia de sua publicação.

— Oh — Ela franziu o cenho — Este é outro de Sir Walter Scott, Peveril do Pico. É muito mais longo. Deve mantê-lo ocupado durante algum tempo.

— Acredito que estarei apanhado com a Senhorita Butterworth.

— Se assim deseja — ela olhou para Marcus como dizendo, não parece com o tipo que vai gostar — Pertence a minha mãe. Apesar de que disse que pode conservá-lo.

— Se nada mais, estou seguro de que reavivará meu amor pela torta de pombo. Ela começou a rir.

— Direi à cozinheira que o prepare para depois que sairmos, amanhã — Ela levantou a vista de repente — Sabia que saímos para Londres amanhã?

— Sim, sua mãe me disse.

— Não iríamos a menos que tivéssemos certeza de que esta recuperando a saúde, com certeza.

— Sei. Tenho certeza de que têm muito que atender na cidade.

Ela fez uma careta.

— Ensaaios, na realidade.

— Ensaaios?

— Para o...

Oh, não.

— Musical

A noite musical das Smythe-Smith. Aquilo terminou o que o livro sobre as Cruzadas havia começado. Não havia um homem vivo que pudesse manter um pensamento romântico, quando enfrentava à lembrança ou a ameaça de uma noite musical Smythe-Smith.

— Ainda está tocando violino? — perguntou cortesmente. Deu um olhar estranho.

— Comecei a tocar violino desde o ano passado.

— Não, não, não, é claro.

Fora uma coisa tola perguntar. Mas, possivelmente, a única pergunta educada que poderia ter feito.

— Ahh, já sabe para quando está programada a noite musical deste ano?

— Em quatorze de abril. Não está tão longe. Só um pouco mais de duas semanas. Marcus tomou outro pedaço de bolo de melão e mastigou, tratando de calcular quanto tempo poderia necessitar para recuperar-se. Três semanas parecia exatamente o tempo correto.

— Lamento que perderei isso — disse.

— De verdade?

Ela soava positivamente incrédula.

Não estava seguro de como interpretar isso.

— Bem, é claro — disse, gaguejando um pouco. Ele nunca foi um mentiroso terrivelmente bom — Não perdi isso por anos.

— Sei — disse, sacudindo a cabeça — foi um magnífico esforço de sua parte.

Ele a olhou. Ela o olhou.

Ele a olhou mais de perto.

— O que está dizendo? — perguntou cuidadosamente. Suas faces ficaram ligeiramente rosadas.

— Bem — disse ela, olhando para uma parede totalmente branca — imagino que não somos as mais... Ahh... — esclareceu garganta — Há um antônimo de discordantes?

Ele a olhou com incredulidade.

— Está dizendo que sabe? Ehm, quer dizer...

— Que somos horríveis? — terminou ela por ele — É claro que sei. Acredita que sou uma idiota? Ou surda?

— Não — Disse, tirando a sílaba com o fim de ter um tempo para pensar. Embora que bem ia fazer, não fazia nem ideia — Simplesmente pensei...

— Somos terríveis — disse Honoria com um encolhimento de ombros — Mas não há um ponto no drama ou o mau humor. Não há nada que possamos fazer a respeito.

— Praticar? — sugeriu, mas muito cuidadosamente.

Não tivesse pensado que uma pessoa pudesse ser ao mesmo tempo desdenhosa e divertida, mas se a expressão de Honoria era uma indicação, ela havia conseguido.

— Se eu pensasse que a prática podia realmente nos fazer melhor — disse ela, com os lábios ligeiramente franzidos, inclusive quando seus olhos dançavam com o início de uma risada — acredito, que eu seria a mais diligente estudante de violino que o mundo já viu.

— Talvez, se...

— Não — disse ela, com bastante firmeza — Somos terríveis. Isso é tudo o que há. Não temos osso musical em nosso corpo e, sobretudo não em nossos ouvidos.

Não podia acreditar o que estava ouvindo. Ele estivera em tantas noites musicais Smythe-Smith que era um milagre que ainda pudesse apreciar a música. E o ano passado, quando Honoria fazia sua estreia com o violino, viu-se positivamente radiante, interpretando sua parte com um amplo sorriso, pelo que um só podia supor que estivera perdida em um rapto.

— Na realidade — continuou — parece-me um pouco íntimo.

Marcus não estava seguro de que ela fora capaz de localizar outro ser humano vivo que estivesse de acordo com essa avaliação, mas não viu nenhuma razão para dizer isso em voz alta. Assim sorriu e Honoria continuou.

— E pretendo desfrutar. E de certo modo o desfruto. Os Smythe-Smith estiveram tendo noites musicais desde mil oitocentos e sete. É toda uma tradição familiar — E logo, em uma zona mais tranquila, a voz mais contemplativa, adicionou — Considero-me muito afortunada ao ter tradições de família.

Marcus pensou em sua própria família, ou melhor, no grande buraco enorme no que uma família nunca tinha estado.

— Sim — disse em voz baixa — é sim.

— Por exemplo — disse — calço sapatos da sorte. Ele estava seguro de que não podia ter ouvido bem.

— Durante a noite musical — explicou Honoria com um pequeno gesto — Trata-se de um costume específico de meu ramo da família. Henrietta e Margaret estão sempre discutindo sobre quem começou, mas sempre usamos sapatos vermelhos.

Sapatos vermelhos. Esse pequeno cacho do desejo que fora erradicado pela ideia das cruzadas com músicos aficionados, voltou para a vida. De repente, nada neste mundo poderia ter sido mais sedutor que os sapatos vermelhos. Bom Senhor.

— Tem certeza de que tudo está bem? — perguntou Honoria — Parece um pouco ruborizado.

— Estou bem — disse com voz rouca.

— Minha mãe não sabe — disse.

Que? Se não ficou totalmente ruborizado antes, estaria agora.

— Desculpa?

— A respeito dos sapatos vermelhos. Ela não tem ideia de que os usamos — Esclareceu garganta

— Há alguma razão em particular para que mantenham isso em segredo?

Honoria pensou por um momento, e logo estendeu a mão e rompeu outra parte de bolo de melão.

— Não sei. Não acredito — Ela o meteu em sua boca, mastigou e encolheu os ombros — Na realidade, agora que penso nisso, não sei por que são sapatos vermelhos. Poderiam facilmente ser verdes. Ou azuis. Bem, não azuis. Isso não seria o mínimo fora do normal. Entretanto, o verde funcionaria. Ou rosa.

Nada funcionaria tão bem como o vermelho. Disto Marcus estava seguro.

— Imagino que começaremos a ensaiar assim que retornarmos a Londres — disse Honoria.

— Sinto muito — disse Marcus.

— Oh, não — disse — Gosto dos ensaios, especialmente agora que todos os meus irmãos se foram, e minha casa é somente o tic tac dos relógios e comidas nas bandejas. É encantador reunir-se e ter alguém com quem falar — Ela olhou para ele com uma expressão tímida — Falamos pelo menos tanto como ensaiamos.

— Isto não me surpreende — murmurou Marcus.

Lançou um olhar que dizia que não perdeu ainda sua pequena troça. Mas ela não ficou ofendida, ele sabia que ela não ficaria e ela percebeu que gostava que ele soubesse que ela não ficaria ofendida.

Havia algo maravilhoso de conhecer tão bem a outra pessoa.

— Então — continuou muito decidida a terminar o tema — Sarah estará no piano novamente este ano, e ela na verdade é minha amiga mais querida. Estamos há bastante tempo juntas. E Íris tocará o violino conosco. Ela é quase exatamente de minha idade, e

meu destino é passar mais tempo com ela. Ela estava com os Royle também, e eu... — deteve-se.

— O que foi? — perguntou.

Ela parecia quase preocupada.

Honorina piscou.

— Acredito que ela poderia ser realmente boa.

— No violino?

— Sim. Imagina?

Decidiu ver a pergunta como retórica.

— De todos os modos — continuou — Íris estará tocando assim como a sua irmã Daisy, que, temo dizer é horrível.

— Ehm... — Como perguntar isso cortesmente? — Terrível em comparação com a maioria da humanidade ou terrível para as Smythe-Smith?

Honorina parecia que estava tentando não sorrir.

— Terrível inclusive para nós.

— Isso é muito grave — disse, surpreendentemente, com uma cara séria.

— Sei. Acredito que a pobre Sarah tem a esperança de ser alcançada por um raio em algum momento nas próximas três semanas. Ela mal se recuperou do ano passado.

— Posso entender por que ela não sorriu e pôs cara de valente?

— Não estava lá?

— Não estava olhando para Sarah.

Ela separou os lábios, mas não de surpresa, não a princípio. Seus olhos estavam ainda acesos com antecipação, do tipo que se sente quando a gente está a ponto de fazer um comentário brilhantemente engenhoso. Mas então, antes que qualquer som surgisse, ela pareceu dar-se conta do que ele disse.

Lentamente, sua cabeça inclinou-se para um lado, e ela estava olhando para ele como se... Como se...

Ele não sabia. Não sabia o que queria dizer, exceto que ele teria jurado que os olhos dela se obscureceram enquanto ela estava sentada ali, olhando-o fixamente. Mais escuros e mais profundos, e tudo o que podia pensar era que ela podia ver dentro dele, até chegar

ao seu coração.

Justo sob sua alma.

— Eu estava olhando você — disse, sua voz tão baixa que quase não se escutou —
Estava olhando só você.

Mas foi antes...

Ela pôs a mão dele sobre a dela. Parecia pequena, e delicada, e de um rosa pálido. Era perfeita.

— Marcus? — sussurrou.

E então finalmente ele soube.

A amava.

Capítulo 16



Era extraordinário, pensou Honoria, mas o mundo de verdade deixara de girar. Não podia ter outra explicação para o enjoo, a vertigem, a pura singularidade do momento, deste momento, justo ali, no quarto dele, com a bandeja do jantar, um bolo de melão roubado e a saudade de um único e perfeito beijo.

Ela deu a volta e sentiu a sua cabeça inclinar-se ligeiramente para um lado, como se, de algum modo, caso mudasse o ângulo, o veria mais claramente. E, surpreendentemente, o fez. Moveu-se, e ele entrou em foco, o que era tão estranho, porque ela teria jurado que sua visão fosse tão clara como o cristal justo um momento antes.

Parecia como se nunca o tivesse visto antes. Olhou diretamente nos olhos dele e viu mais que cor, mais que forma. Não era que sua íris fosse marrom, ou que sua pupila fosse negra. Era que estava ali, e ela podia vê-lo, cada parte dele, e então pensou: Amo-o.

Aquilo ecoou em sua mente. Amo-o.

Nada poderia ter sido mais surpreendente e ao mesmo tempo mais simples e verdadeiro.

Sentiu como algo que estava dentro dela e tivesse estado deslocado durante anos, e que ele, com cinco inocentes palavras, *não estava olhando para Sarah*.

Ela o amava. Sempre o amaria. Fazia tanto sentido. A quem mais poderia ela amar que a Marcus Holroyd?

— Estava olhando você — disse ele, tão brandamente que ela não estava certa de ter ouvido — Estava olhando só você.

Ela abaixou o olhar. Sua mão estava sobre a dele. Não recordava tê-la posto ali.

— Marcus? — sussurrou, e não sabia por que aquilo era uma pergunta.

Mas não podia ter-se obrigado a dizer nenhuma outra palavra.

— Honoria — sussurrou ele, e logo...

— Meu Deus! Meu Deus!

Honoria retrocedeu de um salto, quase caindo da cadeira. Havia uma pequena comoção no corredor, o som de pés apressando-se para eles. A toda pressa, Honoria levantou-se da cadeira.

Um momento depois, a mãe da Honoria e a Senhora Wetherby entraram de repente no quarto.

— Uma carta chegou — disse sem fôlego Lady Winstead — De Daniel.

Honoria balançou-se ligeiramente e em seguida agarrou o respaldo da cadeira em busca de suporte. Há quase um ano não se falava sobre seu irmão. Bem, talvez Marcus sim, mas ela não, e Daniel deixara há tempos de escrever para sua mãe.

— O que diz? — perguntou Lady Winstead, inclusive embora Marcus ainda estivesse rompendo o selo.

— Deixe que ele abra primeiro a carta — admoestou Honoria.

Tinha na ponta da língua dizer que deviam deixar o quarto para que ele lesse a carta em particular, mas não pode fazer isso. Daniel era seu único irmão, e ela sentia muitas saudades dele.

Enquanto os meses passavam sem uma simples nota da parte dele, ela dizia para si mesma que ele não tinha a intenção de ignorá-la. Sua carta certamente extraviou-se, o correio internacional era notoriamente pouco confiável. Mas neste momento, não importava por que não soubera nada dele por tanto tempo, só queria saber o que havia em sua carta para Marcus.

Então ficaram ali, olhando fixamente para Marcus com ansiedade. Era mais que grosseiro, mas ninguém estava disposto a mover-se.

— Está bem? — perguntou finalmente a condessa, quando Marcus terminou a primeira página.

— Sim — murmurou, piscando como se não pudesse ler o que estava lendo — Sim. De fato, virá para casa.

— O que? — Lady Winstead empalideceu e Honoria apressou-se a ficar ao lado dela para o caso de que necessitasse apoio.

Marcus esclareceu a garganta.

— Escreve que recebeu algum tipo de correspondência de Hugh Prentice. Ramsgate finalmente aceitou deixar que as ofensas do passado, permaneçam no passado.

Quanto às ofensas do passado, não pode evitar pensar Honoria, esta era uma bem grande. E ela, quase tinha sofrido uma apoplexia ao ver a Marquesa de Ramsgate. Claro, isso foi perto de um ano atrás, mas mesmo assim...

— Poderia Lorde Hugh estar preparando uma armadilha? — perguntou Honoria — Para atrair Daniel de volta ao país?

— Não acredito — disse Marcus, olhando a segunda página — Ele não é da classe que faz esse tipo de coisas.

— Não dessa classe? — ecoou Lady Winstead, a incredulidade fazendo com que sua voz se elevasse de tom — Ele arruinou a vida de meu filho.

— Isso é o que faz tudo parecer muito estranho — disse Marcus.

Ainda estava olhando a carta, lendo as palavras no papel inclusive enquanto falava.

— Hugh Prentice sempre foi um bom homem. É excêntrico, mas não carece de honra.

— Daniel diz quando retornará? — perguntou Honoria.

Marcus sacudiu a cabeça.

— Não é específico. Menciona que tem uns quantos assuntos dos que encarregar-se na Itália, e logo começará sua viagem para casa.

— Oh, céus — disse Lady Winstead, sentando-se em uma cadeira próxima — Nunca pensei que veria esse dia. Nunca inclusive me permiti pensar nisso. O que, é claro, significa que não pensei em nada mais.

Por um momento, Honoria não pode fazer nada mais que olhar para sua mãe. Por três anos ela não havia mencionado o nome de Daniel. E agora estava dizendo que ele era tudo no que tinha pensado? Honoria sacudiu a cabeça. Não havia utilidade em zangar-se com sua mãe. O que fosse que ela fizera nestes últimos anos, havia se redimido nos últimos dias. Honoria sabia sem dúvida que Marcus não estaria vivo se não fosse pelas habilidades de enfermagem de sua mãe.

— Quanto tempo demora a viagem da Itália para a Inglaterra? — perguntou Honoria, porque certamente essa tinha que ser a pergunta mais importante.

Marcus levantou o olhar.

— Não tenho ideia. Nem sei em que parte da Itália ele deve estar no momento.

Honoraria assentiu. Seu irmão sempre tivera o hábito de contar histórias e deixar de lado os detalhes mais importantes.

— Isto é muito emocionante — disse a Senhora Wetherby — Sei que todos vocês sentiram saudades, terrivelmente.

Por um momento, o quarto ficou em silêncio. Era um daqueles comentários que era tão claro que ninguém sabia como expressar seu acordo.

Finalmente, Lady Winstead disse.

— Bem, então foi uma boa coisa que estejamos planejando ir a Londres amanhã. De verdade odiaria estar longe de casa quando ele chegar.

Ela olhou Marcus e disse.

— Devemos sair esta noite. Com certeza você deseja um pouco de descanso. Vem Honoria. Temos muito que discutir.

O que Lady Winstead desejava discutir resultou ser como deviam celebrar a volta de Daniel. Mas a discussão não chegou muito longe, Honoria assinalou sensivelmente que não havia muito que pudessem fazer, pois não conheciam a data da chegada de Daniel. A condessa ignorou isto pelo menos uns dez minutos, debatendo pequenas reuniões contra grandes, e se deviam convidar ou não Lorde Ramsgate e Lorde Hugh, e se fosse sim, podiam estar seguras de que declinariam o convite? Qualquer pessoa razoável o faria, mas com Lorde Ramsgate ninguém poderia estar seguro.

— Mãe — disse Honoria de novo — não há nada que possamos fazer até Daniel chegar. Pode ser que ele nem queira uma celebração.

— Tolices. É claro que ele vai querer. Ele...

— Deixou o país em desgraça — interrompeu Honoria.

Odiava ser tão direta, mas não havia nada mais a respeito.

— Sim, mas não foi justo.

— Não importa se foi justo ou não. É o que é, e pode ser que ele não queira recordar nada disso.

A condessa mostrou-se pouco convencida, mas deixou o assunto de lado, e logo não houve nada mais a fazer que ir para a cama.

Na manhã seguinte, Honoria se levantou com o sol. Deviam partir cedo, era a única forma de chegar a Londres sem ter que deter-se durante a noite ao longo da rota. Depois

de um rápido café da manhã, dirigiu-se ao quarto de Marcus para despedir-se dele.

E possivelmente mais.

Mas quando chegou, ele não estava na cama. Uma empregada estava ali, entretanto, tirando os lençóis do colchão.

— Sabe onde está Lorde Chatteris? — inquiriu Honoria, esperando que não tivesse acontecido nada.

— Está no quarto ao lado — respondeu a empregada. As faces dela se ruborizaram um pouco — Com seu ajudante de câmara.

Honoria engoliu e também ruborizou-se um pouco, entendendo que isto significava que Marcus estava tomando um banho. A empregada partiu com sua confusão de roupas de cama e Honoria ficou sozinha no dormitório dele por um bom momento, perguntando para si mesma o que fazer. Supôs que teria que despedir-se por escrito. Não podia esperá-lo ali no quarto, era mais que irregular, mais que inclusive as outras irregularidades que havia cometido a semana passada.

Havia certas regras de propriedade que poderiam romper-se quando alguém estava doente de morte, mas agora Marcus estava de novo em pé, e aparentemente em algum grau de nudez. Não havia forma de que a presença dela no quarto dele pudesse conduzir a algo mais que uma completa ruína.

Além disso, a condessa estava mais que impaciente para sair.

Ela procurou papel e pluma no quarto. Havia uma pequena escrivaninha junto à janela, e na mesinha de cabeceira ela viu a carta do Daniel.

Jazia aonde Marcus havia colocado na noite anterior, duas páginas de algum jeito enrugadas cheia com a pequena e apertada letra que a pessoa usava quando estava tentando poupar gastos de envio.

Marcus não disse nada que estivesse na carta mais do fato de que Daniel vinha para casa. O que, é claro, era a coisa mais importante, mas mesmo assim, ela estava faminta de notícias. Passou tanto tempo desde que tivera alguma informação dele. Não importava.

Caso Daniel mencionasse o que havia comido no café da manhã... Seria um café da manhã na Itália, além de terrivelmente exótico. O que ele estava fazendo? Estava aborrecido?

Já conseguia falar em italiano?

Ela ficou olhando as duas folhas de papel. Seria tão terrível se desse uma olhada?

Não. Não podia. Seria uma grosseira violação de confiança, uma completa invasão à privacidade de Marcus. E de Daniel.

Mas então, do que poderia falar que não fosse de seu interesse?

Deu a volta, olhando para a porta por onde a empregada saiu. Não pode escutar nada do outro lado. Caso Marcus tivesse terminado seu banho, certamente o escutaria movendo-se. Olhou novamente para a carta.

Era uma leitora muito rápida.

Finalmente, tomou a decisão de ler a carta de Daniel para Marcus. De fato, não se permitiu decidi-lo. Era uma distinção pequena, mas uma que de alguma forma permitiu ignorar seu próprio código moral e fazer algo que a teria indignado caso fosse a carta dela sobre a mesa.

Moveu-se com rapidez, como se a velocidade pudesse diminuir o pecado, e agarrou as duas folhas de papel. Querido Marcus, etc, etc... Daniel escrevia sobre o lugar que havia alugado, descrevendo todas as lojas do bairro com precioso detalhe, mas arrumando para omitir o nome da cidade em que estava. Depois falava da comida, que insistia era superior à inglesa. Depois disso havia um pequeno parágrafo a respeito de seus planos de vir para casa.

Sorrindo, Honoria foi à segunda folha da carta.

Daniel escrevia da forma em que falava, e ela praticamente podia ouvir sua voz vindo da página. No seguinte parágrafo, Daniel pedia a Marcus que informasse a sua mãe de sua iminente volta o que fez sorrir abertamente Honoria. Daniel jamais poderia ter imaginado que ela estaria junto a Marcus quando ele lesse à missiva.

E logo, ao final, Honoria viu seu próprio nome.

—Não li notícias de que Honoria tenha se casado, assim presumo que ainda está solteira. Devo agradecê-lo por afastar Fotheringham o ano passado. É um canalha, e me enfurece que inclusive pensasse cortejá-la.

O que era isto? Honoria piscou, como se aquilo pudesse mudar de algum jeito as palavras na página. Marcus tivera algo a ver com que Lorde Fotheringham não fizesse uma proposta? Ela disse a ele que não gostava de Lorde Fotheringham e não o aceitaria, mas mesmo assim...

—Travers também, seria uma má aliança. Espero que não tenha pago para que ele a deixasse em paz, mas se o fez, eu o reembolsarei.”

O que? Às pessoas pagavam para... O que? Para não cortejá-la? Isso nem sequer tinha sentido.

—*Prova que cuida dela. Foi algo muito importante o que pedi, e sei que não te dava muitas possibilidades, pedindo à você como o fiz às vésperas de minha partida. Assumirei a responsabilidade quando retornar, e será livre para deixar Londres, que sei que detesta.*

E assim era como Daniel terminava sua carta. Deixando livre ao Marcus da horrorosa carga que era, aparentemente, era ela.

Deixou as páginas na mesa, logo as arrumou de modo que parecessem como estivera quando ela as apanhou. Daniel havia pedido a Marcus que cuidasse dela?

Por que Marcus não disse nada? E que estúpida era ela, de verdade, que não percebeu isso? Tinha um perfeito sentido. Todas essas festas quando ela vira Marcus olhando com seriedade em sua direção, ele não estava olhando porque desaprovasse seu comportamento, estava de mau humor porque estava preso em Londres até que ela recebesse uma boa proposta matrimonial.

Não havia dúvida de por que ele estava infeliz todo o tempo.

Todos esses pretendentes que a deixaram misteriosamente, ele os havia afastado. Ele havia decidido que, não era o que Daniel aprovaria para ela, e estivera atrás dela afastando-os.

Deveria estar furiosa. Mas não estava. Não por isso.

Tudo o que podia pensar era o que ele disse a noite anterior.

— *Não estava olhando para Sarah.*

Por todos os céus, claro que não estava olhando Sarah. Estivera olhando para ela porque era forçado a fazer isso. Ele a olhava porque prometeu isso ao melhor amigo.

Olhava para ela porque era uma obrigação. E agora ela estava apaixonada por ele.

Uma risada histérica escapou de sua garganta. Tinha que sair daquele quarto. A única coisa que podia fazer sua mortificação mais completa seria que ele a apanhasse lendo a correspondência.

Mas não podia sair sem deixar um bilhete.

Isso estava completamente fora de seu caráter, ele sabia que certamente algo havia acontecido.

Encontrou papel e uma pluma, então rabiscou uma despedida perfeitamente simples e

aborrecida.

E, depois saiu.

Capítulo 17



A semana seguinte. No recentemente ventilado salão de música. Casa Winstead, Londres.

— Mozart este ano! — anunciou Daisy Smythe-Smith.

Ela sustentou o novo violino no ar com tanto vigor que seus cachos loiros quase ricochetearam fora de seu penteado

— Não é formoso? É um Ruggieri. Papai o comprou no meu aniversário de dezesseis anos.

— É um belo instrumento — concordou Honoria — Mas fizemos Mozart no ano passado.

— Fazemos Mozart cada ano — disse Sarah arrastando as palavras ao piano.

— Mas eu não toquei o ano passado — disse Daisy. Disparou a Sarah um olhar mal humorado — E esta é só sua segunda vez no quarteto, assim dificilmente pode se queixar do que faz cada ano.

— Acredito que posso mata-la antes que a temporada termine — comentou Sarah, em grande parte no mesmo tom que usava quando dizia, acredito que terei limonada em lugar de chá.

Daisy mostrou a língua.

— Íris? — Honoria olhou para sua prima no violoncelo.

— Não me importa — disse Íris mal humorada.

Honoria suspirou.

— Não podemos fazer o que fizemos o ano passado.

— Não vejo por que não — disse Sarah — Não posso imaginar ninguém que o

reconheceria de nossa interpretação.

Íris desabou.

— Mas o programa já foi impresso — apontou Honoria.

— Realmente pensa que alguém guarda nossos programas de um ano para o outro? — perguntou Sarah.

— Minha mãe o faz — disse Daisy.

— Também a minha — respondeu Sarah — Mas não é como se os tirasse e comparasse lado a lado.

— Minha mãe o faz — disse Daisy outra vez.

— Querido Deus — gemeu Íris.

— Não é como se o Senhor Mozart tivesse escrito só uma peça — disse Sarah impertinente — Temos um montão para escolher. Acredito que devemos tocar Eine Kleine Nachtmusik. É minha favorita absoluta. É tão rápida e alegre.

— Não tem parte de piano — recordou Honoria.

— Não tenho objeção — disse Sarah rapidamente. Atrás do piano.

— Se tiver que fazer isso, você tem que fazer também — Íris praticamente vaiou. Sarah permaneceu em seu assento.

— Iris, eu não fazia ideia de que poderia vê-la tão venenosa.

— Isso é porque ela não tem pestanas — disse Daisy.

Íris voltou-se para ela com uma completa calma e disse.

— Eu a odeio.

— Essa é uma coisa terrível para dizer — disse Honoria, virando-se para ela com uma expressão severa.

Com certeza Íris era extraordinariamente pálida, com o tipo de cabelo loiro claro que parecia fazer suas pestanas e sobrancelhas quase invisíveis. Mas ela sempre pensara que Íris era absolutamente formosa, uma figura quase etérea.

— Se ela não tivesse pestanas, estaria morta — disse Sarah.

Honoria virou para ela, incapaz de acreditar na direção que conversa estava tomando. Bem, não, isso não foi completamente certo. Ela acreditava infelizmente. Simplesmente não entendia.

— Bem, é certo — disse Sarah defensivamente — Ou ao menos cega. As pestanas retêm todo o pó fora de nossos olhos.

— Por que estamos tendo esta conversa? — perguntou Honoria em voz alta.

Daisy respondeu imediatamente,

— Porque Sarah disse que não acreditava que Íris pudesse ser tão venenosa, e eu logo disse...

— Sei — cortou Honoria e logo, quando notou que Daisy ainda estava com a boca aberta, vendo-se como se estivesse sozinha esperando o momento justo para completar sua frase, disse outra vez — Sei, foi uma pergunta hipotética.

— Ainda tinha uma resposta completamente válida — disse Daisy choramingando.

Honoria virou-se para Íris. As duas tinham exatamente à mesma idade, vinte e um anos, mas Íris não teve que tomar parte no quarteto até este ano.

Sua irmã Marigold agarrou-se ao violoncelo em um aperto de morte até que se casou o outono passado.

— Tem alguma sugestão Íris? — perguntou Honoria alegremente.

Íris cruzou os braços e inclinou-se sobre si mesma no assento. Para Honoria, parecia como se estivesse tentando dobrar-se em um nada.

— Algo sem o violoncelo — murmurou.

— Se tiver que fazer isso, você também terá que fazer — disse Sarah com um sorriso.

Íris olhou para ela com toda a fúria de um artista incompreendido.

— Não está entendendo.

— Oh me acredite, estou sim — disse Sarah com grande sentimento — Toquei o ano passado, procure lembrar. Tive um ano inteiro para entender.

— Por que todo mundo está se queixando? — perguntou Daisy com impaciência — Isto é emocionante! Conseguimos atuar. Sabem quanto tempo estive esperando por este dia?

— Infelizmente, sim — disse Sarah rotundamente.

— Quase tanto como eu estive temendo — murmurou Íris.

— É realmente muito notável — disse Sarah — Que vocês duas sejam irmãs.

— Maravilho-me com isso a cada dia — disse Íris rotundamente.

— Deve ser um quarteto de piano — disse Honoria rapidamente, antes que Daisy descobrisse que estava sendo insultada — Infelizmente, não há muitos para escolher.

Ninguém ofereceu uma opinião.

Honoria lutou contra um gemido. Estava claro que ela ia ter que tomar as rédeas, para não cair na anarquia musical. Embora ela julgasse que a anarquia poderia de fato melhorar o estado habitual dos romances Smythe-Smith.

Essa foi uma declaração triste.

— Quarteto de Piano de Mozart Nº 1 ou Quarteto de Piano de Mozart Nº 2 — anunciou, sustentando as duas partituras distintas — Alguém tem uma opinião?

— Qualquer um que não seja o que tocamos o ano passado — suspirou Sarah.

Ela descansou a cabeça sobre o piano. Então realmente deixou cair a cabeça sobre as teclas.

— Isso soou bem — disse Daisy com surpresa.

— Soou como um peixe vomitando — disse Sarah ao piano.

— Uma encantadora imagem — remarcou Honoria.

— Não acredito que os peixes vomitem — comentou Daisy — E se o fazem, não acredito que soariam como...

— Será possível que vamos ser o primeiro conjunto de primas a amotinar-se? — cortou Sarah, levantando a cabeça — Não podemos simplesmente dizer que não?

— Não! — uivou Daisy.

— Não — concordou Honoria.

— Sim? — disse Íris fracamente.

— Não posso acreditar que queira fazer isto outra vez — disse Sarah a Honoria.

— É tradição.

— É uma tradição horrível, e tomará seis meses para me recuperar.

— Nunca vou me recuperar — lamentou-se Íris.

Daisy portava-se como se pudesse pisotear o pé dela. Provavelmente o teria feito se Honoria não a tivesse reprimido com um forte olhar.

Honoria pensou em Marcus, então obrigou-se a não pensar nele.

— É tradição — disse de novo — E somos afortunadas de pertencer a uma família que preza a tradição.

— Do que está falando? — perguntou Sarah, sacudindo sua cabeça.

— Algumas pessoas não têm uma — disse Honoria apaixonadamente.

Sarah olhou fixamente para ela por um momento mais, então disse outra vez.

— Sinto muito, mas do que está falando?

Honoria olhou para todas elas, consciente de que sua voz foi subindo com sentimento, mas completamente incapaz de modulá-la.

— Posso não gostar de atuar em musicais, mas amo ensaiar com vocês três. As três primas a olharam fixamente, momentaneamente confusas.

— Não se dão conta como somos afortunadas? — disse Honoria. E então, quando ninguém saltou a um acordo, adicionou — Nós podemos contar uma com a outra!

— Não podíamos nos ter uma a outra durante um jogo de cartas? — sugeriu Íris.

— Somos Smythe-Smith — disse Honoria entre dentes — E isto é o que fazemos — E logo antes que Sarah pudesse oferecer uma palavra de protesto, disse — Você, também, apesar de seu sobrenome. Sua mãe era uma Smythe-Smith e isso é o que conta.

Sarah suspirou alto.

— Vamos recolher nossos instrumentos e tocar Mozart — anunciou Honoria — E vamos tocar com um sorriso no rosto.

— Não tenho ideia alguma do que vocês estão falando — disse Daisy.

— Tocarei — disse Sarah — Mas não faço promessas sobre um sorriso — Ela olhou o piano e piscou — E não posso levantar meu instrumento.

Íris realmente riu e seus olhos ficaram iluminados.

— Posso ajudá-la.

— A levantá-lo?

O sorriso de Íris cresceu positivamente diabólico.

— A janela não está tão longe...

— Sabia que desejava isso — disse Sarah com um amplo sorriso.

Enquanto Íris e Sarah estavam fazendo planos para destruir o flamejante piano de Lady Winstead, Honoria voltou para a música, anunciando a qual partitura elas deveriam

usar.

— Fizemos Quarteto N° 2 o ano passado — disse, embora só Daisy estivesse escutando — Mas estou receosa em escolher o Quarteto N° 1.

— Por quê? — perguntou Daisy.

— É bastante famoso por ser difícil.

— Por que isso?

— Não sei — admitiu Honoria — Só escutei que é assim e o suficiente para me fazer desconfiar.

— Há um Quarteto N° 3?

— Temo que não.

— Então acredito que devemos fazer o N° 1 — disse Daisy audazmente — Nada aventureiro, nada ganho.

— Sim, mas é um sábio o homem que conhece seus limites.

— Quem disse isso? — perguntou Daisy.

— Eu disse — respondeu Honoria impaciente. Levantou a partitura do Quarteto N° 1

— Não acredito que nós possamos aprender isto, inclusive se tivermos como muito, três vezes para praticar.

— Não temos que aprender, teremos a música em nossa frente.

Isto ia ser muito pior do que Honoria temia.

— Acredito que deveríamos fazer o N° 1 — disse Daisy enfaticamente — Será embaraçoso se realizarmos a mesma peça que o ano passado.

Iria ser embaraçoso independentemente de que música escolhesse, mas Honoria não tinha coragem para dizer isso frente a frente.

Por outro lado, qualquer peça que tocassem, seria certamente um açougue além do reconhecimento. Uma peça difícil mal tocada podia ser pior que uma peça um pouco menos difícil mal tocada?

— Oh, por que não? — consentiu Honoria — Faremos o N° 1.

Ela sacudiu a cabeça. Sarah ficaria furiosa. A parte do piano era especialmente difícil. Por outro lado, não era como se Sarah fosse formar parte no processo de seleção.

— Um acerto — disse Daisy com grande convicção — Estamos fazendo o Quarteto

Nº 1! — gritou sobre seus ombros.

Honorina olhou o que estava acontecendo, Sarah e Íris, que de fato estavam empurrando o piano vários metros através da sala.

— O que estão fazendo? — quase gritou.

— Oh, não se preocupe — disse Sarah com uma gargalhada — Realmente não vamos empurrar pela janela.

Íris paralisou positivamente no banquinho do piano, todo seu corpo agitando-se com gargalhadas.

— Isso não tem graça — disse Honorina, embora tivesse.

Ela estaria mais que encantada de unir-se a sua prima na tolice, mas alguém tinha que se encarregar de tudo, e se ela não ministrasse tudo, Daisy tomaria conta.

Santo Céu.

— Escolhemos O Quarteto de Mozart para Piano Nº 1 — disse Daisy de novo. Íris ficou totalmente pálida, o que para ela significava quase espectral.

— Está brincando.

— Não — Respondeu Honorina, com toda honestidade e um pouco farta — Se tivesse outra opinião relevante, deveria ter se unido à conversa.

— Mas sabe que é difícil?

— É por isso que queremos tocar! — proclamou Daisy.

Íris olhou para a sua irmã por um momento e logo se voltou para Honorina, a quem ela claramente julgava era a mais sensata das duas.

— Honorina — disse ela — não podemos fazer o Quarteto Nº 1. É impossível. Alguma vez o escutou?

— Somente uma vez — admitiu Honorina — mas não recorde muito bem.

— É impossível — exclamou Íris — Não está destinado aos aficionados.

Honorina não era tão pura de coração para que não estivesse desfrutando de do mal estar de sua prima, só um pouco. Íris queixara-se durante a tarde inteira.

— Me escute — disse Íris de novo — Seremos massacradas se tocarmos essa peça.

— Por quem? — perguntou Daisy.

Íris a olhou, completamente incapaz de articular uma resposta.

— Pela música — acrescentou Sarah.

— Oh, vocês decidiram unir-se à discussão, então — disse Honoria.

— Não seja sarcástica — cortou Sarah.

— Onde estavam vocês duas quando eu estava tratando de escolher algo?

— Elas estavam movendo o piano.

— Daisy! — gritaram as três.

— Que foi? — exigiu Daisy.

— Trate de não ser tão literal — espetou Íris.

Daisy soprou e começou a folhear a partitura.

— Estive tratando de manter o ânimo de todas — disse Honoria, plantando as mãos nos quadris enquanto encarava Sarah e Íris — Temos que praticar para uma apresentação, e não importa quanto se queixem, não há forma de sair disto. Então, deixem de fazer minha vida tão difícil e façam o que digo.

Sarah e Íris só podiam olhar.

— Ahh, por favor — acrescentou Honoria.

— Talvez este fosse um bom momento para um descanso curto — sugeriu Sarah. Honoria lamentou-se.

— Nem sequer começamos.

— Sei. Mas precisamos um descanso.

Honoria ateve-se por um momento, sentindo seu corpo desinflado. Isto era exaustivo. E Sarah estava certa. Elas necessitavam de um descanso. Um descanso por não fazer absolutamente nada, mas, entretanto um descanso.

— Além disso — disse Sarah, dando um olhar malicioso — estou sedenta. Honoria levantou uma sobrancelha.

— Todas estas queixas lhe causaram sede?

— Precisamente — disse Sarah com um sorriso — Tem um pouco de limonada, querida prima?

— Não sei — disse Honoria com um suspiro — mas acredito que poderia perguntar.

Limonada soava bem. E para ser perfeitamente honesta, não praticar também soava bem. Ela levantou-se para chamar um criado e quando sentou-se novamente, Poole o

mordomo da casa Winstead, apareceu na porta.

— Isso foi rápido — comentou Sarah.

— Uma visita para você, Lady Honoria — entouou Poole. Marcus?

O coração de Honoria pulsou grosseiramente em seu peito até que ela notou que possivelmente poderia não ser Marcus. Ele ainda estava confinado a Fensmore.

O Doutor Winters insistira.

Poole aproximou-se com uma bandeja e adiantou para que Honoria pudesse apanhar o cartão de apresentação.

Meu Deus era Marcus.

Que diabo estava fazendo em Londres? Honoria esqueceu por completo de ficar mortificada, zangada ou o que fosse que estava sentindo, não havia decidido nada e se encaminhou diretamente cem por cento incômoda. Como ele pode arriscar sua saúde? Ela não ficou como escrava ao lado dele, desafiando o calor, o sangue e o delírio só para que ele aparecesse em Londres, porque era muito estúpido para ficar em casa, lugar onde ele deveria ter ficado.

— Faça-o entrar de uma vez — espetou e deve ter soado muito feroz, porque suas três primas a olharam com expressão de choque.

Ela franziu o cenho para todas. Daisy de fato deu um passo atrás.

— Ele não deveria estar fora de casa — grunhiu Honoria.

— Lorde Chatteris — disse Sarah, com total confiança.

— Fiquem aqui — disse Honoria às demais — Voltarei em pouco tempo.

— Temos que praticar durante sua ausência? — perguntou Íris.

Honoria virou os olhos, negando-se a dignificar isso com uma resposta.

— Sua Senhoria já está esperando no salão — informou Poole.

É claro. Nenhum mordomo insultaria um Conde obrigando-o a deixar seu cartão na bandeja de prata e sair.

— Estarei de volta logo — disse Honoria para suas primas.

— Já disse isso — disse Sarah.

— Não me sigam.

— Disse isso, também — disse Sarah — Ou algo muito parecido.

Honorina deu um último olhar antes de sair da sala. Não disse muito a Sarah a respeito de seu tempo em Fensmore, só que Marcus adoeceu e ela e a condessa auxiliaram Marcus em sua convalescença. Mas Sarah a conhecia melhor que ninguém, ela sentia certa curiosidade, sobretudo agora que Honorina quase perdeu a calma diante da mera visão do cartão de apresentação de Marcus.

Honorina partiu através da casa, sua irritação crescendo a cada passo. Que demônio estava pensando? O Doutor Winters não podia ter sido mais claro. Marcus deveria permanecer na cama durante uma semana e a seguir, permanecer em casa durante uma semana a mais depois disso, possivelmente duas. Em nenhum universo matemático isso poderia equivaler a que estivesse aqui em Londres nesse momento.

— Em que diabos estava...

Ela entrou intempestivamente no salão, mas parou em seco quando o viu de pé junto à lareira, uma verdadeira imagem de saúde.

— Marcus?

Ele sorriu, e seu coração, órgão infeliz e traidor, derreteu-se.

— Honorina — disse — É estupendo vê-la, também.

— Vê-lo...

Ela piscou, ainda sem poder acreditar em seus olhos. Sua cor era boa, seus olhos perderam aquele olhar fundo, e ele parecia ter recuperado todo o peso que perdera.

— Bem — terminou ela por fim, incapaz de evitar a surpresa na voz.

— O Doutor Winters me declarou em condições de viajar — explicou — Ele disse que nunca vira ninguém recuperar-se da febre com tal velocidade.

— Deve ter sido o bolo de melão.

Os olhos dele ficaram quentes.

— De fato.

— O que o traz aqui na cidade? — perguntou ela.

Queria acrescentar: Dado que foi recentemente liberado de sua obrigação de garantir que não me case com um —idiota. Ela foi, possivelmente, um pouco amarga.

Entretanto, não estava zangada. Não havia sentido, e de fato nenhuma razão, para ficar zangada com ele. Estivera fazendo somente o que Daniel havia pedido. E não era como se tivesse frustrado algum romance verdadeiro.

Honorina não ficou terrivelmente apaixonada por nenhum de seus pretendentes, e a verdade era, que se algum deles tivesse proposto casamento, provavelmente ela não teria aceitado.

Mas era muito vergonhoso. Por que alguém não poderia dizer a ela que Marcus esteve intrometendo em seus assuntos? Ela poderia ter feito um escândalo, Oh, muito bem, sem dúvida teria feito um escândalo, mas não muito grande. E se soubesse, não teria interpretado mal suas ações em Fensmore. Não teria pensado que talvez ele pudesse estar apaixonando-se um pouco por ela.

E ela não teria permitido a si mesma apaixonar-se por ele. Mas se havia uma coisa da qual estava certa, era que ela não iria deixá-lo saber que algo estava fora do comum. Até onde ele sabia, ela ainda seguia alheia as suas maquinações.

Assim pôs seu melhor sorriso no rosto e estava convicta de que ela parecia muito interessada em tudo o que ele teria a dizer enquanto ele respondia.

— Eu não queria perder a noite musical.

— Oh, agora sei que está mentindo.

— Não, sério — insistiu ele — O conhecimento de seus verdadeiros sentimentos trará uma nova dimensão à coisa.

Ela virou os olhos.

— Por favor. Não importa o quanto acredita que está rindo comigo e não de mim, não pode escapar da cacofonia.

— Estou pensando em discretas bolas de algodão para os ouvidos.

— Se minha mãe perceber ficará mortalmente ferida. E foi ela quem lhe salvou de uma ferida mortal.

Ele a olhou com certa surpresa.

— Ela ainda pensa que você tem talento?

— Cada uma de nós — confirmou Honorina — Acredito que ela está um pouco triste porque eu sou a última de suas filhas em tocar. Mas suponho que logo passará a tocha a uma nova geração. Tenho muitas sobrinhas que estão praticando seus pequenos dedos em seus diminutos violinos.

— Sério? Pequenos?

— Não. Só que soa melhor descrever dessa maneira.

Ele riu disso, então ficou em silêncio. Ambos ficaram parados na sala em silêncio, estranhamente torpes e, bem, em silêncio.

Era estranho. Não agiam como antes, absolutamente.

— Se importaria em dar um passeio comigo? — perguntou ele de repente — Faz bom tempo.

— Não. — disse ela, um pouco mais bruscamente do que teria gostado — Obrigada.

Uma sombra passou sobre os olhos de Marcus, mas sumiu tão rapidamente que ela pensou que poderia ter imaginado.

— Muito bem — disse ele com frieza.

— Não posso. — Honoria adicionou. Porque não queria realmente ferir os sentimentos dele. Ou talvez quisesse, e agora se sentia culpada. — Minhas primas estão todas aqui. Estamos praticando.

Um débil olhar de alarme cruzou o rosto dele.

— Provavelmente gostará de encontrar algum tipo de negócio que o afaste de Mayfair por completo — disse — Daisy ainda não tem o pianíssimo controlado — seu olhar em branco, acrescentou — Ela toca alto.

— E o resto de vocês não?

— Touché, mas não, não assim.

— Então o que está dizendo é que quando chegar à noite musical, deveria me esforçar por conseguir um assento na parte de trás?

— Na sala ao lado, se puder conseguir.

— Sério? — Parecia surpreso, não, isso o fez comicamente, esperançado — Haverá assentos na sala ao lado?

— Não — respondeu ela, girando os olhos uma vez mais — Mas não acredito que a fila de trás vá salva-lo. Não de Daisy. — Ele suspirou. — Deveria ter considerado isto antes de cortar sua convalescença.

— Estou percebendo.

— Bem — disse ela, tratando de soar como se fosse uma jovem dama muito ocupada com muitas entrevistas e umas quantas coisas por fazer, então também passou a não estar suspirando por ele — realmente devo ir.

— É claro — disse ele, dando um assentimento cortês de despedida.

— Adeus — Mas ela não saiu do lugar.

— Adeus.

— Foi muito bom vê-lo.

— E a você — disse ele — Por favor, dê minhas saudações para a condessa.

— É claro. Ela ficará encantada de saber que está tão bem.

Ele assentiu com a cabeça. E ficou ali. E finalmente disse.

— Bem, então.

— Sim — disse ela a toda pressa — Tenho que ir. Adeus — disse outra vez. Desta vez ela saiu da sala. E nem sequer olhou por cima de ombro.

O qual era um ganho que ela nunca teria sonhado.

Capítulo 18



A verdade, Marcus pensou enquanto estava sentado no escritório de sua casa em Londres, que sabia muito pouco a respeito de cortejar Senhoritas. Sabia muito a respeito de evitá-las e possivelmente ainda mais a respeito de como evitar as respectivas mães.

Também sabia muito a respeito de investigar outros homens que estavam cortejando Senhoritas, de forma discreta, mais especificamente, a Honoria e mais que tudo sabia como ser tranquilamente ameaçador enquanto os convencia a abandonar sua perseguição.

Mas quanto a si mesmo, não fazia a menor ideia.

Flores? Vira outros homens com flores. As mulheres gostavam das flores. Diabos, também gostava das flores. E quem não gostava das flores?

Pensou que poderia querer encontrar alguns jacintos cor de uva que recordavam os olhos de Honoria, mas eram flores pequenas e não acreditava que funcionariam bem em um ramo.

E, além disso, julgava que as entregaria e diria que recordavam os olhos dela? Porque então teria que explicar que se referia a uma parte muito específica da flor, na parte inferior da pétala, bem ao lado do caule. Não podia imaginar nada que pudesse fazê-lo sentir-se mais tolo.

E o problema final com as flores era que nunca as havia dado para ninguém antes. Ela imediatamente ficaria curiosa e logo amedrontada, e se não correspondesse aos sentimentos dele, não havia nenhuma razão em particular para supor que correspondesse, então ficaria apanhado aí no salão da casa dela.

Considerando todas estas coisas, tratava-se de uma situação que preferia evitar. Era mais seguro cortejá-la em público, decidiu. Lady Bridgerton era seria a anfitriã de um baile de aniversário no dia seguinte, e sabia que Honoria estaria ali. Embora não quisesse, iria apesar disso. Haveria muitos solteiros elegíveis na assistência para que declinasse. Isto

incluía Gregory Bridgerton, sobre o que Marcus mudara de opinião, ainda estava muito para casar-se. Se depois de tudo Honoria decidisse que estava interessada no jovem Senhor Bridgerton, Marcus teria que intervir.

Em sua habitual forma reservada e atrás de arranjos, é claro. Mas mesmo assim, havia outra razão para o qual deveria estar presente.

Abaixou a vista para sua escrivaninha. À esquerda havia um convite gravado para Bridgerton House. À direita estava a nota que Honoria deixara em Fensmore quando partiu na semana anterior.

Era uma missiva incrivelmente insípida. Uma saudação, uma assinatura e duas frases comuns no meio. Não havia nada que pudesse indicar que uma vida fora salva, um beijo havia ocorrido, um bolo de melão fora roubado...

Era o tipo de nota que alguém escreveria quando desejava agradecer a uma anfitriã por uma festa de jardim perfeitamente correta e cortês. Não era o tipo que alguém escreveria a alguém com quem poderia considerar casar-se.

Porque isso era o que ele pretendia. Logo que Daniel trouxesse seu maldito traseiro de volta a Inglaterra, ia pedir a mão de Honoria. Mas até então, deveria cortejá-la.

Daí seu dilema.

Suspirou. Alguns homens sabiam instintivamente como falar com as mulheres. Seria muito conveniente ter sido um desses homens.

Mas não era. Em troca, era um homem que só sabia falar com Honoria. E ultimamente inclusive isso não estava saindo muito bem.

Portanto, na noite seguinte, encontrou-se em um de seus lugares menos favoritos na terra. Um salão de baile em Londres.

Ocupou sua posição habitual, de costas para a parede, no lugar onde podia ver a reunião e fingir que nada o importava. Não pela primeira vez, ocorreu que era excessivamente afortunado de não ter nascido mulher. A Senhorita a sua esquerda era um floreiro, ele conseguiu ficar distante, escuro, e melancólico.

A festa era uma aglomeração desenfreada, Lady Bridgerton era imensamente popular e Marcus não podia saber se Honoria estava ali ou não. Não conseguia encontra-la, mas por outro lado, tampouco podia ver a porta que havia entrado. Nunca saberia como alguém esperava passar um bom momento em meio a tanto calor, suor e multidão.

Olhou outra vez de soslaio para a Senhorita ao seu lado. Resultava familiar, mas não

podia reconhecê-la. Talvez não estivesse na inocência da juventude, mas duvidava que fosse muito mais velha que ele. Ela suspirou. O som saindo comprido e cansado e ele não podem deixar de pensar que estava junto a um espírito afim. Ela também estava olhando por cima da multidão, tratando de fingir que não estava procurando a alguém em particular.

Pensou em dizer boa noite, ou talvez perguntar se conhecia Honoria e caso a tinha visto.

Mas justamente antes que girasse o corpo para saudá-la, ela virou-se na direção oposta, e poderia ter jurado que a ouviu murmurar:

— Maldito seja tudo, vou pegar uma bebida.

Afastou-se, abrindo passo entre a multidão. Marcus a olhou com interesse, parecia saber exatamente aonde ia. O que significava que ouviu seu murmúrio muito bem...

Ela sabia onde poderia obter uma bebida.

Imediatamente foi atrás dela. Se estivesse preso neste salão de baile sem ver Honoria, que era a única razão pela qual se submeteu a esta aglomeração, sem dúvida alguma conseguiria a sobremesa.

Havia muito tempo que havia aperfeiçoado a arte de mover-se com propósito, mesmo que não tivesse nenhum objetivo ou meta particular, e conseguiu evitar conversas desnecessárias simplesmente mantendo seu queixo no alto e com o olhar agudo e por cima da multidão.

Até que algo o golpeou na perna. Ouch.

— E por que é essa cara, Chatteris? — ouviu-se uma imperiosa voz feminina — Apenas o toquei.

Manteve-se imóvel, porque conhecia essa voz, e sabia que não havia escapatória. Com um pequeno sorriso, abaixou o olhar para o rosto enrugado de Lady Danbury, que estivera aterrorizando as Ilhas Britânicas da época da Restauração.

Ou ao menos isso parecia. Ela era tia avó da mãe dele, e juraria que ela já passava dos cem anos.

— Uma ferida em minha perna, Milady — disse ele, fazendo uma reverência mais respeitosa.

Ela golpeou sua arma, que outros poderiam chamar de bengala, contra o chão.

— Caiu do cavalo?

— Não, eu...

— Tropeçou pelas escadas? Deixou cair uma garrafa sobre o pé? — A expressão dela tornou-se ardilosa — Ou envolve uma mulher?

Ele lutou contra o impulso de cruzar os braços. Ela olhava para ele com um pequeno sorriso. Gostava de zombar de sua companhia, uma vez disse que a melhor parte de envelhecer era que podia dizer o que quisesse com toda impunidade.

Ele inclinou-se e disse com muita seriedade.

— A verdade é que fui apunhalado por meu ajudante de câmara.

Era, possivelmente, a única vez em sua vida que conseguiu deixá-la em silêncio. Ela abriu a boca e seus olhos se alargaram; Talvez tivesse inclusive ficado pálida, mas para começar a pele dela possuía um tom tão estranho que era difícil de dizer. Então, depois de um momento de choque, soltou uma gargalhada e disse,

— Não, sério. O que aconteceu?

— Exatamente como disse. Fui apunhalado — Esperou um momento e logo acrescentou — Se não estivéssemos em meio de um salão de baile, eu mostraria.

— Não me diga! — Agora estava realmente interessada. Aproximou-se, com os olhos brilhantes de macabra curiosidade — É horrível?

— É — confirmou.

Ela apertou os lábios e estreitou os olhos quando perguntou.

— E onde está seu valete agora?

— Na Casa Chatteris, provavelmente tomando um copo do meu melhor conhaque. Ela soltou outra de suas gargalhadas entrecortadas.

— Sempre me diverti — declarou — Acredito que é meu segundo sobrinho favorito. Não podia pensar em outra resposta que...

— Sério?

— Sabe que a maioria das pessoas não tem senso de humor, não?

— Gosto de ser franco — murmurou ele.

Ela encolheu os ombros.

— É meu sobrinho neto. Pode ser tão franco como quero.

— A consanguinidade nunca pareceu ser um de seus requisitos prévios para falar

claro.

— Touché — ela replicou, dando um assentimento de aprovação — Estava meramente assinalando que é muito sigiloso em seu bom humor. Isto o aplaudo de todo coração.

— Estou tremendo de alegria. Ela agitou um dedo contra ele.

— Isto é precisamente do que estou falando. É realmente muito divertido, não que deixe que ninguém o veja.

Pensou em Honoria. Ele a fazia rir. Era o som mais belo que conhecia.

— Bem — declarou Lady Danbury, golpeando a bengala — basta disso. Por que está aqui?

— Acredito que fui convidado.

— Oh, tolices. Odeia estas coisas.

Deu um pequeno encolhimento de ombros.

— Está atento a essa garota Smythe-Smith, imagino — disse.

Estivera olhando sobre seu ombro, tratando de localizar as bomba de chocolate, mas diante disso, voltou-se bruscamente.

— Oh, não se preocupe — disse rodando os olhos desdenhosamente — Não vou difundir que está interessado nela. É uma das que tocam o violino, não? Meu Deus, ficará surdo em uma semana.

Abriu a boca para defender Honoria, para dizer que era parte da brincadeira, salvo que ocorreu que não era uma brincadeira para ela. Sabia perfeitamente que o quarteto era horrível, mas seguia adiante porque era importante para sua família. Poder tomar seu lugar no cenário e pretender que pensava que era uma violinista virtuosa requeria um enorme valor.

E amor.

Ele a amava muito intensamente, e tudo no que podia pensar era: Ele a amava.

— Sempre estive perto dessa família — disse Lady Danbury, interrompendo seus pensamentos.

Piscou, necessitando um momento para voltar para a conversa atual.

— Sim — disse finalmente — Fui à escola com Daniel.

— Oh, sim — disse, suspirando — Que tolice foi essa. Esse menino nunca deveria ter

sido expulso do país. Sempre disse que Ramsgate era um idiota.

Ele a olhou em choque.

— Como disse — disse alegremente — a consanguinidade nunca foi um requisito prévio para falar francamente.

— Ao que parece não.

— Oh, olhe, aí está — comentou Lady Danbury.

Inclinou a cabeça para a direita, e Marcus seguiu seu olhar para Honoria, que estava conversando com outras duas senhoritas que não pode identificar a distância. Ela não o vira ainda, e aproveitou o momento para empapar-se com aquela visão. Seu cabelo estava diferente, não podia precisar o que fizera, nunca entendera as sutis distinções dos penteados femininos, mas percebeu que estava encantador.

Toda ela era encantadora. Talvez devesse ter pensado em alguma outra forma mais poética para descrevê-la, mas às vezes as palavras mais simples soam como as mais sinceras.

Era encantadora. E a desejava.

— A ama — sussurrou Lady Danbury. Ele voltou-se.

— Do que está falando?

— Está escrito em todo seu rosto, debulhada como a expressão pode ser. Oh, segue adiante e peça uma dança — disse, levantando sua bengala e apontando para Honoria — Poderia fazê-lo muito pior.

Fez uma pausa. Com Lady Danbury era difícil saber como interpretar até a mais simples das frases. Por não falar de que ainda tinha elevado sua bengala. As pessoas sempre deviam ter muito cuidado quando essa bengala estava em movimento.

— Vamos, vamos — insistiu ela — Não se preocupe comigo. Encontrarei outro despreparado e pobre tolo para torturar. E sim, antes que sinta a necessidade de protestar, acabo de chamá-lo de tolo.

— Esse, acredito, pode ser o único privilégio que a consanguinidade permite.

Ela riu com deleite.

— É um príncipe entre os sobrinhos — proclamou.

— Seu segundo favorito — murmurou ele.

— Subirá ao topo da lista se encontrar uma maneira de destruir seu violino. Marcus

não deveria ter rido, mas o fez.

— É uma maldição, na realidade — disse Lady Danbury — Sou a única pessoa que conheço com a minha idade que tem uma audição perfeita.

— A maioria chamaria a isso uma bênção.

Ela soltou um bufo.

— Não dentro dessa noite musical.

— Por que assiste? – perguntou — Não é especialmente próxima à família. Pode declinar com facilidade.

Ela suspirou, e por um momento seus olhos mostraram serenidade.

— Não sei — admitiu — Alguém tem que aplaudir a essas pobrezinhas.

Viu como o rosto dela voltava para seu gesto normal e endurecido.

— É uma pessoa agradável a que deixa entrever — disse ele, sorrindo.

— Não diga isso a ninguém. Hmmp — Ela golpeou sua bengala — terminei com você.

Fez uma reverência com todo o respeito devido a uma aterradora tia bisavó e caminhou em direção a Honoria. Estava vestida com o mais pálido dos azuis, seu vestido era uma confecção ampla que não poderia descrever exceto que deixava os ombros descobertos.

— Lady Honoria — disse uma vez que chegou ao lado dela. Ela se voltou e fez uma reverência cortês.

Um brilho de felicidade iluminou os olhos dela e em seguida fez uma cortês reverência, murmurando,

— Lorde Chatteris, que prazer vê-lo.

Esta era a razão pela que odiava estas coisas. Durante toda a sua vida ela o havia chamado por seu nome de batismo, mas em um salão de baile de Londres de repente era Lorde Chatteris.

— É claro que deve recordar da Senhorita Royle — disse Honoria, apontando para a Senhorita a sua direita, que estava vestida com um tom azul mais escuro — E minha prima, Lady Sarah.

— Senhorita Royle, Lady Sarah — Fez uma reverência para cada uma.

— Que surpresa vê-lo aqui — disse Honoria.

— Surpresa?

— Não havia pensado... — Ela para de falar, e suas faces ficaram curiosamente rosadas — Não é nada — disse, evidentemente mentindo.

Mas ele não podia pressioná-la em um lugar tão público, por isso disse algo assombrosamente suspicaz e interessante,

— Há toda uma aglomeração esta noite, você não acha?

— Oh, sim — murmuraram as três Senhoritas, com vários graus de volume.

Uma delas inclusive poderia ter dito “É claro que sim”. Houve uma pequena pausa, e logo Honoria espetou:

— Soube algo mais de Daniel?

— Não — respondeu — Espero que isto signifique que já começou sua viagem de volta.

— Então não sabe quando retornará — disse.

— Não. — respondeu. Curioso.

Teria pensado que foi claro em sua declaração anterior

— Já vejo — disse ela, e em seguida pôs um desses sorrisos de estou-sorrindo-porque-não-tenho-nada-a-dizer.

O qual era ainda mais estranho.

— Estou segura de que está ansioso para que ele retorne. — disse, uma vez que tinham passado vários segundos sem que ninguém contribuísse à conversa.

Era claro que havia uma mensagem implícita em sua declaração, mas não tinha ideia qual seria. Certamente, não sua mensagem tácita, sobre estar esperando que o irmão dela retornasse para poder pedir permissão para casar-se com ela.

— Tenho muita vontade de vê-lo, sim — murmurou.

— Como todos — disse a Senhorita Royle.

— Oh, sim — interveio a prima até agora em silêncio.

Houve outra longa pausa, e logo Marcus se voltou para Honoria e disse.

— Espero que me reserve uma dança.

— É claro — disse ela, e ela parecia contente, mas resultava extraordinariamente difícil entende-la esta noite.

As outras duas Senhoritas estavam ali, completamente imóveis, com os olhos grandes imobilizados. Então Marcus entendeu o que se esperava dele.

— Espero que as três me reservem uma dança — disse cortesmente.

Os cartões de baile foram imediatamente levados adiante. Um minueto foi atribuído à Senhorita Royle, uma contradança para Lady Sarah, e para Honoria reclamou uma valsa. Que as más línguas fizessem com isso o que quisessem. Não era como se nunca antes tivesse dançado a valsa com ela.

Uma vez que as danças foram resolvidas, eles pararam ali de novo, um quarteto pouco silencioso, todos os quartetos deveriam ser silenciosos, pensou Marcus, até que a prima de Honoria limpou a garganta e disse.

— Na realidade, acredito que o baile esteja começando agora. O que significava que era o momento para o minueto.

A Senhorita Royle olhou para ele e sorriu com alegria. Tardamente recordou que a mãe dela tinha a ideia de emparelhá-los.

Honoria o olhou como se dissesse: *Tem muito medo*. E tudo o que ele pode pensar foi: *Maldição, nunca conseguirei um desses bolos*.

— Gosta — disse Sarah, no momento em que Marcus e Cecily se afastaram para seu minueto.

— O que? — perguntou Honoria.

Ela teve que piscar. Seus olhos haviam começado a embaralhar-se de olhar fixamente para as costas de Marcus enquanto ele se afastava.

— Gosta — disse Sarah.

— Do que está falando, é claro que gosto. Fomos amigos sempre.

Bem, isso não era tão certo. Conheceram-se sempre. Converteram-se em amigos, verdadeiros amigos, mais recentemente.

— Não, ele gosta — disse Sarah, com grande exagero.

— O que? — disse Honoria outra vez, porque claramente fora reduzida à idiotice — Oh. Não. Não, é claro que não.

Mas mesmo assim, seu coração saltou.

Sarah sacudiu a cabeça lentamente, como estivesse dando-se conta enquanto falava,

— Cecily me disse que já suspeitava, antes quando vocês duas foram comprovar o seu estado em Fensmore depois que ele ficou preso na chuva, mas acreditei que estava imaginando coisas.

— Deveria prestar atenção as suas primeiras inclinações — disse Honoria energicamente.

Sarah franziu o cenho diante disso.

— Não viu a maneira como ele estava olhando para você?

Honoria, praticamente rogando estar em contradição, disse,

— Ele não estava me olhando.

— Oh, sim estava — contra atacou Sarah — Oh, e por certo, em caso de que estivesse preocupada, não estou interessada nele.

Honoria só pode piscar.

— Antes, em casa dos Royle... — recordou Sarah — quando eu estava pensando na possibilidade de que ele pudesse apaixonar-se rapidamente de mim?

— Oh, certo — recordou Honoria, tratando de não notar como seu estômago retorcia-se diante do pensamento de Marcus apaixonando-se por alguém mais. Limpou a garganta — Eu havia me esquecido.

Sarah encolheu os ombros.

— Foi uma esperança desesperada — Olhou sobre a multidão, murmurando — Pergunto-me se há algum Cavaleiro aqui que poderia estar disposto a casar-se comigo antes da quarta-feira.

— Sarah!

— Estou brincando. Meu Deus! Deveria saber isso — E então disse — Está olhando outra vez para você.

— O que? — Honoria na realidade pulou com surpresa — Não, não pode estar olhando. Está dançando com Cecily.

— Está dançando com Cecily e olhando para você — respondeu Sarah, soando bastante satisfeita com sua apreciação.

Honoria teria gostado de ter pensado que isso significava que ele importava-se com ela, mas depois de ter lido a carta de Daniel, já sabia melhor.

— Não é porque eu lhe importe — disse, sacudindo a cabeça.

— De verdade? — Sarah começou a cruzar os braços — Então, me diga por favor, o que é?

Honorina engoliu saliva e olhou furtivamente ao redor.

— Pode guardar um segredo?

— É claro.

— Daniel pediu que “me vigiasse” enquanto ele estivesse fora.

Sarah não parecia impressionada.

— Por que isso é um segredo?

— Não é, suponho. Bem, sim, sim é. Porque ninguém me disse nada sobre isso.

— Então como sabe?

Honorina sentiu as faces esquentarem.

— Pode ser que tenha lido algo que não deveria? — murmurou. Os olhos de Sarah se alargaram.

— De verdade? — disse, inclinando-se — Isso é pouco característico de você.

— Foi um momento de debilidade.

— Um que agora lamenta?

Honorina pensou nisso por um momento.

— Não — admitiu.

— Honorina Smythe-Smith — disse Sarah, sorrindo felizmente — Estou tão orgulhosa de você.

— Perguntaria por que — respondeu Honorina com cautela — mas não estou segura de que queira conhecer a resposta.

— Provavelmente esta é a coisa mais inapropriada que já fez.

— Isso não é certo.

— Oh, possivelmente se esqueceu de me dizer sobre aquela vez que correu nua através do Hyde Park?

— Sarah!

Sarah riu.

— Todos leem algo que não deveriam em algum ponto de suas vidas. Simplesmente estou feliz de que finalmente escolheu se unir ao resto da humanidade.

— Não sou tão rígida e correta — protestou Honoria.

— É claro que não. Mas não a chamaria aventureira.

— Eu tampouco a chamaria aventureira.

— Não? — Os ombros de Sarah se afundaram — Não sou.

Ficaram ali de pé por um momento, um pouco tristes, um pouco pensativas.

— Bem — disse Honoria, tratando de injetar uma nota de ligeireza no ar — não vai correr nua através do Hyde Park, verdade?

— Não sem você — disse Sarah astutamente.

Honoria riu diante disso e depois, impulsivamente pôs seu braço ao redor dos ombros de sua prima e deu um pequeno apertão.

— Quero-a, sabe.

— É claro que sei — respondeu Sarah. Honoria esperou.

— Oh, sim, também a quero — disse Sarah.

Honoria sorriu e por um momento sentiu-se bem com o mundo. Ou se não bem, então ao menos normal. Estava em Londres, em um baile, parada ao lado de sua prima favorita. Nada poderia ter a não ser mais simples. Inclinou sua cabeça um pouco de um lado, observando à multidão. O minueto realmente era uma dança encantadora para ver, tão majestosa e elegante. E possivelmente era a imaginação de Honoria, mas parecia como se as damas estivessem vestidas em cores similares, brilhando através da pista de baile em azuis, verdes, e chapeados.

— Quase parece como uma caixa de música — murmurou.

— Sim — concordou Sarah, logo arruinou o momento dizendo. — Odeio o minueto.

— Odeia?

— Sim — disse — Não sei por que.

Honoria continuou olhando os bailarinos. Quantas vezes pararam desta maneira, ela e Sarah? Lado a lado, ambas olhando fixamente à multidão enquanto seguiam uma conversa sem olhar uma à outra. Na realidade não precisavam fazer isso, conheciam-se tão bem que as expressões faciais não eram necessárias para saber o que a outra estava sentindo.

Marcus e Cecily finalmente apareceram à vista, e Honoria observou enquanto davam passos os passos do minueto.

— Acredita que Cecily Royle esteja interessada em Marcus? — perguntou.

— Você acredita? — contra atacou Sarah.

Honoria manteve seus olhos sobre os pés de Marcus. Ele era verdadeiramente muito gracioso para ser um homem tão grande.

— Não sei — murmurou.

— Importa-se?

Honoria pensou por um momento no que tanto de seus sentimentos estava disposta a compartilhar.

— Acredito que sim — disse finalmente.

— Não importará se ela esteja interessada nele — respondeu Sarah — Ele não está interessado nela.

— Sei — disse Honoria brandamente — mas tampouco acredito que esteja interessado em mim.

— Só espera — disse Sarah, finalmente virando-se para olhá-la nos olhos — Só espera.

Uma hora ou assim mais tarde, Honoria estava junto a um prato vazio na mesa das sobremesas, felicitando-se por ter agarrado o último bolo, quando Marcus chegou para reclamar sua valsa.

— Conseguiu um? — perguntou ela.

— Consegui o quê?

— Um bolo. Estavam maravilhosos. Oh — Tratou de não sorrir — Sinto muito. Por sua expressão posso ver que não.

— Estive tentando chegar aqui a noite toda — admitiu.

— Talvez tenha mais — disse ela, em sua melhor imitação de otimismo.

Ele a olhou com uma só sobrancelha arqueada.

— Mas provavelmente não — disse — Sinto tanto. Possivelmente possamos perguntar para Lady Bridgerton onde o conseguiu. Oh... — Tratou de parecer ardilosa — Talvez seu próprio cozinheiro o faça, possivelmente possamos contratá-lo.

Ele sorriu.

— Ou poderíamos dançar.

— Ou poderíamos dançar — concordou com felicidade.

Pôs sua mão sobre o braço dele e permitiu que a levasse para o centro do salão de baile. Tinham dançado antes, inclusive a valsa uma ou duas vezes, mas agora era tudo diferente. Inclusive antes que a música começasse, ela sentiu como estivesse deslizando-se, movendo-se sem esforço sobre o piso de madeira.

E quando a mão dele foi pousar na parte baixa de suas costas e ela levantou o olhar para seus olhos, algo quente e líquido começou a desenredar-se dentro dela. Estava sem fôlego. Estava ofegante. Sentia-se faminta, necessitada. Queria algo que não podia definir e com uma intensidade que começou a assustá-la. Mas não ficou. Não com a mão de Marcus em suas costas. Nos braços dele sentia-se segura, inclusive enquanto seu próprio corpo era açoitado por um frenesi. O calor da pele dele filtrava-se através de sua roupa como um alimento, uma infusão embriagadora que a fez querer ficar sobre as pontas dos pés e alçar voo.

Ela o queria. Veio a ela em um instante. Isto era desejo.

Não era de estranhar que as garotas arruinassem a si mesmas. Escutara sobre garotas que haviam “cometido enganos”. Pessoas sussurrando que eram lascivas, que foram enganadas. Honoria nunca entendera bem. Por que alguém atiraria pela amurada uma vida de segurança por uma só noite de paixão?

— Honoria? — A voz do Marcus flutuou até seus ouvidos como estrelas fugazes. Levantou o olhar e o viu observando-a com curiosidade. A música havia começado, mas ela não tinha movido os pés. Ele inclinou sua cabeça de um lado, como se estivesse fazendo pergunta. Mas não precisou falar, e ela não precisou responder. Em lugar disso, apertou a mão dele e começaram a dançar.

A música abaixou e aumentou, e Honoria seguiu a direção de Marcus, nunca tirando os olhos de seu rosto. A música a elevou e pela primeira vez em sua vida sentiu como se entendesse o que significava dançar. Seus pés moveram-se no tempo perfeito da valsa, um-dois-três, um-dois-três. E seu coração alçou voo. Sentia os violinos através de sua pele. Os instrumentos de vento fizeram cócegas em seu nariz. Converteu-se em uma só com a música, e quando esta terminou, quando se afastaram, e ele fez uma reverência respondendo a sua inclinação, sentiu-se excluída.

— Honoria? — perguntou Marcus brandamente.

Parecia interessado. E não interessado da forma *o que faço para que possa fazê-la me adorar*. Não, definitivamente era mais ao longo das linhas de *querido Deus ela vai adoecer*. Não parecia como um homem apaixonado. Parecia como um homem que estava preocupado de que estivesse parado ao lado de alguém com uma desagradável enfermidade estomacal. Havia dançado com ele e sentiu-se absolutamente transformada.

Ela, que não conseguia dançar uma melodia ou mover seus pés a um ritmo certo, sentiu-se mágica nos braços dele. A dança fora como o céu, e a massacrava saber que ele não estivesse se sentido da mesma maneira.

Ele não podia ter terminado.

Ela mal conseguia manter-se em pé, e ele simplesmente parecia... Como ele. O mesmo velho Marcus, que a via como uma carga. E não uma carga completamente desagradável, mas uma carga de qualquer forma. Sabia por que ele estava ansioso para que Daniel retornasse para a Inglaterra. Isso significava que ele poderia sair de Londres e voltar para o campo, onde era mais feliz. Isso significava que seria livre. Disse seu nome outra vez, e ela de algum jeito conseguiu sair do atordoamento.

— Marcus — disse abruptamente — Por que está aqui?

Por um momento ficou olhando como se ela tivesse duas cabeças.

— Fui convidado — respondeu um pouco indignado.

— Não — A cabeça dela, e queria esfregar os olhos, mas sobretudo queria chorar.

— Não aqui neste baile, aqui em Londres.

Os olhos de Marcus se estreitaram com receio.

— Por que pergunta?

— Porque odeia Londres. Ajustou a gravata.

— Bem, não odeio...

— Odeia a temporada — interrompeu — Disse-me isso.

Marcus começou a dizer algo, mas parou depois de meia sílaba. Foi quando Honoria recordou que era um terrível mentiroso. Sempre havia sido. Quando eram meninos, ele e Daniel uma vez tinham arrancado um candelabro inteiro do teto. Até a data, Honoria ainda se perguntava como fizeram aquilo. Quando Lady Winstead ordenou que confessassem, Daniel mentiu diretamente no rosto dela, e tão encantadoramente que Honoria pode ver que sua mãe não teve certeza de que ele estava dizendo a verdade.

Marcus, por outro lado, ficou vermelho e começou a coçar o pescoço como se estivesse com coceira. Justamente como estava fazendo agora.

— Tenho... Responsabilidades aqui — disse incomodamente. Responsabilidades.

— Sei — disse ela, quase se afogando com as palavras.

— Honoria, está bem?

— Estou bem — estalou, e odiou-se por ser tão curta de temperamento. Não era culpa dele de que Daniel o tivesse encarregado, dela. Nem sequer era culpa dele por aceitar. Qualquer cavalheiro teria feito o mesmo. Marcus permaneceu imóvel, mas seus olhos revoaram para os lados, quase como se estivesse procurando alguma explicação de por que ela estava comportando-se de modo tão estranho.

— Está zangada — disse um pouco conciliador, possivelmente inclusive condescendente.

— Não estou zangada — disse ela.

A maioria das pessoas teria respondido que ela soava zangada, mas Marcus simplesmente a olhou daquela maneira incomodamente composta, tão dele.

— Não estou zangada — murmurou, porque seu silêncio praticamente demandou que dissesse algo.

— É claro que não.

Sua cabeça se levantou. É havia sido condescendente. O resto poderia ter sido imaginação, mas não isto. Ele não disse nada. Não o faria. Marcus nunca faria uma cena.

— Não me sinto bem — deixou escapar.

Isso, ao menos, era verdade. Seu coração doía e estava superaquecida e desequilibrada e tudo o que queria era ir para casa e arrastar-se para sua cama e colocar as cobertas sobre a cabeça.

— A levarei para tomar um pouco de ar — disse rigidamente, e colocou a mão nas costas dela levando-a na direção das portas francesas que levavam a um jardim.

— Não — disse, e a palavra brotou muito alta e dissonante — Quero dizer, não, obrigada — Engoliu saliva — Acredito que irei para casa.

Ele assentiu.

— Vou procurar sua mãe.

— Eu farei isso.

— Estou feliz de...

— Posso fazer coisas, por mim mesma — explodiu.

Querido Deus, odiou o som de sua própria voz. Sabia que era tempo de calar-se. Não era capaz de dizer as palavras corretas. E não foi capaz de deter-se.

— Não preciso ser sua responsabilidade.

— Do que está falando?

Não podia responder essa pergunta, assim em seu lugar disse:

— Quero ir para casa.

Ele ficou olhando-a ao que parecia como uma eternidade, em seguida fez uma reverência rígida.

— Como deseja — disse, e se afastou.

Assim que ela foi para casa. Como desejava. Obteve exatamente o que havia pedido. E foi horrível.

Capítulo 19



O dia do musical

Seis horas antes da apresentação

— Onde está Sarah?

Honorina levantou o olhar de sua partitura. Ela estivera escrevendo algumas notas nos lados. Nada do que escrevia fazia sentido, mas dava a ilusão de que sabia um pouco sobre o que estava fazendo, assim que se assegurava de ter algum tipo de anotação em cada página.

Íris estava de pé no meio do salão de música.

— Onde está Sarah? — disse outra vez.

— Não sei — disse Honorina. Olhou para um lado e depois para o outro — Onde está Daisy?

Íris assinalou impacientemente para a porta.

— Parou em algum lugar quando chegamos. Não se preocupe com ela. Não perderia isso por nada do mundo.

— Sarah não está aqui?

Íris parecia preparada para explorar.

— Você a vê?

— Íris!

— Sinto muito. Não quero ser grosseira, mas onde diabos está ela?

Honorina deixou sair uma exalação irritada. Acaso Íris não tinha algo mais importante para preocupar-se? Ela não se humilhou completamente diante do homem do qual, recentemente, deu-se conta que estava apaixonada.

Três dias haviam passado e sentia-se mal de pensar nisso.

Honorina não recordava o que disse exatamente. Em vez disso recordava do terrível som de sua própria voz, entrecortada e afogada. Recordava que seu cérebro rogava a sua voz para que deixasse de falar e também recordava que sua boca não fez conta.

Fora completamente irracional, e se ele a considerava sua responsabilidade antes, agora seguramente pensava que era sua ocupação. E inclusive antes disso, antes de ter começado a dizer idiotices e a comportar-se tão sensivelmente, que os homens do mundo se sentiram justificados ao pensar nas mulheres como o sexo mais caprichoso, ela fora uma tola.

Havia dançado com ele como se fosse sua salvação, estava com o coração em seus olhos e ele disse...

Nada. Não disse nada. Só seu nome. E em seguida preocupou-se com ela como se tivesse ficado verde. Provavelmente ele deve ter pensado que ela fosse vomitar e arruinar outro perfeito par de suas botas.

Isso havia acontecido fazia três dias. Três dias. Sem comunicar-se.

— Ela deveria ter chegado ao menos há vinte minutos — resmungou Íris. Ao que Honorina respondeu.

— Ele deveria ter vindo há dois dias.

Íris voltou-se para ela.

— O que disse?

— Talvez o tráfego tenha atrapalhado? — perguntou Honorina, recuperando-se rapidamente.

— Vive a menos de um quilômetro.

Honorina assentiu distraidamente. Abaixou o olhar para as notas que fizera na página dois de sua partitura e notou que tinha havia o nome de Marcus. Duas vezes. Não, três vezes. Havia um pequeno M.H. escrito em itálico escondido ao lado de uma nota pela metade. Deus santo. Era patética.

— Honorina! Honorina! Está me escutando? Íris outra vez. Honorina tentava não grunhir.

— Com certeza ela logo estará aqui — disse em tom de conciliação.

— Tem certeza? — perguntou Íris — Porque eu não tenho. Sabia que ia me fazer isto.

— Lhe fazer o quê?

— Não entende? Não virá. Honoria levantou o olhar.

— Não seja tola. Sarah nunca faria isso.

— Sério? — Íris dirigiu um olhar de incredulidade. E pânico — Sério? Honoria a olhou por um momento.

— Ai Deus bendito.

— Disse isso, não devia ter escolhido o primeiro quarteto. Sarah não é tão ruim no piano, mas essa parte é muito difícil.

— É difícil para nós também — disse Honoria fracamente. Estava começando a sentir-se doente.

— Não tão difícil como no piano. E, além disso, não importa que tão difíceis sejam as partes dos violinos, por que... — Íris deteve-se. Engoliu e suas faces ficaram ruborizadas.

— Não vai ferir meus sentimentos — disse Honoria — Sei que sou terrível. E sei que Daisy é ainda pior. Faríamos um trabalho igualmente péssimo com qualquer tipo de música.

— Não posso acreditar — disse Íris, desesperada começando a dar voltas pela sala.

— Não posso acreditar que ela tenha feito isto.

— Ainda não temos certeza — disse Honoria.

Íris deu a volta.

— Não?

Honoria engoliu incomodamente. Íris tinha razão. Sarah nunca havia chegado vinte, não, agora vinte e cinco minutos atrasada para um ensaio.

— Isto não teria acontecido se não tivesse escolhido uma parte tão complexa — acusou Íris.

Honoria levantou-se incômoda.

— Não me culpe! Não sou eu que passou a última semana me queixando sobre...

Oh, não importa. Eu estou aqui, e ela não, e não vejo como isso é minha culpa.

— Não, não, é claro — disse Íris sacudindo a cabeça — É só que... Oh! — gritou com frustração — Não posso acreditar que tenha me feito isto.

— Fez a nós — recordou Honoria calmamente.

— Sim, mas sou eu quem não queria tocar. Você e Daisy não se importavam.

— Não vejo o que tem a ver isso — disse Honoria — Não sei — chiou Honoria — É só que julgava que estaríamos juntas nisto. Isso é o que disse. Dizia isto todos os dias. E se eu engoliria meu orgulho e me humilharia em frente a todas as pessoas que conheço então Sarah também poderia engolir o orgulho dela.

Nesse momento Daisy chegou.

— O que está acontecendo? — perguntou — por que Íris está tão incomodada?

— Sarah não está aqui — explicou Honoria.

Daisy olhou o relógio do suporte.

— Isso está péssimo. Está meia hora atrasada.

— Não virá — disse Íris.

— Não temos certeza disso — disse Honoria.

— O que quer dizer com que não virá? — disse Daisy — Não pode faltar. Como vamos interpretar um quarteto de piano sem um piano?

Um comprido silêncio instaurou-se na sala, Íris ofegou.

— Daisy, você é brilhante.

Daisy estava comovida, mas mesmo assim disse.

— Sou?

— Podemos cancelar a apresentação!

— Não — Disse Daisy, negando com a cabeça. Voltou-se para a Honoria — Não quero fazer isso.

— Não temos escolha — continuou Íris, seus olhos iluminados com júbilo — É justo como disse. Não podemos interpretar um quarteto de piano sem um piano. Oh, Sarah é brilhante.

Honoria, entretanto, não estava convencida. Ela adorava Sarah, mas era difícil pensar que ela planejava algo tão desinteressado, especialmente nestas circunstâncias.

— Acredita que fez isto numa tentativa para cancelar a apresentação?

— Não me importa por que ela fez isso — disse Íris francamente — Estou tão feliz que poderia... — Por um momento literalmente não podia falar — Sou livre! Somos livres! Somos...

— Garotas! Garotas!

Íris parou na metade de sua comemoração enquanto todas olhavam para a porta. A mãe de Sarah, sua tia Charlotte conhecida pelo resto do mundo como Lady Pleinsworth estava entrando na sala, seguida por uma jovem mulher de cabelo escuro que vestia um traje bem feito, mas terrivelmente plano, que a marcou em seguida como uma governanta.

Honorina sentiu um pressentimento muito ruim.

Não sobre a mulher. Via-se perfeitamente agradável, talvez um pouco incômoda por ter sido arrastada a uma disputa familiar. Mas a tia Charlotte tinha um brilho aterrador nos olhos.

— Sarah adoeceu — anunciou.

— Oh não — chorou Daisy, dramaticamente caindo sobre uma cadeira — O que vamos fazer?

— Vou matá-la — murmurou Íris a Honorina.

— Naturalmente, não podia permitir que a apresentação fosse cancelada — continuou a tia Charlotte — Nunca poderia viver comigo mesma caso semelhante tragédia acontecesse.

— A ela também — disse Íris em voz baixa.

— Meu primeiro pensamento foi que poderíamos romper a tradição e deixar que um dos músicos tocasse com o grupo, mas não temos um pianista no quarteto desde que Philippa tocou em 1816.

Honorina olhou para sua tia surpresa. Na realidade se lembrava desses detalhes ou havia escrito?

— Philippa está a ponto de dar a luz — disse Íris.

— Sei — respondeu a tia Charlotte — Falta menos de um mês, pobrezinha, e está enorme. Pode ser que pudesse tocar o violino, mas não há maneira de que caiba em um piano.

— Quem tocava antes de Philippa? — perguntou Daisy.

— Ninguém.

— Bem isso não pode ser verdade — disse Honorina — Dezoito anos de musicais e os Smythe-Smith só produziram dois pianistas?

— É certo — confirmou a tia Charlotte — Fiquei tão surpresa como você. Vi todos os programas só para me assegurar. Muitos dos anos foram dois violinos, uma viola e um

violoncelo.

— Um quarteto de cordas — disse Daisy sem necessidade — O grupo clássico de quatro instrumentos.

— Cancelamos então? — perguntou Íris.

Honorina teve que dirigir um olhar de advertência para ela. Íris soava muito emocionada com essa possibilidade.

— Absolutamente não — disse tia Charlotte, e assinalou à mulher ao seu lado — Esta é a Senhorita Wynter, vai substituir Sarah.

Todas se viraram para a mulher de cabelo escuro que estava de pé silenciosa e ligeiramente atrás de tia Charlotte. Era, em uma palavra, formosa. Tudo o que tinha a ver com ela, era perfeito, desde seu cabelo brilhante até sua pele cremosa. Seu rosto possuía a forma de coração, seus lábios eram grossos e rosados, e as pestanas eram tão longas que Honorina pensou que tocariam suas sobrancelhas caso abrisse muito seus olhos.

— Bem — disse Honorina a Íris — ao menos ninguém vai nos olhar.

— Ela é nossa governanta — explicou tia Charlotte.

— E toca? — perguntou Daisy.

— Não a teria trazido se não tocasse — disse tia Charlotte impacientemente.

— É uma parte difícil — disse Íris, seu tom beirava a ferocidade — Uma peça muito difícil. Muito, muito — Honorina deu uma cotovelada nas costelas.

— Já sabe tocar — disse tia Charlotte.

— Sabe? — perguntou Íris, virou-se para a Senhorita Wynter desconcertada e, para ser completamente honesta e desesperada — Sabe?

— Não muito bem — respondeu à Senhorita Wynter com a voz suave — mas toquei algumas partes antes.

— Os programas já estão impressos — tentou Íris — Puseram Sarah no piano.

— Ponha o programa — disse tia Charlotte irritada — Faremos um anúncio no momento de iniciar. Fazem isso o tempo todo no teatro — Meneou a mão para a Senhorita Wynter, acidentalmente pegando no ombro — Considerem que Sarah está sob estudo.

Houve um momento de silêncio um pouco mal educado, logo Honorina deu um passo adiante.

— Bem vinda — disse suficientemente firme para que Íris e Daisy entendessem que

tinham que ser educadas — Estou encantada em conhecê-la.

A Senhorita Wynter fez uma pequena reverência.

— E eu a você, ah...

— Oh, sinto muito — disse Honoria — Sou Lady Honoria Smythe-Smith, mas por favor, se for tocar conosco, deve usar nossos nomes — Assinalou suas primas — Esta é Íris e esta é Daisy. Também são Smythe-Smith.

— Como eu fui uma vez — disse tia Charlotte.

— Eu sou Anne — disse a Senhorita Wynter.

— Íris toca o violoncelo — continuou Honoria — E Daisy e eu, tocamos violinos.

— Deixarei que ensaiem — disse tia Charlotte, dirigindo-se à porta — Têm uma tarde muito ocupada daqui por diante, tenho certeza.

As quatro esperaram até que ela saísse e então Íris perguntou:

— Na realidade não está doente, certo?

Anne claramente surpresa pelo ardor na voz de Íris, disse,

— Desculpe?

— Sarah — disse Íris pouco amável — Está fingindo. Sei.

— Não saberia dizer — disse Anne com grande diplomacia — Nem sequer a vi.

— Talvez tenha alergia — disse Daisy — Jamais deixaria que alguém a visse se tivesse manchas.

— Nada menos que uma desfiguração permanente me poderia satisfazer — grunhiu Íris.

— Íris! — gritou Honoria.

— Não conheço muito bem Lady Sarah — disse Anne — Fui contratada este ano e ela não necessita de uma governanta.

— Não a escutaria de todas as formas — disse Daisy — Pelo menos é mais velha que ela?

— Daisy! — gritou Honoria novamente.

Pelos Santos céus, estava gritando muito.

Daisy encolheu os ombros.

— Se ela for usar nossos nomes cristãos posso perguntar quantos anos tem.

— Mais que você — disse Honoria — O que significa que não, não pode perguntar.

— Não é para ficar preocupada— disse Anne, dirigindo um pequeno sorriso a Daisy

— Tenho vinte e quatro. Tenho a cargo Harriete, Elizabeth e Frances.

— Deus a ajude — disse Íris.

Honoria não pode contradizer. As três irmãs mais novas de Sarah eram completamente amorosas quando estavam separadas. Juntas, pelo contrário... Havia uma razão pela qual na casa Pleinsworth nunca faltava o drama.

Honoria suspirou.

— Suponho que deveríamos ensaiar.

— Devo adverti-las — disse Anne — Não sou muito boa.

— Isso está bem. Nós tampouco.

— Isso é mentira! — protestou Daisy.

Honoria inclinou-se para que as outras não pudessem escutar e sussurrou à Senhorita Wynter.

— Íris é algo talentosa e Sarah era adequada, mas Daisy e eu somos muito ruins. Meu conselho é que seja valente e abra caminho.

Anne ficou levemente alarmada. Honoria respondeu com um encolhimento de ombros. Logo aprenderia o que significava apresentar-se em um musical das Smythe-Smith. E caso não aprendesse, ficaria louca tentando.



Marcus chegou cedo nesta noite, embora não estivesse seguro se para assegurar um lugar na frente ou um na parte de trás.

Havia trazido flores e não jacintos cor de uva, como não havia encontrado jacintos, de todas as formas melhor uma dúzia de corajosas tulipas da Holanda.

Nunca havia comprado flores para uma mulher antes. E perguntou para si mesmo que demônios fizera com sua vida até agora.

Pensara em faltar a apresentação. Honoria agira de forma muito estranha no baile de aniversário de Lady Bridgerton. Estava claramente zangada com ele por alguma razão. Ele

não fazia ideia, mas nem sequer estava seguro de que isso importasse. E ela parecia usualmente distante quando ele encontrou-se com ela depois de sua volta a Londres.

Mas, quando dançaram...

Fora magia. Ele podia ter jurado que ela teve a mesma sensação. O resto do mundo simplesmente desapareceu. Havia sido somente eles dois entre o impreciso da cor e o som, e ela não o pisou nenhuma só vez.

O que era verdadeiramente uma façanha.

Talvez só estivesse imaginando ou talvez tivesse sido simplesmente algo que só ele sentiu. Porque quando a música parou ela agiu de forma cortante e seca, e embora dissesse que não estava bem, tinha rechaçado todos os seus oferecimentos de ajuda. Nunca entenderia às mulheres.

Ele chegou a pensar que talvez ela fosse a exceção, mas aparentemente não. E tinha passado os últimos três dias pensando por que. Finalmente percebeu de que não podia perder o musical. Era como Honoria havia explicado eloquentemente, uma tradição.

Ele compareceu a cada um deles, desde que teve a idade suficiente para ir a Londres sozinho, e se não assistisse depois de dizer que era a única razão pela que voltou tão rápido depois de sua enfermidade, Honoria o veria como uma bofetada na cara.

Ele não podia fazer isso, não importava que ela estivesse zangada com ele. Não importava que ele estivesse zangado com ela e o que o fazia pensar que tinha todo o direito de estar. Ela comportou-se da maneira mais estranha e hostil e não havia fornecido nenhuma explicação do por quê.

Ela era sua amiga. Embora ela não o amasse, ela sempre seria sua amiga. E não podia feri-la deliberadamente.

Ele pode ter se apaixonado por ela recentemente, mas a conhecia há quinze anos. Quinze anos. Quinze anos para saber que classe de batimento o coração dela emitia. Ele não ia revisar sua opinião a respeito dela por uma simples e estranha noite.

Foi por volta da sala de música, que era um fervilhar de atividade, enquanto os criados se preparavam para a próxima apresentação. Ele somente vislumbraria Honoria, talvez oferecesse algumas palavras de fôlego antes do concerto. Diabos, ele pensava que necessitava palavras de fôlego. Iria ser doloroso sentar-se ali e vê-la fazer a apresentação de sua vida só para agradar a família.

Marcus manteve-se rigidamente a um lado da sala, desejando não ter chegado tão cedo. Parecia boa ideia no momento, mas agora não tinha ideia do que estivera pensando.

Honoraria não estava em nenhum lugar. Deveria ter imaginado isso. Deveria ter percebido que não estaria, ela e suas primas estavam certamente esquentando os instrumentos em algum lugar da casa. E os criados olhavam de forma estranha, como dizendo, “O que está fazendo aqui?”

Ele levantou o queixo e saudou a sala da mesma maneira que fazia na maioria dos eventos formais. Provavelmente parecia aborrecido, certamente parecia orgulhoso, mas nenhuma das duas era estritamente verdade. Suspeitava que nenhum dos outros convidados chegassem pelo menos nos próximos trinta minutos, e imaginava se deveria esperar no salão, o qual certamente estaria vazio. Quando vislumbrou algo rosa, notou que era Lady Winstead, impondo-se na sala com incomum frenesi. Ela o viu e logo se equilibrou.

— Oh, graças ao céu que já esteja aqui — disse. Ele tomou a frenética expressão de seu rosto.

— Está tudo bem?

— Sarah adoeceu.

— Sinto escutar isso — disse educadamente — Ficar bem?

— Não tenho ideia — respondeu Lady Winstead algo severamente, considerando que estava falando sobre a sua sobrinha — Não a vi. A única coisa que sei, é que não está aqui.

Ele tratou de acalmar o vertiginoso sentimento em seu peito.

— Então, terá que cancelar o musical?

— Por que todo mundo pergunta isso? Oh não importa. É claro que não podemos cancelar. A governanta dos Pleinsworth pode tocar e vai tomar a parte de Sarah.

— Então tudo está bem — disse esclarecendo sua garganta — Verdade?

Ela olhou para ele como se fosse um menino de aprendizagem lenta.

— Não sabemos se esta governanta é boa.

Ele não via como as habilidades da governanta com o piano podiam marcar a diferença na qualidade geral da apresentação, mas resistiu a fazer esta declaração em voz alta. Em vez disso disse algo como, “Ah, sim” ou talvez, “certo”. De qualquer forma, serve para fazer ruído sem dizer absolutamente nada. Que era realmente o melhor que podia esperar nessas circunstâncias.

— Este é nosso musical número dezoito, sabia isso? — perguntou Lady Winstead. Não sabia.

— Todos os outros foram um êxito, e agora isto.

— Talvez a governanta seja muito talentosa — disse ele, tratando de consolá-la. Lady Winstead lançou um olhar impaciente.

— O talento importa pouco quando a gente teve só seis horas para praticar.

Marcus podia ver que não havia forma em que a conversa fosse a algum lugar, caminhava em círculos, assim perguntou educadamente se havia algo que pudesse fazer para ajudar na apresentação, esperando a que dissesse que não, o que deixaria livre para desfrutar de um solitário copo de brandy no salão. Mas para sua surpresa e horror, ela tomou a mão dele, em um fervente gesto e disse:

— Sim!

Ele ficou congelado.

— Desculpe?

— Poderia levar limonada às garotas? Ela queria que ele...

— O que?

— Todo mundo está ocupado, Todo mundo — Ela movia seus braços para demonstrar — Os lacaios já reacomodaram as cadeiras três vezes.

Marcus deu uma olhada à sala, perguntando-se o que podia ser complicado em arrumar doze fileiras iguais.

— Você quer que eu leve limonada para elas — repetiu.

— Devem estar sedentas — explicou.

— Não vão cantar, respondeu ele — Deus, que horror.

Ela pressionou os lábios mostrando irritação.

— É claro que não. Mas estiveram ensaiando durante todo o dia. É um trabalho extenuante. Toca?

— Um instrumento? Não! — Era uma das poucas habilidades que seu pai não havia considerado necessário que aprendesse.

— Então, não entenderá — disse dramaticamente — Essas pobres garotas devem estar mortas de sede.

— Limonada — disse de novo, perguntando para si mesmo se desejava que a trouxesse em uma bandeja — Muito bem.

Ela elevou as sobrancelhas, via-se um pouco incômoda diante de sua lentidão.

— Assumo que é o suficientemente forte para carregar a bandeja.

Enquanto os insultos seguiam, eram o suficientemente absurdos para incomodá-lo.

— Acredito que poderei fazer isso — disse secamente.

— Bem, está por aí — disse, movendo sua mão para uma mesa ao lado da sala — E Honoria está justo atrás dessa porta — Apontou ao fundo.

— Só Honoria?

Seus olhos se estreitaram,

— É claro que não. É um quarteto.

Dito isto, ela saiu dirigindo os lacaios, interrogando empregadas e geralmente tentando fiscalizar o que parecia na opinião de Marcus, um assunto dirigido brandamente. Caminhou para uma das mesas de refresco e apanhou uma jarra com limonada. Parece que não havia copos ainda, o que fez pensar se Lady Winstead esperava que ele servisse a limonada direto na garganta das garotas. Sorriu. Era uma imagem divertida. Com a jarra na mão, caminhou para a porta que Lady Winstead havia indicado, movendo-se em silêncio para não interromper algum ensaio.

Não havia ensaio. Em vez disso, viu quatro mulheres discutindo como se o destino de Grã-Bretanha dependesse disso. Bem, não, de fato, só três mulheres discutiam. A que estava ao piano, ele assumiu que era a governanta, estava sabiamente fora do assunto. O notável era que as três Smythe-Smith falavam sem levantar a voz, um acordo tácito, assumiu, em atenção aos convidados que elas sabiam, chegariam logo à sala contigua.

— Se pudesse sorrir Íris — espetou Honoria — tudo seria muito mais fácil.

— Para quem? Para você? Porque te asseguro, não será mais fácil para mim.

— Não me importa se sorri ou não — disse outra — Não me importa se chegar a sorrir. Ela é malvada.

— Daisy! — exclamou Honoria.

Daisy estreitou os olhos e olhou para Íris.

— É malvada.

— E você é uma idiota.

Marcus olhou a governanta. Ela estava com a cabeça recostada sobre o piano, o que fez perguntar-se quanto tempo estavam brigado as três Smythe-Smith.

— Pode tentar sorrir? — perguntou Honoria cansativamente.

Íris estreitou os lábios em uma expressão tão aterradora que Marcus quase deixou a sala.

— Oh Deus, esquece — murmurou Honoria — Não faça isso.

— É difícil fingir bom humor quando tudo o que desejo é me atirar pela janela.

— A janela está fechada — disse Daisy oficiosamente.

O olhar de Íris era veneno puro.

— Precisamente.

— Por favor — rogou Honoria — Não podemos nos levar bem?

— Eu acredito que soamos maravilhosamente — disse Daisy — Ninguém saberá que tivemos apenas seis horas para praticar com a Anne.

A governanta olhou para cima quando escutou seu nome. Voltou a recostar-se quando percebeu de que não precisava responder. Íris voltou-se para sua irmã com um pouco parecido à malevolência.

— Você não saberia bem... Ugh! Honoria!

— Perdão. Foi esse meu cotovelo?

— Em minhas costelas.

Honoria sussurrou algo a Íris que Marcus supôs só ela devia ouvir, mas era claramente a respeito de Daisy, porque Íris deu um olhar depreciativo para sua irmã mais nova e depois girou seus olhos e disse,

— Bem.

Marcus voltou a fixar seu olhar na governanta que parecia estar contando os pontos do teto.

— Tentamos uma última vez? — disse Honoria com determinação.

— Não posso imaginar quanto bem nos pode fazer — Isto saiu de Íris, naturalmente.

Daisy lançou um olhar fulminante e espetou,

— A prática faz a perfeição.

Marcus pensou ver a governanta tentar não rir. Ela finalmente o vira ali com sua jarra de limonada. Ele levou o dedo aos lábios, ela assentiu devagar, sorriu e virou-se de novo para o piano.

— Estamos preparadas? — perguntou Honoria.

As violinistas levantaram os instrumentos. As mãos da governanta revoavam sobre as teclas do piano. Íris deixou sair um gemido infeliz, mas mesmo assim pôs sua proa no violoncelo.

E começou o horror.

Capítulo 20



Marcus não poderia ter descrito o som que saía dos quatro instrumentos na sala de ensaio Smythe-Smith. Não estava seguro de que houvesse palavras que pudessem ser adequadas, ao menos não em boa companhia. Ele resistia a chamá-lo música, com toda honestidade, era mais uma arma que outra coisa.

Então ele ficou olhando para cada uma das mulheres. A governanta parecia um pouco desenfreada, com a cabeça balançando-se para frente e para trás entre as teclas e sua música. Daisy tinha os olhos fechados e estava tecendo e balançando-se, como se estivesse apanhada na glória da, bem, ele supunha que devia que chamá-la música.

Íris parecia como se quisesse chorar. Ou possivelmente assassinar Daisy. E Honoria... Ela estava tão formosa que sentia vontade de chorar. Ou possivelmente assassinar seu violino.

Ela não estava como a viu na noite do musical no ano passado, quando seu sorriso fora beatífico enquanto os olhos dela brilhavam com paixão. Em troca, atacava seu violino com grande determinação, com os olhos entreabertos, os dentes apertados, como se estivesse levando as tropas para a batalha.

Era o amor que mantinha este quarteto ridículo junto, e ele não poderia tê-la amado mais por isso. Não estava certo se tiveram a intenção de fazer toda a peça, mas por sorte Íris olhou para cima e o viu, deixando escapar um suficientemente forte “OH!” para deter o processo.

— Marcus! — exclamou Honoria, e teria jurado que ela estava feliz em vê-lo, salvo que ele não estava tão seguro de que confiasse em seu julgamento sobre o assunto por mais tempo — por que está aqui? — perguntou.

Ele elevou a jarra.

— Sua mãe me enviou com a limonada.

Por um momento olhou fixamente para ele, e então começou a rir. Íris fez o mesmo, e a governanta inclusive esboçou um sorriso. Daisy só ficou ali, perplexa.

— O que é tão engraçado? — exigiu.

— Nada — balbuciou Honoria — É simplesmente, bons céus, todo o dia, e agora minha mãe enviou um Conde para nos servir limonada.

— Não me parece tão engraçado — disse Daisy — Parece-me inadequado ao extremo.

— Não preste atenção a ela — disse Íris — Não tem senso de humor.

— Isso não é certo!

Marcus permaneceu quieto, permitindo que somente seus olhos olhassem para Honoria a fim de receber orientação. Ela assentiu com a cabeça levemente, confirmando a avaliação de Íris.

— Nos diga Senhor — disse Íris com grande exagero — o que pensa de nosso desempenho?

Sob nenhuma circunstância iria responder a isso.

— Estou aqui para servir a limonada — disse.

— Bem feito — murmurou Honoria, ficando em pé para unir-se a ele.

— Espero que tenha copos — disse ele — porque não havia nenhum que eu pudesse pegar.

— Temos — disse ela — Por favor, poderia servir à Senhorita Wynter em primeiro lugar? Ela esteve trabalhando duramente, tendo-se unido ao quarteto nesta mesma tarde.

Marcus murmurou seu assentimento e aproximou-se do piano.

— Ah, aqui tem — disse um pouco rígido, mas de novo, não estava acostumado a oferecer bebidas.

— Obrigado, Milorde — disse ela, elevando seu copo.

Serviu, e então deu uma cortês inclinação de cabeça.

— Conhecemo-nos? — perguntou ele. Ela parecia condenadamente familiar.

— Não acredito — respondeu ela, e rapidamente tomou um gole.

Ele encolheu os ombros mentalmente e se transladou para a Daisy. Supôs que a governanta simplesmente tinha uma dessas caras que sempre resultavam familiares, mas

era assombrosamente bela, mas de uma maneira tranquila e serena. Não, absolutamente o tipo de pessoa que uma mãe geralmente deseja contratar como governanta. Supôs que Lady Pleinsworth sentia-se confiante ao fazer isso, não teve filhos, e se o marido dela alguma vez deixou Dorset, Marcus nunca tinha visto.

— Obrigado, Milorde — disse Daisy quando a serviu — É muito democrático de sua parte encarregar-se de tal tarefa.

Ele não fazia ideia do que dizer a isso, portanto só deu um torpe assentimento e virou-se para Íris, que estava rodando os olhos em aberta brincadeira para sua irmã.

Sorriu agradecida enquanto ele a servia, e finalmente foi capaz de retornar novamente para Honoria.

— Obrigada — disse ela, tomando um gole.

— O que vai fazer?

Ela o olhou interrogante.

— Sobre o que?

— O musical — disse, pensando que deveria ser claro.

— O que quer dizer? Irei tocar. O que outra coisa posso fazer? Indicou a governanta com um sutil movimento da cabeça.

— Tem uma desculpa perfeita para seu cancelamento.

— Não posso fazer isso — respondeu Honoria, mas havia mais que uma pontada de pesar na voz dela.

— Não tem porque sacrificar-se por sua família — disse ele em voz baixa.

— Não é um sacrifício. É... — Sorriu timidamente, talvez um pouco com nostalgia — Não sei o que é, mas não é um sacrifício — Ela olhou para Marcus, seus olhos enormes e quentes em seu rosto — É o que faço.

— Eu...

Ela esperou um momento, e logo disse,

— O que acontece?

Queria dizer que pensava que era possivelmente a mais valente e mais egoísta pessoa que ele conhecia. Queria dizer que assistiria um milhão de musicais Smythe-Smith, se isso era o que precisava fazer só para estar com ela.

Queria dizer que a amava. Mas não podia dizer ali.

— Não é nada – disse — Só que a admiro. Ela soltou uma risadinha.

— É possível que retire estas palavras no final da noite.

— Não poderia fazer o que faz — disse em voz baixa.

Ela voltou-se e olhou para ele, surpresa pela gravidade em sua voz.

— O que quer dizer?

Não estava muito seguro de como expressar, assim finalmente continuou, vacilante:

— Eu não gosto de estar no centro das atenções.

Inclinou a cabeça para um lado, e olhou para ele durante um comprido momento antes de dizer:

— Não. Não gosta — E depois — Sempre foi uma árvore.

— Desculpe-me?

Seus olhos ficaram ainda mais sensíveis.

— Quando realizávamos nossas terríveis mímicas de meninos. Você sempre foi uma árvore.

— Nunca tive que dizer nada.

— E sempre teve que ficar na parte de trás.

Ele estava sorrindo de verdade.

— Eu gostava de ser uma árvore.

— Foi uma árvore muito boa — Ela sorriu também, uma coisa radiante, maravilhosa.

— O mundo necessita de mais árvores.



No final da noite musical, a cara de Honoria doía de tanto sorrir. Ela sorriu através do primeiro movimento, resplandeceu através do segundo e para o momento em que chegaram através do terceiro, muito bem poderia ter estado no dentista, de tanto que havia mostrado seus dentes.

A interpretação fora tão terrível como havia temido.

De fato, fora possivelmente, a pior na história dos musicais Smythe-Smith, e isso era

uma verdadeira e lamentável façanha. Anne esteve razoavelmente bem ao piano, e se tivesse tido mais de seis horas para averiguar o que estava fazendo, poderia ter feito um bom trabalho nisso, mas como era, estivera sempre a uma e a metade de outra barra atrás ao resto do quarteto.

O que era complicado pelo fato de que Daisy estivera sempre a uma e a metade de outra barra por diante. Íris havia tocado brilhantemente ou, bem, poderia ter tocado brilhantemente.

Honorina a ouviu praticar por sua conta e ficou tão assombrada por seu nível de habilidade, que não teria ficado surpresa se Íris de repente ficasse em pé e anunciasse que fora adotada.

Entretanto, Íris estivera tão infeliz por ter sido forçada a estar no cenário improvisado, que se moveu com seu arco absolutamente sem nenhum vigor. Seus ombros estavam caídos, sua expressão era dolorosa, e a cada vez que Honorina olhava para ela, parecia que estava a beira de atravessar-se com o pescoço de seu violoncelo.

Quanto a Honorina em si mesmo... Bem, estava terrível. Mas sabia que seria. Na realidade, pensou que poderia estar ainda pior que de costume. Estivera tão concentrada em manter a boca estirada naquele sorriso entusiasta que com frequência perdera seu lugar na escala.

Mas valeu a pena. Grande parte da primeira fila da audiência estava abarrotada com sua própria família. A condessa e todas as suas tias estavam ali. Várias irmãs, montões de primos... Todos estavam sorrindo radiantemente para ela, tão orgulhosos e tão felizes de ser parte da tradição.

E se outros membros da audiência pareceram levemente atacados, bem, deveriam saber no que estavam se colocando. Depois de dezoito anos, ninguém assistia a uma noite musical Smythe-Smith, sem algum indício dos horrores que passariam.

Houve uma grande onda de aplausos, quase com toda segurança para celebrar o final do concerto, e quando terminaram, Honorina continuou sorrindo e saudou os convidados com a coragem suficiente para aproximar-se do cenário.

Ela suspeitava que a maioria duvidasse de sua capacidade para manter uma cara séria, enquanto felicitavam os músicos. E então, justamente quando pensou que já havia terminado de fingir que acreditava em todas as pessoas que estavam dizendo que haviam desfrutado do concerto, o último bem simpatizante chegou até ela. Não era Marcus, claro. Ele parecia estar em uma profunda conversa com Felicity Featherington, que todos sabiam que era a mais bonita das quatro irmãs Featherington.

Honorina tratou de estirar sua agora apertada mandíbula em um sorriso enquanto saudava a... Lady Danbury. Oh, Meu Deus. Honorina tratou de não ficar aterrorizada, mas caramba, aquela Senhora dava medo.

— Tum Tum — ressonou o bengala seguido por — Não é uma das novas, verdade?

— Desculpe-me, Senhora? — respondeu Honorina, porque na verdade, não fazia ideia do que isso significava.

Lady Danbury inclinou-se, com o rosto retorcido em tal estrabismo que seus olhos quase desapareciam.

— Tocou o ano passado. Eu reviso meu programa, mas não os guardo. Muito papel.

— Oh, sei — respondeu Honorina — Não, Senhora, quero dizer, sim, não sou uma das novas.

Ela tratou de fazer um seguimento de todas as nobres negações e, finalmente, decidiu que não importava se o disse bem, Lady Danbury pareceu entender o que ela tentava dizer.

Por não falar de que ao menos a metade de seu cérebro estava centrada em Marcus, e o fato de que ele estava falando com Felicity Featherington. Que, Honorina não podia deixar de notar, via-se realmente formosa essa noite, com um vestido em tom primaveril exato que ela tivera a intenção de comprar antes que tivesse tido que deixar Londres para cuidar de Marcus quando ele teve febre. Havia uma hora e um lugar para tudo, decidiu Honorina, inclusive para a mesquinha. Lady Danbury inclinou-se e jogou uma olhada ao violino em suas mãos.

— Violino?

Honorina devolveu o olhar Lady Danbury.

— Ehm, sim, Senhora.

A Condessa mais velha lançou um ardiloso olhar para os olhos de Honorina.

— Posso ver que queria fazer um comentário a respeito de que não é um piano.

— Não, Senhora — E logo, porque fora esse tipo de noite, Honorina disse — ia fazer um comentário sobre que não era um violoncelo.

O enrugado rosto de Lady Danbury explodiu com um sorriso, e ela gargalhou o suficiente para fazer que a mãe de Honorina a olhasse alarmada.

— Acho difícil distinguir um violino e uma viola — disse Lady Danbury — Não acontece com você?

— Não — Respondeu Honoria, sentindo-se um pouco mais valente agora que estava mais cômoda — mas isso deve ser porque, de fato, toco o violino.

Bem, pensou ela como um apêndice, “tocar” poderia ser um verbo muito ambicioso. Mas guardou isso para si mesma. Lady Danbury deu um golpe com sua bengala.

— Não reconheci à garota no piano.

— Essa é a Senhorita Wynter, a governanta das mais jovens Pleinsworth. Minha prima Sarah adoeceu e precisava ser substituída — Honoria franziu o cenho — Pensei que fossem fazer um anúncio a respeito.

— Pode ser que sim. Estou certa de que não estava escutando.

Estava na ponta da língua de Honoria dizer que esperava que Lady Danbury não estivesse escutando a nada aquela noite, mas engoliu a réplica. Tinha uma divertida fachada que manter, e culpava por completo a Marcus e, em menor medida, a Felicity Featherington por colocá-la tão irritável.

— A quem está olhando? — perguntou com astúcia Lady Danbury. Honoria foi muito rápida em responder:

— A ninguém.

— Então a quem está buscando?

Santo céu, a mulher era uma ignorante.

— De novo, a ninguém, Senhora — disse Honoria, esperava que docemente.

— Hmmmph. É meu sobrinho, sabe.

Honoria tentou não se alarmar.

— Desculpe?

— Chatteris. Meu sobrinho neto, se alguém deve assinalar isso, mas todos esses netos assim fazem me sentir uma velha.

Honoria olhou Marcus, logo depois de volta para Lady Danbury.

— Mar... quero dizer, Lorde Chatteris é seu sobrinho?

— Não que me visite tão seguido como deveria.

— Bem, ele não gosta de Londres — murmurou Honoria sem pensar.

Lady Danbury deixou sair um ardiloso sorriso.

— Sabe disso, não é?

Honoraria odiava que suas faces estivessem esquentando-se.

— Conheci-o quase toda minha vida.

— Sim, sim — disse Lady Danbury — já ouvi isso. Eu... — Algo pareceu captar sua atenção, e logo se inclinou com um aterrorizante brilho nos olhos — Vou lhe fazer um grande favor.

— De verdade desejaria que não o fizesse — disse Honoria fracamente, porque certamente nada de bom sairia da expressão na face de Lady Danbury.

— Pffft. Deixe-me isso. Tenho um excelente histórico com este tipo de coisas — Fez uma pausa — Bem, um a um, de qualquer maneira, mas sou otimista a respeito do futuro.

— O que? — perguntou Honoria desesperadamente.

Lady Danbury a ignorou.

— Senhor Bridgerton! Senhor Bridgerton! — chamou ela entusiasticamente.

Saudou com a mão, mas infelizmente aquele apêndice estava unido a sua bengala e Honoria teve que ziguezaguear e inclinar-se à direita para evitar que cortasse a orelha. Quando Honoria se endireitou, um bonito homem com um diabólico sorriso nos olhos verdes uniu-se a elas. Levou um momento, mas justamente antes que ele se apresentasse, ela o reconheceu como Colin Bridgerton, um dos irmãos mais velhos de Gregory Bridgerton. Honoria não o conhecia pessoalmente, mas escutara suas irmãs mais velhas suspirar por ele incessantemente quando saíam e ainda não estavam casadas. Seu encanto era quase tão legendário como seu sorriso. E aquele sorriso estava diretamente frente a ela.

Honoraria sentiu seu estômago retorcer-se e rapidamente o compôs. Se não estivesse desesperadamente apaixonada por Marcus cujo sorriso era muito mais sutil e, por conseguinte, mais significativo, este seria um homem muito perigoso, efetivamente.

— Estive fora do país — disse brandamente o Senhor Bridgerton, justamente depois de que beijasse a mão dela — assim não estou seguro de que tenhamos sido apresentados.

Honoraria assentiu e estava a ponto de dizer algo completamente olvidável quando viu que sua mão estava enfaixada.

— Espero que sua ferida não seja severa — disse ela cortesmente.

— Oh, isto? — Levantou a mão. Seus dedos estavam livres para mover-se, mas o resto disso parecia mais como uma luva — Não é nada. Uma briga com um abridor de cartas.

— Bem, por favor, tome cuidado com a infecção — disse Honoria, de algum jeito

mais forçadamente do que era apropriado — Se ficar vermelha, ou caso fique verde, ou inclusive pior, ficar amarelada, então deve ver o Doutor imediatamente.

— Verde? — brincou.

— Desculpe?

— Enumerou tantas cores sobre os que devo ter cuidado.

Por um momento Honoria só pode olhar. A infecção de uma ferida não era um assunto de risada.

— Lady Honoria? — murmurou.

Ela decidiu seguir adiante como se não houvesse dito nada.

— O mais importante, deve estar atento sobre as raia vermelhas estendendo-se da ferida. Essas são as piores.

Ele piscou, mas se ficou surpreso pelo giro da conversa, não demonstrou. Em seu lugar, olhou sua mão com um olho curioso e disse.

— Como de vermelhas?

— Desculpe?

— Como de vermelhas as raia têm que estar antes que deva me preocupar?

— Como sabe tanto sobre medicina? — cortou Lady Danbury.

— Sabe, não estou bem certa de quanto de vermelhas — disse Honoria ao Senhor Bridgerton — Eu pensaria que não qualquer raia vermelha deve ser um motivo de alarme

— Logo se voltou para Lady Danbury, e disse — Recentemente ajudei a alguém que tinha uma ferida com uma terrível infecção.

— Mão? — ladrou Lady Danbury.

Honoria não podia começar a imaginar do que estava falando.

— Foi na mão dela? Braço? Perna? Está tudo nos detalhes, entende — Deu um golpe a sua bengala, passando muito perto do pé do Senhor Bridgerton — Do contrário a história é aborrecida.

— Sinto muito, ehm... Perna — Honoria não viu nenhuma razão para dizer que fora dele, não dela.

Lady Danbury ficou em silêncio por um momento, e logo riu de maneira positiva. Honoria não tinha nem ideia por que.

Então ela disse algo sobre a necessidade de falar com a outra violinista, e afastou-se, deixando Honoria sozinha ou tão só como duas pessoas poderiam estar em um aposento cheio de gente, com o Senhor Bridgerton. Honoria não podia evitar a não ser vê-la fazer seu caminho para Daisy, e o Senhor Bridgerton disse:

— Não se preocupe, ela é sobretudo inofensiva.

— Minha prima Daisy? — perguntou dúbia.

— Não — respondeu ele, momentaneamente desconcertado — Lady Danbury. Honoria olhou além dele a Daisy e Lady Danbury.

— É surda?

— Sua prima Daisy?

— Não, Lady Danbury.

— Não acredito.

— Oh — Honoria fez uma careta — Isso é muito mau. Ela poderia estar no momento por causa de Daisy.

Nisso o Senhor Bridgerton não pode resistir a olhar por cima do ombro. Foi recompensado com a vista, ou mais corretamente, o som de Daisy fazendo suas orações fortes e lentas para Lady Danbury. Fez uma careta, também.

— Isso não vai acabar bem — murmurou.

Honoria não podia fazer nada, a não ser negar com a cabeça e murmurar.

— Não.

— Tem sua prima carinho por seus dedos dos pés? Honoria piscou com a confusão.

— Eu acredito que sim.

— Deverá vigiar a bengala, então.

Honoria olhou para trás bem a tempo de ver Daisy deixar escapar um pequeno grito enquanto tratava de saltar de novo.

Ela não teve êxito com este último, a bengala que Lady Danbury tinha a imobilizou com bastante firmeza. Ficaram ali por um momento, ambos tratando de não sorrir, continuando, o Senhor Bridgerton disse.

— Entendi que estive em Cambridge o mês passado.

— Estive — respondeu Honoria — Tive o prazer de jantar com seu irmão.

— Gregory? De verdade você o classifica como um prazer?

Mas ele estava sorrindo enquanto dizia isto, e Honoria pode imaginar imediatamente como deve ser a vida no lar Bridgerton, uma grande quantidade de brincadeiras e uma grande quantidade de amor.

— Ele foi muito amável comigo — disse com um sorriso.

— Posso contar um segredo? — murmurou o Senhor Bridgerton, e Honoria decidiu que em seu caso, era correto e apropriado escutar as intrigas, ele era um coquete incrível.

— Devo manter o segredo? — perguntou, inclinando-se para frente muito levemente.

— Definitivamente não.

Deu um sorriso radiante.

— Então sim, por favor.

O Senhor Bridgerton inclinou o corpo, quase na medida em que ela o fizera.

— Ele foi conhecido por catapultar ervilhas através da mesa do jantar. Honoria deu uma muito sombria inclinação.

— Fez isto recentemente?

— Não, muito recentemente, não.

Ela apertou os lábios, tentando não rir. Era uma maravilha presenciar este tipo de brincadeiras entre irmãos. Estava acostumado a ter muito disto em sua casa, embora a maioria das vezes ela não fosse uma testemunha. Ela era muito mais jovem que o resto de seus irmãos, com toda honestidade, a maior parte do tempo que provavelmente só se esqueciam de pentear o cabelo.

— Só tenho uma pergunta, Senhor Bridgerton. Ele inclinou a cabeça.

— Como se construiu esta catapulta? Ele sorriu.

— Com uma simples colher, Lady Honoria. Mas nas retorcidas mãos de Gregory, não havia nada simples a respeito.

Ela começou a rir, e logo depois de repente sentiu uma mão em seu cotovelo. Era Marcus e a olhava furioso.

Capítulo 21



Marcus não podia recordar a última vez em que fora empurrado para a violência, mas enquanto esteve parado ali, olhando a cara sorridente de Colin Bridgerton, foi tentado profundamente.

— Lorde Chatteris — murmurou Bridgerton, saudando-o cortesmente com a cabeça. Um assentimento educado e um olhar. Se Marcus estivesse de bom humor, poderia ter sido capaz de expressar que foi o que o irritou tanto nesse olhar, mas Marcus não estava de bom humor. Esteve de muito bom humor, na realidade, apesar de ter suportado a pior interpretação de Mozart que havia conhecido.

Não importava que alguma trágica porção de seus ouvidos tivesse morrido esta noite, o resto dele fora alagado com felicidade. Sentou-se em seu assento e olhou Honoria. Se ela fosse uma jaqueta durante o ensaio final, ele seria um feliz integrante do corpo do concerto. Ela sorrisa todo o tempo e ele sabia que não estava sorrindo pela audiência, ou inclusive pela música. Estava sorrindo pelas pessoas que amava. E ele podia, por um momento de alívio, imaginar que ele era uma dessas pessoas.

Em seu coração, ela estava sorrindo para ele.

Mas agora estava sorrindo para Colin Bridgerton, um dos famosos encantadores e brilhantes olhos verdes. Isso foi quase passível, mas quando Colin Bridgerton começou a sorrir para ela...

Ele não conseguia resistir diante de algumas coisas.

Mas antes que pudesse interceder, teve que finalizar a conversa com Felicity Featherington, ou melhor, a mãe dela que o tinha apanhado. Provavelmente seria descortês, não, claro que seria, mas escapar das Featherington não era algo que alguém obtivesse com tato ou sutileza.

Finalmente, depois de literalmente puxar o braço das garras da Senhora Featherington,

caminhou para Honoria, que estava radiante, rindo alegremente com o Senhor Bridgerton.

Sua intenção era ser cortês. De verdade. Mas assim que se aproximou, Honoria deu um pequeno passo para um lado e ele o viu, aparecendo pela prega de sua saia, um brilho de cetim vermelho.

Seu sapato vermelho da sorte.

De repente, estava ardendo.

Não queria que outro homem visse aqueles sapatos. Não queria que outro homem soubesse deles.

Ele olhou enquanto ela dava outro passo no lugar, a parte vermelha sedutora escondendo-se de novo em baixo da saia. Ele aproximou-se e disse talvez em um tom mais frio de que pretendesse:

— Lady Honoria.

— Lorde Chatteris — respondeu ela.

Ele odiava quando o chamava Lorde Chatteris.

— Que prazer vê-lo — O tom dela era de um conhecido, ou talvez um primo muito distante — Conhece o Senhor Bridgerton?

— Conheço — foi a sucinta resposta de Marcus.

Bridgerton assentiu e Marcus também assentiu e isso, ao que parecia, era o grau de conversa que os dois homens desejaram compartilhar.

Marcus esperou que Bridgerton inventasse uma desculpa para sair dali, porque certamente ele entendia que isso era o que esperava dele. Mas o molesto bode só ficou parado sorrindo, como se não importasse o mundo.

— O Senhor Bridgerton estava dizendo... — começou Honoria no preciso momento que Marcus disse.

— Me desculpe. Preciso falar em particular com Lady Honoria.

Mas Marcus era mais forte e mais alto, e ele terminou a frase. Honoria manteve a boca fechada e se fez um silêncio sepulcral.

O Senhor Bridgerton deu um olhar assassino, sustentando seu terreno o suficiente para fazer com que a mandíbula de Marcus ficasse enrijecida, e depois, como se o momento nunca tivesse ocorrido, tornou-se encantador em um segundo, fez uma reverência e disse:

— Mas, é claro. Eu estava pensando neste momento como cairia bem um copo de

limonada.

Fez uma reverência, sorriu e partiu.

Honorina esperou até que ele não pudesse escutar e em seguida virou-se para Marcus com o cenho zangado.

— Isso foi muito grosseiro de sua parte.

Deu um olhar severo.

— Diferente do mais novo Senhor Bridgerton, este não é inocente.

— Do que está falando?

— Não deveria estar paquerando com ele. Honorina abriu a boca.

— Não estava!

— Claro que estava — replicou ele — estava olhando.

— Não, não estava — ela devolveu — E você falava com Felicity Featherington!

— Que é uma cabeça mais baixa que eu. Podia ver tudo sobre ela.

— Deveria saber — ganhou terreno Honorina, bastante incapaz de acreditar que ele estava causando a lição ao grupo com aquela atuação — Sua tia foi quem o chamou. Esperava que eu fosse grosseira com ele e o ignorasse aqui em minha própria casa? Em um evento ao qual, deveria adicionar, possui um convite?

Ela não acreditava estritamente nisso, mas não podia imaginar que sua mãe não tivesse convidado a um dos Bridgerton.

— Minha tia? — perguntou ele.

— Lady Danbury. Sua tatara-tatara-tatara-tatara...

Ele a olhou.

— Tatara-tatara-tatara... — ela continuou, só para ser incômoda.

Marcus murmurou algo, e depois disse em um tom um pouco mais apropriado,

— Ela é uma ameaça.

— Eu gostei dela — disse Honorina desafiante.

Ele não disse nada, mas parecia furioso. E tudo o que podia pensar Honorina era por quê? Por que diabos tinha que estar tão zangado? Era ela que estava apaixonada por um homem que claramente pensava nela como uma carga. Inclusive agora ele estava guiado

por sua estúpida promessa a Daniel, espantar os cavalheiros que não considerasse apropriados.

Se ela não pudesse contar com o amor dele, então ao menos poderia deixar de arruinar suas oportunidades com todos outros.

— Com licença — declarou, porque simplesmente não podia aguenta-lo mais.

Não queria vê-lo e não queria ver Daisy, ou Íris, ou sua mãe, ou inclusive o Senhor Bridgerton, que estava no canto com sua limonada, sendo encantador com a irmã mais velha de Felicity Featherington.

— Aonde vai? —demandou ele.

Ela não respondeu. Não acreditava que isso fosse assunto dele. Deixou a sala sem olhar para trás.

Merda!

Marcus gostaria de ter seguido Honoria para fora da sala. Mas nada teria causado uma cena maior. Também gostaria de pensar que ninguém tenha notado esta briga, mas Colin Bridgerton estava sorrindo no canto por cima de seu copo de limonada, e Lady Danbury estava com esse olhar *eu sei tudo e sou toda poderosa* em seu rosto que normalmente odiava.

Desta vez, entretanto, tinha uma suspeita de que de algum jeito ela organizara sua queda.

Finalmente, quando o molesto Senhor Bridgerton levantou a mão enfaixada em uma saudação fingida, Marcus decidiu que já vira o suficiente e cruzou a mesma porta pela qual Honoria havia saído. Ao diabo com as intrigas. Se alguém notasse que os dois saíram juntos e fizessem um escândalo, poderiam demandar a que Marcus propusesse casamento a Honoria.

Ele não via problema a respeito disso.

Depois de procurar no jardim, na sala de estar, na sala de música, biblioteca e inclusive nas cozinhas, finalmente encontrou Honoria em seu quarto, uma localização que havia forçado sua mente a ignorar. Mas passara suficiente tempo na casa Winstead para saber onde estavam os apartamentos particulares e depois de examinar cada uma das malditas salas, bem, de verdade eles esperavam que ele não a encontrasse ali?

— Marcus! — ela quase gritou — O que está fazendo aqui? Aparentemente esperava que não a encontrasse.

As primeiras palavras que saíram da boca de Marcus foram as menos aconselháveis.

— O que está acontecendo com você?

— O que está acontecendo comigo? — Ela sentou-se rapidamente na cama, inclinando o corpo para a cabeceira como um caranguejo — O que está mal com você?

— Não foi eu que parti feito uma fúria da festa para ficar zangado em um canto.

— Não é uma festa. É uma noite musical.

— É sua noite musical.

— E me zangarei caso eu queira — resmungou.

— O que?

— Nada — Ela olhou para ele, cruzando os braços — Não deveria estar aqui.

Ele moveu rapidamente a palma da mão para o ar como se dissesse, com muito sarcasmo.

— Oh, de verdade?

Ela olhou para sua mão e depois para seu rosto.

— O que significa isso?

— Você passou quase toda uma semana em meu quarto.

— Estava quase morto!

Isso era um tema bastante bom, mas ele não estava preparado para admitir.

— Agora olhe aqui — disse ele, retornando ao ponto que realmente importava — Estava fazendo um favor a você quando pedi a Bridgerton que se fosse.

A boca de Honoria abriu-se indignada.

— Você...

— Ele não é a classe de pessoa com quem deveria associar-se — disse ele, cortando-a.

— O que?

— Mantenha sua voz baixa. —ele zombou.

— Não estava fazendo ruído até você entrar aqui — ela escarneceu de volta.

Ele aproximou-se dela com um passo, incapaz de manter todo seu corpo sob controle.

— Não é o homem correto para você.

— Nunca disse que fosse! Lady Danbury o trouxe.

— Ela é uma ameaça.

— Já disse isso.

— Merece ser repetido.

Ela finalmente levantou-se da cama.

— Que diabos é tão ameaçador em ter me apresentado a Colin Bridgerton?

— Porque ela estava tratando de me deixar ciumento! — ele gritou.

Os dois ficaram absolutamente em silêncio e depois de um rápido olhar para a porta, ele se aproximou depressa e a fechou.

Quando se virou novamente para Honoria, ela estava parada tão perto que ele pode vê-la engolir.

Os olhos dela estavam enormes... Esse olhar dela que sempre o deixava nervoso. À luz da vela, eles brilhavam quase chapeados, e ele ficou quase hipnotizado.

Ela era linda. Já sabia isso, mas o golpeou de novo, com uma força que quase o derrubou sobre os joelhos.

— Por que ela poderia querer fazer isso? — perguntou ela brandamente.

Ele apertou os dentes em uma tentativa de não responder, mas finalmente disse,

— Não sei.

— Por que ela pensou que poderia fazer isso? — pressionou Honoria.

— Porque ela acredita que pode fazer algo — disse Marcus desesperadamente. Algo para evitar dizer a verdade. Não era que não queria dizer que a amava, mas não era o momento. Esta não era a maneira em que ele queria dizer isso. Ela engoliu de novo, o exagerado movimento na calma do rosto dela.

— E por que acredita que é seu trabalho selecionar qualquer homem que eu queira me associar e com qual não?

Ele não disse nada.

— Por que, Marcus?

— Daniel me pediu que o fizesse — disse com uma voz uniforme e apertada.

Não estava envergonhado por isso e não estava envergonhado em dizer. Mas ele não apreciou estar apanhado em um canto.

Honorina respirou fragilmente. Levou uma mão a boca, capturando o último sopro de ar, e depois apertou os olhos fechados. Por um momento, ele pensou que ela fosse chorar, mas depois percebeu que estava fazendo o que era preciso para conter a emoção. Dor? Fúria? Ele não podia dizer e por alguma razão isso cravou uma estaca no coração.

Ele queria conhecê-la. Ele queria conhecê-la completamente.

— Bem — disse ela finalmente — Daniel retornará dentro de pouco tempo, então estará absolvido de suas responsabilidades.

— Não — A palavra saiu dele como uma promessa, saindo do mais profundo de seu ser.

Ela o olhou com impaciente confusão.

— A que se refere?

Ele se aproximou. Não estava seguro do que estava fazendo. Só sabia que não podia parar.

— Refiro-me a que não. Não quero ser absolvido. Honorina separou os lábios.

Ele deu outro passo. Seu coração pulsava com força e algo dentro dele estava quente e ambicioso, e se houvesse algo no mundo além dela, além dele... Não sabia.

— Quero-a — Disse ele, as palavras abruptas e quase duras, mas absolutas e incrivelmente certas — Quero-a — disse de novo, e segurou a mão dela — Eu te quero.

— Marcus, eu...

— Quero beijá-la — disse e com o dedo tocou seus lábios — Quero sustentá-la — E porque ele não podia continuar guardando dentro de si por um segundo mais, disse — Ardo por você.

Ele tomou a face dela nas mãos e a beijou. Beijou-a com tudo o que estivera crescendo dentro dele, cada última dolorosa e faminta expressão de desejo.

A partir do momento em que entendeu de que a amava, esta paixão foi crescendo dentro dele. Provavelmente estava ali muito tempo, só esperando que ele notasse.

Amava Honorina. A queria. Necessitava dela.

E a necessitava agora.

Passou a vida inteira sendo um perfeito cavalheiro. Nunca foi um paquerador. Nunca foi um malandro. Odiava ser o centro das atenções, mas por Deus, queria ser o centro da atenção dela. Queria fazer as coisas erradas, coisas más. Queria segurá-la nos braços e

levá-la para a cama.

Ele queria cortar até o último centímetro de roupa de seu corpo, e então queria adorá-la. Ele queria mostrar todas as coisas que ele não estava certo de que sabia como dizer.

— Honoria — disse, porque ao menos podia dizer o nome dela.

E talvez ela ouvisse o que ele estava sentindo em sua voz.

— Eu... Eu... — Tocou a face, os olhos movendo-se inquisitivamente no rosto.

Os lábios dela estavam entreabertos, o suficiente para que pudesse ver a ponta rosada de sua língua umedecendo esses lábios.

E então ele não pode suportar. Tinha que beijá-la de novo. Precisava abraçá-la, sentir o corpo dela contra o seu. Se ela tivesse dito que não, se tivesse movido a cabeça ou feito alguma indicação de que ela não queria isto, teria dado a volta e saído do quarto.

Mas ela não disse nada.

Ela ficou olhando, os olhos muito abertos e cheios de assombro e por isso a puxou, envolveu os braços ao redor dela e a beijou novamente, desta vez permitindo-se a si mesmo deixar de lado o último fio de moderação que estivera contendo tão fortemente.

Ele a puxou contra ele, deleitando-se com as curvas e espaços de seu corpo. Ela deixou escapar um pequeno gemido.

De prazer? De desejo? E a chama dentro dele ficou mais alta, excitando-o.

— Honoria — ele sussurrou com as mãos movendo-se freneticamente ao longo das costas dela, até a deliciosa curva de sua parte inferior.

Apertou, e logo a pressionou, forçando a gentil suavidade de seu ventre contra a excitação dele. Honoria deixou escapar um grito afogado de surpresa ao contato, mas não sabia como afastá-la. Ela era uma inocente, ele sabia, e provavelmente não fazia ideia do que significava que o corpo dele reagisse desta maneira.

Devia ir mais devagar, guiá-la através disso, mas não pode. Não, havia limites para o controle de um homem, e ele passou o seu no momento em que ela estirou a mão e tocou sua face.

Ela era suave e flexível em seu abraço, sua inábil boca com impaciência devolvia seus beijos, e ele a tomou em seus braços, levando-a rapidamente à cama. Ele a deitou, com tanta ternura como pode e, então, ainda completamente vestido, colocou-se em cima dela, perto da explosão e com a sensação de seu corpo por debaixo do dele.

Em seu vestido havia pequenas mangas infladas que as damas pareciam gostar e Marcus logo descobriu que se fixavam a sua pele com um pouco de força, quando estava deitada. Os dedos dele deslizaram por baixo, puxando e deixando descoberto um de seus ombros. Com uma respiração entrecortada, virou-se para trás e olhou para baixo.

— Honoria — disse, e se não tivesse sido liquidado com tanta força, poderia ter rido. Seu nome era o único som que parecia sair de sua garganta.

Talvez fosse a única palavra que no momento importava para ele.

Ela olhou acima dele, com os lábios inflamados e cheios com a intimidade. Ela era a coisa mais linda que tinha visto, com os olhos brilhando de desejo, seu peito subia e descia com cada respiração acelerada.

— Honoria — disse de novo, e desta vez era uma pergunta, ou talvez uma súplica. Ergueu-se para tirar a jaqueta e a camisa. Necessitava a sensação do ar na pele, necessitava a sensação dela em sua pele. Quando sua roupa caiu ao chão, ela aproximou-se mais e o tocou, pondo uma suave mão no peito dele.

Ela sussurrou seu nome, e ele se desfez.

Honoria não estava segura de quando tivera a decisão de entregar-se a ele. Talvez fosse quando ele disse seu nome, e ela estendeu a mão e tocou-o na face. Ou talvez fosse quando ele a olhou, seus olhos quentes e famintos, e disse *Ardo por você*.

Mas tinha a sensação de que era o momento em que havia irrompido no quarto. Nesse momento, algo dentro dela soube que isto aconteceria e que se não fizesse nada para indicar que a amava, ou inclusive que a queria, ela se perderia. Ela ficou sentada em sua cama, tratando de averiguar como a noite correu tão inexplicavelmente mal, e logo depois de repente ele estava ali, como se o tivesse conjurado.

Discutiram, e se alguém estivesse ali para perguntar, ela teria insistido em que seu único objetivo fora jogá-lo a patadas do quarto e trancar a porta, mas no fundo, algo dentro dela estava começando a acender-se e brilhar. Estavam no quarto dela. Ela estava na própria cama. E a intimidade do momento era entristecedora. E então, quando Marcus fechou a distância entre eles e disse *Ardo por você*, ela não podia negar seu desejo mais do que necessitava de sua própria respiração. Quando ficou de costas sobre a cama, só conseguia pensar que era onde devia estar, e ele pertencia a esse lugar com ela.

Ele era dela. Era tão simples como isso.

Ele tirou a camisa, deixando a descoberto seu musculoso peito. Tinha-o visto antes, é claro, mas não assim. Não com ele abatendo-se sobre ela, com os olhos cheios de uma

necessidade primitiva a reclamá-la.

E ela queria isso. Oh, quanto queria. Se ele era dela, então ela com muito gosto seria dele. Sempre.

Alongou o braço e o tocou com a mão, maravilhada com o calor de seu corpo. Podia sentir seu coração pulsar no interior de seu peito, e escutou Marcus sussurrar seu nome. Era tão bonito, tão sério, e tão...bom. Ele era bom. Era um homem bom, com um bom coração. E, querido Deus, o que fosse que estivesse fazendo com os lábios na base de seu pescoço... Ele era muito bom nisso, também. Havia tirado os sapatos antes mesmo que ele inclusive tivesse chegado ao seu quarto, e com os pés descalços, ela passou os dedos de seus pés ao longo de seu... Pôs-se a rir.

Marcus virou-se para ela. Seus olhos estavam interrogantes, mas também muito, muito divertidos.

— Suas botas — balbuciou ela.

Ficou quieto, logo girou lentamente a cabeça para seus pés. E então,

— Maldição!

Ela começou a rir ainda mais forte.

— Não é divertido – murmurou — É...

De algum jeito ela conteve a respiração.

— Divertido — admitiu.

Ela se pôs a rir tão forte que toda a cama estava tremendo.

— Pode tirar isso? — ofegou.

Dirigiu um olhar desdenhoso e empurrou a si mesmo a uma posição sentada na beira da cama. Depois de tomar umas quantas respirações, disse:

— Sob nenhuma circunstância estou tomando uma faca para que as retire.

Sua resposta foi um forte som enquanto sua bota direita golpeava o chão. E então disse:

— Nenhuma faca será necessária. Ela ficou com uma expressão séria.

— Estou muito contente por escutar isso.

Marcus deixou cair a outra bota e olhou para ela com um olhar emoldurado por longas pestanas que a fizeram derreter por dentro.

— Eu também — murmurou ele, estendendo-se ao lado dela — eu também.

Os dedos de Marcus encontraram a pequena linha de botões na parte traseira do vestido, e a seda colorida de rosa pareceu liquefazer-se, caindo do corpo de Honoria como um sussurro.

As mãos dela subiram instintivamente para cobrir os seios. Ele não discutiu, não tentou afastá-las. Em lugar disso, simplesmente voltou a beijar, sua boca quente e apaixonada contra a dela. E a cada momento aprofundando, ela relaxou mais nos braços dele até que, de repente, notou que sua mão não estava mais em seu seio, e sim a dele.

E ela adorou. Não havia percebido que seu corpo, qualquer parte de seu corpo, podia sentir-se tão sensível, tão necessitado.

— Marcus! — Ela ofegou com as costas arqueando-se em surpresa quando seus dedos encontraram sua rosada ponta.

— É tão bonita — sussurrou ele, e ela sentia-se bonita.

Quando ele a olhava, quando a tocava, sentia-se como a mulher mais bonita que alguma vez existiu. Sua boca substituiu seus dedos, e ela deixou sair um discreto gemido de surpresa, suas pernas se estenderam e esticaram, enquanto enterrava os dedos nos cabelos de Marcus. Precisava agarrar alguma coisa. Necessitava fazer isso. Do contrário, simplesmente cairia de cara no chão. Ou voaria longe.

Ou simplesmente desapareceria, explodindo com o calor e a energia que a atravessavam.

Seu corpo parecia tão estranho, tão complementemente diferente ao que tivesse imaginado antes. E, ao mesmo tempo, sentia-se tão natural. Suas mãos pareciam saber exatamente aonde ir, e seus quadris sabiam como mover-se e quando os lábios dele se moveram para seu estômago, deixando um rastro de beijos pelo flanco do vestido que tão diligentemente estava tirando, ela soube que era o correto, e que era bom e não simplesmente o queria, queria mais. E rapidamente, por favor.

As mãos dele agarraram suas coxas e gentilmente as abriram, e ela se derreteu na posição, gemendo, “Sim” e “Por favor”, e “Marcus” E então, ele a beijou. Aquilo não tinha esperado, e pensou que poderia morrer de prazer. Quando ele a separou, ela havia contido o fôlego, preparando-se para a íntima invasão. Mas em seu lugar, adorou-a com sua boca, seus lábios, até que ela não foi mais que um ofegante e incoerente poço de necessidades, retorcendo-se.

— Por favor, Marcus — rogou ela, e desejou saber exatamente por que estava

rogando.

Mas fosse o que fosse, sabia que ele o daria. Ele saberia como saciar a deliciosa dor dentro dela. Ele poderia enviá-la ao céu, poderia trazê-la de volta à terra para que ela pudesse passar uma vida inteira nos braços dele. E Marcus afastou-se dela por um momento, e Honoria quase chorou pela perda de seu toque. Ele praticamente estava arrancando as calças e, quando retornou, com o rosto perto do dela, a mão dele na sua, e, seus quadris estabelecendo-se urgentemente entre suas pernas.

Separou os lábios quando tentou respirar normalmente. Quando olhou para ele, seus olhos estavam em seu rosto, e tudo o que ela disse foi:

— Me tome.

A ponta dele pressionou contra ela, então a abriu e ela entendeu. Era tão difícil, porque tudo o que queria era apertar cada músculo em seu corpo, mas de alguma maneira relaxou o suficiente de modo que com cada estocada, ele entrava mais profundamente, até que com um ofego de surpresa, deu-se conta de que ele estava completamente embainhado dentro dela.

Ele estremeceu de prazer e começou a mover-se em um novo ritmo, deslizando-se para frente e para trás dentro dela. Ela começou a dizer coisas, não sabia o que. Possivelmente estava rogando, ou suplicando, ou tentando fazer algum tipo de trato para que ele fizesse isto, e a levasse consigo, e o fizesse terminar, e que nunca se detivesse, e...

Algo aconteceu. Cada pinga de seu ser acoplou-se em uma pequena bola e logo foi afastando-se, como um daqueles fogos que vira em Vauxhall. Marcus, também, gritou e deu uma última estocada, vertendo a si mesmo dentro dela, antes de paralisar completamente.

Por vários minutos, Honoria não pode fazer mais que jazer ali, maravilhando-se pela sensação de seu corpo junto ao dele. Marcus tinha puxado um suave lençol sobre eles, e juntos tinham feito seu próprio pequeno céu. Com as mãos entrelaçadas, ela não podia imaginar um momento mais pacífico e adorável.

Seria dele. Pelo resto de sua vida. Ele não havia mencionado casamento, mas isto não a preocupava. Este era Marcus. Ele jamais abandonaria uma mulher depois de um momento como este. E, provavelmente, só estava esperando a melhor maneira de propor. Ele gostava de fazer as coisas da maneira certa, o seu Marcus.

Seu Marcus. Gostava da forma como isso soava. É claro, pensou com um brilho em seus olhos, ele não fora nem um pouquinho apropriado esta noite. Então talvez...

— No que está pensando? —perguntou ele.

— Em nada — mentiu ela — por que pergunta?

Ele trocou de posição de modo que pudesse inclinar-se nos cotovelos e olhar para ela.

— Tem um olhar aterrador em seu rosto.

— Aterrador?

— Matreira — corrigiu.

— Não estou segura qual prefiro.

Ele riu com um baixo e caloroso ruído que ecoou do seu corpo até o dela. Em seguida sua face ficou séria.

— Teremos que retornar.

— Sei — disse ela com um suspiro — Sentirão falta.

— De mim não, mas de você sim.

— Sempre posso dizer a minha mãe que adoeci. Direi que apanhei o que for que afetou a Sarah. Quer dizer, nada, mas ninguém sabe disso além de Sarah — Pressionou sua boca em um mal humorado sorriso — E também Íris e eu. E provavelmente a Senhorita Wynter. Mas mesmo assim.

Ele riu de novo, depois se abaixou e a beijou ligeiramente no nariz.

— Se pudesse, ficaria aqui para sempre.

Ela sorriu enquanto a calidez de suas palavras deslizava através dela como um beijo.

— Estava pensando que isto é como o céu.

Ele ficou em silêncio por um momento, e logo, tão brandamente que ela não estava segura de tê-lo escutado corretamente, sussurrou:

— O céu não poderia possivelmente se comparar a isso.

Capítulo 22



Por sorte para Honoria, seu cabelo não fora preparado com um estilo elaborado, pois com os ensaios adicionais durante a tarde, não teve tempo para replicar o penteado.

A gravata de Marcus era outra história. Não importa o que fizessem, não poderiam recuperar seu nó antes tão perfeito.

— Nunca será capaz de dispensar seu ajudante de quarto — disse Honoria depois de sua terceira tentativa com a mesma — De fato, é possível que precise aumentar o salário dele.

— Já disse para Lady Danbury que ele me apunhalou — murmurou Marcus. Honoria tampou a boca.

— Estou tratando de não sorrir — disse — porque não é engraçado.

— E, entretanto é.

Ela resistiu o tempo que pode.

— É.

Sorriu, e o via tão feliz, tão despreocupado. Fez que o coração de Honoria cantasse. Que estranho, entretanto que esplêndido que sua felicidade pudesse ser tão dependente da felicidade de outro.

— Me deixe tentar — disse ele, e tomou as pontas da gravata e colocou a si mesmo em frente de um espelho.

Ela o observou durante uns segundos antes de declarar:

—Terá que ir para casa.

Seus olhos não deixaram o reflexo de sua gravata no espelho.

— Ainda não passei o primeiro nó.

— E não conseguirá.

Dirigiu um olhar desdenhoso, com sobrancelha levantada e tudo.

— Nunca vai fazer as coisas bem — ela sentenciou — Devo dizer, entre isto e as botas, estou revisando minha opinião sobre as poucas práticas de alta costura, homens contra mulheres.

— Sério? — seu olhar caiu para suas botas, polidas com um brilho perfeito.

— Ninguém teve que tomar uma faca para meu calçado.

— Eu não levo nada mais que os botões em cima de minhas costas — ele respondeu.

— É certo, mas posso escolher um vestido com os botões na frente, enquanto que não se pode sair de casa sem gravata.

— Posso em Fensmore — murmurou, ainda tinha os dedos trabalhando com o tecido cada vez mais enrugado.

— Mas não estamos em Fensmore — Honoria recordou com um sorriso.

— Rendo-me — ele disse, arrancando-a gravata completamente. Meteu-a em seu bolso, meneando a cabeça enquanto dizia — É o melhor, na realidade. Inclusive se chegasse a manter esta maldita coisa corretamente atada, não teria sentido eu voltar para a noite musical. Estou seguro que todo mundo pensa que fui embora — Fez uma pausa, então acrescentou — Se tiverem pensado em mim, lógico..

Como havia várias mulheres solteiras jovens na assistência, e talvez mais a tal ponto, várias mães de damas solteiras, Honoria estava bastante segura que a ausência dele foi notada. Mas mesmo assim, seu plano era bom, e, juntos correram em direção as escadas traseiras. O plano de Honoria era cortar através de várias salas e da sala de ensaio perto da noite musical, enquanto que o plano de Marcus era cair ao exterior através da porta de serviço. No lugar aonde deveriam separar-se, Marcus a olhou, tocando brandamente sua face com a mão. Ela sorriu. Havia muita felicidade estalando em seu interior para mantê-la dentro.

— Vou pedir sua mão amanhã — disse.

Ela assentiu com a cabeça. E logo, porque ela não pode evitar, sussurrou:

— Beijo de despedida?

Não necessitava mais insistência, e ele, tomou seu rosto entre as mãos, enquanto capturava sua boca em um beijo apaixonado.

Honorina permaneceu ardendo, fundindo-se e então muito positivamente evaporando-se. Ela quase iniciou uma risada de tanta alegria, e ficou nas pontas dos pés, tratando de aproximar-se e então...

Ele saiu de repente.

Houve um grito terrível, e Marcus saiu voando através do pequeno espaço do corredor, golpeando contra a parede oposta.

Honorina deixou escapar um grito e correu para frente. Um intruso havia ingressado na casa, e segurava Marcus pela garganta. Ela nem sequer teve tempo de ficar aterrorizada. Sem pensar, jogou-se no intruso, saltando sobre as costas dele.

— Deixe-o sair! — Ela o puxava, tratando de soltar o braço dele para que deixasse de golpear Marcus outra vez.

— Pelo amor de Deus — espetou o homem — Largue-me, Percevejo.

Percevejo?

Ela se afrouxou.

— Daniel?

— Quem diabos poderia ser?

Honorina podia pensar um bom número de respostas para isso, tendo em conta que ele estivera fora do país por mais de três anos. Não importa que o tenha escrito que ia retornar, ele não considerou dizer a alguém o dia.

— Daniel — disse outra vez, descendo de suas costas. Afastou-se um passo e ficou olhando para ele.

Parecia mais velho, é claro que sim, mas parecia velho em algo mais que em anos. Talvez mais cansado, talvez mais cansado do mundo. Ou talvez fosse só por sua recente viagem. Ainda estava poeirento e açoitado pelo vento, qualquer um estaria cansado e enfastiado do mundo, depois de uma comprida viagem da Itália a Londres.

— Voltou — disse ela estupidamente.

— Com efeito — disse bruscamente — e que diabos está acontecendo?

— Eu...

Daniel levantou a mão.

— Fora disto, Honorina.

Acaso não fizera uma pergunta?

— Deus querido, Daniel — disse Marcus, voltando para seus pés.

Cambaleou um pouco, esfregando a parte posterior de sua cabeça onde tinha batido com a parede.

— A próxima vez considere nos dizer...

— Você bastardo — sussurrou Daniel, e deu um murro na mandíbula de Marcus.

— Daniel — gritou Honoria.

Voltou a saltar sobre as costas dele, ou tentou, e ele a tirou de cima como... Bom, como um inseto, molesto, já que o era.

Ela tentou ficar de pé para detê-lo de novo, mas Daniel sempre fora mais ágil, e agora mesmo ele estava furioso.

Antes que pudesse sequer ficar em posição vertical, tinha golpeado Marcus novamente.

— Não quero brigar com você, Daniel — disse Marcus, limpando o sangue de seu queixo com a manga.

— Que demônios estava fazendo com minha irmã?

— Está...

Euf!

— Louco — grunhiu Marcus, sua voz aparentemente engasgada pela força do punho de Daniel em seu ventre.

— Pedi que cuidasse dela — espetou Daniel, pontuando cada palavra com um forte soco em Marcus — Que. Cuidasse. Dela.

— Daniel, pare! — suplicou Honoria.

— Ela é minha irmã — cuspiu Daniel.

— Sei — grunhiu Marcus. Parecia estar recuperando seu equilíbrio, jogou atrás seu braço e deu um murro na mandíbula de Daniel — E você...

Mas Daniel não estava interessado em falar a não ser que Marcus respondesse as suas perguntas específicas. Antes que Marcus pudesse acabar a frase, Daniel o agarrou pelo pescoço e o imobilizou contra a parede.

— O que — disse entre dentes outra vez — estava fazendo com a minha irmã?

— Vai matá-lo! — gritou Honoria.

Correu de novo para frente, tratando de que Daniel parasse, mas Marcus deve ter sido capaz de valer por si mesmo, porque seu joelho alcançou Daniel em cheio na virilha. Daniel deixou escapar um som que era positivamente desumano, e caiu, levando Honoria com ele.

— Os dois estão loucos — exclamou ela, tratando de desentranhar suas pernas das de seu irmão.

Mas eles não estavam escutando, ela poderia estar também falando com as pranchas do chão.

Marcus tocou a garganta com as mãos, fazendo uma careta enquanto esfregava onde Daniel o tinha sufocado.

— Pelo amor de Deus, Daniel — disse — Quase me mata.

Daniel olhou para ele do piso enquanto ofegava através de sua dor.

— O que estava fazendo com Honoria?

— Não fazia... — ela tratou de interceder, tratou de dizer que não importava, mas Marcus a interrompeu.

— O que viu?

— Não importa o que eu vi — espetou Daniel — Pedi que cuidasse dela não que tomasse liberdades...

— Pediu-me — cortou Marcus com irritação — Sim, vamos pensar a respeito disso. Pedi que cuidasse de sua jovem irmã, solteira. Eu! Que diabos sei eu de cuidar de uma juvenzinha?

— Ao que parece mais do que deveria — cuspiu Daniel — Teve sua língua descendo por seu...

A boca de Honoria se abriu, e ela golpeou seu irmão de um lado de sua cabeça. Teria golpeado outra vez, salvo que Daniel dera um empurrão em troca, mas antes que pudesse fazer um movimento, Marcus se precipitou através do ar.

— Hhhhhrrrrrrccchhhh!

Surgiu um som de sua boca que era completamente ininteligível. Era o som da fúria, pura e simples, e Honoria saiu do caminho, antes que Marcus se jogasse sobre o homem que sempre considerou seu único e verdadeiro amigo.

— Pelo amor de Deus, Marcus — exclamou Daniel entre golpes — Que diabos está mal com você?

— Não volte a falar dela dessa maneira — gritou Marcus.

Daniel deslizou por debaixo dele e ficou de pé.

— Como o que? Eu estava insultando você.

— Sério? — Marcus falou arrastando as palavras, também gritando — Bem então este — seu punho conectou com um lado da cara de Daniel — é pelo insulto. E este — outro punho, do outro lado da cara — é por abandoná-la.

Foi muito doce de sua parte, mas Honoria não estava segura de que fosse bastante exato.

— Bem, ele realmente não...

Daniel agarrou a boca, que estava jorrando sangue.

— Estava sendo procurado!

Marcus empurrou o ombro de Daniel, e logo o empurrou de novo.

— Poderia ter retornado há muito tempo. Honoria ofegou. Era certo isso?

— Não — respondeu Daniel, empurrando Marcus exatamente como antes — Não pude. Ou não se deu conta que Ramsgate é um louco?

Marcus cruzou os braços.

— Não escreveu durante mais de um ano.

— Isso não é certo.

— É certo — disse Honoria, embora ninguém a estivesse escutando.

E foi então quando ela percebeu. Não a iam escutar. Nesta briga, ao menos.

— Sua mãe estava derrubada — disse Marcus.

— Não havia nada que eu pudesse fazer a respeito — respondeu Daniel.

— Vou embora — disse Honoria.

— Poderia ter escrito.

— A minha mãe? Eu escrevi! Ela nunca me escreveu de volta.

— Vou embora — repetiu Honoria, mas eles agora estavam quase nariz a nariz, assobiando epítetos e o céu sabe que mais.

Ela encolheu os ombros. Ao menos já não estavam tratando de matar um ao outro. Tudo estaria bem. Brigaram muito antes e provavelmente o fariam de novo, e tinha que admitir que uma pequena parte, oh, muito bem, um pouco maior que uma parte dela estava contente de que tinham chegado às mãos por ela. Nem tanto por seu irmão, mas Marcus...

Suspirou, recordando a feroz expressão em seu rosto quando a defendeu. Ele a amava.

Ele não disse ainda, mas diria.

Ele e Daniel solucionariam tudo o que tivessem que resolver, e esta história de amor, sua história de amor, pensou sonhadora teria um final completamente feliz. Casar-se-iam, teriam montões de meninos para converter-se em uma família feliz, zombando da família que ela tivera uma vez. A feliz, brincalhona família que Marcus sempre havia merecido. E haveria bolo de melão pelo menos uma vez na semana.

Lançou um último olhar aos homens, que se apertavam nos ombros um do outro, embora felizmente sem a força de antes. Ela poderia voltar para a noite musical. Alguém tinha que dizer a sua mãe que Daniel estava de volta.

— Aonde foi Honoria? — perguntou Daniel uns minutos mais tarde.

Estavam sentados um junto ao outro no chão, apoiados contra a parede. As pernas de Marcus estavam dobradas, as de Daniel estendidas. Em algum ponto de suas cotoveladas e empurrões tinham parado, e em silencioso acordo haviam escorregado pela parede, fazendo uma careta de dor quando suas mentes finalmente encontraram com seus corpos e se deram conta do que aconteceu entre os dois.

Marcus levantou a cabeça e olhou a seu redor.

— De volta a festa, imagino.

Realmente esperava que Daniel não ficasse beligerante de novo, porque não estava seguro de ter a suficiente força para lançar-se contra ele outra vez.

— Você está como o inferno — disse Daniel. Marcus encolheu os ombros.

— Você está pior — Pelo menos isso esperava.

— Estava beijando-a — disse Daniel. Marcus lançou um olhar molesto.

— E daí?

— O que vai fazer a respeito?

— Ia pedir a mão dela antes que me desse um murro no estomago. Daniel piscou.

— Oh.

— Que demônios pensou que eu fosse fazer? Seduzi-la e logo lançá-la aos lobos? Daniel ficou instantaneamente tenso, e seus olhos brilhavam com fúria.

— A sedu...?

— Não — Marcus o deteve, levantando uma mão — Não faça essa pergunta. Daniel mordeu a língua, mas olhou Marcus com receio.

— Não — disse Marcus outra vez — só para que fique claro.

Estendeu sua mão e tocou o queixo. Maldição, aquilo doía. Olhou Daniel, que fazia uma careta de dor, enquanto flexionava os dedos e examinava as contusões nos nódulos dos dedos.

— Bem vindo a casa, por certo.

Daniel olhou para cima, levantando uma peculiar sobrancelha.

— Da próxima vez, nos diga quando planeja chegar.

Parecia como se Daniel fosse responder, mas só girou os olhos.

— A condessa não mencionou seu nome por três anos — disse Marcus em voz baixa.

— Por que me diz isso?

— Porque foi, foi, e...

— Não tinha outra opção.

— Poderia ter retornado — disse Marcus com desdém — Sabia que...

— Não — interrompeu Daniel — Não podia. Ramsgate tinha alguém me seguindo no continente.

Marcus ficou em silêncio por um momento.

— Sinto muito. Não sabia.

— Tudo está bem — Daniel suspirou e deixou repousar a parte de atrás de sua cabeça contra a parede — Ela nunca respondeu minhas cartas.

Marcus olhou para ele.

— Minha mãe — esclareceu Daniel — Não estou surpreso que ela nunca mencionasse meu nome.

— Foi muito difícil para Honoria — disse Marcus em voz baixa.

Daniel engoliu.

— Quanto tempo há...

— Só esta primavera.

— O que aconteceu?

Marcus sorriu. Bem, com um dos lados de sua boca. O outro estava começando a inchar.

— Não estou seguro — admitiu.

Não parecia correto dizer sobre o buraco da toupeira, ou da torção no tornozelo, ou da infecção na perna, ou do bolo de melaço. Esses só foram eventos. Não tinham a ver com o que tinha acontecido em seu coração.

— A ama?

Marcus elevou a vista. Assentiu.

— Bem, então — Daniel encolheu só um ombro.

Era tudo o que deveria dizer. Era tudo o que sempre dizia, Marcus sabia. Eles eram homens, e isso era o que os homens faziam. Mas era suficiente. Começou a estender a mão, para dar uma palmada em Daniel na perna ou no ombro. Mas em lugar disso deu um empurrão amistoso com seu cotovelo as suas costelas.

— Me alegro de que esteja em casa — disse. Daniel ficou calado por vários segundos.

— Eu também, Marcus. Eu também.

Capítulo 23



Depois de deixar Marcus e Daniel no corredor, Honoria deslizou silenciosamente para a sala de ensaios. Estava vazia, como esperava, e podia ver uma franja de luz derramar-se sobre o piso onde a porta da sala principal estava entreaberta. Honoria revisou seu reflexo pela última vez em um espelho. Estava escuro, assim não podia estar segura, mas imaginou que estivesse apresentável.

Ainda havia alguns hóspedes perambulando, suficientes para que Honoria tivesse a esperança de que não sentissem a falta dela, ao menos ninguém alheio a sua família.

Daisy estava terminando um bate-papo perto do centro da sala, explicando a quem quisesse escutar como seu violino Ruggieri fora construído.

Lady Winstead estava parada a um lado, luzindo terrivelmente feliz e contente, e Íris estava...

— Onde esteve? — gritou Íris. Justamente ao lado dela, parecia.

— Não me sentia bem — disse Honoria. Íris soprou com desgosto.

— Oh, a próxima coisa que vai dizer é que apanhou o que seja que Sarah tem.

— É, talvez.

Isto foi recebido com um suspiro.

— Tudo o que quero fazer é sair, mas mamãe não quer saber nada disso.

— Lamento — disse Honoria.

Era difícil soar realmente pormenorizada quando estava transbordante de alegria, mas tentou.

— O pior é Daisy — disse Íris malevolamente — esteve passeando como... Isso não é sangue em sua manga?

— O que? — Honoria torceu o pescoço para dar uma olhada.

Havia uma mancha do tamanho de uma moeda na parte avultada de sua manga. Só o céu sabia a que homem devia pertencer, pois ambos estavam sangrando quando ela saiu.

— Oh. Ah, não, não sei o que é.

Íris franziu o cenho e olhou com mais atenção.

— Acredito que seja sangue.

— Posso dizer com certeza que não é — mentiu Honoria.

— Bem, então, o que...?

— O que fez Daisy? — interrompeu Honoria com rapidez. E quando Íris só piscou, disse — Disse que ela era a pior.

— Bem — declarou Íris fervorosamente — Não precisa fazer nada específico. Só...

Foi interrompida por um forte gorjeio de risada. Que vinha de Daisy.

— Pode ser que chore — anunciou Íris.

— Não, Íris, você...

— Me permita minha miséria — interrompeu Íris.

— Sinto muito — murmurou Honoria contrita.

— Este foi o dia mais humilhante de minha vida — Íris sacudiu a cabeça, sua expressão quase aturdida — Não posso fazer isto de novo, Honoria. Digo a você que não posso. Não me importa se não houver outra violoncelista esperando para tomar meu lugar. Não posso mais fazer isso.

— Se casar...

— Sim, sou consciente disso — estalou Íris — Não acredita que não me cruzou pela mente o ano passado. Quase aceitei Lorde Venable só para não ter que me unir ao quarteto.

Honoria fez uma careta. Lorde Venable era suficientemente velho para ser o avô dela. E algo mais.

— Por favor, só não volte a desaparecer de novo — disse Íris, o sufoco em sua voz a ponto de converter-se em um soluço — Não posso pensar quando as pessoas vem para mim me elogiando por uma interpretação. Não sei o que dizer.

— É claro — disse Honoria, tomando a mão de sua prima.

— Honoria, aí está! — Era a condessa, correndo para ela — Onde esteve?

Honoria esclareceu garganta.

— Subi para me recostar por uns minutos. Fiquei esgotada de repente.

— Sim, bem, foi um longo dia — disse sua mãe com um assentimento.

— Não sei se foi o tempo. Devo ter adormecido — disse Honoria em tom de desculpa.

Quem disse que era tão boa mentirosa? Primeiro o sangue e agora isto.

— Não tem importância —disse a condessa antes de voltar-se para Íris — Viu à Senhorita Wynter?

Íris negou com a cabeça.

— Charlotte está pronta para ir para casa e não a encontra em nenhuma parte.

— Talvez tenha ido ao quarto de descanso? —sugeriu Íris.

Lady Winstead parecia duvidar.

— Esta desaparecida há bastante tempo, parece.

— Ahh, mãe — disse Honoria, pensando em Daniel no corredor – Posso falar com você?

— Terá que esperar — disse Lady Winstead, sacudindo a cabeça — Estou começando a me preocupar com a Senhorita Wynter.

— Possivelmente ela também precisava recostar-se — sugeriu Honoria.

— Suponho. Espero que Charlotte pense em dar um dia livre extra em agradecimento esta semana — Lady Winstead fez um pequeno assentimento, como concordando consigo mesma — Acredito que irei procura-la agora mesmo e farei essa sugestão. É o mínimo que podemos fazer. A Senhorita Wynter realmente salvou o dia.

Honoria e Íris a observaram retirarem-se, e então Íris disse,

— Suponho que depende de sua definição da palavra “salvou”.

Honoria soltou uma risada e passou o braço pelo ombro de sua prima.

— Vem comigo — disse — Daremos uma volta pela sala e pareceremos felizes e orgulhosas ao fazer isso.

— Feliz e orgulhosa está além de minha capacidade, mas...

Íris foi interrompida por um ressonante estrépito. Ou não exatamente um estrépito.

Mas bem como o som de algo se quebrando. Com alguns estalos.

— O que foi isso? — perguntou Íris.

— Não sei — Honoria estirou seu pescoço — Soou como...

— Oh, Honoria! — ambas ouviram Daisy gritar — Seu violino!

— O que? — Honoria caminhou lentamente na direção do barulho, não de tudo capaz de somar dois e dois.

— Oh, meu Deus — disse Íris repentinamente, sua mão indo para a boca.

Apoiou uma mão e conteve Honoria, como se dissesse, “é melhor que não veja isto”.

— O que está acontecendo? — a mandíbula de Honoria amoleceu.

— Lady Honoria! — bramou Lady Danbury — Lamento muito sobre seu violino. Honoria só piscou, olhando os restos destroçados de seu instrumento.

— O que? Como...?

Lady Danbury sacudiu a cabeça com o que Honoria suspeitava, em exagerado arrependimento.

— Não tenho ideia. A bengala, já sabe. Devo tê-lo derrubado da mesa.

Honoria sentiu que sua boca abria e fechava seguidamente, mas nenhum som emergiu dela. Seu violino não parecia como se tivesse caído de uma mesa. Honestamente, Honoria não podia compreender como poderia ter chegado a esse estado. Estava absolutamente destruído. Cada corda foi cortada, partes de madeira estavam separadas por completo, tudo destruído.

Claramente, fora pisoteado por um elefante.

— Insisto em comprar um novo — anunciou Lady Danbury.

— Oh. Não — disse Honoria, com uma estranha falta de inflexão — Não é necessário.

— Além disso — disse Lady Danbury, ignorando-a por completo — Comprarei um Ruggieri.

Daisy ofegou.

— Não, sério — disse Honoria.

Não podia afastar os olhos do violino. Havia algo nele que era absolutamente fascinante.

— Eu causei este dano — disse Lady Danbury grandiosamente. Moveu seu braço através do ar, o gesto dirigido mais para a multidão que para Honoria — Tenho que fazer o correto.

— Mas um Ruggieri! — exclamou Daisy.

— Sei — disse Lady Danbury, colocando uma mão sobre seu coração — São terrivelmente caros, mas em tal caso, só o melhor será suficiente.

— Há uma grande lista de espera — disse Daisy com um ofego.

— Certamente. Mencionou-o antes.

— Seis meses. Talvez inclusive um ano.

— Ou mais? — perguntou Lady Danbury, talvez com um toque de alegria.

— Não necessito outro violino — disse Honoria.

E não necessitava. Iria casar-se com Marcus. Nunca teria que tocar em outra noite musical pelo resto de sua vida.

É claro, não podia dizer isso a ninguém.

Primeiro ele teria que pedir sua mão em casamento.

Mas isso parecia uma questão sem importância. Estava segura de que ele faria isso.

— Pode usar meu velho violino — disse Daisy — Não me importa.

E enquanto Lady Danbury discutia com ela sobre isso, Honoria se inclinou para Íris e, sem deixar de olhar a desordem no chão, disse.

— É realmente notável. Como acredita que ela conseguiu fazer isso?

— Não sei — disse Íris, igualmente desconcertada — Necessitaria mais que uma bengala. Acredito que necessitaria de um elefante.

Honoria ofegou com deleite e finalmente afastou os olhos do açougue.

— Isso é exatamente o que estava pensando!

Seus olhares se encontraram e em seguida começaram a rir, ambas com tal ardor que Lady Danbury e Daisy pararam de discutir e ficaram olhando para elas.

— Acredito que ela esteja aflita — disse Daisy.

— Bem, é claro, tontinha — bramou Lady Danbury — Acaba de perder seu violino.

— Obrigado Deus — disse alguém com grande sentimento.

Honorina deu uma olhada. Não sabia quem era. Um cavalheiro de meia idade na moda com uma dama igualmente na moda ao seu lado. Recordava os modos de Beau Brummell, o homem vivo mais na moda quando suas irmãs mais velhas tinham feito sua estreia.

— A garota não necessita um violino — ele adicionou — Precisa ter suas mãos atadas para que não possa tocar um instrumento de novo.

Umhas poucas pessoas riram bobamente. Outras ficaram incômodadas.

Honorina não sabia o que fazer. Havia uma regra não escrita em Londres que, embora as pessoas pudessem zombar da noite musical Smythe-Smith, jamais devia fazê-lo ao alcance do ouvido de um verdadeiro Smythe-Smith. Inclusive os colunistas de intrigas nunca mencionavam o quão terríveis eram.

Onde estava sua mãe? Ou Tia Charlotte? Será que ouviram? Isso as mataria.

— Oh, vamos — disse ele, dirigindo suas palavras à pequena multidão que se reuniu ao redor — Todos estamos tão pouco dispostos a dizer a verdade? São terríveis. Uma abominação contra a natureza.

Umhas quantas pessoas mais riram. Atrás de suas mãos, mas mesmo assim. Honorina tentou abrir a boca, tentou emitir um som, qualquer som que pudesse interpretar-se como uma defesa para sua família. Íris se aferrava a seu braço como se quisesse morrer no ato, e Daisy estava simplesmente atônita.

— Rogo isso — disse o cavalheiro, voltando-se para enfrentar Honorina diretamente

— Não aceite um novo violino da Condessa. Nem sequer volte a tocar um — E então, depois de uma risada tola dirigida a sua companheira, como se dissesse, “Só espera para escutar o que tenho para dizer ainda” disse a Honorina — É péssima. Faz chorar aos pássaros cantores. Quase me fez chorar.

— Eu ainda posso chorar — disse sua companheira.

Os olhos dela acenderam e lançou um olhar alegre à multidão. Estava orgulhosa de seu insulto, satisfeita de que sua crueldade tivesse um sotaque engenhoso.

Honorina engoliu, piscando para conter as lágrimas de fúria. Sempre imaginara que quando alguém a atacasse publicamente, responderia com astúcia cortante. Seu ritmo seria impecável, repartiria uma repulsa com tanto estilo e garbo que seu oponente não teria mais remédio que escapular, com o proverbial rabo entre as pernas.

Mas agora que estava acontecendo, permanecia paralisada. Só podia olhar, com as mãos tremendo enquanto lutava para manter a compostura. Mais tarde nessa noite se daria

conta do que deveria ter dito, mas agora sua mente era uma nuvem formada de redemoinhos. Não poderia ter armado uma frase decente inclusive se alguém tivesse colocado as obras completas de Shakespeare em suas mãos.

Ouviu outra pessoa rir, e depois outra. Ele estava ganhando. Este homem terrível, cujo nome nem sequer sabia, chegou na casa dela insultando-a na frente de todos os que ela conhecia, e estava ganhando. Estava enganado por tantas razões, salvo na mais básica. Era horrível no violino. Mas, sem dúvida, as pessoas sabiam que não deviam agir dessa maneira. Certamente alguém sairia em sua defesa.

E então, sobre as risadas silenciosas e sussurros vaiados chegou o inconfundível som de botas ressonando sobre um piso de madeira. Pouco a pouco, como em uma onda, a multidão levantou a cabeça para a porta. E o que viram...

Honorina se apaixonou de novo.

Marcus, o homem que sempre gostou de ser a árvore nas mímicas, Marcus, o homem que preferia levar seus assuntos em silêncio, atrás da cena, Marcus, o homem que odiava ser o centro das atenções...

Estava a ponto de fazer uma cena muito grande.

— O que disse? — exigiu, cruzando a sala como um furioso deus.

Um machucado e ensanguentado deus furioso e que não usava uma gravata, mas mesmo assim, definitivamente furioso. E na opinião dela, definitivamente um deus.

O cavalheiro em pé frente a ela retrocedeu. Na realidade, umas quantas pessoas retrocederam, Marcus parecia um pouco brutal.

— O que disse Grimston? — repetiu Marcus, sem deter-se até que esteve diretamente frente ao torturador de Honorina.

O brilho de uma lembrança se acendeu através de Honorina. Era Basil Grimston. Estivera fora da cidade por vários anos, mas durante sua época de glória fora conhecido por sua violenta esperteza. Suas irmãs o odiaram.

O Senhor Grimston elevou o queixo e disse.

— Só disse a verdade.

Uma das mãos de Marcus formou um punho, a outra mão o embalou.

— Não seria a primeira pessoa que golpeio esta noite — disse com calma.

Foi então que Honorina finalmente pode vê-lo bem. Mostrava-se positivamente

selvagem, seu cabelo apontando em todas as direções, o olho rodeado de tons de negro e azul, e sua boca parecia estar começando a inchar no lado esquerdo. Sua camisa estava rasgada, manchada de sangue e pó, e caso não estivesse enganada havia uma pequena pena grudada no ombro de sua jaqueta.

Pensou que poderia ser o homem mais bonito que tinha visto.

— Honoria? — sussurrou Íris, os dedos afundando-se com força no braço dela. Honoria se limitou a sacudir a cabeça. Não queria falar com Íris. Não queria afastar a cabeça de Marcus nem por um segundo.

— O que disse? — perguntou Marcus uma vez mais. O Senhor Grimston olhou para a multidão.

— Certamente ele deve ser retirado. Onde está nossa anfitriã?

— Aqui mesmo — disse Honoria, dando um passo adiante.

Não era estritamente certo, mas a mãe dela não estava em nenhuma parte, e imaginou que ela fosse quem deveria agir.

Mas quando olhou Marcus, deu uma pequena negativa com a cabeça, e silenciosamente voltou para seu lugar junto a Íris.

— Se não se desculpar com Lady Honoria — disse Marcus com sua voz suave, mas aterradora — O matarei.

Houve um ofego coletivo, e Daisy fingiu um desmaio, deslizando-se com elegância contra Íris, que imediatamente se fez de um lado e deixou que ela caísse ao chão.

— Oh, vamos — disse o Senhor Grimston — Certamente não chegará às pistolas ao amanhecer.

— Não estou falando de um duelo — disse Marcus — Quero dizer que o matarei aqui mesmo.

— Está louco — ofegou o Senhor Grimston.

Marcus encolheu os ombros.

— Talvez.

O olhar do Senhor Grimston foi de Marcus para sua amiga, depois para a multidão, e logo depois de volta para sua amiga. Ninguém parecia estar oferecendo nenhuma ajuda, em silêncio ou de outra forma, portanto, como qualquer janota a ponto de conseguir que seu rosto fosse destruído faria, esclareceu a garganta, voltou-se para Honoria, e disse a sua

frente.

— Rogo que me desculpe Lady Honoria.

— Faça-o bem — ladrrou Marcus.

— Peço desculpas — disse Grimston com os dentes apertados.

— Grimston... — advertiu Marcus.

Finalmente, o Senhor Grimston abaixou o olhar até que esteve olhando Honoria nos olhos.

— Por favor, aceite minhas desculpas — disse. Parecia infeliz e soava furioso, mas o disse.

— Obrigada — disse ela rapidamente, antes que Marcus pudesse decidir que a desculpa não havia passado no exame.

— Agora vá embora — ordenou Marcus.

— Como se sonhasse ficar — disse Grimston com um bufo.

— Vou ter que golpeá-lo — disse Marcus, sacudindo a cabeça com incredulidade.

— Isso não vai ser necessário — disse rapidamente a amiga do Senhor Grimston, dando um olhar cauteloso para Marcus. Deu um passo adiante, tomou o braço de Grimston, e o puxou — Obrigada — disse a Honoria — Por uma noite encantadora. Pode estar certa de que se alguém perguntar, direi que transcorreu sem incidentes.

Honoria ainda não sabia quem era ela, mas assentiu de qualquer maneira.

— Graças a Deus se foram — murmurou Marcus, à medida que eles se retiravam. Esfregava os nódulos — Realmente não queria ter que golpear alguém de novo. Seu irmão tem uma cabeça dura.

Honoria sorriu.

Era uma razão ridícula para sorrir, e um momento ainda mais ridículo para sorrir. Daisy continuava estendida no chão, gemendo em seu falso desmaio, Lady Danbury estava ladrando a tudo o que queria escutar que não tinha “nada a ver, nada a ver”, e Íris não parava de fazer perguntas sobre quem sabe o que.

Entretanto, Honoria não estava ouvindo Íris.

— Amo-o — disse, logo que os olhos de Marcus caíram sobre seu rosto. Não queria dizer nesse momento, mas não havia forma de guardar para si — Amo-o. Sempre o amei.

Alguém deve tê-la ouvido, e esse alguém deve ter dito a outra pessoa, que disse a outra pessoa, porque em questão de segundos, a sala ficou em silêncio. E uma vez mais, Marcus se encontrou no centro absoluto da atenção de todos.

— Eu também te amo — disse com voz firme e clara. E logo, com os olhos da metade das pessoas sobre ele, tomou as mãos de Honoria, ficou de joelhos e disse — Lady Honoria Smythe-Smith, me daria à imensa honra de se converter em minha esposa?

Honoria tentou dizer que sim, mas sua garganta estava afogada pela emoção. Assim assentiu com a cabeça. Assentiu através de suas lágrimas. Assentiu com tal velocidade e vigor que quase perdeu o equilíbrio e não teve mais remédio que cair nos braços dele quando ele retrocedeu.

— Sim — sussurrou finalmente — Sim.

Íris disse mais tarde que toda a sala lançou vivas, mas Honoria não ouviu nada. Nesse momento perfeito, não havia nada mais que Marcus, e ela, e a forma em que ele sorria enquanto apoiava seu nariz contra o dela.

— Ia dizer isso — disse ele — Mas ganhou de primeira.

— Não foi minha intenção — admitiu ela.

— Estava esperando o momento adequado.

Ela ficou nas pontas dos pés e o beijou e desta vez sim, ouviu a alegria que estalou ao seu redor.

— Acredito que este é o momento adequado — sussurrou.

Ele deve ter concordado, porque a beijou de novo. À vista de todos.

Epílogo



Um ano depois...

— Não estou seguro de que a primeira fila seja o melhor ponto de vista — disse Marcus, dirigindo um olhar de desejo para o resto das cadeiras vazias.

Ele e Honoria tinham chegado cedo ao musical das Smythe-Smith deste ano, ela fora mais que insistente em que deviam apressar-se para assim assegurar os “melhores” assentos.

— Não se trata de pontos de vista — disse ela, olhando de cima abaixo a primeira fila com olho conhecedor — Trata-se de escutar.

— Sei — disse ele, mal humorado.

— E de qualquer modo, na realidade nem sequer se trata de escutar, trata-se de mostrar nosso apoio — Deu um sorriso brilhante e se instalou no assento escolhido, primeira fila, no centro exato. Com um suspiro, Marcus tomou o assento a sua direita.

— Está cômoda? — perguntou.

Honoria estava grávida, e em uma etapa tão avançada que na realidade não deveria estar fazendo aparições públicas, mas havia insistido em que o musical era uma exceção.

“É uma tradição familiar” tinha replicado. E para ela, essa era explicação suficiente. Para ele, era o motivo pelo que a amava.

Era tão estranho, ser parte de uma família própria. Não só a horda de Smythe-Smith, que era tantos em número que ainda não podia lhes seguir a pista. Cada noite enquanto estava junto a sua esposa, não podia acreditar que ela lhe pertencia. E ele a ela. Uma família.

E logo seriam três. Assombroso.

— Sarah e Íris ainda estão muito descontentes por ter que apresentar-se — sussurrou

Honorina, embora não houvesse ninguém ao redor.

— Quem está tomando seu lugar?

— Harriete — disse, logo adicionou — A irmã pequena de Sarah. Só tem quinze, mas não havia ninguém mais antes dela.

Marcus pensou em perguntar se Harriete era boa, mas logo decidiu que não queria saber a resposta.

— São dois pares de irmãs no quarteto este ano — disse Honorina, ao que parece só notando-o nesse momento — Pergunto-me se isso terá ocorrido alguma vez antes.

— Sua mãe saberá — disse ele com ar ausente.

— Ou tia Charlotte, converteu-se na historiadora da família.

Alguém passou junto a eles em seu caminho para um assento no canto, e Marcus olhou ao redor, notando que a sala estava se enchendo lentamente.

— Estou tão nervosa — disse Honorina, dando um sorriso emocionado — Esta é minha primeira vez na audiência, sabe.

Ele piscou com confusão.

— E nos anos anteriores ao que tocasse?

— É diferente — disse, dando um olhar de *não é possível que o entenda* — Oh, aqui vamos, aqui vamos. Está a ponto de começar.

Marcus deu tapinhas na mão, tentando acomodar-se no assento para ver Íris, Sarah, Daisy, e Harriete tomar suas posições. Pensou que talvez tivesse escutado Sarah gemer.

E logo começaram a tocar. Era horrível.

Ele sabia que seria horrível, é claro, sempre foi horrível. Mas de algum modo seus ouvidos tinham conseguido esquecer quanto horrível era. Ou talvez, estavam pior este ano que nos outros. Harriete deixou cair seu arco em duas ocasiões. Isso não podia ser bom.

Olhou Honorina, certo de que veria uma expressão de empatia em seu rosto. Ela estivera ali, depois de tudo. Sabia exatamente como se sentia ficar sobre esse cenário, criando esse ruído.

Mas Honorina não se via nem remotamente incômoda por suas primas. Em lugar disso, olhava para elas com um sorriso radiante, quase como uma mãe orgulhosa deleitando-se nos lucros de suas magníficas pupilas.

Teve que olhar duas vezes para assegurar-se de que não estava vendo coisas.

— Não são maravilhosas? — murmurou ela, inclinando a cabeça para a dele.

Seus lábios se abriram com surpresa. Não tinha ideia de como responder.

— Melhoraram tanto — sussurrou ela.

Isso bem poderia ter sido verdade. Se for assim, estava ferozmente alegre de não ter participado em nenhum de seus ensaios.

Passou o resto do concerto observando Honoria. Ela sorriu, suspirou, uma vez pôs uma mão sobre o coração. E quando suas primas abaixaram seus instrumentos ou no caso de Sarah, pôs os olhos em branco e levantou os dedos das teclas, Honoria foi a primeira em ficar de pé, aplaudindo freneticamente.

— Não seria maravilhoso que tivéssemos filhas que pudessem tocar no quarteto? — disse a ele, dando um impulsivo beijo na face de Marcus.

Ele abriu a boca para falar e com toda honestidade, não tinha ideia do que planejava dizer. Mas certamente não era o que disse:

— Não posso esperar.

Mas enquanto se encontrava de pé ali, sua mão descansando na parte baixa das costas de sua esposa, escutando-a falar com suas primas, seus olhos foram para o ventre dela, onde uma nova vida se formava. E notou de que era verdade.

Não podia esperar. Por nada disso. Inclinou-se para baixo e disse:

— Amo você — sussurrou ao ouvido de Honoria. Só porque queria dizer.

Ela não levantou a vista, mas sorriu. E ele sorriu também.

Fim

A Série – Quarteto Smythe-Smith

Livro 1 – Assim Como o Céu



Honoraria Smythe-Smith é parte do famoso quarteto musical Smythe-Smith, embora não se engane e saiba que o dito quarteto carece sequer do menor sentido musical e tem esperanças postas que esta seja a última vez que se submeta a semelhante humilhação. Esta será sua temporada e com um pouco de sorte conseguirá um marido.

Durante um jantar, põe seus olhos em Gregory Bridgerton, um dos mais jovens da família Bridgerton. Sabe que não está apaixonada, mas ele parece uma opção mais que válida.

Marcus Holroyd é o melhor amigo do irmão de Honoraria, Daniel, que vive exilado na Italia. Ele prometeu olhar por ela e leva suas responsabilidades muito seriamente. Odeia Londres e durante toda a temporada, permaneceu vigilante e intermediou quando acreditava que o pretendente não era o adequado.

Honoraria e Marcus compartilham uma amizade, pouco atípica, fruto dos anos que se conhecem e que o torna parte da família. Entretanto, um desafortunado acidente faz que ambos repensem sua relação e encontrem a maneira de confrontar o que surge entre eles, se tiverem coragem suficiente.

HONORARIA SMYTHE-SMITH

a) É verdadeiramente uma má violinista.

- b) Ainda se incomoda de que a chamassem de Percevejo quando era uma menina.
- c) NÃO está apaixonada pelo melhor amigo de seu irmão mais velho.
- d) Todas as alternativas anteriores.

MARCUS HOLROYD

- a) É o Conde de Chatteris.
- b) É infelizmente propenso a torcer um tornozelo.
- c) NÃO está apaixonado pela irmã mais nova de seu melhor amigo.
- d) Todas as alternativas anteriores.

JUNTOS ELES:

- a) Comem enormes porções de bolo de chocolate.
- b) Sobrevivem a uma febre mortal e a pior noite musical do mundo.
- c) Apaixonam-se desesperadamente.

Livro 2 – Uma Noite Como Esta



ANNE WYNTER PODE NÃO SER QUEM ELA DIZ QUE É...

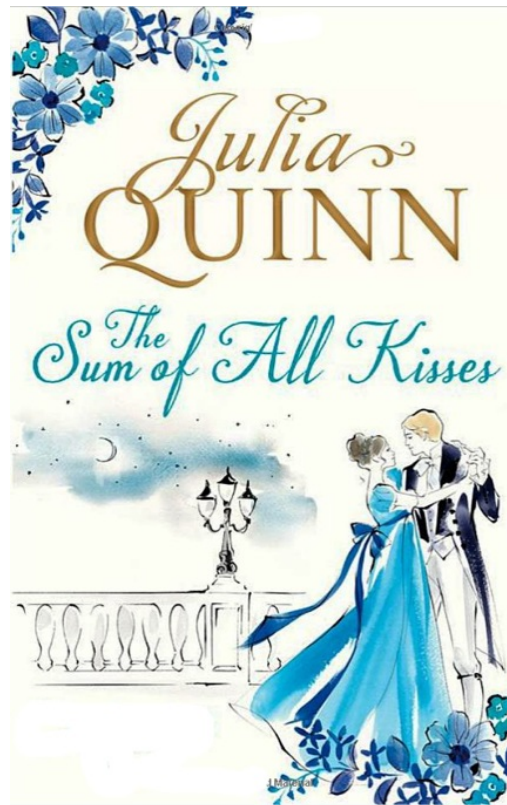
Mas ela está se saindo muito bem como governanta de três bem nascidas jovens damas. Seu trabalho pode ser um desafio; em uma única semana ela se encontra escondida em um armário cheio de tubas, brincando de rainha má em um jogo que poderia ser uma tragédia (ou poderia ser uma comédia, ninguém sabe), e com tendência a ferir o oh-tão-arrojado Conde de Winstead. Depois de anos se esquivando de avanços indesejados, ele é o primeiro homem que verdadeiramente a tenta, e está ficando cada vez mais difícil se lembrar de que uma governanta não tem nada que flertar com um nobre.

DANIEL SMYTHE-SMITH PODE ESTAR EM PERIGO MORTAL...

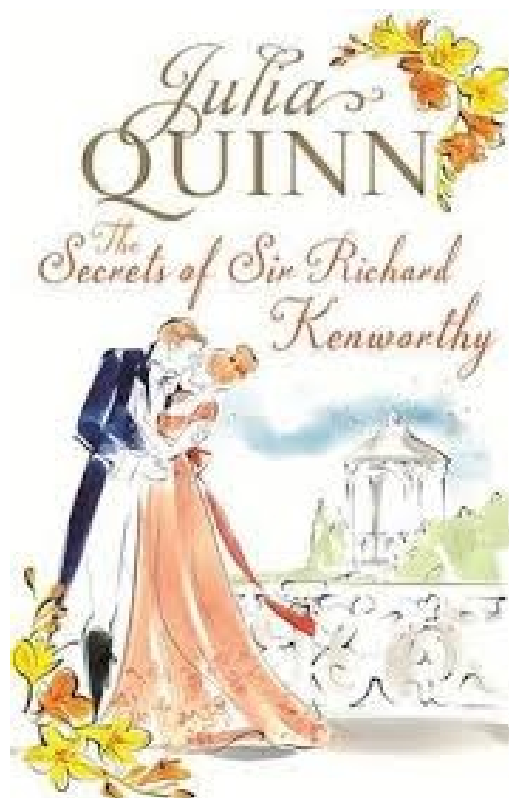
Mas isso não vai impedir o jovem conde de se apaixonar. E enquanto ele espia uma mulher misteriosa no musical anual de sua família, ele promete persegui-la, mesmo que isso signifique passar seus dias com um menino de dez anos de idade que pensa que ela é um unicórnio.

Porém, Daniel tem um inimigo, aquele que jurou vê-lo morto. E quando Anne fica em perigo, nada irá detê-lo até que garanta o seu final feliz.

Livro 3 - The Sum of All Kisses (Não Traduzido)



Livro 4 – The Secrets of Sir Richard Kenworthy (Não Traduzido)



A Autora



Julia Quinn começou a trabalhar em seu primeiro romance um mês depois de terminar a faculdade e nunca mais parou de escrever. Seus livros já atingiram a marca de 8 milhões de exemplares vendidos, sendo 3,5 milhões da série Os Bridgertons. É formada pelas universidades Harvard e Radcliffe. Seus livros já entraram na lista de mais vendidos do The New York Times e foram traduzidos para 26 idiomas. Foi a autora mais jovem a entrar para o Romance Writers of America's Hall of Fame, a Galeria da Fama dos Escritores Românticos dos Estados Unidos, e atualmente mora com a família no Noroeste Pacífico.

- ^[11] Jumpers, um vestido sem pescoço, sem mangas, usualmente utilizada sobre uma blusa.
- ^[12] Nomes de flores, Rosa, Malmequer, Lavanda, Lírio, e Margarida, respectivamente.
- ^[13] Visto que o poema é em inglês, ao traduzi-lo perde a rima, neste caso, as palavras que sugere Cecily são “Cane” e “Main”, que rimariam com “Bane” (perdição).
- ^[14] Casa Geminada, tipo de casa uni familiar, popular em Londres. Refere-se às casas que são construídas de uma vez e compartilham uma parede que divide as propriedades. Muitas impressionam como uma grande casa compartilhando o desenho arquitetônico.
- ^[15] 4 por 4/5 - É um tempo de compasso na música onde este se divide em quatro tempos e em cada um destes entram certa quantidade de notas.
- ^[16] Correias principais - são correias com as que se amarravam as crianças que estão aprendendo a caminhar.